

LUIZ CLÁUDIO MEHL

# A ENGENHARIA DA VIDA & A VIDA DA ENGENHARIA



EDITORA ÍTHALA

Na obra **A Engenharia da Vida & A Vida da Engenharia**, Luiz Claudio Mehl descreve o seu percurso pelos caminhos do engenho da vida.

A primeira etapa trata de como e onde tudo começou: desde a concepção aos desafios da saúde dependente dos avanços da tecnologia. O Dr. Cláudio, herdeiro dos dons do pai, Dr. Gastão Pereira da Cunha, destacou: "O detalhamento de situações, os pensamentos, os temores e o modo como o jovem paciente enfrentou os vários desafios desde cedo".

Segue o relato realçando a importância da educação para moldar o indivíduo e o cidadão, com destaque para o Grupo Escolar Conselheiro Zacarias, Colégio Estadual do Paraná e, finalmente, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) – todos colégios públicos. Ali a educação acontece!

Evidentemente, é a engenharia da vida em andamento.

O segundo momento é o tempo do profissional nos ambientes público, privado e no terceiro setor. Na área pública, o engenheiro Manoel Ribas Netto, inspirador dos procedimentos do autor, sublinha que: "O escrito descreve com propriedade o intenso amor e dedicação (do autor) à profissão que escolheu, engenheiro, e o quanto acredita no projeto e no planejamento. Consegue, sem dúvida, demonstrar o quanto sofre o nosso país com a burocracia que nos persegue. A narrativa sobre as atividades na área privada evidenciou o espírito de formação de equipe do autor quando agregou ao redor equipes com

*Compartilho com  
amigos do IEP  
Luiz Cláudio Mehl*

**LUIZ CLÁUDIO MEHL**

# **A ENGENHARIA DA VIDA & A VIDA DA ENGENHARIA**

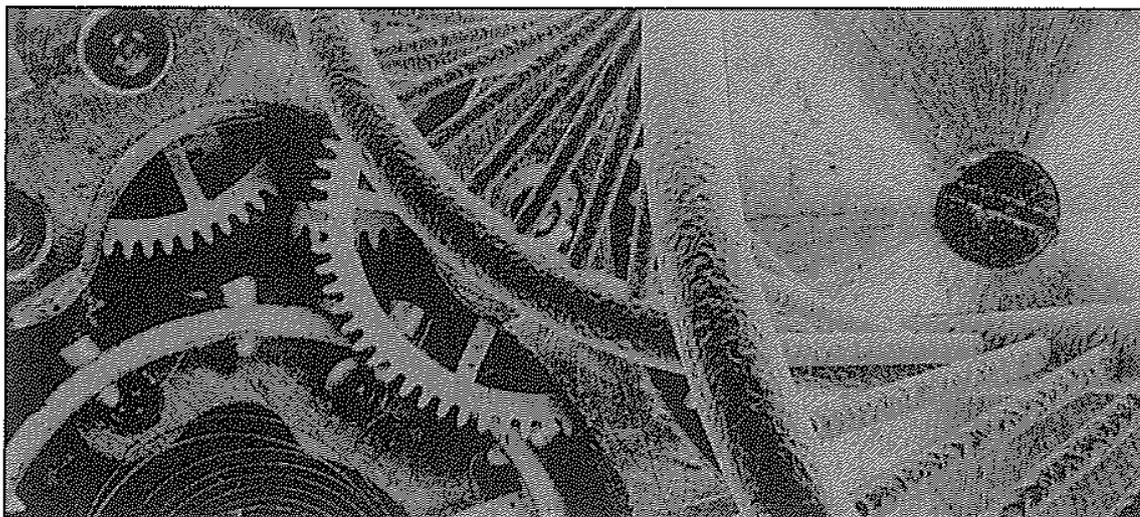


Imagem da capa, o DNA - que é a engrenagem mestre da engenharia da vida - se entrelaça com as engrenagens da vida da engenharia, representando nossa existência. Na nossa vida essas engenharias se relacionam, por vezes a engenharia precisando da vida para existir, por vezes a vida precisando da engenharia para continuar existindo.

**Na obra foram utilizadas narrativas da Wikipédia para não alimentar a polêmica que suscitaria uma visão pessoal.**

---

M498      Mehl, Luiz Cláudio  
            A engenharia da vida & a vida da engenharia / Luiz  
            Cláudio Mehl – Curitiba: Íthala, 2019.  
            400p.: il.; 24 cm

ISBN 978-85-5544-154-7

1. Mehl, Luiz Cláudio, 1946 - - Autobiografia.      I. Título.

CDD 926.2 (22.ed)  
CDU 92:62

---

Editora Íthala Ltda.  
Rua Pedro Nolasko Pizzatto, 70  
Bairro Mercês  
80.710-130 – Curitiba – PR  
Fone: + 55 (41) 3093-5252  
Fax: + 55 (41) 3093-5257  
<http://www.ithala.com.br>  
E-mail: [editora@ithala.com.br](mailto:editora@ithala.com.br)

Capa: Paulo Schiavon  
Projeto Gráfico e Diagramação: Paulo Schiavon  
Revisão: Fabricia Romaniv

**abdr**   
Respeite o direito autoral!

Informamos que é de inteira responsabilidade do autor a emissão de conceitos publicados na obra. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Íthala. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo art. 184 do Código Penal.

LUIZ CLÁUDIO MEHL

# A ENGENHARIA DA VIDA & A VIDA DA ENGENHARIA



EDITORA ÍTHALA  
CURITIBA – 2019



“Somente homens  
de considerável  
 vaidade escrevem...”

*John kenneth Galbraith*

“A vida é um processo de  
experimentação que não para.  
Enquanto vivemos, sentimos e  
pensamos, fazemos escolhas.  
O sabor doce e as vezes amargo  
não impede a prova, ensina.  
É daí que nascem as ideias.  
Devem ser compartilhadas, pois  
não são exclusivas, mas para  
escolha de cada um.”

*O autor*

.....

.....

# AGRADECIMENTOS

A Tânia, luz do percurso, com quem tive o privilégio de compartilhar momentos doces e também os amargos.

Manuela e João Paulo, que provaram do respeito à verdade das ideias para realizar e fazer acontecer.

Maria Eduarda, Caetano, Luna e Inácio - a riqueza que foi possível amearhar graças à Rachel e o Ronaldo.

Aos tantos que me ajudaram a ser, realizar e sonhar com a verdade, em especial a secretária Elisangela Francine pelo resgate do estado de semi - ignorância digital.



# APRESENTAÇÃO I

Recebi uma tarefa gratificante, de fazer a Apresentação do Capítulo I desta obra, abordando nesta etapa inicial “A Engenharia da Vida”. Esta me propiciou a atenta leitura de um texto autobiográfico, com linguagem agradável e que me levou a viajar junto por algumas décadas.

Sou filho do Dr. Gastão Pereira da Cunha, que acompanhou clinicamente o autor Luiz Claudio Mehl, desde 28/02/1962 até a sua aposentadoria em 2001, quase quatro décadas após! Passei a participar do seu atendimento em Fevereiro de 1981, quando realizei seu primeiro ecocardiograma em Curitiba, no Hospital de Clínicas da UFPR. Este foi um método de investigação cardiológica que mudou muito o acompanhamento dos pacientes portadores de doenças valvares no coração. Enquanto tivemos a descrição de um cateterismo cardíaco que durou cinco horas na década de 60, após incisões para acessar as artérias, passou-se a ter um exame não-invasivo realizado em 20 minutos! A partir de 2001, após a aposentadoria do Dr. Gastão, passei a acompanhá-lo também como cardiologista e amigo. Algumas vezes, vibrando ou sofrendo juntos, no Estádio Couto Pereira...

Chama atenção a facilidade com que o autor descreve a Curitiba do século passado, com detalhes característicos, o mesmo se aplicando à Imbituva daquela época, a lembrança farta dos tempos no Colégio Estadual do Paraná, incluindo suas aventuras esportivas às vezes escondidas dos seus médicos. Na sequência, a vida universitária no Curso de Engenharia Civil da UFPR, em tempo de restrições pelo regime militar,

culminando como orador da Turma, com belíssima alocução. Interessante síntese da vida política naquela época é apresentada.

Destaca-se a atenção dada aos aspectos médicos que lhe acompanharam desde a tenra infância. O detalhamento das situações, os pensamentos, os temores e o modo como o jovem paciente enfrentou os vários desafios desde cedo, permitem, de maneira invulgar, nos colocar na posição do paciente em passagens inusitadas. É curiosa a colocação do autor em suas experiências antes e durante os exames, nas salas de recuperação, nas UTI's, nas enfermarias e apartamentos hospitalares. Muito é apresentado de maneira detalhada, desbravando seus pensamentos e diálogos com pacientes, familiares e profissionais da saúde. Paralelamente, fornece ainda o testemunho do progresso observado na investigação cardiológica e na terapêutica médica, no curso de algumas décadas.

Em conclusão, talvez por ter vivido nos tempos descritos, pude avidamente acompanhar a bela e rica narrativa do autor, desde sua infância até a meia-idade, aqui marcada pela sua cirurgia cardíaca. São experiências muito interessantes que certamente cativarão a todos! Boa leitura!

**Cláudio Leinig Pereira da Cunha**

*Professor Titular de Cardiologia da Universidade Federal do Paraná*

*Doutor em Cardiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Research Fellowship em Doenças Cardiovasculares na Mayo Clinic, Rochester - MN, USA*

## APRESENTAÇÃO II

Meu amigo Luiz Claudio.

Fugindo ao bom senso que geralmente tem, você solicitou tarefa além da minha capacidade, apresentar seu livro - A Engenharia da Vida & A Vida da Engenharia. Vamos lá seguindo a norma de Sarmiento: “Las cosas hay que hacerlas mal, pero hacerlas”

De início descreve sua vida até os bancos da Universidade em que destacamos sua primeira grande luta com problemas congênito ou adquirido em uma válvula do coração.

Os problemas com a medicina, exames e procedimentos existentes à época, certamente ajudaram a moldar seu caráter e torná-lo o homem obstinado na perseguição dos seus objetivos.

O escrito descreve com propriedade o intenso amor e dedicação a profissão que escolheu, engenheiro, e o quanto acredita no projeto e no planejamento. Consegue sem dúvida demonstrar o quanto sofre nosso país com a burocracia que nos persegue.

Coloca mesmo uma frase lapidar que transcrevo:

“Os padrões de comportamento dos administradores precisam se adequar à nova realidade. Se a fila do processo das idéias ou de uma simples autorização é uma indignidade a fila do desenvolvimento é uma burrice.”

Na sequência descreve o início de sua vida profissional em um mundo onde era possível uma empresa existir somente pela vontade de seu proprietário ao construir muros e pequenas obras.

Os ventos do destino o levaram a Prefeitura Municipal de Curitiba - Órgão ímpar - melhor escola de serviço público não há . O serviço público é gratificante, servir na cidade onde se vive , ver acontecer o planejamento é insuperável.

À época a Prefeitura vivia um momento mágico, uma equipe coesa, jovem e motivada via a renovação acontecer e a cidade como uma moça de 15 anos desabrochar com quase 300 anos, sob aplauso da população igualmente motivada.

Aí você se destacou e certamente muito contribuiu para o sucesso transformador.

Voltamos a vida empresarial onde descreve o desenvolvimento de sua empresa onde se realizou nas construções que empreendeu.

A luta com planos econômicos, quem não os viveu não consegue imaginar que em uma determinada manhã todo país amanheceu com 50 dinheiros - desde o pobre, até o rico e o remediado. Como pagar os salários se um tinha 500 empregados e o outro 1? É só a amostra da interferência e problemas criados para cada um, e por isso mesmo o país foi levado a lugar nenhum.

Por último, os sonhos , alguns enterrados pela burocracia cruel, porém nunca foi esquecido o essencial, lutar é preciso sem nunca deixar abater.

Finalizando cito Montesquieu:

“Quando tratamos de um assunto não devemos esgotá-lo, basta fazer pensar.”

Pois bem, Luiz Cláudio, você não me lembrou apenas dos fatos e passagens de sua vida e de uma época, mas, tomou posições, emitiu conceitos e sugeriu alternativas - me fez pensar.

**Manoel Ribas Netto**

*Empresário da cidade e do campo.*

*Foi Diretor Geral de urbanismo de Curitiba*

# PREFÁCIO

Este é um livro de compartilhamento de sentimentos e ideias. Seu autor abre o coração. Mostra aspectos de sua vida. Estende seus registros à atividade profissional e à atuação em entidades. Recupera textos que revelam seus interesses e preocupações ao longo dos anos.

Engenheiro civil, empresário do ramo da construção e escritor, Luiz Cláudio Mehl reúne, nesta obra, relatos intimistas, narrativas de interesse social e histórico, reflexões e opiniões. Fiel aos fatos, apresenta-os com clareza e sem rodeios. Perspicaz, extrai de cada episódio sua visão lúcida e objetiva. Com a mesma atenção dedicada aos assuntos pessoais, foca o coletivo. Em muitos casos, utiliza seus textos como instrumentos de cidadania.

Na primeira parte do livro, denominada “A Engenharia da Vida”, realça seu lado humano. Lembra de seus antepassados, apresentando interessantes informações sobre a família Mehl e suas atividades. Contando causos, delinea a cultura, os costumes e as realidades de outras épocas. Narra episódios marcantes da sua vida, desde a infância, inclusive relembrando momentos difíceis e de sofrimento, como os da luta pela manutenção da saúde. Do tempo de estudante, manifesta especial carinho ao Colégio Estadual do Paraná e credita ao ambiente de incertezas que encontrou na Universidade a descoberta do seu gosto pela política, a ponto de considerá-la como componente importante do seu modo de pensar. Marca um dos momentos mais memoráveis de sua vida ao apresentar o discurso que proferiu na formatura da turma de engenheiros da UFPR, em 1971, revelando a esperança e o entusiasmo do jovem pronto para iniciar a carreira profissional.

No segundo capítulo, "A Vida da Engenharia", focaliza suas atividades profissionais -- como servidor público e empresário -- e sua participação na direção de entidades.

Do tempo em que trabalhou no Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Curitiba, apresenta ideias e observações referentes, sobretudo, a transformações de Curitiba, viabilizadas pela existência de planejamento urbano consistente e vontade política de implantá-lo. Por desempenhar diversas funções na área urbanística, incluindo participação na implantação do plano diretor, discorre, com muita propriedade, como observador privilegiado, sobre ações desenvolvidas e obstáculos vencidos para que a cidade fosse contemplada com a concretização de inovadores projetos. Suas palavras têm o valor de depoimento histórico.

O autor também tem muito a contar sobre a atividade empresarial, desde o início de carreira, em escritório improvisado nos fundos da garagem de casa, até à construção de dezenas de edifícios. Como presidiu diversas empresas de construção civil e respondeu por extenso rol de realizações, acumulou vasta experiência, que lhe permite análise crítica do setor, inclusive em relação aos impactos provocados por mudanças drásticas na política governamental.

Ao presidir a Associação dos Dirigentes do Mercado Imobiliário do Paraná (ADEMI/PR) e, depois, o Instituto de Engenharia do Paraná, intensificou a produção de artigos, amplamente divulgados, sobre temas de interesse coletivo. Para este livro selecionou diversos desses textos, que, embora tratem de temática diversificada, têm em comum a abordagem franca de questões essenciais. Sobressaem-se opiniões e propostas relativas às questões sociais e ao desenvolvimento regional e nacional.

Registrando experiências pessoais e observações gerais, Luiz Cláudio Mehl compõe substancial obra e, mostrando-se participativo e combativo, enriquece-a com seus artigos, que, repletos de mensagens e ideias, convidam à reflexão.

**Ney Fernando Perracini de Azevedo**

*Presidente da Regional Paraná da Associação Brasileira de Engenheiros Escritores e  
Presidente do Centro de Letras do Paraná*

# INTRODUÇÃO

Como se descreve o percurso de uma vida?

Começa pelo projeto traçado no momento da concepção; qual o sentimento que envolveu os protagonistas, seus sonhos e planos para alcançar um destino. Depois, segue a identificação dos obstáculos preparados pela natureza e como ultrapassá-los.

Em seguida, ou simultaneamente, a frequência nas escolas de formação para preparar o corpo e a mente para definir e enfrentar os desafios, no princípio individuais, depois os de interesse coletivo. É como encontrar a nossa pessoa, a personalidade do indivíduo, e, na sequência, descobrir conhecimentos para compartilhar com a sociedade e as pessoas que nos rodeiam.

Bertolt Brecht<sup>1</sup> definia alguns traços de uma trajetória possível de ser percorrida: “Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons, mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.”

A maneira pela qual uma pessoa é criada ou educada; o que lhe molda o caráter, a personalidade, do estudo do básico até a universidade, é o que vai contribuir para elevar o seu nível como instrumento de preservação e transformação do mundo que não é seu, mas é de todos. Em seguida, vem o período profissional, que é quando a teoria é colocada em prática. Novas experiências e conhecimentos compartilhados despertam curiosidade, aprendizado do mundo novo e a convicção

---

<sup>1</sup> Bertolt Brecht (1898-1956) foi um dramaturgo, romancista e poeta alemão, criador do teatro épico anti aristotélico. Sua obra fugia dos interesses da elite dominante, visava esclarecer as questões sociais da época.

de que existe porque pensa. É partir daí que tem início o caminho das ideias, dos textos para compartilhar pensamentos e propor alternativas para construir uma nova realidade, estabelecendo princípios de como manter convicções.

Os textos deste ensaio expressam o sentimento de que<sup>2</sup>: “Somos uma geração profundamente preocupada em ser o que somos, buscando realização com o que fazemos e uma verdade naquilo que cremos.”

---

2 Frase do autor no discurso de formatura.

# SUMÁRIO

## CAPÍTULO I - A ENGENHARIA DA VIDA

<b>1 - A CONCEPÇÃO .....</b>	<b>25</b>
CURITIBA .....	25
CAUSOS .....	27
PRINCIPALMENTE UMA EMPRESA DA TERRA .....	27
CARRUAGENS DE FOGO .....	29
A CASA DO PECADO .....	32
PASSO DE GANSO .....	34
HISTÓRIA DE IMBITUVA .....	36
CAUSOS .....	37
A CASA DA VÓ .....	37
O AGIOTA .....	40
O MILAGRE .....	41
CASAMENTO .....	43
<b>2 - INFÂNCIA .....</b>	<b>45</b>
A DESCOBERTA .....	48
TRATAMENTO CLÍNICO .....	50
ENSINO MÉDIO .....	51
POUPADOS .....	54
O ATLETA .....	55
<b>3 - ADOLESCÊNCIA .....</b>	<b>57</b>
HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE SÃO PAULO .....	57

SÃO PAULO .....	59
EXAME CIRÚRGICO .....	62
A ESPERA DO TEMPO DA TECNOLOGIA .....	72
<b>4 - UNIVERSIDADE 1966 .....</b>	<b>77</b>
ANALFABETO POLÍTICO .....	78
GOLPE, MOVIMENTO OU DITADURA .....	79
MAL. HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO .....	80
GAL. ARTHUR DA COSTA E SILVA .....	80
JUNTA MILITAR .....	82
GAL. EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI .....	83
O MILAGRE ECONÔMICO .....	83
REPRESSÃO .....	84
O DISCURSO .....	87
<b>5 - ENCONTRO COM A TECNOLOGIA 1 .....</b>	<b>93</b>
<b>6 - ENCONTRO COM A TECNOLOGIA 2 .....</b>	<b>95</b>
REENCONTRO COM O CORAÇÃO. AGORA NA UTI .....	96
U.T.I. ....	97
O EXERCÍCIO .....	100
OS MÉDICOS .....	102
UM TOQUE DE CARINHO NO INFERNO .....	102

## CAPÍTULO II - A VIDA DA ENGENHARIA

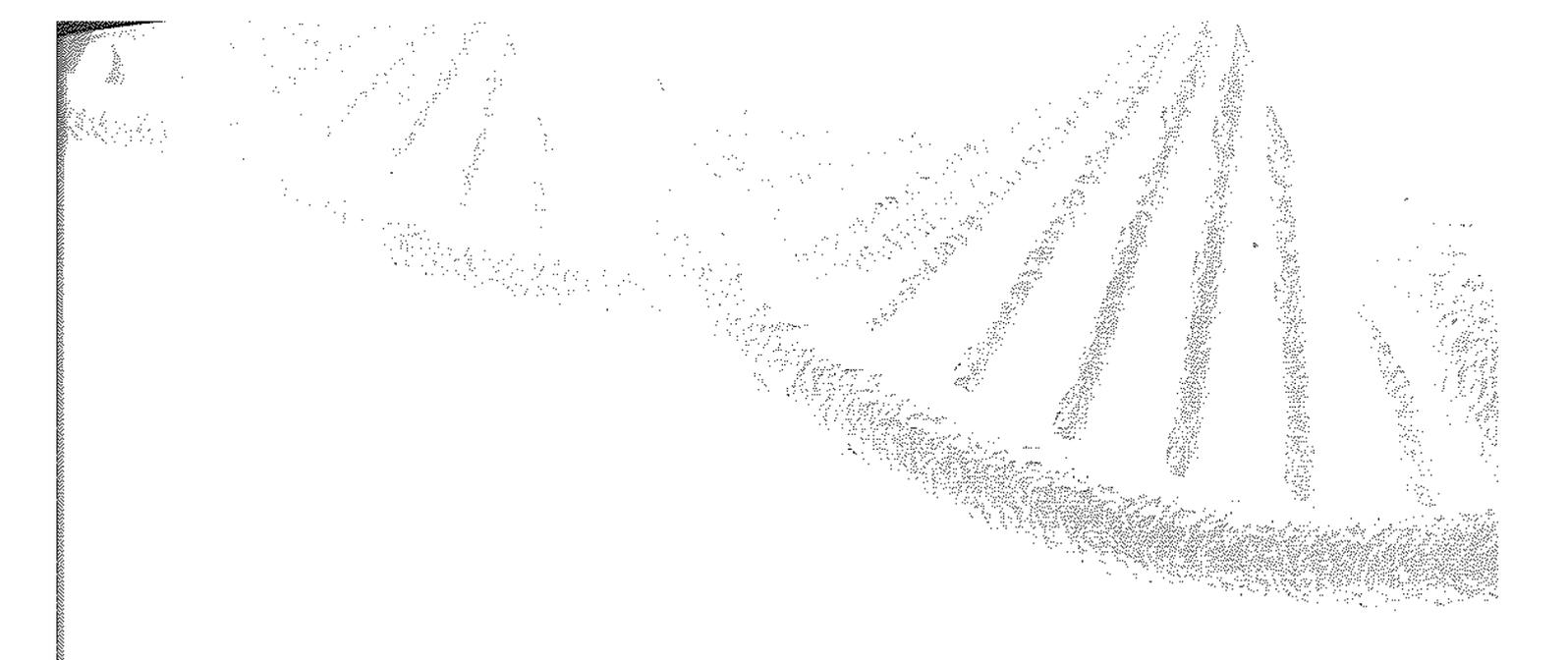
<b>1 - O SERVIDOR PÚBLICO .....</b>	<b>107</b>
A MÁQUINA PELO HOMEM .....	111
CURITIBA DE ANTEONTEM .....	111
PLANO DIRETOR: DA PRÁTICA À GRAMÁTICA .....	115
A CURITIBA DE ONTEM .....	120
CIRCULAÇÃO .....	122
SISTEMA CIRCULATÓRIO .....	123
DEMOCRACIA URBANA .....	125
QUAL DEVERÁ SER O PERFIL DO PREFEITO .....	134

<b>2 - EMPRESÁRIO .....</b>	<b>137</b>
<b>CEM – A PRIMEIRA EMPRESA.....</b>	<b>137</b>
DEZ ANOS.....	138
FOLHETOS.....	145
<b>CAUSOS .....</b>	<b>148</b>
1990 - CENÁRIO.....	148
O CAUSO DO EDIFÍCIO SALVADOR DALÍ.....	150
<b>FHM - MAIS DE 100 ANOS.....</b>	<b>151</b>
<b>CAUSOS .....</b>	<b>151</b>
1975 – CENÁRIO .....	151
O CAUSO DO CONFLITO DE GERAÇÕES .....	155
ARMADILHA .....	170
CAUSO DO EDIFÍCIO GOLDEN PARK.....	171
CAUSOS DA OLARIA .....	173
CAUSO DO BIOPARQUE DO MENINO MALUQUINHO .....	183
CAUSO ESCOLHA DE SOFIA .....	189
<b>3 - ENGENHARIA DE IDEIAS.....</b>	<b>193</b>
<b>3.1 - ADEMI PARANÁ .....</b>	<b>193</b>
<b>TEXTOS E PRONUNCIAMENTOS.....</b>	<b>195</b>
A ADMINISTRAÇÃO POR MANCHETES.....	195
POR QUEM CHORAM OS BRASILEIROS .....	197
REVISÃO CONSTITUCIONAL.....	199
SINDICATOS .....	200
A ENGENHARIA NA NOVA REPÚBLICA .....	202
A HABITAÇÃO COMEÇA NO MUNICÍPIO.....	203
PREFEITURA E O CIDADÃO .....	205
AUTOEXPLORAÇÃO.....	208
BUROCRACIA.....	210
CONSTRUTOR DE OBRAS.....	211
O SILÊNCIO DA HABITAÇÃO.....	213
OS PROFETAS DO BRASIL QUE SE DIZ NOVO .....	214
POLÍTICA.....	216
CORRUPÇÃO DOS TEMPOS.....	217

HABITAÇÃO DESEQUILIBRADA.....	219
HORÁRIO RESERVADO AO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL.....	221
<b>3.2 - IEP – INSTITUTO DE ENGENHARIA DO PARANÁ.....</b>	<b>223</b>
CAUSO .....	223
O ESPAÇO DA TECNOLOGIA.....	223
TEXTOS E PRONUNCIAMENTOS.....	240
A VINGANÇA DA ONÇA.....	240
CONTRATO SOCIAL É A CONSTITUIÇÃO DE UMA NAÇÃO .....	242
DE QUANTA TERRA O HOMEM PRECISA.....	243
IMPEDIMENTO .....	245
CORRUPÇÃO DE PRESSA.....	247
DIREITOS HUMANOS COM HUMANOS DIREITOS.....	248
CENA ELEITORAL.....	251
A FILA DE ESPERA.....	253
CENAS DE CINQUENTA ANOS ATRÁS .....	254
O ENGENHEIRO NA HORA DO VOTO .....	256
A MESA DO ENTENDIMENTO.....	259
AS ELITES.....	261
ATITUDES DE SUSTENTABILIDADE .....	264
ONDE ESTÃO OS ENGENHEIROS DO BRASIL.....	265
SOB NOVA DIREÇÃO .....	267
A PÁTRIA DAS CHUTEIRAS .....	269
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ COMEMORAÇÃO DE 80 ANOS DO IEP.....	270
A TECNOLOGIA.....	274
GUERRA DA ÁGUA E AS ÁGUAS DA PAZ .....	278
REFLEXÕES SOBRE A EFICÁCIA DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DOS ENGENHEIROS E ARQUITETOS.....	280
SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA .....	282
A ASSEMBLEIA DA CORRUPÇÃO E ENGENHARIA DE COMUNICAÇÃO .....	284
A ENGENHARIA.....	284
À PROCURA DE UM PROJETO DE NAÇÃO.....	288
BILHETE DE NATAL.....	293

BRASIL, O PESO DOS TRANSPORTES.....	295
CARÊNCIA POR MAIOR REPRESENTATIVIDADE.....	297
CENÁRIO BRASIL.....	298
ENERGIA É PODER.....	299
IMPORTÂNCIA DE AEROPORTOS FERROVIAS E HIDROVIAS.....	300
JUNTANDO OS CACOS.....	304
SENADO, A CAIXA DE SEGREDOS.....	304
A ENGENHARIA MUDOU O MUNDO.....	304
A GRIPE OLÍMPICA.....	313
FUTEBOL & ADMINISTRAÇÃO.....	315
INTERVENÇÃO PELO VOTO.....	316
DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE.....	317
LIMITES DE PODER.....	318
MINISTÉRIO ESPERANDO GODOT.....	319
O TEATRO DA ENGENHARIA BRASILEIRA.....	320
PARANÁ! POR QUE PAROU? PAROU POR QUÊ?.....	328
POR TRÁS DA QUEDA DO MURO.....	332
PRONUNCIAMENTO EM ITAIPU.....	334
BILHETE AOS ELEITOS.....	336
OBRA DE ENGENHARIA SOCIAL.....	340
PAC – EMPACA OU EMPLACA.....	342
A IMAGEM PÚBLICA.....	343
DEMOCRACIA, EDIFÍCIO EM CONSTRUÇÃO.....	344
O FIM DA ENGENHARIA.....	352
O MUNDO DE BRASÍLIA.....	354
O PERIGO DO VOO CEGO.....	355
O TERCEIRO MANDATO.....	357
VIVEMOS NUM DESERTO DE LÍDERES.....	358
DEVASSA.....	360
VOTO EM LISTA FECHADA?.....	361
DEBATES.....	361
O PETRÓLEO É DE TODOS OS BRASILEIROS.....	362
MONÓLOGO DEPOIS DA ELEIÇÃO.....	363
DISCURSO DO FIM DO MUNDO.....	364
ELEIÇÕES.....	369

INSTRUMENTOS DE PROMOÇÃO DAS ELITES.....	371
ASSASSINATO.....	373
CONSTITUIÇÃO, O CONTRATO DA NAÇÃO.....	374
DE GETÚLIO A TEMER.....	377
DEMOCRACIA.....	380
INTERVENÇÃO MILITAR.....	381
IMAGEM.....	383
MEMÓRIA PERDIDA.....	383
O PODER DO SILÊNCIO.....	384
O POVO POBRE E IGNORANTE NÃO SABE VOTAR.....	386
ABAIXO AS DITADURAS.....	387
DEMOCRACIA EM SEIS TEMPOS.....	388
DIVIDIR PARA REINAR.....	390
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA.....	391
MEMORIA CURTA.....	393
PERGUNTAS QUE NÃO CALAM.....	394
ANOS DE INCERTEZAS.....	395
PONTO DE VISTA SOBRE O REGIME.....	395
QUAL O PERFIL DO PRESIDENTE QUE PRECISAMOS.....	397
UM VOTO NA ELEIÇÃO QUE JÁ SE FOI.....	398



CAPÍTULO I

# A ENGENHARIA DA VIDA



# 1 - A CONCEPÇÃO

## Curitiba

Tudo começou aqui.

“Como quase todas as cidades brasileiras, Curitiba teve como primeiros habitantes os índios das nações Tupi, Guaraní e Jê, que tiveram suas culturas transfiguradas com a chegada dos garimpeiros por volta de 1649, em busca de ouro e riquezas da região. Surgiram os primeiros arraiais e conta a lenda que uma capela foi erguida no lugar indicado por Nossa Senhora da Luz. Assim, nasceu em 29 de março de 1693 a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Nesta época o cacique Tindiquera da tribo Tingui pronunciou pela primeira vez o nome da cidade de Curitiba – “Coré-Tuba”, que significa muito pinhão.

Curitiba, foi tropeira nos anos 1700, quando os condutores de gados implantaram hábitos, abriram caminhos, criaram e estimularam o comércio. Em 1842 a vila ascendeu à categoria de cidade, com o nome definitivo de Curitiba, e em 1854 passou a ser a capital do Estado do Paraná.

A partir do século XIX passou a ser um pouco europeia, com as imigrações em massa que mudaram o aspecto português da cidade. Os alemães chegaram em 1833, seguidos por poloneses, italianos, ucranianos e orientais no final do século, o que resultou numa alegre mistura que “fez a América” em Curitiba.

A vinda destes imigrantes contribuiu para uma diversificação de interesses da população tradicional, coincidindo com a criação e

o início da aplicação da tecnologia na agricultura, com a criação de ferrovias e rodovias, e com o surgimento de uma mentalidade sindical e cooperativista, exemplificada pelas associações instituídas na época e suas “caixas de socorro”. Também na arquitetura houve uma mudança radical: basta andar pelas ruas e olhar as igrejas de cúpulas bizantinas, as casas com lambrequins e outras construções que são uma influência da imigração. (WIKIPÉDIA)”



Foto de Curitiba em 1945 - Fonte: Google

Henrique e Rosa Mehl estavam entre descendentes de imigrantes que fizeram parte desta história. Waldemar, o mais novo dos seus filhos, era uma pessoa simples, gentil, respeitosa com as pessoas, gostava de trabalhar para fazer acontecer e atraente para os amigos, em especial o público feminino. Tinha formação da escola do primeiro grau, mas era um autodidata, curioso, experimentador solícito. Sabia ouvir, mas exercia a voz de comando. Com este espírito, juntamente com irmãos, irmãs e cunhados, participou e acompanhou o desenvolvimento das atividades empreendedoras da família.

Dai surgiu, em princípio, a empresa Henrique Mehl & Cia., transformada em Filhos de Henrique Mehl S.A. Indústria e Comércio, entendida como “uma empresa da terra”.

## Causos

### **PRINCIPALMENTE UMA EMPRESA DA TERRA**

Uma das mais antigas empresas paranaenses tem um longo compromisso com a qualidade de vida.

Até hoje, ela mantém o propósito do seu fundador, que começou suas atividades em Curitiba em meados do século passado: ser uma empresa da terra. E mais do que isso, o objetivo de aproximar as funções da cidade (trabalho, transporte, moradia e lazer).

Seus sucessores explicam que ela procura sempre colocar perto de um condomínio residencial, por exemplo, empreendimentos comerciais, de serviços e de lazer, aproximando as atividades urbanas – moradia perto do trabalho, do terminal de transporte e do centro de lazer.

Lembram também que, na década de 1950, quando o governo manifestou a intenção de construir o aeroporto Afonso Pena, seu avô morava na avenida que conectava a cidade com a região metropolitana e o interventor na época, Manoel Ribas, fez cumprir as determinações do poder federal de retirar areia da propriedade. O ambiente depois da Segunda Grande Guerra era agressivo. Esse fato fez com que a atividade da empresa que estava nascendo se intensificasse. Da argila da propriedade saíram os tijolos e as telhas, e o do subsolo se extraiu areia.

#### **NO TEMPO EM QUE A AREIA PARA ARGAMASSA CHEGAVA DE CARROÇA**

A família Mehl chegou ao Brasil por volta de 1854. No início do século passado, o casal da primeira geração, já nascido no Brasil, dedicava-se à agricultura e à pecuária de subsistência, e aos poucos foram adquirindo terras na região que hoje é a periferia de Curitiba.

Como era grande a quantidade de areia no subsolo nestes terrenos, a matéria-prima era transportada para as construções na cidade através de carroças. Construíram também uma olaria que produzia as telhas e os tijolos, e utilizavam o mesmo meio de transporte.

Na década de 1920, Curitiba crescia muito e o grupo se transformou em dono do primeiro transporte de passageiros na cidade, espécie de carruagens, os táxis daquela época. No final da década, os automóveis já roubavam a cena.



Em 1940, chegou a vez da segunda geração e assumiram a empresa os filhos, as filhas, noras e genros do fundador. Como a família já havia crescido, os negócios precisaram ser ampliados. Em 1943, criaram a loja de materiais de construção e passaram a atuar com obras públicas, construindo diversas escolas na cidade. Durante 30 anos, a empresa fez drenagem de rios e canais em diversas cidades do Estado.

A partir da década de 70, a quarta geração, agora com formação acadêmica, passa a participar da gerência comandada pelos dois irmãos da terceira geração. Continuou sendo uma empresa de prestação de serviços para obras públicas, expandindo seus negócios também para loteamentos, incorporação de imóveis e agropecuária.

Consolidada no mercado, é uma empresa da terra, criada por pessoas que vieram para ficar.

A quarta geração da família atendeu ao desejo de aproximar cada vez mais os espaços. Condomínios residenciais distribuídos para os diversos segmentos sociais, obras e serviços para terceiros, barracões de serviço foram então construídos. Iniciaram os estudos de um grande projeto cuja função principal é o lazer. A empresa expandiu as atividades e realizou mais de 500 mil metros quadrados de construção. Mas, apesar de continuar produzindo e crescendo, os planos mágicos dos os governos deixaram as empresas preocupadas em cumprir suas promessas. Cada programa de governo trazia insegurança, porque tinha pouca consistência, representava um salto no escuro para as empresas. Apesar disso, foram construídas 15 escolas em Curitiba, dragagem de rios e canais em mais de 50 cidades do estado.

### CARRUAGENS DE FOGO<sup>3</sup>

Toda cidade tem uma vocação predominante, é o que dizem os urbanistas. Os traços físicos, a localização geográfica e a formação cultural são alguns determinantes desta vocação.

Diz-se, por exemplo, que São Paulo representa a face capitalista do Brasil: dinheiro, competição e sucesso parecem mover a maioria dos seus habitantes.

O Rio de Janeiro, violência à parte, cultiva o misticismo, a musicalidade, romantismo e referência de beleza natural.

Curitiba, ao revés, não define claramente uma vocação predominante como cidade. Ela tem alterado a prática da ciência urbana com manifestação de fenômenos sociológicos.

Há, entretanto, um traço comum entre os seus moradores: uma desmedida vaidade pela cidade!

E este não é um fenômeno recente.

No princípio dos anos vinte, início da era do automóvel, Curitiba já possuía um sistema integrado de transporte. Depois de navegar por trechos do rio Iguaçu, um trem Maria Fumaça trazia os viajantes até a

<sup>3</sup> Publicado na p. 168 da coletânea *300 Histórias do Paraná*.

estação ferroviária, localizada na praça que hoje chamamos de Eufrásio Correa, próximo ao prédio atual da Câmara de Vereadores. E bem em frente do então prédio da Rede Ferroviária Federal alinhavam-se as caleças, meia caleças, Landau e outros modelos de meios de transporte movidos por tração animal.

Uma carruagem do modelo Fátton estacionada em frente ao Palácio da Liberdade, em Curitiba, na década de 1910. Seu cocheiro aguarda o cliente ou proprietário.

Esse tipo de veículo era facilmente fretado nas diversas cocheiras da cidade, que o disponibilizavam para aluguel, sendo o táxi ou uber daquela época.

A lista telefônica de Curitiba, de 1913, divulgava as seguintes cocheiras que já disponibilizavam seus serviços por telefone:

Fone 249 - Cocheira P. Colleres & Irmão, na Rua XV

**Fone 146 - Cocheira Henrique Mehl, na Rua Marechal Deodoro**

Fone 147 - Cocheira Franz Müller, na Rua C. Barradas

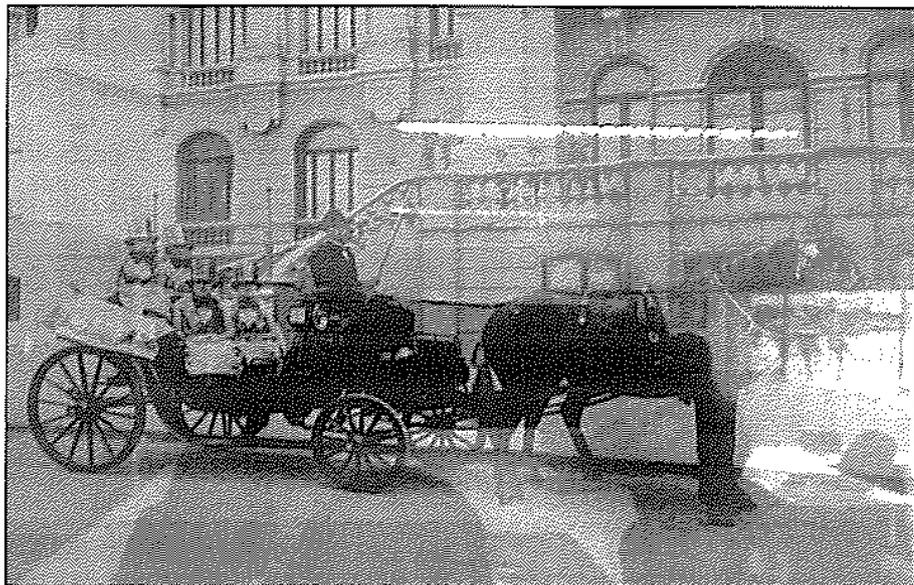
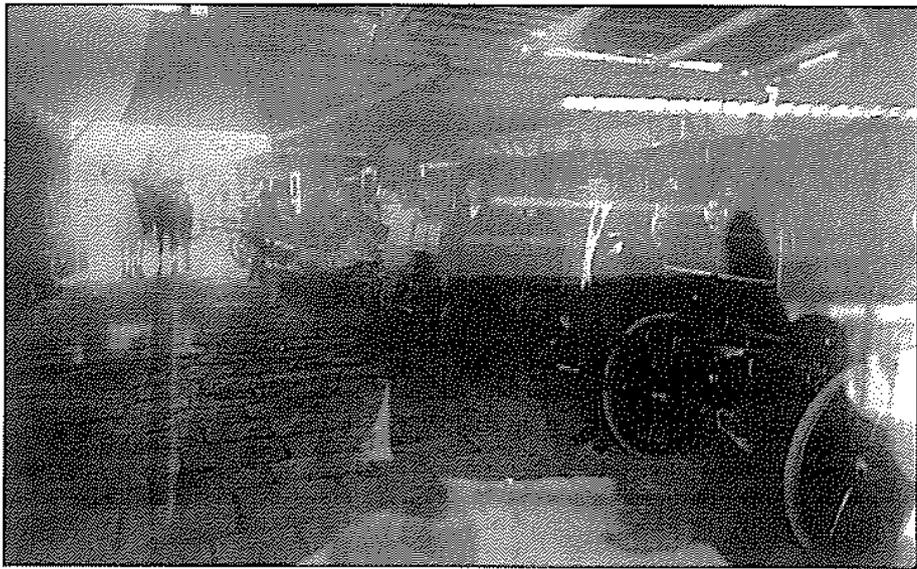
Fone 159 - Cocheira Augusto Rutz, na Rua Marechal Floriano

Fone 185 - Cocheira Boscardim, na Praça Osório

Fone 214 - Cocheira João Class, na Rua XV

Fone 75 - Cocheira Menighito, na Rua Ébano Pereira

Fone 100 - Cocheira Forbeck, na Rua Ébano Pereira.



Eram pequenas carroças que transportavam passageiros para os diferentes pontos da cidade. Os bancos eram estofados, o molejo macio e as lamparinas iluminavam as noites, geralmente cobertas pela neblina. Elas eram puxadas por garbosos cavalos e dirigidas pelo cocheiro, acompanhado dos lacaios (ajudantes).

Contam os que viveram naqueles tempos que os cocheiros disputavam os viajantes cansados da longa viagem de trem. Eles embarcavam na caleça, exaustos, e ordenavam ao cocheiro: “Leve-me ao hotel mais próximo”.

E a caleça saía em disparada pela Av. Rio Branco acima.

Os lacaios distraíam os passageiros contando e mostrando as belezas do lugar conforme passavam em frente: os palacetes do bairro do Batel, a catedral, o pelourinho, o passeio público e até a chácara dos Leão na rua João Gualberto. O *tour*, muitas vezes, ultrapassava as primeiras horas da noite, e, graças às lamparinas, o viajante, enfim, chegava ao “hotel próximo”, pagava a corrida e, dolorido e cansado, pouco enxergava onde estava por causa da neblina.

Ao acordar no dia seguinte, abria as janelas do quarto e surpresa descortinava o familiar prédio da estação ferroviária. Ao esticar um pouco mais o pescoço ele via alinhadas as mesmas caleças de ontem, do Tatersal, Forbec, Colere, Rutz e, é claro, dos Mehl. Concluiu então que o “hotel próximo” estava em frente à estação ferroviária.

Testemunha da verdade destes tempos, lá permanece o Hotel Marcassa, reformado e ampliado, mas com as janelas voltadas para o Shopping Estação.

## **A CASA DO PECADO**

### **O Brasil é um país cíclico**

Desde o açúcar, borracha, café e outros tantos bens da natureza, os estrangeiros que para cá imigraram viveram e experimentaram parte destes períodos produtivos. Aprenderam o valor do trabalho e do

conhecimento como instrumentos de escape do mundo de pobreza e, assim, construíram suas casas e cidades que se tornaram metrópoles.

Quando nos tornamos nação, imigrantes, índios e negros miscigenaram-se, criando uma nova cultura que guardava virtudes e defeitos de cada participante.

Atentos observadores do processo histórico criaram também uma nova classe, dominante do poder do Estado, depois das leis e também da justiça. Daí resultaram palácios e castelos de cada um dos ciclos, alternando finalidades.

Contam os historiadores da cidade de Curitiba, por exemplo, que os anos 1930 se caracterizaram pela proliferação das casas de jogo. A jogatina se espalhava por todos os recantos.

O Cassino República e o Central eram alguns desses locais, mas, entre todos, destacou-se o Cassino Ahú. Suas instalações não eram somente apropriadas para a roleta e o carteadado; elas possuíam com palco de shows que reuniam a “fina flor da sociedade curitibana”!.

Com a proibição do jogo em 1946, só sobreviveu o Cassino do Ahú, beneficiado pela lei que autorizava o jogo nas estações hidrominerais. E lá no Ahú existia uma fonte de água que até os menos entendidos juravam que nada tinha de mineral.

Em 1946, o clamor moralizador do pós-guerra resultou na proibição total do jogo no país, situação vigente até os nossos dias. Certamente, os constituintes daquela época nem sonhavam com as raspadinhas, rifas de capitalização e loterias, que transformaram o país num grande cassino, administrado pelo governo.

Mas essa é outra história. O Cassino do Ahú fechou!

Em seu lugar funciona, até os nossos dias, uma entidade religiosa. Há quem afirme que ela teria vindo para purificar o ambiente pecaminoso dos espetáculos e do jogo.

Faz parte também da história que num castelo vizinho ao cassino, agora moralmente resgatado, veio se instalar um grupo de senhoras ditas “de vida fácil”, embora haja quem assegure não tão fácil quanto alguns supõem.

Pois bem, no Castelinho, como era chamado, muitos curitibanos que viveram a década de 1960 aprenderam parte dos segredos da mais antiga das profissões.

Acontece que a movimentação perturbava a santa paz do retiro das religiosas. E por anos a fio elas lutaram para livrar-se da vizinhança inconveniente.

O objetivo foi alcançado no princípio dos anos 1970 o Castelinho fechou!

No local passou a funcionar um pensionato de religiosas que, cansadas das visitas inoportunas de boêmios saudosos, foram obrigadas a afixar em frente ao imóvel uma placa que alertava: “AQUI É UMA RESIDÊNCIA DE RELIGIOSAS”.

Embora clara, a advertência parecia estimular o ímpeto dos boêmios em busca da aventura perdida.

Fervorosas orações pediam o fim do que algumas moradoras chamavam de “A maldição do Ahú”.

O tempo fez as preces serem, afinal, ouvidas.

Hoje, a casa do pecado ficou na memória do tempo.

A nação chamada Brasil não poderia inspirar-se neste exemplo para restaurar valores nos seus castelos?

## PASSO DE GANSO

Alguns homens fazem a memória da cidade. Paulo Albino Muller foi um desses. Os que viveram no princípio do século passado devem lembrar-se dele correndo pelos corredores da Cerâmica Muller, cuja lembrança remanesce pela chaminé que emerge das águas do lago Passaúna, em Curitiba.

Nos anos 30 ou 40 era possível encontrá-lo na rua Inácio Lustosa, operando a Tinturaria Guarany, como eram chamadas as lavanderias. Dizia-se que ali foi lavada muita “roupa suja” dos curitibanos.

Na década de cinquenta, ele era aguardado ansiosamente na bilheteria do estádio Belfort Duarte, campo do “coxa”. Os meninos do Alto

da Glória diziam ao porteiro desconfiado: “Sou filho de Paulo Muller!” Era a senha que garantia o ingresso grátis e mais dinheiro para comprar amendoim torrado e sorvete durante o jogo.

Ao final, nestas últimas décadas, a sua figura roliça, mas extremamente ágil, estabeleceu-se na Rua Emiliano Pernetá, depois na Dr. Muricy e por último na Inácio Lustosa, com uma loja de presentes que levava o seu nome. Desses tempos ficaram nas casas de muitos curitibanos, objetos e recordações de Paulo Muller. Ele foi um comerciante sagaz, extremamente atencioso com os seus fregueses e não os distinguia, atendia desde políticos eminentes até operários. Não faltava a uma festa de casamento, pois ensinava que dali nasceriam os fregueses do futuro, mas também não descuidava dos mortos; o seu espírito solidário fazia presença em todos os sepultamentos, desde o velório que então chamavam “guardamento” (velório) até o “enterro” (sepultamento).

Pois bem, contava o Paulo Muller que lá pelos anos 1960 era “guardado” o corpo de um freguês de nacionalidade italiana no distrito de ferraria. O frio da madrugada curitibana só era suportado graças ao copo de cachaça que passava de mão em mão. A casa era de madeira e tinha uma pequena área na frente, depois vinha a sala de onde começava um corredor escuro que levava até o quarto onde “descansava” o falecido, amparado pela viúva debruçada em prantos sobre o corpo.

Lá na frente a melancolia e a tristeza tomavam conta do Paulo Muller e seus amigos; pelo morto e pela longa vigília que teriam pela frente.

E a cachaça continuava rodando...

Já ia alta a madrugada quando os companheiros resolveram romper o ambiente fúnebre reinante, alertando a cada cidadão que chegava: “Cuidado com o degrau”.

As pessoas entravam na casa, dirigiam-se ao corredor escuro, onde cautelosamente levantavam as pernas a cada passo, para evitar o degrau imaginário. Os passos cadenciados se repetiram quando em um determinado momento a viúva levantou os olhos cansados e lacrimejantes, assustou-se com as imagens de soldados alemães marchando, semelhante ao que vira nas revistas e gritou:

– Dio mio, Bepi! Os nazistas estão chegando!

## História de Imbituva

“Em 1809, uma expedição rumo aos Campos de Guarapuava penetra no território onde, hoje, encontra-se o município de Imbituva. Na época de sua fundação, em 1871, o local era chamado de “Arraial do Cupim”, devido à conformação geológica de um destes pousos de tropeiros.

Às margens do histórico caminho de Vimão, repleto de tropeiros e marchantes, foram aparecendo, desde o Rio Grande do Sul até São Paulo, os pontos de “pouso”, os marcos, origem das cidades dos Campos Gerais. Desde então “Cupim” passou a ter destaque entre os “pousos” preferidos pelos tropeiros. Em 1871, o bandeirante, Antonio Lourenço, natural de Faxina, então capitania de São Paulo, abandonando o comércio de tropas, atraiu companheiros e fixou-se em Cupim com alguns companheiros, iniciando a construção da Vila. É considerado o fundador de Imbituva.

Os primeiros povoadores eram procedentes da então Capitania de São Paulo, aos quais juntaram-se outros, todos da mesma procedência. A nova povoação não tardou a receber a influência de colonos alemães, poloneses e russos, que deram notável contribuição ao seu desenvolvimento. Os colonos alemães fixaram residência na direção da estrada que mais tarde ligaria Imbituva a Guarapuava. Também os italianos, em 1896, adquiriram terras em Cupim e iniciaram a fundação de uma colônia. A freguesia foi criada em 1876, com sede no lugar denominado Campo do Cupim. Em 1881, foi elevada à categoria de vila, com denominação de Santo Antônio do Imbituva, vinculada ao Município de Ponta Grossa. Recebeu foros de cidade em 1910, passando a denominar-se apenas Imbituva, em 1929. O topônimo surgiu em virtude da existência de um rio com igual nome, junto à cidade. Aos habitantes do município dá-se o nome de imbituvenses”.

(WIKIPÉDIA)

## Causos

### A CASA DA VÓ

Foi em Imbituva que descobri que não conheci meu avô. Na verdade, só tive oportunidade de conviver com uma única avó, que era de Imbituva e se chamava Regina.

Este fato representou um ponto obscuro no meu passado que, por maior que seja o esforço de memória, é difícil identificar essa lacuna. Há quem acredite que recordar o passado significa desenhar o futuro. E, tenho muitas recordações da minha infância na cidade da minha avó.

Naquele tempo, o dia começava bem cedo, pois a escolha do melhor cavalo para montar dependia de quem acordava mais rápido: os primeiros disputavam o Satã, troteador; o Pequeno, marchador; e o Velho Baio, devagar e sempre.

O implacável despertador não fazia muito barulho, mas o cheiro do toicinho frito (que em alemão se pronunciava *schpek*) invadia nossas narinas.

Então, a corrida por escada abaixo era desenfreada! Lá embaixo, cada um pegava a sua caneca, colocava uma colher de açúcar e continuava a corrida por uma calçada de tijolos até alcançar a estrebaria. Os pés ficavam gelados com a geada, e logo corríamos para o interior do estábulo, aquecendo-os pisando na serragem misturada com o esterco da vaca ainda quente.

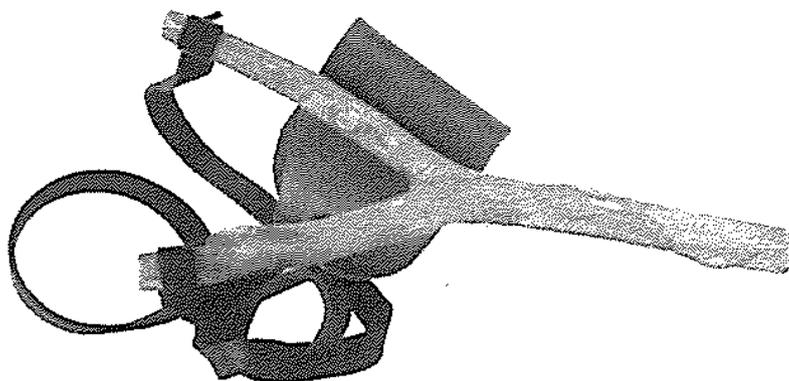
Vovó já estava lá sentada num banquinho ao lado da vaca e com um balde apoiado entre as pernas. Suas mãos apertavam e soltavam as tetas do animal até esguichar o leite no balde. Cada um se aproximava com o seu caneco das mamas do bicho para colher o leite, depois limpava o “bigode” que se formava com a espuma.

Saboreado o leite, voltávamos para a casa para comer o toucinho com broa. Mas, antes, nos aquecíamos sentados num banquinho de tora de pinheiro cerrado, ao lado do fogão a lenha, queimando a língua com o gosto amargo do chimarrão.

Já vestidos, mas com os pés ainda descalços, saíamos em direção à escola das freiras. Andávamos pela primeira rua, uma rampa tomada pelo barro que ainda esfumaçava pelo contraste entre o calor natural da terra com a geada que começava a derreter. Era gostosa a sensação ao afundar os pés descalços no barro mole; afundar vagarosamente para sentir o barro subindo por entre os dedos do pé.

Naquele ponto da caminhada, lançávamos um olhar furtivo para o armazém da esquina, que era do “seu” Altevir, à procura da sua filha, a qual era muito atraente.

Os cadernos eram carregados numa bolsa que se denominava “bocó”. Dentro dela colocávamos também pelotas de barro endurecido, que serviam de munição para ser usada numa cetra (também conhecida por estilingue, funda, bodoque ou atiradeira). Era uma forquilha de madeira, com uma tira de borracha presa nos extremos; a borracha era estendida para arremessar uma pelota num passarinho.



Depois da escola, nas raras vezes que tínhamos algum tostão; então íamos tomar sorvete do seu Alberto e no caminho de volta cruzávamos com Figueiroa, o farmacêutico; seu Tico, o banqueiro do Bamerindus de Imbituva; e a casa do tio Nuna, o médico tio, ou tio médico, ou simplesmente o prefeito; tia Emma, a parteira de todas as crianças da cidade; Pedro, o assador do pão da madrugada; e , finalmente, seu Eduardo, o maquiavélico político local.

Quando chegávamos de volta à casa da avó, encontrávamos a mesa posta. Era comprida, tosca e de madeira. Vários pratos simples se enfileiravam e todos se sentavam esfomeados. Ela determinava onde cada um deveria sentar, mas dava preferência para os empregados, pois,

enquanto servia, dizia que eles deveriam começar a comer, já que “quem trabalha deveria comer primeiro”.

Ela era Imbituva e, para nós, Imbituva era ela! Quando chegávamos na cidade, éramos apontados pomposamente na rua como os netos da dona Regina. Desde a chegada, disputávamos o privilégio de compartilhar a noite com a vovó. O seu quarto era pequeno (3 m x 3 m). Os travesseiros eram grandes e fofos; era gracioso vê-la desmanchar o coque do cabelo, os quais caíam nos ombros e o movimento pausado dos braços e uma escova penteavam os cabelos longos e o prendiam com grampos. Sua Bíblia era companheira de leitura e sempre estava sobre o criado-mudo. Depois vinham as orações que repetíamos: o Pai Nosso e uma prece em alemão.

Ela não era uma pessoa só nossa. Ela pertencia ao mundo! Que o digam os mendigos, os visíveis e os invisíveis, nos orfanatos e nos asilos. Sua sabedoria era utilizada por toda população, desde o pai que relutava em deixar a filha se casar até o comerciante desesperançado que hesitava em fechar o seu negócio. Ela tinha um apurado senso de justiça, sabendo ser severa quando necessário, mas nunca deixava escapar a bondade contida no olhar profundamente doce.

Entretanto, no Natal era a rainha!

Tudo começava quando João – o carroceiro – era mandado à mata em busca do pinheirinho. Em outra frente, as filhas e as noras se movimentavam na cozinha com os grandes panelões de comida, tachos onde eram preparados os doces naturais e o forno a lenha em que seriam assados os leitões e os frangos. Tudo preparado com os temperos de dona Marihn, a cozinheira dedicada. Na agitação, cada vez que uma pessoa parava no corredor que levava à cozinha, parava para saborear de uma mangueirinha, que parecia um canudo de borracha, a gengibirra e a cerveja artesanal, produzidas em pequenas barricas.

À noite, o caminho do chuveiro era congestionado. Era uma lata pendurada por uma corda, e lá em cima uma roldana que regulava a altura. Cada chuveirada exigia uma corrida com o balde até o tambor que armazenava água de chuva. Hilma Diedrichs era a filha mais nova da família de três filhos e cinco filhas. Tinha formação educacional de segundo grau,

de temperamento sensível, curtia a convivência amiga com pessoas, observadora atenta, determinada, desbravadora e, sobretudo, aglutinadora.

Depois da igreja onde se cantava hinos de graças, as famílias voltavam para casa e se reuniam numa sala de aproximadamente 4 m x 4 m para cantar a “Noite Feliz”. Depois distribuíam os presentes. Não conheci o meu avô, mas seguramente ele deve ter sido um homem grande, pois ao seu lado tinha uma grande mulher.

## O AGIOTA

O cidadão que empresta dinheiro a juros extorsivos, espera-se, é um espécime em extinção em nosso país. Neste Brasil dos nossos tempos, ele não suportaria a concorrência das taxas dos bancos e entidades oficiais, além de ser incapaz de suprir a voracidade dos governos, principais tomadores dos seus recursos.

Esta, no entanto, não era a realidade dos anos 1950. Naquela época, os agiotas dividiam-se entre aqueles que extorquiam e os que alavancavam empresas e pessoas com dificuldades momentâneas.

A história que segue aconteceu em Imbituva, pequena cidade do interior do Paraná, hoje florescente centro produtor de malhas, naquela época sede de importantes indústrias beneficiadoras de madeira.

O agiota que atendia Imbituva vinha toda semana de Ponta-Grossa, visitava “clientes” de quem cobrava juros devidos e indevidos. Ele estava entre aqueles que extorquiam as pessoas.

Rumores de protestos alcançaram os ouvidos atentos do seu Eduardo Sponholz, que viria a ser tronco de ilustres figuras do nosso Estado. Ele era uma espécie de cacique local e pertencia ao velho PSD. Tudo que acontecia na cidade vinha ao seu conhecimento.

A sociedade imbituvense estava revoltada com o agiota. E isso também aborrecia o político experiente.

Numa tarde, enquanto aguardava o ônibus de retorno para Ponta Grossa, o agiota recebeu um estranho convite para “prosear” com seu Eduardo. Dirigiu-se, então, para a casa localizada em frente ao ponto de

ônibus. A porta de entrada, que ficava sempre aberta, levava a um extenso corredor, em meio ao qual era colocada uma mesa e duas cadeiras: uma para o seu Eduardo e outra para visitantes. Dalí ele enxergava todos que chegavam e saíam da cidade.

O agiota entrou, cumprimentou e sentou-se em frente ao seu Eduardo. A “prosa” durou mais de uma hora, tempo em que o velho líder não parou de abastecer e servir a cuia de chimarrão com água fervente. O tom amigável da conversa surpreendeu e agradou o agiota, que, ao final, agradeceu e embarcou no ônibus em direção de Ponta Grossa.

No dia seguinte, logo na chegada do primeiro ônibus, seu Eduardo correu ansioso na direção do motorista e perguntou:

– Olá compadre! Como foi a viagem de ontem?

O motorista respondeu irritado:

– Por três vezes fui obrigado a parar o ônibus a pedido daquele agiota. Ele pedia e saía em disparada para fora, ia atrás de uma moita e voltava pálido. Na quarta vez, ele desembarcou no posto fiscal e lá ficou.

Matreiramente, seu Eduardo afastou-se sem disfarçar o sorriso zombeteiro quando se lembrava da “espíneira santa”, um poderoso laxante que ele misturou ao chimarrão.

Desde então, não há informações de que os juros cobrados em Imbituva ultrapassaram níveis além do tolerável.

## O MILAGRE

Todos ainda hoje lamentamos o estado da saúde pública no Brasil. Há quem diga que os recursos são mal distribuídos, desviados para outras atividades ou simplesmente não existem. Falta de vontade política, recessão econômica, incompetência gerencial e corrupção são outras razões apontadas.

Enquanto isso, o descrédito se multiplica nas filas dos hospitais, e a saúde privada é privilégio de poucos que podem suportar os altos custos. É também verdade que este descrédito já foi maior. Menos pela deficiência dos serviços do que pela sua absoluta inexistência.

Os médicos de antigamente eram tratados com desconfiança, não pelas consultas que não conseguiam cobrar, mas pela concorrência dos curandeiros e da medicina caseira.

Esses tempos foram vividos pelo “seu” Eduardo Sponnholz, que já passeou por essas linhas. Morador da então pequena vila de Imbituva nos anos 1950, chefe político do velho OS, foi advertido pelo médico e prefeito local, o Dr. Nuna, sobre a necessidade de repetir um exame para avaliar a extensão de uma infecção urinária.

Homem já beirando os 80 anos, cioso da sua masculinidade, “seu” Eduardo temia por um provável exame de próstata, que agradava a muito poucos homens, mas o médico continuava insistindo.

Cansado das suas próprias negativas, “seu” Eduardo chamou o neto de 11 anos de idade para o seu quarto. Prudentemente, trancou a porta e ordenou ao menino:

– Faça xixi nesta garrafinha!

No primeiro ônibus, a garrafinha seguiu viagem para exames em Ponta Grossa, cidade distante 45 quilômetros do município.

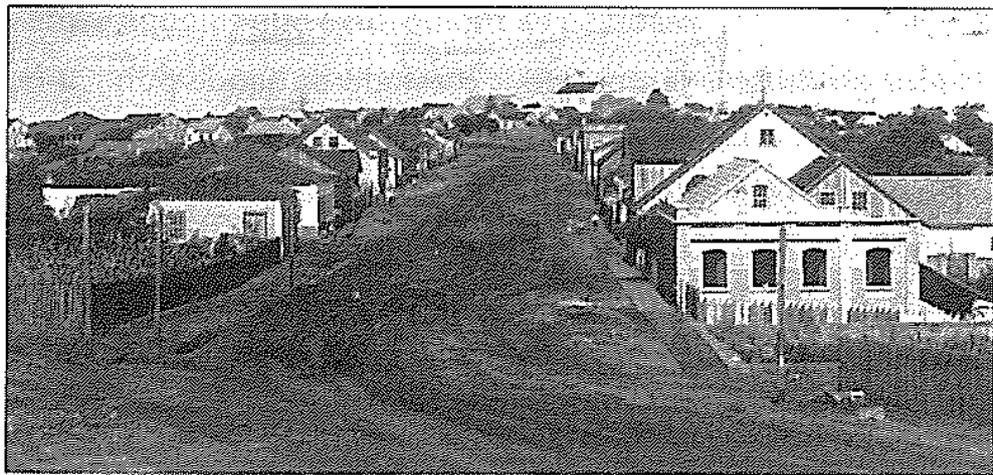
No dia seguinte, o laboratorista irrompeu na sala dos médicos.

– Milagre! – exclamou.

– Um milagre! – repetiu.

– A urina do paciente parece a de um menino! Ele está completamente curado!

1993



Imbituva 1946 - Fonte: Google

## CASAMENTO

Waldemar, de Curitiba, um dos filhos de Henrique e Rosa Mehl, casou-se em 1943 com Hilma, de Imbituva, filha de Alberto e Regina Diedrichs. Em algum momento do ano de 1946, conceberam um menino, o segundo dos cinco filhos que tiveram. Ela, de personalidade firme, sensível e determinada, sabia da importância da educação e cultura para formação dos filhos. Ele, com educação de primeiro grau, mas autodidata, se dedicava a organizar e comandar pessoas.

Descendentes de alemães, eles viviam acuados diante do preconceito dos vencedores da Segunda Grande Guerra, embora nas suas veias e na alma já circulasse o sangue e o espírito brasileiro, país que acolheu seus ancestrais, mas ainda eram considerados imigrantes, pois os avós vieram em 1855 da Alemanha, país dos derrotados na Segunda Guerra Mundial.

Entendiam como inaceitável o poder de destruição gerado pela guerra, mas experimentavam os avanços da tecnologia como resultado das pesquisas realizadas para o mal. O mundo despertava para uma nova realidade. Aquele que detivesse a tecnologia mais avançada se sobrepunha aos demais. E para exercer esse poder, estava inaugurada uma nova forma de competição. Todos sabiam que quem recuperasse os destroços da guerra, mais condições teria para exercer o domínio. Temerosos do desempenho dos parceiros, os vencedores de maior envergadura se reuniram para dividir o espólio e estabelecer novas diretrizes para impor limites aos competidores.

Assim foi feito, mas as consequências não foram iguais entre os participantes. Identidade nacional, disparidades sociais, econômicas, ideológicas e a atração perigosa pelos parceiros vencedores da batalha mundial que então dominavam o poder inaugurou uma nova forma de conflito, mais político e menos bélico.

A chamada Guerra Fria tinha início! Acreditava-se que a humanidade estivesse dividida entre os de lá e os de cá: comunistas x capitalistas. A separação de territórios era emblemática e estava em Berlim, capital da Alemanha, de um lado a chamada Berlim ocidental e do outro

a oriental. Os países que acompanhavam a Rússia eram comunistas, e os capitalistas eram os que estavam ao lado dos Estados Unidos da América do Norte. A Guerra Fria significava a disputa de quem mudava de lado ou colocava em risco as ideias do outro lado.

Essa situação perdurou por décadas, até a queda do Muro de Berlim, construído pela Alemanha Oriental para separar a Berlim Ocidental não comunista, da Berlim Oriental. Ele começou a ser construído em 13 de agosto de 1961, passou por modificações até os anos 1980 e foi derrubado em 1989.



Conferência de Yalta, em 1945. Partilha do mundo entre os vencedores.  
Fonte: Army Signal Corps Collection - The U.S. National Archives.

## 2 - INFÂNCIA

Os filhos do casal nasceram e viveram em Curitiba, cidade localizada do sul do Brasil.

Diz a lenda que esta cidade tem dono.

Conta-se que o índio assistia impassível a altercação entre o português e o brasileiro, acerca de a quem este país pertencia. O rosto crispado e carrancudo moveu-se após algum tempo e gritou enraivecido pelo entrevero: “Esta terra tem dono!”

A propriedade da terra angustia a todos. Alguns disputavam o direito de não a ter, outros defendiam porque a possuíam, assim como há aqueles que não a queriam ter.

– Esta terra tem dono! – repetiu o índio rangendo os dentes.

– E a cidade, quem é o seu dono? – nós perguntávamos.

Seriam os alemães, os poloneses, orientais, árabes, judeus, negros e índios ou outros tantos mais?

As cidades têm muitos guardiões e outros tantos sonhadores. Se, no entanto, não é terra de ninguém, tampouco tem um só dono. Ela pertence ao conjunto da população, desde os mais humildes até os privilegiados; todos devem dar a sua contribuição para transformá-la num espaço mais justo, de oportunidades e de mais empregos.

Curitiba, em especial, se caracterizava pela absoluta multiplicidade de raças, credos e cultura. Tal e qual uma dama amadurecida pelo tempo, ela não precisa a data de quando tudo começou. O debate continuado sobre a data do seu nascimento deixa uma só certeza: ela não tem menos de 315 anos de existência. Idade a parte, há quem assegure que o

pluralismo cultural teria iniciado por volta de 1850, mercê da iniciativa de um brasileiro ilustre chamado Lamenha Lins. Da sua inspiração nasceu a colônia Abranches, ali, às margens do Rio Branco do Sul, onde se fixaram os colonos ucranianos. Os poloneses, por seu lado, ocuparam o caminho da Lapa, no outro extremo da cidade, onde nasceu o lugar ainda hoje denominado de Tomaz Coelho.

Provavelmente resultado de uma partida de truco, os italianos se dividiram entre o caminho de Castro, hoje com o nome de Santa Felicidade, e o caminho dos campos Gerais, onde criaram a colônia Orleans, dividindo nesta última o espaço com os franceses. No outro extremo da nossa capital, o caminho da graciosa era ocupado pelos argelinos, onde, obviamente, surgiu a colônia Argelina, hoje Bacacheri.

Todas as entradas e saídas da cidade estavam ocupadas!

A principal atividade do lugar era a agricultura e a pecuária leiteira. E à medida que cresciam os frutos da terra e do trabalho dos homens, a atividade econômica se estendia àqueles que fazem as coisas, os artesãos; e àqueles que compravam e vendiam estas coisas, os comerciantes.

Daí a ocupação dos espaços centrais da cidade pelos alemães, principalmente ferreiros, carroceiros açougueiros e leiteiros, e pelos árabes e pelos judeus dividindo o mercado de compra de bens, gêneros e dinheiro.

Assim, a cidade estava toda ocupada! Essa terra já tinha dono.

Muito tempo se passou, as culturas se confundiram a ponto de ser impossível questionar a autenticidade do quibe do cearense da rua XV, ou o vento chinês do pastel do Baiano. Os migrantes do Brasil descobriram Curitiba e trouxeram o Brasil para dentro do Paraná.

O índio tinha razão: essa terra tem dono. São holandeses, japoneses, africanos, enfim, todos paranaenses de Curitiba, brasileiros do Paraná.

Assim como nos anos cinquenta, a Curitiba do século XXI é ainda um organismo vivo e como tal, nasce, se desenvolve e envelhece. Decorre daí que ela mantém os traços daqueles que a fizeram nascer, dos que auxiliaram e direcionaram o seu crescimento e dos que a protegem quando a proximidade da velhice a transforma num organismo mais frágil, vulnerável.

Em Curitiba, esses traços são evidentes, marcantes até, nas obras e na alma do povo. São as correntes políticas que determinam ao seu tempo, o que consideram prioritário.

Respeito ao cidadão, harmonia de vizinhança, educação, saúde, moradia e oportunidades de escape do mundo de pobreza são desafios da Curitiba de todos os dias, do passado, presente e do futuro.

Esta era a visão da cidade e seus valores que os pais e mães nos ofereciam.

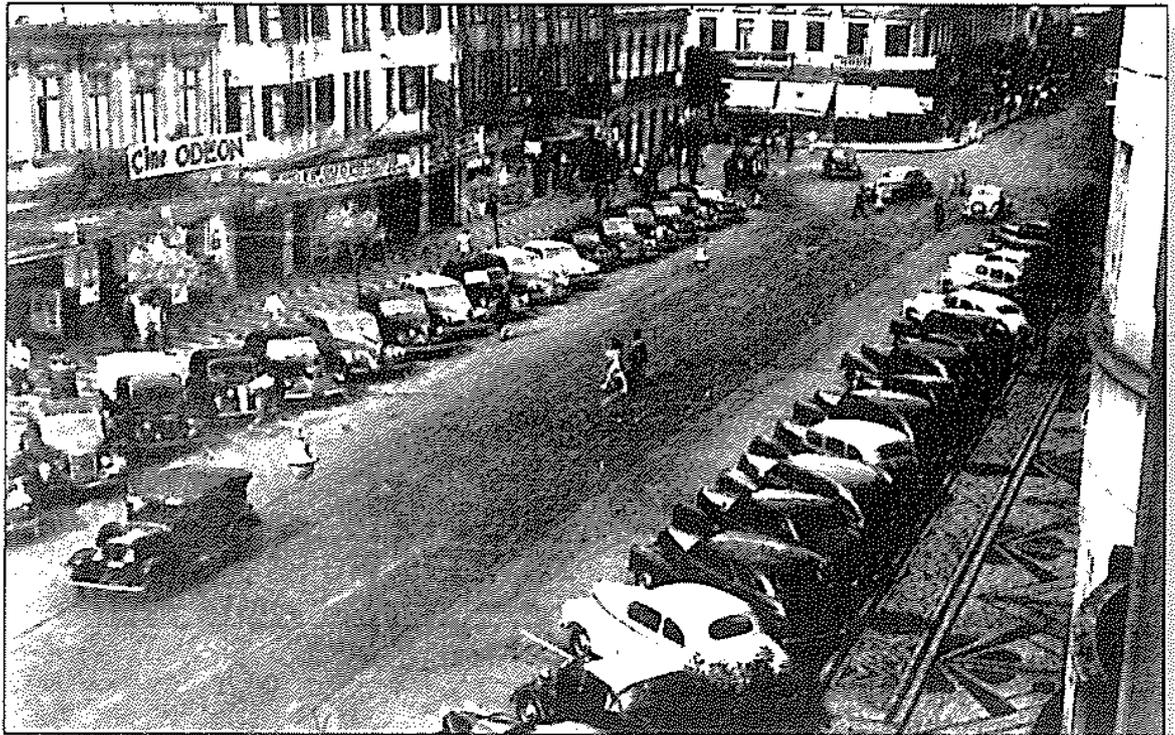


Curitiba 1946 - Fonte: Google

## A DESCOBERTA

A Rua Luís Xavier, com uma só quadra de extensão, era a rua central da cidade. É verdade que ela começava numa praça chamada General Osório e terminava na primeira rua transversal, depois se chamava rua XV de novembro.

Ela era a referência cultural para as pessoas de meia-idade em diante que se reuniam ali para trocar informações e fuxicar sobre os acontecimentos da cidade, o lugar que era conhecido como "boca mal-dita". Os mais jovens cruzavam-se nas calçadas em frente aos cinemas Odeon, depois transformado no cine Ópera, para trocar olhares furtivos à procura da alma gêmea.



Avenida Luis Xavier - Fonte: Google

Contavam que, desde os 3 anos de idade, o menino apresentava momentos de debilidade motora e distúrbios digestivos. Os diagnósticos eram variados, mas a medicação utilizada não dava resultado.

Pois foi ali, na rua Luís Xavier, que a mãe o levou em busca do diagnóstico que conduzisse à cura.

Entraram por uma porta ao lado do cine Odeon, tomaram o elevador com porta pantográfica, subiram ao segundo andar e adentraram na sala de espera do consultório médico. Na porta de entrada lia-se:

Dr. Irineu Antunes – clínico geral.

Ele fora recomendado porque, afirmava-se, detinha conhecimento, sensibilidade e intuição.

Após aguardar algum tempo, a porta se abriu, o doutor estendeu a mão em cumprimento e, sorridente, afagou a cabeça do menino.

Adentraram o consultório e sentaram-se nas cadeiras em frente à escrivaninha do médico. A mãe então relatou as dificuldades físicas do menino e a impossibilidade de estabelecer um diagnóstico.

O menino foi então conduzido à mesa de exames, onde o médico o examinou detalhadamente a procura de indícios, sintomas característicos de enfermidade. Observou os olhos, pediu que abrisse a boca para examinar a garganta, bateu as articulações dos braços, pernas e o corpo em busca de sintomas de moléstia e debilidade nos órgãos internos. Enfim, instalou o aparelho para auscultar os batimentos do coração. Poucos minutos se passaram em absoluto silêncio até que ele deteve o aparelho num ponto do peito, ouviu atentamente, repetiu várias vezes com expressão de surpresa, preocupação, e ainda em silêncio ficou observando a criança. Repetiu mais de uma vez o procedimento.

Conduziu em seguida a mãe, o paciente, e convidou-os a se assestarem nas cadeiras em frente a sua mesa. Dirigiu o olhar primeiro à criança e depois dirigiu-se à mãe, explicando todos os procedimentos do exame clínico.

– Identifiquei alguma arritmia cardíaca, que é qualquer alteração no ritmo das batidas do coração, que pode fazer com que ele bata mais rápido, mais lento ou simplesmente fora de ritmo dos batimentos cardíacos – disse. E discorreu sobre a possibilidade de existir uma descompensação no funcionamento do órgão.

Após a realização de exames diversos, dias depois a família da criança voltou ao médico clínico geral, que assegurou que havia alguma anomalia de formação nas artérias que alimentavam o coração. A ciência ainda não tinha estabelecido claramente as medidas a serem adota-

das, por isso recomendou alguns remédios que tinham a propriedade de manter o paciente tranquilo. Recomendou cautela e dosagem nos esforços físicos.

Era, enfim, o diagnóstico!

Durante dois anos, Dr. Antunes acompanhou o desenvolvimento do paciente. Decorrido esse prazo, ele manteve contato com a família, informando que na medicina local despontava um jovem, o Dr. Gastão Pereira da Cunha, especialista no tratamento clínico de doenças do coração. Orientou os pais para consultarem aquele médico.

## TRATAMENTO CLÍNICO

Dr. Gastão foi consultado, procedeu aos exames e relatou as suas conclusões sobre o mal que acometia o paciente.

Provavelmente, por razões ainda pouco conhecidas pela medicina, quando ainda um bebê, o menino teve febre reumática, que acabou por afetar o desempenho das válvulas do coração, resultando no que ficou caracterizado como cardiopatia reumática.

– O fenômeno denominado estenose aórtica (EAo), também chamada estenose de válvula aórtica ou estenose valvar aórtica, é uma doença de curso progressivo caracterizada pela obstrução à passagem do fluxo sanguíneo da via de saída do ventrículo esquerdo do coração. Pesquisas estão sendo realizadas, mas ainda não foram encontrados procedimentos adequados à solução do problema – explicou o médico.

Desse momento em diante, o médico especialista passou a fazer acompanhamento contínuo, receitando remédios que imunizavam o paciente de manifestações possíveis de resultar em danos para o órgão afetado. Entre outros, uma aplicação (injeção) de nome Benzetacil se destacava como fundamental para bloquear infecções que, dada a vulnerabilidade do paciente, poderiam agravar sua situação. Como veremos, durante os próximos 35 anos, mês a mês, era injetada uma dose de Benzetacil mg 1,2 milhão, que, associada a outros remédios, protegia e postergava a decisão de intervenções mais radicais, ainda não desen-

volvidas pela comunidade científica. De seis em seis meses o garoto era examinado pelo médico, para acompanhar o processo.

Ele levava uma vida normal, com travessuras típicas, “peladas” de praia e em campos de terrenos irregulares, localizados nos vazios urbanos e até nas ruas ensaibradas do bairro. Por vezes se sentia debilitado, mas se recuperava.

Assim levou a vida, experimentando dores e inchaço nas articulações até que, com 11 anos de idade, foi admitido no colégio Estadual do Paraná.

## ENSINO MÉDIO



O Colégio Estadual do Paraná - Fonte: Google - Site Curitiba Antiga

Naquele tempo, o acesso ao ensino integrado do CEP era muito disputado, tão difícil quanto o vestibular, porta de entrada para as universidades, por isso recebia a denominação exame de admissão.

Os seus espaços amplos eram ocupados por alunos das mais diversas raças, credos ou segmentos sociais. Aprendia-se ali a praticar o futebol com chapinha de Coca-Cola, com bola de meia

feminina ou com refugo de bolas de tênis apanhadas de lançamentos sem direção das quadras de tênis do Círculo Militar, vizinho ao colégio. Nem o grosso solado de pneu, ou o sapato Vulca-brás para aqueles socialmente melhor posicionados, suportavam os chutes de “trivela” ou de “voleio”.

Durante as aulas, o silêncio e a disciplina nos pátios eram garantidos pela fiscalização atenta daqueles chamados inspetores. Entre esses se notabilizaram o afável senhor Portela e o temido João “bafo de onça”, que abafavam qualquer tumulto ou brigas entre grupos.

Nas salas de aula, amplas e fartamente iluminadas, entre tantos destacavam-se alguns professores, considerados pelos alunos “monstros sagrados” à mercê do conhecimento aprofundado e por peculiaridades da personalidade.

A voz estridente da professora Meireles, exigente descobridora dos véus que encobrem os segredos da língua portuguesa, irradiava pelos corredores misturando-se aos sons suaves e musicais da professora Lilian.

Noutro momento, temia-se pelos gritos daquele que por piedade transmitia as notas nas provas de latim; zero quadrado! Zero vírgula cinco redondos! Ele chamava-se Zavadski, mas se perdia pelos traços, desenhos e candura da professora Alice Pilotto.

Notável era também o professor Machado, que acelerava pontos de matemática para que as aulas de segunda-feira tivessem espaço para discussão do desempenho do seu Coritiba no jogo de domingo.

As artes, em especial os trabalhos manuais, também tinham seus momentos com a professora Lenir. Em todos os cantos sentia-se a presença de Ulisses, o diretor. Sua careca reluzente, o semblante severo, contraído, os olhos brilhantes e ouvidos atentos assistiam e ouviam as aulas para avaliar o desempenho dos professores; ou passeava pelos corredores amedrontando alunos que tinham sido expulsos da sala de aula por mau comportamento. Era dele a responsabilidade pelas punições.

Nos imensos pátios externos, nos campos, nas quadras e nas piscinas eram forjados os campeões. O professor Fernando lapidava craques de futebol; o mago Merlin só fazia aumentar os títulos de voleibol; as pistas esportivas abrigavam os alunos dos irmãos Pacheco e pelo Hélio Buch Silva; e as quadras de basquete silenciavam sob o comando do Professor Almir de Almeida.

Nas piscinas movimentavam-se aqueles que queriam aprender a nadar e os que sonhavam com uma medalha; todos preparados pelos professores Germano Bayer, Edmundo Saporski e Gomes.

Para cuidar de toda esta estrutura, consertando bolas, guardando equipamentos, mantendo ordem nos vestiários, estava o seu Bruno. Controlava a forma e o período de utilização das bolas e dos equipamentos – dardos, redes, sapatos de corrida, boias, etc. Era também o guardião implacável do ginásio e das piscinas.

Até hoje lembramos que continuamos vivendo em busca de um tempo mágico no Brasil dos nossos dias. As palavras parecem deslumbrar e as manchetes são de encanto. A escola integral era a palavra fascinante deste país que dizem novo. Mas a escola não se limitava a estes momentos. Ela era a feiticeira que promovia a convivência harmoniosa entre os mais diversos segmentos sociais.

Já naqueles tempos, a escola integral era palavra de ordem, pois a deterioração em qualidade do ensino público era evidente, e o alto custo das mensalidades privadas limitava a possibilidade de acesso ao ensino.

O conceito de escola integral fora trazido pelo professor Germano Bayer, depois de alguns anos de especialização esportiva na Suécia. Isso tudo na década de 1950! Ali era o local e a época dos primeiros projetos de desenvolvimento do ensino integral. Não se discutia se a escola era pública ou privada, e sim que nessas escolas deveriam existir carteiras e os professores deveriam ter condições de exercer a profissão com dignidade.

A deterioração da escola pública e o custo do ensino privado ocuparam as manchetes dos meios de comunicação até este início do

século XXI e continuam. Não importa quem eram os responsáveis pelo Colégio Estadual do Paraná, mas, ali, naquela época, já era adotado o ensino integral.

A qualidade do ensino não se definia pelo público ou pelo privado. Eles eram competidores em qualidade. A dignidade do ensino de então era condição de opção para o pobre, aspiração dos menos pobres e dos mais ricos. A magia de então aproximava o sonho da realidade. Aquele sonho perdurou por décadas.

**A ESCOLA INTEGRAL** - publicado no jornal Gazeta do Povo em 27 de junho de 1992.

## POUPADOS

Aos onze anos de idade, dezenas de alunos aprovados no exame de admissão do colégio Estadual do Paraná se apresentavam em fila para o exame médico de avaliação das condições de saúde e seleção dos bem-dotados para a prática esportiva. Todos eram tomados de ansiedade, pois aquele era o momento do início de uma nova vida para quem foi capaz de ser admitido naquela escola pública respeitável, depois de exames tão concorridos como os vestibulares universitários.

Os alunos enfileirados e despídos, em grupo de cinco, se apresentavam ao médico que os mandava soprar o pulso com a boca. Enquanto isso, examinava os órgãos genitais, a estrutura corporal e depois auscultava o coração. Ao constatar alguma anormalidade, orientava para que o examinado aguardasse com um grupo em separado, onde já se podia observar alguns com uma perna atrofiada, outros sem o braço ou com os braços e mãos retorcidos, e outros mais sem anormalidade corporal aparente, mas com indícios de fragilidade dos órgãos internos.

Depois do último grupo de alunos ser examinado, restaram na sala aqueles reunidos num dos seus cantos. Os rostos pareciam crispados, expressão de medo e ansiedade nos olhos. O menino estava entre eles.

– Vocês – falou o doutor com tom professoral – vão fazer parte de uma turma especial, pois os exercícios deverão se adaptar às necessidades de cada um. – Todos saíram cabisbaixos ao saberem que pertenciam à turma dos excluídos do grupo maior de saudáveis.

Uma semana depois, o campo de futebol estava ocupado pela turma dos chamados poupados. Atacando pelas pontas estavam o Célio e o Tomita, que corriam mancando, um com a perna esquerda outro com a direita. Eles apresentavam a deficiência decorrente de uma doença chamada de poliomielite. Um dos gols era defendido pelo Mário, que se apresentava com um único braço, o outro se limitava a uma mão toda retorcida, pois viera ao mundo com esta deformação, resultado da ingestão de uma droga chamada talidomida. Em substituição ao goleiro Mário, o menino foi escalado como goleiro, e à primeira tentativa de segurar a bola, deixou passar um “frango”, pois o braço inchado pela febre reumática deixou-a escapulir para dentro do gol.

## O ATLETA

Enquanto lá fora os médicos debatiam como solucionar as coisas do coração, o menino, no intervalo das aulas, ia ao ginásio observar os treinamentos dos atletas do basquete e do voleibol. Subia no mezanino, de onde acompanhava as ordens do técnico, o professor Merlin, exercícios físicos para aumentar a musculatura, flexibilidade e agilidade; treinamento para os levantadores e para os cortadores; posicionamento na quadra, movimentação integrada; quando atacar, como defender, observar o adversário e bater, ou colocar a bola.

Enfim, o menino saía do ginásio cabisbaixo pela sua incapacidade de participar. Isso se repetiu por meses, até que um dia o professor Merlin o chamou, dizendo que observara a sua presença nos treinamentos, e o convidou para participar. O garoto silenciou sobre a sua deficiência e, alegre, desceu do mezanino pelas escadas. Assim, começou a aprender e se preparar. Primeiro na folga das aulas, depois à noite, sem o

conhecimento dos pais. Aprendeu a ser ágil, dosar as energias e esperto, observando a movimentação do adversário.

Teve sucesso. Desenvolveu uma carreira que resultou em vários títulos esportivos, primeiro como estudante e depois nos campeonatos estaduais. Era selecionado para todas as competições.



Campeão Colegial - Voleibol

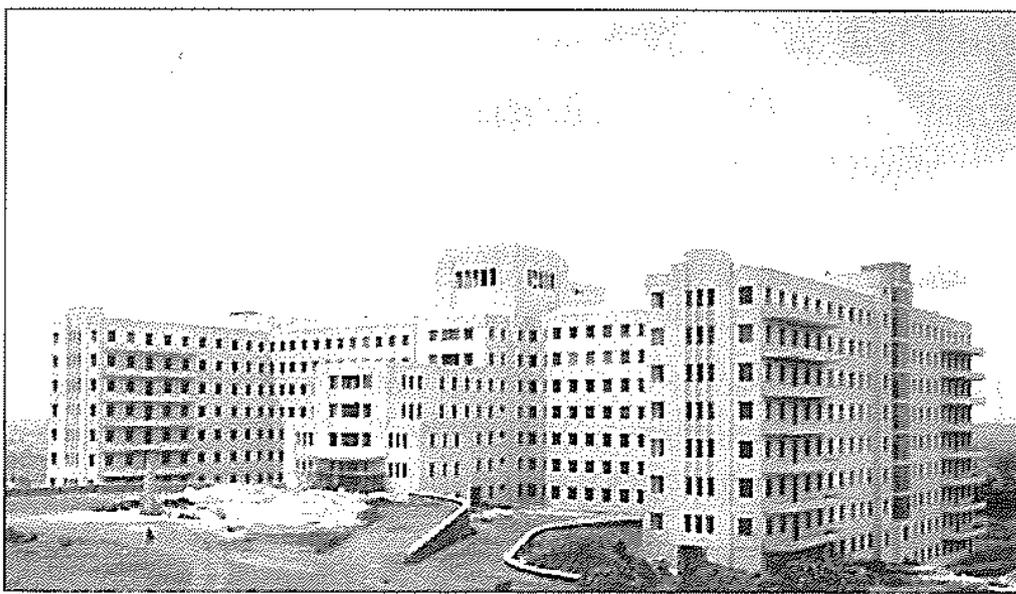


Campeão Universitário - Voleibol

## 3 - ADOLESCÊNCIA

### HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE SÃO PAULO

O quadro clínico se mantinha estável, mas o dr. Gastão, especialista nas coisas do coração, sabia que havia riscos, pois se o estado do paciente se agravasse, a solução recomendada era a cirurgia. Debatia-se no mundo os procedimentos, pesquisas intensas eram realizadas com cobaias, mas ainda não estavam assegurados os resultados. As associações médicas e os profissionais acumulavam e avaliavam as informações. O Hospital das Clínicas do Estado de São Paulo concentrava o maior número de especialistas da saúde. Aqui no Paraná, assim como em todos os estados brasileiros, ouvia-se muito, mas pouco se sabia dos resultados, pois as comunicações de então eram lentas e deficientes.



Hospital das Clínicas de São Paulo em construção - Fonte: Site Hospital de Clínicas

Dr. Gastão recomendou à família que encaminhasse LC para no Hospital das Clínicas de SP, pois, naquele momento, era o único local no Brasil capaz de avaliar o paciente, utilizando de procedimentos modernos, já disponíveis em outros países. No Brasil, destacava-se o Dr. Eurycles de Jesus Zerbini que chefiava a equipe de cirurgiões, clínicos e pesquisadores cardiológicos do Hospital das Clínicas de São Paulo.



Dr. Zerbini - Fonte: Google

Dr. Zerbini foi o quinto médico do mundo a realizar o transplante de coração. Ele dizia: “Operar é divertido, é uma arte, é ciência e faz bem aos outros”. Em 1935, com 23 anos formou-se em medicina pela Universidade de São Paulo e, mais tarde, especializou-se no Hospital das Clínicas em cirurgia geral. Nos Estados Unidos estudou cirurgia torácica, cardíaca e pulmonar.

Os recursos financeiros da família do menino, no entanto, eram escassos, e como se tratava de estabelecimento público, para ser atendido, era preciso que o paciente fosse associado ao INPS – Instituto Nacional de Previdência Social – entidade que tinha entre suas funções cuidar da saúde do cidadão. O pai, então, o registrou na sua empresa para o habilitá-lo ao benefício. Isso não foi difícil, pois ele, há algum tempo, já desempenhava o papel de cobrador das contas da companhia. A primeira etapa estava vencida.

O segundo obstáculo estava na burocracia. Como credenciar o rapaz para fazer uso do benefício instituído pelo INSS? Decorreram alguns meses para se efetivar a habilitação, o que aconteceu graças ao empenho Dr. João da Mata e Benhur Candeu, funcionários do órgão, sem qualquer interesse além da sensibilidade humanitária. Desafio ultrapassado.

Seguia-se a busca de como conseguir o acesso à equipe do Dr. Zerbini, para que a consulta médica acontecesse. Curitiba era considerada uma cidade provinciana, e os cidadãos temiam a agitação da grande metrópole. O desconhecido os amedrontava.

Uma rede de amigos foi mobilizada, até que o amigo especial do pai, Dr. João Guiss, localizou um parente participante da equipe paulista, o Dr. Delmonte.

Então, os pais e o menino partiram de ônibus para São Paulo.

## SÃO PAULO

Da rodoviária seguiram direto para o Inca hotel, situado próximo da Av. São João, que havia sido recomendado pelo tio do garoto, Edi Kossatz. Enquanto o pai organizava as malas, o menino observava a mãe cabisbaixa, nervosa, escondendo lágrimas. Almoçaram no restaurante próximo, chamado “Restaurante do Papai”.

No dia seguinte, pela manhã bem cedo, os três se vestiram apressados, pois tinham agendado o encontro com o Dr. Delmonte, da equipe do Dr. Zerbini. Na hora aprazada, chegaram ao Hospital das Clínicas. Uma, duas, três horas de espera e foram autorizados a subir ao terceiro andar para encontrar o médico.

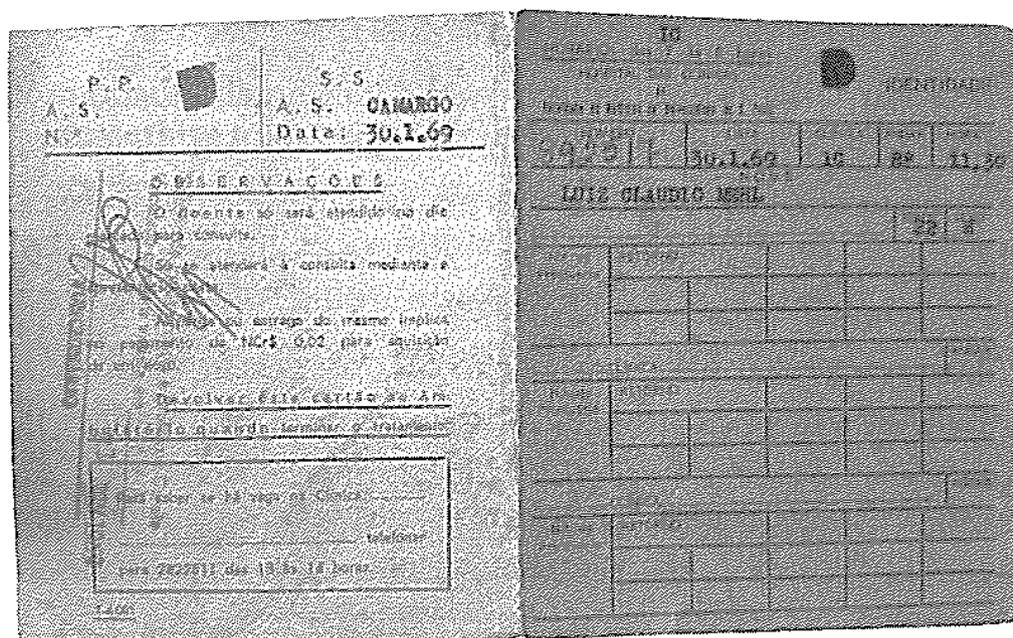
Pelo elevador chegaram no corredor e após alguns passos observaram um homem ainda jovem, mas com uma pronunciada careca. Parecia estar nervoso e apressado. Explicou depois que realmente estava angustiado, pois a agenda, com uma demanda extenuante de pacientes enfermos, reduzia o tempo disponível para atender os amigos da sua terra e sorriu. Eles compreenderam e passaram a carta de recomenda-

ção do Dr. Gastão, onde descrevia o paciente e explicitava o diagnóstico. O doutor leu e parou pensativo por alguns momentos.

– Entendo – disse ele. – Vou passar para vocês os procedimentos que devem adotar para a equipe começar o atendimento. Devem primeiro fazer a ficha de registro do hospital, no primeiro andar. Depois, anotou num papel o endereço do Dr. Radi Mcruz, o clínico cardiológico da equipe do Dr. Zerbini. Ele vai prescrever uma série de exames que nos encaminhará para avaliarmos e definirmos a estratégia a ser adotada. De posse de uma via dos exames vocês voltarão ao HC, pela manhã, bem cedo, para enfrentar uma fila para serem atendidos.

Algumas horas para obter o registro e outras na sala de espera do consultório do cardiologista.

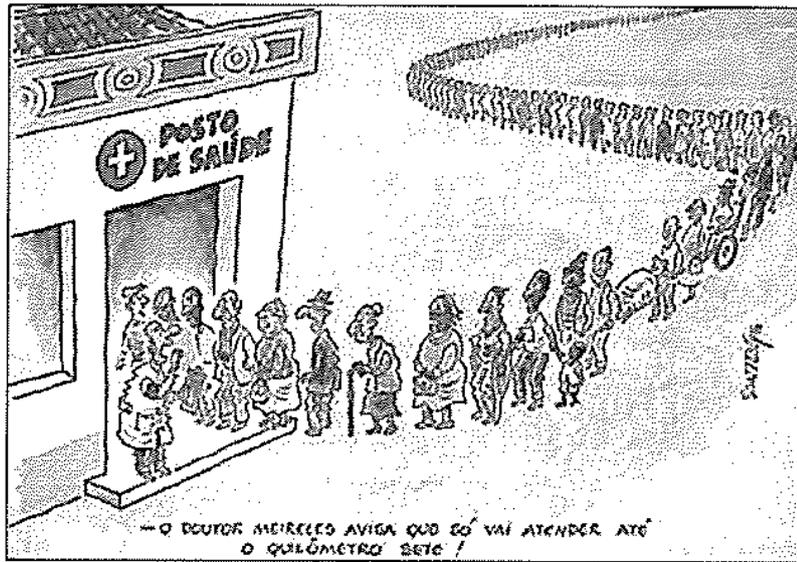
No dia seguinte, após uma noite tumultuada pelo choro da mãe desesperada, que o menino ouvia apesar de a porta do seu quarto no hotel estar fechada, as seis horas da manhã os três tomaram um táxi para o HC.



Carteira do Hospital das Clínicas de São Paulo

Quando se aproximavam, viram uma fila imensa, que em pouco tempo souberam ser o grande desafio a ser enfrentado. Conversas sobre as dificuldades da vida de cada um, a descrição pessoal das mais varia-

das enfermidades, aproximava os que se alinhavam na fila de espera. Todos se ajudavam para fazer o tempo passar, vinham do Brasil todo. O pai e o menino quietos e imersos em pensamentos enquanto a mãe conversava com as pessoas na fila sobre as dificuldades que todos estavam enfrentando, trocavam experiências, receitas caseiras de remédio e comida.



Fonte: Google - Neltair "Santiago" Rebés Abreu

No final da tarde do primeiro dia, quando se aproximavam do início da fila, um cidadão com guarda-pó branco anunciou em voz alta que os atendimentos do dia estavam encerrados. Este mesmo procedimento se repetiu por dez dias, embora eles tivessem antecipado a chegada para cinco horas da manhã.

No décimo dia, ao se aproximarem do início da fila, eles receberam um cartão com a senha, o que representava garantia de atendimento. A fila andou, ainda que muito lentamente, até chegarem à porta de entrada de um ambiente que ainda não conheciam. Era um longo corredor, com bancos de madeira nos dois lados, onde aqueles que estavam na fila podiam sentar e ficar mais descansados. Vagarosamente, as pessoas se deslocavam no banco e se aproximavam do ponto final, para eles um mistério.

Enquanto esperavam, os olhos acompanhavam cenas deprimentes: ora passava uma maca com um corpo totalmente coberto com um

lençol, outra com o rosto pálido descoberto, e mais outras com o lençol todo lambuzado de sangue vermelho.



Fonte: Google - Fernando Ramos / Agencia RBS

## EXAME CIRÚRGICO

O menino ficava em silêncio absoluto e o olhar perdido no horizonte passado. Os pensamentos perpassam a mente, estacionando por instantes nos pontos de reflexão. Dezesesseis anos de idade foi um destes pontos, marcante pela experiência vivida. Os fatos faziam despertar uma questão recorrente: “Por quem e para que vivemos?”, filosofava.

O sentimento e as emoções do homem, a importância da tecnologia e a religiosidade se confundem e se alternam na busca das respostas adequadas ao indivíduo e à sociedade, pensou. A experiência, inusitada para a família, começa pela grandiosidade do prédio do Hospital das Clínicas de São Paulo no ano de 1962 e que continua imutável até hoje, depois pela experiência das imagens e relato de pessoas que compartilhavam sentimentos perturbadores.

Enfim, o casal e o filho ouviram anunciar o seu nome e se aproximam apressados dos balcões de atendimento. Seus olhares desnorreados buscavam por onde começar, a quem perguntar, perguntar o quê?

Depois de circular por balcões e corredores encontraram o médico amigo, parente da sua cidade, que após conversa amigável informou que os exames do menino tinham sido submetidos ao Dr. Zerbini, que após análise sugeriu a necessidade de um exame apurado utilizando uma técnica recente que daria um diagnóstico da gravidade da lesão cardíaca. Era o chamado cateterismo.

Explicou mais o doutor amigo que essa técnica estava em desenvolvimento e um número expressivo de solicitações tinha sobrecarregado o trabalho, daí porque a necessidade de enfrentar as filas esperando a falha de algum paciente, o que possibilitaria a abertura de uma vaga. Informou também que se tal não ocorresse, a intervenção só aconteceria dentro de oito meses. Mas depois de vários dias na fila, o doutor amigo comunicou que houvera uma desistência e a fila andou, oferecendo a oportunidade para o garoto se submeter à cirurgia. Explicou que muitos demonstravam medo da cidade grande e do mistério que representava a cirurgia e indicou o caminho a ser percorrido até a sala de espera, onde aguardariam por três horas até se aproximar uma jovem enfermeira que os convidou para acompanhá-la.

Os seis pares de sapato produziam sons de uma marcha decidida e de frequência alternada ao tocarem o piso, além de produzirem um ruído desagradável no ambiente, contrariando o que estampava o aviso na parede: a imagem de uma enfermeira colocando o indicador sobre o lábio, recomendando silêncio. Depois de percorrer um longo caminho, entremeado de salas e corredores, chegaram ao destino. Uma sala pequena, onde os aguardava outra enfermeira com expressão carrancuda que ordenou:

– Os senhores queiram esperar, pois o doutor ainda não chegou.

Sentaram-se, então, num banco de madeira rústica e voltaram à condição de espectadores do movimento. Logo à frente deles, uma sala apresentava grande movimentação. Na parte de cima da porta pendia uma placa onde estava escrito: Cobalto Terapia. Por ali circulavam os

mais diferentes tipos de pessoas: uma senhora idosa, curvada quase que totalmente e apoiada em uma linda menina; um jovem casal, cujas roupas denotavam a origem humilde, que carregava uma criança com a cabeça dilatada, desproporcional. Enfim, aquele cenário despertava nas três pessoas sentimentos de inquietação, desassossego, aflição, tristeza, compartilhamento e medo por se sentirem personagens integrantes daquele ambiente. “Os que nos veem tem a mesma impressão que nos assalta?”, perguntavam-se.

Enquanto isso, desfilavam na frente deles duas macas transportando dois cadáveres, pois os corpos estavam totalmente cobertos pelo lençol. Os dois atendentes que as empurravam falavam em voz alta:

– Este ano São Jorge há de ser corintiano.

– Você é que pensa – retrucou o outro. – Quando a “fera” começar a jogar, vai ter santo pedindo demissão.

E continuaram a passada apressada.

Horas mais tarde, a enfermeira estendeu a cabeça para fora da porta e anunciou.

– Podem entrar que o doutor já chegou.

O garoto se adiantou e a enfermeira informou aos pais que não poderiam acompanhá-lo. A mãe com os olhos lacrimejantes se adiantou e, dirigindo-se ao filho com a voz titubeante, murmurou:

– Deus te proteja meu filho.

A vibração da voz e a expressão demonstravam inquietação, nervosismo, intranquilidade, desassossego, perturbação, agonia, angústia, ânsia e aflição.

Lá dentro, o menino sentiu-se só, envolvido por um mundo novo. Impressionavam os aparelhos pelo tamanho e pela complexidade. Na parede imediatamente à esquerda da única porta estava uma grande caixa metálica que chamavam “grande computador”, máquina rara naqueles tempos, mas que os filmes da época anunciavam como o misterioso instrumento do futuro, mas, para o cidadão comum, de utilidade ainda não clara e definida. No lado oposto, cuidadosamente empilhadas, viam-se toalhas e panos que lembravam os lençóis caseiros e, no centro da sala, como que dominando o ambiente, estava uma mesa metálica,

alta, toda de aço cromado, coberta com um lençol e correias de couro pendendo nas laterais.

– Meu bem! – ouviu-se a voz afável da enfermeira. O menino voltou-se irritado com o tratamento carinhoso, pois o fazia sentir a criança que era. – Dispa-se e coloque este avental. Ele puxou a camisa sentindo o perfume de roupa lavada, o que o fez pensar na mãe. Em seguida, começou a despir a calça, interrompendo pela lembrança de que desde pequeno ensinavam que não se devia ficar pelado na frente de uma mulher. Ao perceber o embaraço, a enfermeira virou-se de costas, não sem antes esboçar um sorriso matreiro. Enquanto vestia o avental, conjecturava sobre o tipo de exame a que o pretendiam submeter, pois já era o décimo de uma série, embora nenhum dos outros apresentasse este cerimonial e cenário. Assustou-se com a sensação que se assemelhava a um boi à espera do abate. Lembrou dos diálogos misteriosos com os pais durante o dia, pois respondiam as suas perguntas com a voz trêmula de emoção contida.

– Deite-se na mesa – ordenou a enfermeira.

Estirado na mesa, o olhar fixava-se numa espécie de holofote pendente no teto. A cabeça então se movia ora para a direita, ora para a esquerda, observando o ambiente. Aqueles aparelhos ou máquinas davam a impressão de estarem espiando o seu corpo, como que para avaliar o objeto da investigação.

A enfermeira então se aproximou e aplicou uma injeção que fez com que o garoto relaxasse enquanto assistia a sua movimentação. Agora já vestindo luvas de borracha e usando uma Gillette, barbeou grande parte do seu corpo.

– Sabe qual é o destino destas cordinhas? – perguntou sorrindo e suspendendo pequenos tubos levantando o braço. Vão percorrer todo o seu corpinho – completou sorrindo da expressão indignada do menino.

– Estas cordinhas – continuou – chamam-se cateter. E continuou uma enfadonha exposição, interrompida pela entrada no ambiente do personagem que alterou o “clima”.

A enfermeira ficou quieta e seus procedimentos foram substituídos pelas ordens de comando precisas do personagem e pela movimen-

tação daqueles que o acompanhavam. O barulho dos sapatos de borracha e do funcionamento dos equipamentos tomavam conta da sala.

A um sinal do comandante, um constrangedor silêncio tomou conta do ambiente. O doutor adiantou-se, balançando o corpo, mancando, o que demonstrava dificuldade de locomoção e desajeitadamente sentou-se numa cadeira colocada ao lado da mesa, consultou o relógio e disse:

– Falta pouco para as duas horas.

Fitou o jovem por alguns segundos, o que possibilitou melhor observação do menino. Metido entre os seus dentes via-se um cachimbo apagado. Abaixo do bigode sustentava-se um espesso bigode e era dotado de pronunciada protuberância abdominal. Era um indivíduo curioso, mas com aparência do cidadão comum. Transmitia segurança.

Transcorrido algum tempo de meditação, ele formulou algumas perguntas, utilizado um tom afetivo.

– Qual o seu nome?

– Onde você mora?

– Você estuda? O quê?

– Meu caro – continuou – você deve saber que o coração é uma máquina, e como um motor de automóvel, tem válvulas. Nós sabemos que muitas das máquinas que andam por aí, apesar de novas, apresentam defeitos ou falhas, ora de fabricação, ou de falta de manutenção adequada ou ainda por deficiência do material empregado. A tua máquina apresenta algumas dessas tais falhas. Nós sabemos que pelo menos uma das válvulas está suja e com algum entupimento. O tom de voz era calmo, compassado, mas a expressão do rosto era grave, prenunciando momentos difíceis.

– Hoje – continuou – vamos dimensionar a proporção desta sujeira e vamos precisar da tua colaboração. Asseguro que você está entre amigos que compartilham e são solidários com os desafios que você vai enfrentar. Essa amizade tem que ser retribuída, pois sem a tua colaboração os obstáculos serão maiores. Nós contamos com você – fez uma pressão generosa no braço do garoto, levantou-se e pronunciou uma ordem de comando para a equipe. – Vamos ao trabalho!

Ele afastou-se um pouco, enquanto os braços e pernas do garoto ficavam presos, imobilizados pelas correias de couro que o prendiam à mesa. A sala então se transformou, inundando-se de um branco imaculado: médicos, enfermeiras e auxiliares distribuíram-se em diferentes funções. Uma quase semicircunferência metálica limitava a visão do paciente, reduzindo para ele a luz do ambiente.

Parecendo distante, uma voz feminina procurava tranquilizar.

– Vamos raspar os pelos da sua perna, da virilha e do peito, depois limpar cuidadosamente. Não se assuste.

Aos sinais de reflexo, ela respondia em tom alegre e compreensivo:

– Não se preocupe, pois além de ter prática, estou usando gilete nova.

– Prática sei que tem – balbuciou o paciente nervoso e amedrontado –, mas cuidado para não danificar nada, né dona. – Ninguém sorriu, o que demonstrava que o momento não era adequado para brincadeiras. Alguns minutos depois o rapaz sentiu uma agulhada na virilha, retesou os músculos e aos seus reflexos ouviu-se uma voz:

– Tenha calma, estamos somente começando.

Sem dor, experimentava a sensação de papelão sendo cortado na virilha e a introdução das cordinhas mencionadas na artéria. Elas passaram como que a viajar pelo corpo do paciente. Utilizando as artérias, ultrapassaram os intestinos, provocando perturbações semelhantes às dores de barriga, até alcançar as imediações das costelas. Aí estacionou fazendo o garoto sentir-se retorcer, qual uma cobra a tentar digerir um volumoso alimento.

Ouviu outra vez a voz de comando, agora com entonação conciliadora, apelando:

– Amigo, nós precisamos contar com a tua colaboração, pois embora nada do que te poderia dizer vai ajudar a acalmar o que você vai sentir.

Bem próximo, a mesma voz murmurou:

– Seja homem.

Seguiu-se um silêncio absoluto na sala enquanto o rapaz sentia o lençol ser afastado descobrindo o seu peito. Um líquido refrescante umedeceu-lhe o corpo, mãos apalparam as suas costelas, criando uma misteriosa e aterradora expectativa. Sentiu uma picada logo abaixo do mamilo esquerdo, o que provocou um grito e a tentativa de mover braços e pernas, presos pelas cintas de couro ligadas à mesa. Sentiu que estava sendo injetado um anestésico no peito. Passados alguns segundos, que ao paciente pareciam horas, a sua pele na altura do peito começou a ser cortada qual papelão e sentiu então algo sendo inserido, separando dois ossos curvos das costelas que constituem a caixa torácica.

Ouvia-se um som escabroso que lembrava os produzidos por um corvo ao dilacerar uma fétida carniça. Eram instrumentos penetrando o corpo do menino que suava intensamente, apavorado.

– Pressão? Eletro?...

– Zero, normal, ritmo alterado...

Perguntas e respostas imediatas se alternavam.

O paciente sentiu paralisar a operação de penetração de instrumentos, agora bem próximos do seu coração. Daí em diante ele começou a experimentar sensações de profunda instabilidade, como se estivesse à beira de um abismo profundo. Sensações de frio e calor. Algo tocava no seu coração, provocando alterações no batimento cardíaco, dor e insegurança.

– O que estão fazendo comigo? – gritou apavorado.

Parecia estar sendo atingido por facas imaginárias, penetrando e se afastando, enquanto seus dedos tatearam até reunir uma porção do lençol na mão, apertando-o retesando os músculos do corpo.

- Relaxe os músculos! – bradou a voz de comando.

Sentiu então a aproximação de alguém, que identificou como sendo a enfermeira que o recepcionou, que sussurrou no seu ouvido com voz carinhosa:

– Calma, Luiz! Lembra daquelas cordinhas? Elas foram introduzidas na artéria da virilha, percorreram o corpo até alcançar o coração, onde vão injetar um líquido que vai produzir contraste, para possibilitar metros de filme que vão demonstrar como está o funcionamento do seu

coração. Fique calmo e seja corajoso – continuou. – Mais alguns instantes e vamos terminar depois de puncionar o local da lesão e extrair material necessário para análise.

Enquanto isso, na altura do calcanhar, começou a se movimentar, muito lentamente, uma, no princípio, quase imperceptível fonte calorífica que aumentava de intensidade à medida que progredia no corpo. Quando alcançava a cabeça, o corpo experimentava a sensação de estar submetido a um poderoso choque térmico.

O garoto parecia tomado por alucinações, gritava os palavrões que vinham à mente de forma desordenada até que no que parecia ter atingido o clímax, silenciou por instantes como que tomado pela presença de uma imagem não identificada.

– Deus! Ajude-me! – gritou e repetiu por diversas vezes.

E o processo exploratório dos médicos continuava, ora provocando batimentos desenfreados do coração, ora reduzindo as oscilações. O paciente parecia submetido aos efeitos de uma droga que levava da euforia à depressão e vice-versa. O processo se repetiu por períodos que pareciam horas. Até que, como que por encanto, tudo parou.

O paciente descobriu-se a sós com a enfermeira depois de cinco horas como personagem do laboratório da vida. Silenciosamente, os médicos tinham saído da sala. Foi então colocado sobre uma maca e conduzido à saída da sala, onde encarou a mãe e o pai, os dois com face contraída demonstrando angústia e uma ponta de alegria por constatarem que o filho estava bem.

Um cidadão vestindo um guarda-pó branco apareceu e começou a conduzir a maca. Os pais, a cada passo, balbuciavam expressões de carinho, compartilhando a emoção do momento. Percorreram diversos corredores até alcançarem uma sala grande, com sete leitos, ocupados por sete pessoas que lançaram olhares curiosos sobre os recém-chegados.

Os pais aguardaram o enfermeiro ajeitar o garoto na cama e então se aproximaram afagando-o carinhosamente. Como está? Como se sente? Ficaram algum tempo em silêncio. A mãe olhou em volta, observou os outros ocupantes da sala, cumprimentando um a um, como que bus-

cando aliados para compartilhar a sua angústia. Passados alguns minutos, ouviu-se passos apressados se aproximando. Era o Dr. Delmonte, o amigo de Curitiba. Lançou um olhar para o menino e aos pais dizendo com uma voz que transparecia otimismo e transmitia confiança.

– A intervenção correu bem, e o garoto demonstrou muita coragem porque nós sabemos as dificuldades pelas quais passou. Hoje, a equipe médica já está analisando os exames e amanhã deveremos repassar os resultados. Normalmente, o procedimento pós-operatório recomenda cuidados de acompanhamento constante, num ambiente com estrutura técnica para monitorar as condições do paciente. Chamamos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva). Entretanto, o hospital está sobrecarregado de pacientes e não temos unidades suficientes para atender à demanda. Por isso, ele vai permanecer nesta sala que chamamos de enfermaria. Aqui, médicos e enfermeiros acompanham os pacientes e cuidam de cada um na medida das suas necessidades, mas amanhã pela manhã, depois da avaliação dos resultados, provavelmente daremos alta para ele. Hoje vocês devem retornar ao local onde estão hospedados, pois não há espaço aqui para acompanhantes, mesmo porque o regulamento do hospital não permite.

O médico respondeu às perguntas dos pais, despediu-se do menino que tinha na face uma expressão como que de alegria por estar ali, e não na sala onde passara atormentado. Como a noite se aproximava, e tendo em vista que a enfermeira avisou a família que, como estava próximo das dezoito horas, o horário de permanência estava praticamente encerrado. Alguns minutos de conversa, demonstração de carinho dos pais, que então se afastaram para a saída. A mãe não conteve as lágrimas e recebeu o apoio do marido que apoiou o braço sobre o seu ombro.

Ele olhou ao redor, observou o silêncio dos demais ocupantes da sala e gostou da sua amplitude. Dormiu em seguida, acordando por vezes assustado e lembrando-se dos acontecimentos na sala de cirurgia. Sentia dores, mas era no estado de espírito algo deprimido que experimentava maior desconforto. Veio a noite, e ele acordou por ouvir um som no leito ao lado. Chorarô constante, entrecortado por lamúrias ininteligíveis, lamentos e reclamações de situação de desconforto, dor,

sensação de abandono e mais choro. O som vinha de um jovem que parecia ter idade próxima da sua e tinha aparência humilde, com sotaque característico do interior.

Os dois começaram uma conversa de meninos e compartilharam suas dores, de onde vieram e o que sentiam por este momento. De tempos em tempos, o rapaz parava de conversar e emitia lamúrias explicando que vinha de um sítio numa pequena cidade do interior de São Paulo e desde pequeno sentia dores nos músculos, nos ossos e nas juntas do corpo. À noite, seus pais aplicavam compressa com panos quentes, procurando acalmá-lo. Os anos foram passando e a sensação se agravava. Era como se os músculos não acompanhassem o desenvolvimento dos ossos.

– E assim foi a minha vida – falou. – Meus pais eram lavradores muito pobres até que alguns amigos juntaram dinheiro suficiente para irmos à capital para consultar um médico para tentar descobrir por que e de onde vinham essas dores. Percorremos vários consultórios até chegarmos aqui. Exames, exames e mais exames e ainda estou aqui – disse. – Dizem que o meu coração está fraco e outras coisas mais. Mas continuo aqui.

Cada frase era interrompida por mais lamúrias e choros. Assim foi até tarde da noite. O menino dormiu e o vizinho ficou quieto.

Quando amanheceu, ele abriu os olhos e viu assustado médicos e enfermeiras impedindo que ele enxergasse o vizinho. Quando se afastaram, viu o lençol cobrindo o corpo e o rosto do companheiro. E um enfermeiro veio mais tarde retirar o corpo com uma maca.

Ainda assustado, viu entrarem na sala um médico seguido de jovens homens e mulheres. O doutor observou os prontuários de todos os ocupantes dos leitos e se deteve no garoto do Paraná. Leu o conteúdo da papeleta e detalhou a enfermidade e a intervenção cirúrgica ainda experimental em busca de um diagnóstico e a amplitude do dano cardíaco. Olhou o paciente apalpou o seu peito para demonstrar aos alunos os procedimentos recomendados. Afastou-se e os alunos se aproximaram, cada um tocando no mesmo ponto onde foi realizada a intervenção,

tornando-se doloroso. Mas logo se encerrou a aula com os estudantes se retirando.

Irritado, o menino alegrou-se com chegada dos pais.

– Acabamos de falar com os doutores. Eles disseram que o resultado dos exames foi bom. Existe a obstrução na válvula aorta, mas não grave o suficiente para exigir um procedimento radical. Recomendam que venhamos a São Paulo a cada dois anos para eles acompanharem a evolução. A medicina ainda não desenvolveu técnicas adequadas, devemos aguardar as pesquisas e o progresso tecnológico – relatou a mãe.

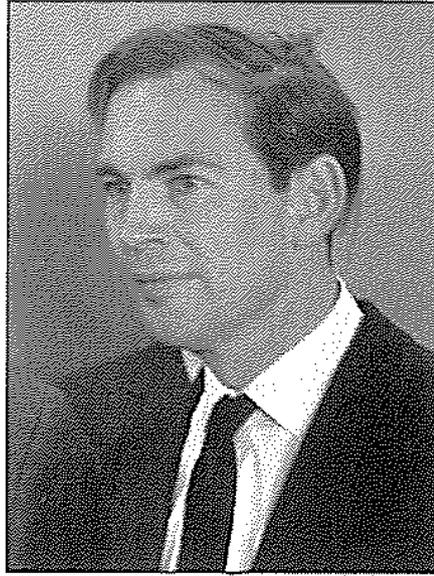
No final da tarde, o médico deu alta. Eles foram para o hotel e conversaram até tarde da noite. Alegres e satisfeitos, no dia seguinte, retornaram a Curitiba.

## **A ESPERA DO TEMPO DA TECNOLOGIA**

Os anos que se seguiram foram marcados por uma rotina de procedimentos, de contínuo acompanhamento do progresso tecnológico para fazer frente à evolução do paciente e o seu comportamento diante de cada desafio que se apresentava.

Novas descobertas eram divulgadas e debatidas. Os cirurgiões de todas as partes do mundo expunham suas pesquisas, e a mídia preponderante dos jornais se encarregava de alimentar uma competição para saber quem chegaria em primeiro lugar para ocupar as manchetes. Não era diferente entre os médicos que defendiam o procedimento cirúrgico como solução inevitável para os enfermos cardíacos. O trabalho frenético das equipes médicas se espalhava por todo o mundo.

Aqui no Brasil, todos estavam atentos e esperançosos no time do Dr. Zerbini. As manchetes jornalísticas, somadas ao empenho de figurar nas colunas sociais, fizeram despontar a figura de um até então desconhecido cirurgião sul-africano, chamado Christiaan Barnard. Ele desenvolvia técnicas de transplantes cardíacos e não escondia o desejo de ser o primeiro a alcançar este objetivo.



Christiaan Barnard - Fonte: Wikipédia

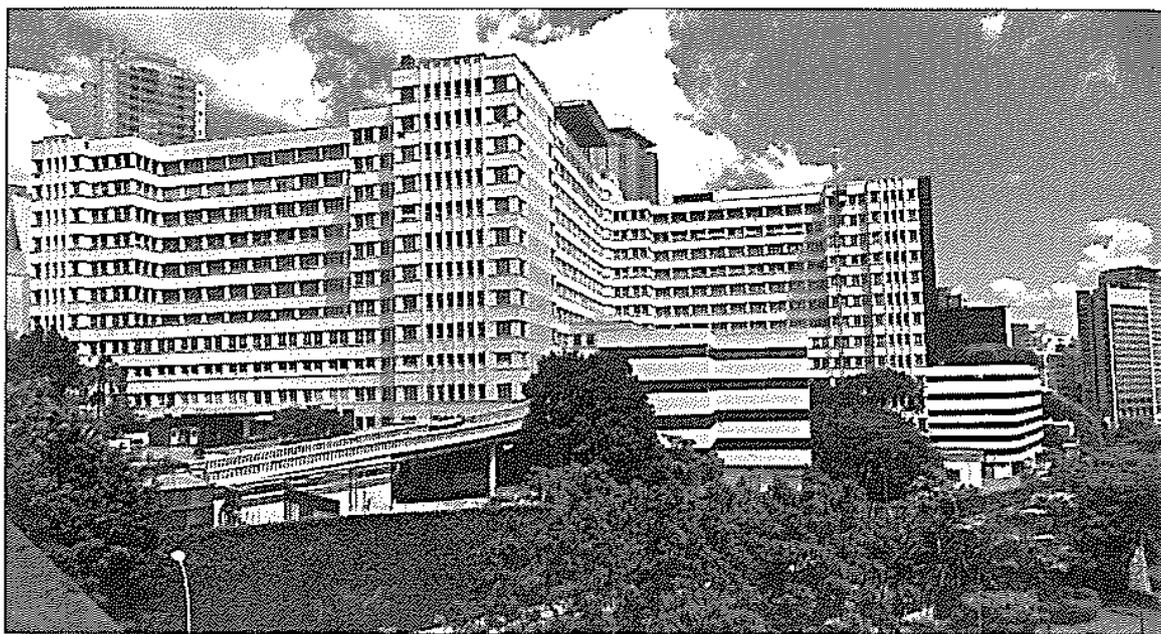
Em 3 de dezembro de 1967, o cirurgião sul-africano fazia o primeiro **transplante de coração** humano. O paciente só sobreviveu 18 dias.

Enquanto isto, o garoto completava em Curitiba a carreira esportiva. Submetia-se, de seis em seis meses, ao exame do Dr. Gastão e de dois em dois anos precisava ir a São Paulo para investigação cuidadosa e acompanhamento para avaliar se houvera alguma alteração em seu estado de saúde.

O diagnóstico de repetia: “Devemos aguardar o desenvolvimento da tecnologia.” Essa frase martelava a sua cabeça a cada dois anos.

Já universitário, decidiu ir a São Paulo para novas consultas, levando desta vez a determinação de se submeter à intervenção cirúrgica, pois a insegurança e as limitações dos seus sonhos o abatiam. Dessa vez observou que o Hospital das Clínicas não monopolizava o atendimento à saúde, dividindo atribuições com novos e antigos hospitais agora modernizados. É verdade que estes serviços, agora, representavam custos adicionais.

A equipe do Dr. Zerbini encaminhou o paciente para o Hospital Beneficência Portuguesa, para fazer avaliações e exames detalhados. Estavam preocupados com a determinação que ele demonstrava de se submeter à intervenção cirúrgica. Dizia que, de uma vez por todas, queria saber se podia ou não começar a construir o seu futuro com menos riscos.



Beneficência Portuguesa de São Paulo - Fonte: Google

Permaneceu por doze dias internado, submetendo-se a uma bateria de exames e avaliação diária de médicos de diferentes especialidades. Terminado esse prazo, vários médicos da equipe adentraram o quarto e discorreram detalhadamente as condições do paciente. Nada indicava a necessidade de ser realizada a intervenção cirúrgica, pois os exames demonstravam normalidade.

Dr. Zerbini, acompanhado do clínico Dr. Radi Mcruz, se aproximaram e transmitiram as suas conclusões:

– Como expusemos, você não vai ser operado agora, esta é uma decisão minha e não do paciente. Nós avaliamos que o fato de você ter praticado esporte, o que resultou em maior envergadura torácica, o que possibilitará adequação a uma eventual dilatação do coração. Segundo ponto a considerar está em que hoje a sua válvula danificada seria substituída unicamente por uma experiência de sucesso ainda não comprovado, de implantação de uma válvula de um animal suíno. Você estaria se submetendo a condição de cobaia para uma experiência com riscos. Por isso, repito, o momento não é adequado, pois as técnicas estão evoluindo numa velocidade significativa e temos experiências realizadas aqui e em outros países que dão conta de que estamos próximo de alcançar soluções novas e mais seguras.

O paciente balbuciou um protesto, mas foi interrompido pelo clínico.

– Você está bem. Neste momento não apresenta nenhuma enfermidade incontrolável, o que nos diz que devemos aguardar a evolução científica. Pode desfrutar de uma vida normal, monitorada periodicamente, para, quando chegar o momento adequado, tomarmos uma decisão mais extremada.

“Vou começar a construir o meu futuro”, pensou o menino.



## 4 - UNIVERSIDADE 1966

Aprovado no vestibular da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná, deparava-se com um mundo novo. Em dois anos teve a iniciação em cálculo e traços que faziam a história da engenharia.



Centro Politécnico - Fonte: Google

A cada ano que passava as relações pessoais se estreitavam, ao ponto de cada colega detectar nos outros aspectos de personalidade, de ideias e comportamento diferenciados, entre uns e outros.

Existiam aqueles que desejavam a manutenção do *status quo*, ou seja, entendiam que as coisas deveriam permanecer no estado presente; outros acreditavam que era preciso pensar no futuro, reestabelecer direitos do indivíduo e da sociedade. As posições não eram claras e por isso as pessoas transpareciam o sentimento de insegurança. É o presente que estava em jogo, e o futuro era incerto. Era este o ambiente que dividia opiniões. A política era um tema proibido, mas todos sabiam que sem a prática os objetivos estavam mais distantes dos que queriam mudar e daqueles que acreditavam em manter. Para dirimir esta dúvida restavam duas opções: defender o regime político vigente ou confrontá-lo. Éramos espectadores, não protagonistas.

Ele entendeu que estava conhecendo outras facetas do novo mundo: a política. Gostava de leitura e ansiava por entender melhor as pessoas.

## **ANALFABETO POLÍTICO**

**Bertolt Brecht**

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política.

Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e o lacaios das empresas nacionais e multinacionais.

O país vivia nesta condição até o ano de 1968, quando os acontecimentos começaram delinear e deixar mais claros os fatos.

## GOLPE, MOVIMENTO OU DITADURA

“O Golpe movimento ou ditadura de Estado no Brasil em 1964 designa o conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, que culminaram, no dia 1.º de abril de 1964, com um golpe militar que encerrou o governo do presidente democraticamente eleito João Goulart, também conhecido como Jango.

Os militares brasileiros favoráveis ao golpe e, em geral, os defensores do regime instaurado em 1964 costumam designá-lo como “Revolução de 1964”, “Contragolpe de 1964” ou “Contrarrevolução de 1964”. Todos os cinco presidentes militares que se sucederam desde então declararam-se herdeiros e continuadores da Revolução de 1964.

Já a historiografia brasileira recente defende a ideia de que o golpe, assim como a ditadura que se seguiu, não deve ser considerado como exclusivamente militar, sendo, em realidade, civil-militar. Segundo vários historiadores, houve apoio ao golpe por parte de segmentos importantes da sociedade: os grandes proprietários rurais, a burguesia industrial paulista, uma grande parte das classes médias urbanas (que na época girava em torno de 35% da população total do país) e o setor conservador e anticomunista da Igreja Católica (na época majoritário dentro da Igreja) que promoveu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada poucos dias antes do golpe, em 19 de março de 1964.

Jango havia sido democraticamente eleito vice-presidente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – na mesma eleição que conduziu Jânio da Silva Quadros, do Partido Trabalhista Nacional (PTN), à presidência, apoiado pela União Democrática Nacional (UDN). O golpe estabeleceu um regime autoritário e nacionalista, politicamente alinhado aos Estados Unidos, e marcou o início de um período de profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. O regime militar durou até 1985, quando Tancredo Neves foi eleito, indiretamente, o primeiro presidente civil desde 1964.

Golpe de Estado no Brasil em 1964, Parte da Guerra Fria.

## **MAL. HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO**

Castelo Branco, apesar das promessas de retorno ao regime democrático, inaugurou a adoção de Atos Institucionais como instrumentos de repressão aos opositores. Com isso, fechou associações civis, proibiu greves, interveio em sindicatos e cassou mandatos de políticos por dez anos, inclusive o do ex-presidente Juscelino Kubitschek

Castelo Branco e seus partidários afirmavam que tinham como plano dar o Golpe Militar para afastar do Brasil o suposto “perigo comunista” e, logo em seguida, restabelecer e consolidar a democracia. Contudo, o ministro da Guerra de Castelo Branco, e que o sucederia, Costa e Silva, tinha um pensamento contrário, favorável a um regime militar mais severo no combate ao que chamava “subversão”. Costa e Silva fazia parte da chamada “linha dura”, corrente civil-militar mais ligada a serviços de inteligência dos Estados Unidos; segundo apoiadores de Castelo Branco, Costa e Silva teria sido quem estabeleceu de fato o regime militar, no Brasil, em 13 de dezembro de 1968, com o AI-5, regime chamado de “intervenção militar” no Brasil.

A sucessão do presidente Castelo Branco dividiu os militares brasileiros, pois de um lado encontravam-se aqueles que eram oriundos da Escola Superior de Guerra (o denominado “grupo Sorbonne” ou “castelistas”) e do outro, a “linha dura”, seguidores da filosofia da Escola de Guerra de Fort Leavenworth e liderados pelo ministro de Guerra; o Costa e Silva.

## **GAL. ARTHUR DA COSTA E SILVA**

Na luta entre os dois grupos, saiu vencedor o grupo da linha dura com o general Artur da Costa e Silva, que futuramente veio a tornar o regime mais autoritário com a decretação do AI-5. No dia da eleição Costa e Silva completava 67 anos. (Wikipédia)

O ano de 1968 é conhecido como “O ano que não terminou”, e entrou para a história como um ano extremamente movimentado e cheio de acontecimentos importantes, como o assassinato de Martin Luther King e de Robert Kennedy, a Guerra do Vietnã, além de inúmeras manifestações, sobretudo estudantis, contra a Guerra do Vietnã e contra os regimes autoritários vigentes em diversos países do mundo, sobretudo na América Latina. No Brasil, o ano foi marcado pela instituição do AI-5 pelo então Presidente Costa e Silva. Eleito Presidente da República em 3 de outubro de 1966 e empossado em 15 de março do ano seguinte, o Marechal Artur da Costa e Silva inaugurou o período mais repressivo do Regime Militar de modo a preservar os objetivos do movimento que depusera João Goulart, ainda que às custas de um fortalecimento do Executivo e do endurecimento do regime em detrimento dos demais poderes e instituições constituídas do país e em oposição à sociedade civil organizada. Reflexo disso é que, em pouco mais de trinta meses de governo e mesmo sob a égide da Constituição Federal de 1967, seu governo editou oito atos institucionais e vinte e quatro atos complementares em resposta ao quadro de radicalização política que culminaria com a decretação do AI-5 em 13 de dezembro de 1968, ano das mais intensas manifestações contra o governo militar, sobretudo as oriundas do movimento estudantil.

A partir de então recrudescem as ações do governo de modo a restaurar seu controle sobre a vida sócio institucional do país não raro perseguindo e torturando (em especial através da “Operação Bandeirantes”, embrião do DOI-CODI) os “subversivos” e opositores do regime que por sua vez respondiam através de sequestros e ações de guerrilha. Tal impasse justificava, então, o endurecimento governamental. Imaginava o poder militar, porém que, uma vez debelados os focos de resistência, seria possível restaurar a “normalidade” e nisso teria sido encomendado o anteprojeto de uma nova carta magna ao vice-presidente Pedro Aleixo, entretanto a doença do presidente Costa e Silva e seu posterior afastamento em razão de uma trombose cerebral abortaram as articulações nesse sentido.

## JUNTA MILITAR

Preocupada com a preservação do ideário e objetivos do movimento militar de 1964 a “linha dura” do regime retirou o vice Presidente Pedro Aleixo da sucessão, tomou em suas mãos as rédeas do processo político e já em 31 de agosto de 1969 tomou posse uma Junta Militar composta pelo General Aurélio de Lira Tavares (Ministro do Exército), pelo Almirante Augusto Rademaker (Ministro da Marinha) e pelo Brigadeiro Márcio de Sousa e Melo (Ministro da Aeronáutica) impedindo assim que a sucessão se fizesse em favor do vice-presidente como previa a Constituição. Menos de uma semana após a investidura desse triunvirato no poder foi editado o Ato Institucional Número Treze que punia com a pena de banimento os brasileiros considerados “ameaça à segurança nacional” e ainda o Ato Institucional Número Quatorze, cujo teor previa a pena de morte e a prisão perpétua para os casos de “guerra revolucionária e subversiva”. Tais medidas vieram a público graças a repercussão em torno do sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick em 4 de setembro de 1969 por adversários do regime militar e sua libertação em troca de por um grupo de quinze prisioneiros políticos, dentre os quais estava José Dirceu, que anos depois viria a integrar o governo Lula. Após o fim do sequestro a Junta Militar sancionou (em 18 de setembro) a nova Lei de Segurança Nacional.

Embora vice-presidente “de direito”, Pedro Aleixo foi tratado como mera figura decorativa e não teve esquecido pela cúpula militar seu voto contrário à edição do AI-5 e nisso o mandato tanto de Costa e Silva como de seu vice foram declarados extintos em 6 de outubro de 1969 e no dia 17 do mesmo mês foi outorgada uma nova Constituição, oficialmente denominada de “Emenda Constitucional Número Um”, na prática a legalização dos princípios defendidos pela “linha dura” militar.

Durante os trabalhos da constituinte de 1988, Ulysses Guimarães denominou os membros da Junta Militar de “os três patetas”, no que

foi respondido por Antônio Carlos Magalhães, para quem o deputado paulista deveria ter dito isso em 1969. Não houve tréplica.

## **GAL. EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI**

Governou de 1969 A 1973.

Em 22 de outubro o Congresso Nacional foi reaberto após dez meses de recesso e nesse mesmo dia o General Emílio Garrastazu Médici e o Almirante Augusto Rademaker foram indicados candidatos a presidente e a vice-presidente da República sendo eleitos no dia 25 e empossados no dia 30 de outubro de 1969. Rademaker foi o responsável por passar a faixa presidencial para Médici.

O período de cinco anos que corresponde ao mandato do presidente Emílio Garrastazu Médici (Arena), de 1969 a 1974, foi o único momento em que o regime conquistou estabilidade política. Médici conseguiu apaziguar os quartéis. Por esse motivo o governo Médici correspondeu ao período da maior onda de repressão política da história do país.

## **O MILAGRE ECONÔMICO**

O desenvolvimento e crescimento econômico advindos da estabilização da economia contribuíram para o chamado milagre econômico” O desenvolvimento e crescimento econômico advindos da estabilização da economia contribuíram para estabilidade governamental.

Entre 1969 e 1973, a economia brasileira registrou taxas de crescimento que variavam entre 7% e 13% ao ano. O setor industrial se expandia.

## REPRESSÃO

O governo Médici foi responsável pela eliminação das guerrilhas comunistas rurais e urbanas. Ancorada pelo Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, a repressão às manifestações populares e às guerrilhas foi bastante pesada. A resistência passou a ser armada, com assaltos aos bancos para obter esse artifício; atentados contra militares; sequestros de pessoas beneficiadas pelo regime e treinamento de guerrilhas.

O governo reagiu com mão de ferro e a repressão endureceu. Foi centralizado o comando da polícia política dentro do exército e passou-se à ofensiva. O comando da repressão foi dado ao ministro do exército, Orlando Geisel.(Wikipédia)”

Enfim, estes acontecimentos evidenciaram a importância que a política exercia sobre as pessoas, despertando a sensibilidade social. Embora o nível de informações fosse limitado (a censura imperava e não existiam os recursos tecnológicos de comunicação hoje disponíveis), as pessoas tomavam conhecimento do desaparecimento de colegas, alterações no processo de ensino separavam os estudantes, o que alimentava conflitos. Afrontavam o poder quando protestavam e eram contidos pelas forças militares que comandavam o país. De um lado, o dos estudantes, tinha articuladores que os mobilizavam para o enfrentamento. Do outro militares e políticos engajados no sistema. A ocupação do prédio da reitoria da universidade e o confronto das balas de gude (burico) com a cavalaria armada foram emblemáticos para o garoto compreender o que estava se passando.

O jovem sentia-se protagonista, observador, e entendia o perigo do caminho do conflito, mas não admitia a manipulação de ativistas ou cooptação pelo sistema. Este ambiente o acompanhou até finalizar o curso. Meses antes do término, começou a construir a ideia de que era preciso ter posição definida e compartilhar com os colegas. Elaborou o discurso para ser pronunciado no momento da formatura, com o pro-

pósito de acalmar os ânimos, sem deixar de expressar a indignação com o cenário que vigorava.

Agitação! Este era o ambiente nos corredores da faculdade. Fervilhavam entre os estudantes os cenários prováveis para o tempo que se avizinhava: a conclusão do curso. Emprego, falta de oportunidade, responsabilidade pelos desafios que se apresentavam, discussões em torno da situação política do país eram motivo das angústias e polêmicas. A lanchonete era o ponto de encontro dos debates. Aí se observava o debate em separado de duas correntes de pensamento: uma defendendo a manutenção do sistema de governo em vigor, dominado pelos setores militares; outra também radical, de contestação do regime. O espaço era disputado entre os dois lados. O final do curso se aproximava e o confronto de posições se acentuava.

Todo este cenário era observado por LC, que ouvia os discursos acalorados de parte a parte. Assim começou a germinar a ideia de encontrar um ponto comum para evitar o confronto. Tinha a convicção de que não era em qualquer dos lados que encontraria a solução que todos desejavam. Era preciso buscar uma proposta alternativa. Neste momento, iniciou a formatação e os termos do discurso de formatura dos engenheiros, que entendia como instrumento de conciliação de ideias. Com essa meta desenvolveu o pensamento.

Alguns meses depois, o auditório da escola estava lotado. Os alunos foram convocados pela comissão de formatura para participar da discussão da agenda do evento. A reunião começou e já se notava que os integrantes da comissão tinham preparado o cenário para convalidar suas próprias escolhas.

Ao adentrarem o auditório, LC e alguns amigos miraram o ambiente e constataram que a primeira fila estava ocupada pelos membros da comissão e na mesa central somente o presidente. Imediatamente se sentaram nas poltronas no centro do auditório.

Depois de iniciada a sessão, o presidente discorreu sobre a agenda do evento da formatura: solenidade, comemoração e festividades.

Após vencidos esses itens, colocou que entendia o momento como adequado para a definição do orador da turma, a quem cabe-

ria a responsabilidade de verbalizar para a sociedade o sentimento e as ideias dos formandos. Adiantou então que a comissão reunira-se para indicar um colega para a tarefa. Mencionou o nome escolhido e sugeriu a aprovação dos presentes. Começou pela consulta aos que estavam na primeira fila. Quando o encaminhamento se dirigiu à segunda, o auditório manifestou surpresa, pois LC levantou-se e disse que ele também era candidato a orador; assim, sentou-se em seguida. O ambiente ficou acalorado. A comissão desconcertou, se reorganizaram e propuseram que a escolha acontecesse agora, através de voto.

LC levantou novamente e disse, levantando o braço com folhas de papel à mão:

– Não me parece justo, pois tenho o discurso já elaborado, e cada um deve ter disponível o tempo necessário para construir as suas ideias.

A polêmica se instalou, mas foi decidido realizar nova reunião em uma semana, para deliberar sobre a escolha por votação, após a apresentação de cada discurso. Assim foi feito, e uma semana depois os corredores e a lanchonete estavam tomados pelos diversos grupos que então seguiram para o auditório, o qual ficou completamente lotado.

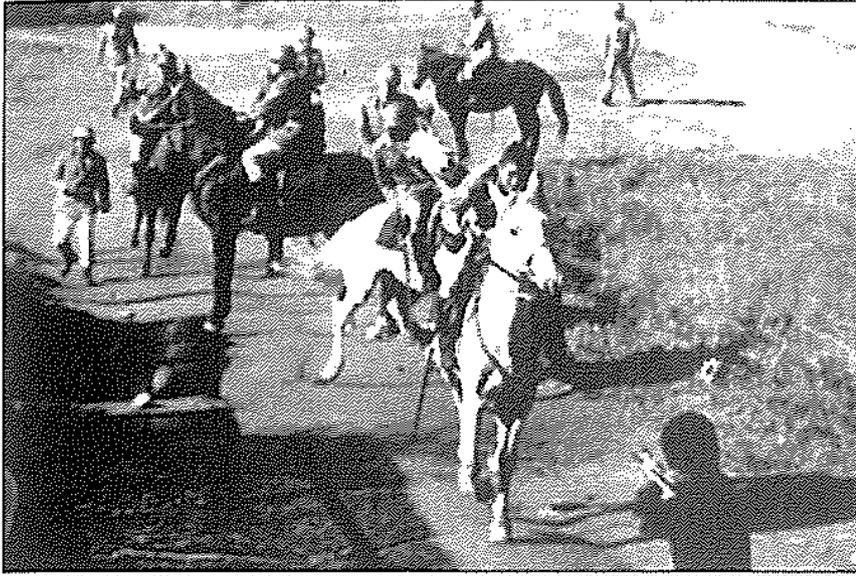
Era grande a expectativa para ouvir os discursos. Três candidatos se apresentaram.

A comissão determinou que o primeiro a discursar seria o seu proposto na reunião da semana anterior. Ele assim o fez defendendo a manutenção do regime político vigente pelos benefícios ao país, que entendia terem resultado das ações de governo.

O segundo a se manifestar expôs a necessidade mudar o *status quo*, exortando a importância de dar um fim à injustiça social que fazia tantos tão pobres, e poucos os ricos.

LC expôs em seguida o seu entendimento de liberdade, das expectativas e desafios a serem enfrentados no mercado de trabalho e contorno dos valores a serem preservados no país dos sonhos.

LC foi escolhido orador com mais de 80% dos votos.



Jovem empunhando um estilingue contra militares a cavalo, em 1968 – Foto: Edison Jansen

1971

## O DISCURSO

*Meus colegas,*

*Assumindo a responsabilidade de representá-los nesta hora, não nos propomos dizer as palavras fáceis que sempre e sempre ecoam nas solenidades de formatura.*

*A hora e o momento presentes não são aptos a que lancemos flores no espaço e confete em falsos ídolos.*

*Quando humildemente nos colocamos à vanguarda, para condensar ideias e transmitir anseios, visamos difundir a nossa mensagem e os nossos desafios.*

*A sociedade que nos espera lá fora, no mundo real de fora dos limites da universidade, anseia por nosso trabalho.*

*Não apenas como futuros instrumentos de um status quo já estabelecido, mas com a esperança de que possamos modificar as estruturas arcaicas que nos dominam, e a construir uma nova realidade.*

*Opinou-se, há algum tempo, estarem as rédeas do poder transferindo-se a uma nova classe dominante: “A casta dos administradores”.*

*Sentimos nesta asseveração novo alento à procura de resposta: pois somos uma parcela privilegiada da sociedade, em condições de principalmente buscar respostas.*

*Não só como administradores em potencial, mas também através o espírito público em nós desenvolvido.*

*Concluimos um curso!*

*Seremos, enfim, a partir deste momento, profissionais devidamente habilitados para compor os quadros deste complexo denominado tecnoestrutura.*

*Esta nova ciência, caracterizada pela aproximação progressiva do homem à máquina e vice-versa, onde os técnicos, através o domínio das máquinas computadoras, fornecem os dados que comporão as decisões humanas.*

*Adentramos hoje na arena real da vida!*

*A coletividade, que até então nos serviu de respaldo, anseia por significativas respostas.*

*Escolhemos este momento decisivo, limiar de uma nova etapa, para volver os olhos, ora para o passado, ora para o futuro das nossas consciências.*

*Propomos, afinal, que todos experimentemos viajar através dos possíveis caminhos que nos leve a vislumbrar os desafios desta nova etapa:*

*Um país nos aguarda, esperando que o auxiliemos a tornar-se nação!*

*Exige-se nos ser, sobretudo, esclarecidos e ter uma visão cósmica dos problemas humanos, para que não tenhamos os olhos gastos de tanto ver os nossos papéis vegetais, e nos tornemos incapazes de enxergar a realidade:*

*“O nosso povo espera respostas para suas fomes, de alimentos e realizações”.*

*Estamos cansados de ouvir que o Brasil, país em desenvolvimento, precisa de técnicos.*

*Técnicos hoje somos, pois que formalmente recebemos a habilitação de engenheiros.*

*Mas, perguntamos, onde estão as condições de colocação imediata para que possamos desenvolver o nosso potencial de trabalho?*

*Muitos serão chamados, mas poucos os escolhidos.*

*Seria imprescindível uma reformulação na política diretiva do país, no sentido de se dar ao técnico, e conseqüentemente ao engenheiro, a estabilidade e segurança necessárias para garantir-nos profícuo desenvolvimento do nosso trabalho.*

*As dificuldades que encontraremos, bem sabemos, serão enormes.*

*Contudo, cabe-nos também hoje uma missão: a de lá fora, trabalhando, conquistarmos terreno para que os nossos futuros colegas, ao saírem da escola, tenham a tranquilidade de saber que terão recompensa financeira na razão direta da sua prestação de serviços.*

*Somos, finalmente, companheiros de uma geração profundamente preocupada... procurando ser o que somos, buscando realização no que faremos e uma verdade naquilo que cremos!*

*Geração profundamente preocupada... procurando encontrar para si um lugar no futuro dos povos!*

*Estes são alguns dos nossos desafios.*

*Concluímos um curso!*

*Surge-se nos agora a oportunidade de prestar condignamente nossas homenagens.*

*Seria inócua a nossa festa se neste momento não pudéssemos repartir a nossa alegria com quem nos é tão caro.*

*Em que pese o lugar que iremos incidir, mister se faz, por justiça e por direito, sejam proclamados vitoriosos, os heróis anônimos desta nossa conquista.*

*Sem eles talvez não estivéssemos presentes nesta solenidade.*

*Foi, sem dúvida, o calor humano do amor de nossos pais, o real estímulo da nossa luta!*

*Sem eles, a porfia seria ainda mais difícil.*

*E hoje sabemos, eles estão orgulhosos dos filhos que se tornaram profissionais liberais.*

*A vós, descerramos as portas dos nossos corações palpitantes, deixando fluir através delas sentimentos que simples palavras não alcançariam definição: Amor, Compreensão e Dedicção.*

*Dos mestres, talvez com algum esforço, conseguíssemos lembrar das mãos que pela primeira vez nos conduziram aos bancos escolares.*

*Já se passaram duas décadas desde então!*

*Durante a caminhada, sentimos as suas lutas, difundindo conhecimentos ou desbravando florestas que acobertavam novas causas.*

*Recordamos, finalmente agradecidos, nosso país, seu povo aguardando e contribuindo pacientemente, para que este momento se tornasse realidade palpável.*

*O que nos resta é responsabilidade que não olvidamos:*

***“Ao findar este século prestaremos  
Contas à nossa geração,  
Devemos então dizer ao mundo,  
Se fomos competentes para  
Construir uma grande sociedade,  
Ou se seremos sempre, e apenas, o país do amanhã!”***

*Arquitetos!*

*Criando e dispondo racionalmente espaços.*

*Engenheiros civis!*

*Sulcando florestas com suas estradas ou erigindo moradias e barragens.*

*Engenheiros eletricitas!*

*Fazendo emergir a luz quando a escuridão acobertar conhecimentos.*

*Engenheiros mecânicos!*

*Fazendo das máquinas, brotar o impulso para o desenvolvimento.*

*Unidos, haveremos de dar a nossa resposta!*

*Para tanto, se fará necessária a aliança da técnica ao bem comum; a integração do técnico como homem na sociedade, pois o Brasil precisa deles.*

*Necessita não daqueles que se conformam em permanecer nas planícies e encostas, mas sim daqueles que se propõem escalar montanhas e, do alto, vislumbrar os horizontes da vida, onde brilha o sol da esperança.*

*Sabemos, sobretudo, "A menos que Deus vele por nós, será inútil a vigília da sentinela."*

*Enfim, concluído o curso de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, ingressou na vida profissional como funcionário Público e empresário.*

*Encontrou a mulher dos sonhos e tiveram um casal de filhos.*



1986

## 5 - ENCONTRO COM A TECNOLOGIA 1

Trinta e nove anos, família constituída, vida profissional em desenvolvimento e saúde monitorada permanentemente pelo Dr. Gastão Pereira da Cunha, o médico cuja técnica predominante era a de tratamento clínico. “Recorrer aos procedimentos cirúrgicos somente quando os recursos clínicos não surtiram efeito”, afirmava. De tempos em tempos se estabelecia como que uma competição entre os médicos. Alguns defendiam a cirurgia como solução radical, outros, mais cautelosos, propunham aguardar o desenvolvimento de novas tecnologias enquanto ministravam remédios que mantinham o paciente em equilíbrio estável. Dr. Gastão estava entre os cautelosos.

Uma pontada de dor no peito durante uma caminhada fez com que o homem feito, de imediato, consultasse o seu médico. Mais uma vez o chamado cateterismo, exame repetido por intervalos de tempo, desde o primeiro em 1962. Dessa vez, o exame demonstrou que houveram alterações significativas no fluxo do sangue, decorrente da deformação valvular.

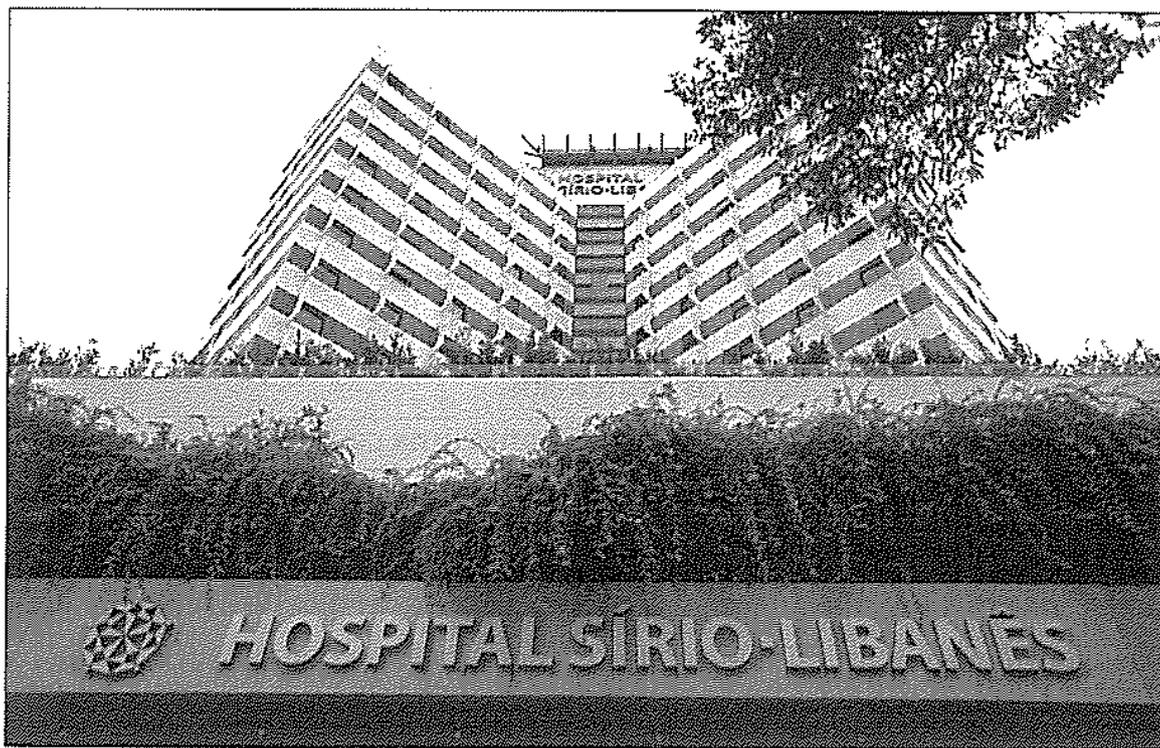
– Não há porque adiar, o momento exige intervenção cirúrgica – advertiu o médico.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento da tecnologia, e as aulas ministradas pelo Dr. Zerbini fizeram se multiplicarem os profissionais da medicina cardíaca. O cateterismo, exame que deu início à trajetória, quando demorou cerca de cinco horas, foi repetido a cada dois anos.

Decorrendo 20 anos da primeira intervenção, os novos tempos expunham os benefícios do avanço tecnológico: o exame era acompanhado pelo paciente através de uma tela de televisão que produzia imagem das “cordinhas” (cateter) percorrendo o seu corpo até alcançar a periferia do coração. Do início ao fim do procedimento decorreu apenas meia hora!

Dr. Gastão sugeriu dois nomes para serem consultados, de São Paulo, porque lá estava o histórico do paciente. Um dos médicos propostos trabalhavam no Hospital Sírio-Libanês. Um deles, o preferido dos famosos, era muito difícil de ser contatado. O outro chamava-se Dr. Luiz Carlos Bento de Souza, formado pela Universidade Federal do Paraná, fora aluno do Dr. Gastão e destacava-se como especialista renomado em cirurgias cardíacas, particularmente de válvulas.

Os quatro, o marido e a mulher Tânia, o pai e a mãe, agendaram a consulta e foram ao Hospital Sírio Libanês em São Paulo.



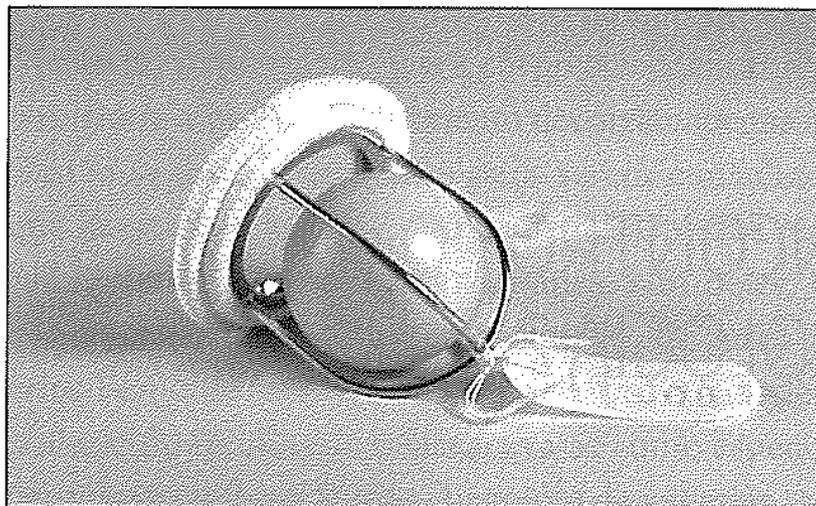
Fonte: Site Revista Veja - Breno Rotatori

O doutor os atendeu e depois de avaliar os exames anteriores, determinou a realização uma bateria de nova apuração para analisar as condições do paciente. Completados, concluiu pela necessidade de cirurgia. Em seguida, explicou pausadamente as características da intervenção.

## 6 - ENCONTRO COM A TECNOLOGIA 2

– É uma intervenção para recuperar a saúde do seu coração, reparando danos no órgão ou nas artérias ligadas ao coração. A opção entre válvula mecânica ou biológica é um dos principais questionamentos para troca de válvula do coração. Se você estivesse numa idade mais avançada, nós colocaríamos uma válvula biológica, entretanto, dadas as suas condições, optamos por implantar uma válvula mecânica. As válvulas mecânicas são feitas de metal. Enquanto que as válvulas biológicas, na maioria das vezes, são de tecido de porco ou de boi. Quando se fala isso, a primeira reação é se perguntar sobre o risco de rejeição da prótese. Porém, o tecido utilizado é inerte, eliminando o risco de rejeição. As válvulas mecânicas têm uma durabilidade longa, normalmente a vida inteira. Enquanto as válvulas biológicas, de uma maneira geral, precisarão ser trocadas um dia. Elas degeneram e levam o paciente a precisar de uma nova cirurgia no futuro. A mecânica, por ser de metal, vai requerer o uso de medicação anticoagulante de uso contínuo. E isso cria uma “doença” que o paciente não tem: torna o seu sangue pouco coagulável. Abriremos o seu peito, o sangue terá circulação extracorpórea e, então, implantaremos o que chamamos prótese metálica, o que vai normalizar o funcionamento do seu coração – completou o médico. – O coração vai interromper sua atividade por alguns instantes, sendo substituído pelo aparelho que vai fazer com que a circulação do

sangue se faça por fora do corpo. Este é o tempo que precisamos para colocar a válvula metálica – finalizou.



Prótese de bola Starr-Edwards. É uma pequena bolinha que sobe e desce dentro de uma "gaiola". - Fonte: The National Museum of American History

LC lembrou-se das experiências passadas, mas sentiu que vivia outro momento. Como profissional que era, negociou os custos com a assistente administrativa do hospital. A venda do seu automóvel Opala foi suficiente.

No dia seguinte foi internado e experimentou um diferencial expressivo nas condições oferecidas pelo hospital: acomodação, alimentação, tratamento individualizado e pronto-atendimento. Lembrou-se, então, com algum constrangimento das suas experiências anteriores.

## **REENCONTRO COM O CORAÇÃO. AGORA NA UTI**

Tanto tempo se passou e uma nova experiência hospitalar se apresentou.

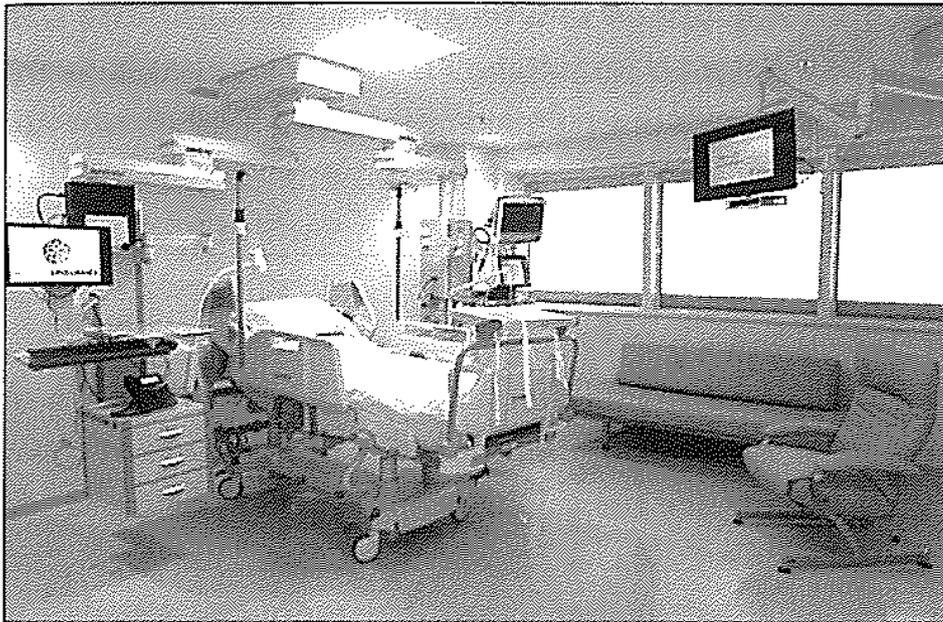
Muita coisa mudou. O gigantesco Hospital das Clínicas era agora substituído por um hospital particular, pois o nível socioeconômico tinha melhorado. Os personagens eram os mesmos: o pai a mãe e o filho, mas agora os acompanhavam a mulher, companheira e mãe dos dois filhos do casal. Ele foi examinado pela equipe de médicos que diagnosticou a necessidade de intervenção cirúrgica, pois a lesão verificada há

mais de trinta e cinco anos evoluiu, e a tecnologia tinha avançado, possibilitando recursos de solução do problema.

A fila de atendimento agora era reduzida em relação à verificada no HC há mais de vinte e cinco anos, mas o seu andamento dependia também de um processo que evoluiu em complexidade e morosidade, chamado burocracia. Depois de um longo tempo percorrendo os meandros da burocracia e submetendo-se aos mais diversos exames, o paciente foi enfim encaminhado para a sala de cirurgia.

Passaram-se quatro horas.

## U.T.I.



Unidade de terapia intensiva - Fonte: Site Hospital Sírio Libanês

O espaço vazio.

No princípio um enorme vazio, o nada da inconsciência. Depois sons tênues, longínquos: muito longínquos... Até que uma voz explodiu nos meus ouvidos:

– Luiz, acorda! Luiz acorda! – Uma voz doce, mas estranha, lentamente retirava o véu da inconsciência.

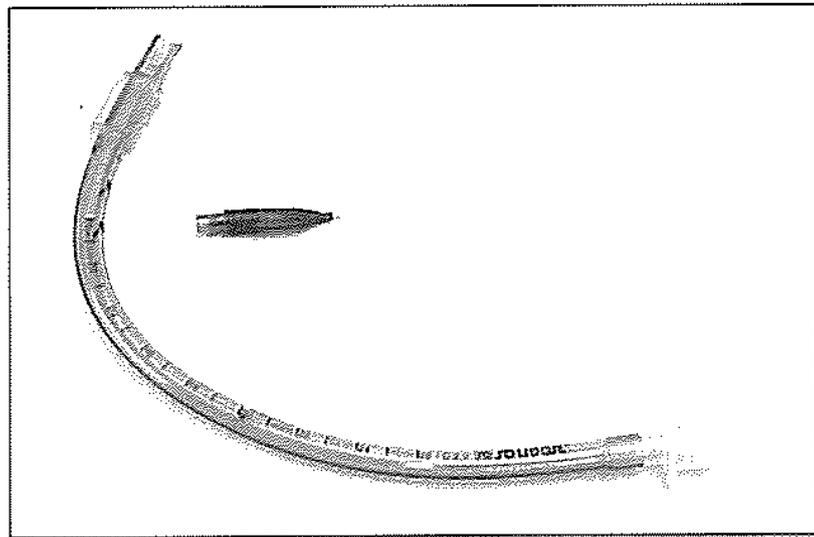
Passos. Outras vozes e o barulho produzido por um movimento frenético que os ouvidos não conseguiam identificar. Pessoas, e talvez algum som de rodas deslizando. Uma maca talvez...

– Acorda, Luiz!

O pé! O toque e a sensação. Era uma primeira manifestação física de uma consciência desperta. Movimentou vagarosamente os dedos, depois virou o pé cautelosamente para a direita, para a esquerda.

– Luiz, acorda Luiz!

Em seguida, tudo aconteceu muito rapidamente. Alguém estendeu o meu braço sobre uma superfície lisa, depois fez o mesmo com o outro braço. Um cheiro de éter alcançava as narinas, seguido de uma dor produzida por algo cortando a pele na altura do pulso primeiro, depois na parte anterior do cotovelo. Nesta altura, já havia a sensação nos pés, mãos e braços. Começou a articular vagarosamente os dedos, tateando cuidadosamente a palma da mão. Os pés continuavam se movimentando ora para um lado, ora para o outro.



O tubo - Fonte: Google

Repentinamente, um regurgito. Angústia no princípio, depois tomado pelo sentimento de pavor! Um líquido se movimentava numa região abaixo da garganta, impedindo a respiração. Sentiu necessidade de vomitar, mas a garganta parecia obstruída. Um combate de paciência e autocontrole passou a ser travado por momentos que pareciam horas

intermináveis. O agito intermitente de líquidos bloqueava a passagem de ar e provocava novos vômitos. Batia as mãos, os braços, mas sentia solidão e desamparo. Ninguém parecia dar atenção aos meus apelos.

– Calma, Luiz! Calma! – Era só o que ouvia.

Desesperado, sentia o pensamento voltado para o Divino. “Me ajuda Senhor!” Orava por diversas vezes e conversava outro tanto, o que me levava a experimentar momentos de equilíbrio da mente e controle do corpo. Ao cabo de um tempo que pareciam horas, uma determinada voz ordena:

– Apliquem o vaporizador!

Aquele objeto colocado na minha boca era utilizado como canal para conduzir vapor e medicamentos através da garganta, que produziam mais turbulência e desconforto. Essa operação repetiu-se por diversas vezes, fazendo com que a consciência despertasse mais rapidamente. Braços, pernas e a cabeça se agitavam. O corpo inteiro reagia, debatendo-se, até que aquela mesma voz determinada se aproximou dizendo:

– Luiz, fique tranquilo. Você foi operado, tudo correu bem e nós estamos te tratando.

Antes que a frase fosse concluída, impulsionei o corpo para a frente, com todas as forças. Sentado, esbugalhei os olhos enxergando um cenário tomado por pessoas deitadas em leitos hospitalares, algumas com pernas levantadas, outras com a cabeça e o peito enfaixados, tubos espalhados ligando pessoas aos aparelhos e outras mais vestidas com jalecos brancos ou azuis. Numa fração de segundos os meus olhos assistiram àquele grupo de pessoas uniformizadas correrem em minha direção, mas antes que me alcançassem, a boca se abriu cuspidando vômito, o qual se espalhou pela cama, atingindo também aqueles que se aproximavam.

Um homem e uma mulher vestidos com uniformes azuis seguraram os meus braços, iniciando uma verdadeira luta para me retornar à posição original. Enquanto um deles reposicionava o tubo na garganta, o outro pressionava um objeto pontiagudo sobre a minha barriga, que transmitia a sensação de que estava sendo esfaqueado.

– É o dreno, preciso recolocar o dreno! – ele gritava.

Por fim, conseguiram a imobilização. Estava preso à cama. Os momentos que se seguiram pareceram intermináveis: ao desconforto da presença do tubo na garganta somaram-se uma dor lancinante no peito, no abdome e a sensação nauseante de estar deitado sobre o próprio vômito. Decorrido algum tempo que parecia eterno, ouviu-se uma voz ordenando:

– Vamos retirar o tubo do Luiz.

Numa operação rápida o tubo foi retirado.

## O EXERCÍCIO

Alguém se aproximou e mãos se movimentavam com eficiência, retirando inicialmente os lençóis repugnantes ensopados pelo vômito, depois esfregando suavemente o corpo com uma esponja embebida em um líquido refrescante. A substituição da roupa de cama, agora macia e perfumada me confortava e levava a sonhar com o paraíso.

A respiração pela boca ou pelo nariz já era possível, embora em intervalos curtos, já não enfrentava o obstáculo representado pelo tubo. Entretanto, cada vez que aspirava, o ar sentia uma dor lancinante no peito. Era como se as costelas estivessem coladas e o peito amarrado, costurado, o que era verdade. Aprendi, então, a aspirar e expirar dentro dos limites impostos pela pontada de dor que sentia. Sentia prazer em tatear o lençol macio e limpo, desfrutando o despertar vagaroso da consciência de estar vivo. Os momentos de tranquilidade foram repentinamente interrompidos por um grupo de pessoas que se aproximaram a passos decididos.

– É hora de levantar, Luiz! Vamos começar os exercícios.

Alguém começou a girar a manivela por debaixo da cama, e a cabeceira começou a se elevar. Na medida em que o corpo era levantado, os olhos se deparavam com um estranho cenário.

Uma sequência de camas à frente e aos lados, ocupadas por pessoas que pareciam adormecidas, outras com o olhar apático como que

enxergando o infinito, e outras mais gemendo por entre tubos que tanto me horrorizaram. Percebi o emaranhado de fios que me ligavam a diversos aparelhos e a enorme cicatriz no tórax, coberta por esparadrapo. Observava as pessoas e os objetos, mas o cérebro parecia incapaz de receber estímulos. O olhar atoleimado acompanhava o movimento frenético dos atendentes, dos médicos e enfermeiras. Ninguém descansava!

- Luiz, vamos começar o exercício! Acorda! Dona Maria, não pare de respirar! Calma seu Antônio! Vamos tossir seu Pedro! ”

De vez em quando surgia uma maca conduzindo um novo paciente, outra levando outro para a saída, procedimentos que se repetiam tal e qual um processo industrial, cujo produto era representado pelo retorno à vida. Uma jovem trajando uniforme azul aproximou-se interrompendo minhas reflexões.

- Luiz! Você agora será meu - afirmou sorrindo. - Vamos aos exercícios.

Sem esperar resposta, ela começou a girar a manivela sob a cama, fazendo-a reduzir paulatinamente a inclinação. Este movimento distendia as costelas e era extremamente dolorido. À medida que o corpo atingia a posição horizontal, a respiração era dificultada pelas dores que produzia nas costelas em movimento de expansão e contração do tórax. Gritar significaria esforço adicional de respiração, nem pensar! Era preciso aprender a respirar com sofreguidão, de tempo em tempo arriscar um leve suspiro e procurar relaxar. Quando começava a acostumar com a posição, a jovem retornava dizendo:

- Luiz, agora vou levantar a cama!

Ao girar novamente a manivela, o corpo retornava lentamente à posição anterior, repetindo os movimentos de forma inversa. Agora, os músculos se contraíam e as costelas, ao invés de contraírem-se, expandiam-se.

Em intervalos, recebia palmadas nas costas para, segundo explicava a atendente, auxiliar a expelir as secreções produzidas pelos pulmões paralisados durante a cirurgia. E o exercício se repetia por minutos que pareciam horas, horas que teriam durado um dia inteiro.

## OS MÉDICOS

Agora já era possível identificar as pessoas naquele ambiente, pelo menos pelo ponto de vista das suas funções.

Nas camas estavam os pacientes, que lentamente passavam por um processo de substituição. Um movimento frenético, mas de alguma forma ordenado, era protagonizado pelos enfermeiros, fisioterapeutas e médicos que se distribuía entre as camas. Existia uma rotina: enfermeiros cuidavam dos curativos, verificavam o funcionamento dos equipamentos, controlavam a sequência dos medicamentos e mediam pressão e temperatura. Os fisioterapeutas conduziam os exercícios físicos e respiratórios, e os médicos acompanhavam a evolução dos pacientes comparando dados e aprofundando exames.

De tempos em tempos, os serviços de rotina eram interrompidos pela chegada dos médicos-chefes. Eles eram professores, seguros, às vezes ríspidos com os subordinados e com os alunos que os acompanhavam, exigiam respostas precisas às suas perguntas. Uma caravana o seguia por entre as camas, examinando pacientes, discutindo sintomas, avaliando medicação e disparando questionamentos aos subordinados. Eles, certamente, estavam no comando e transmitiam um sentimento de autoridade, de segurança e uma certa empáfia de quem tem a responsabilidade de tomar decisões que minha fé acreditava serem privativas de Deus.

## UM TOQUE DE CARINHO NO INFERNO

O movimento era contínuo e permanente. Os pacientes se sucediam em escala de produção de vida, embora alguns deles fossem retirados de forma quase imperceptível, discreta e silenciosamente.

O local ganhou então uma nova moradora! Ouviu-se alguém chamá-la: Maria Cândida. Aparentava ser uma pessoa de origem humilde, os cabelos longos estavam desgrenhados e o olhar esbugalhado transmitia uma expressão abobalhada, comum a todos os pacientes.

Dona Maria era indócil. Rebelava-se retirando os fios conectados às veias do pulso e do braço, movimentava-se impaciente mudando de posição na cama. Fazia tudo sem emitir um único som. O rosto vincado de rugas transmitia uma expressão de apatia, embora os lábios crispados demonstrassem o inconformismo de quem se sentia agredida. Ela parecia estar em choque permanente.

Durante um longo tempo os médicos a examinaram exaustivamente, alteraram a dosagem dos remédios, promoveram reuniões para debater alternativas. Os enfermeiros experimentaram brincar:

– Não se agite, Dona Maria! Estique a camisola, olha o Luiz reparando! – diziam apontando na minha direção.

Mas dona Maria não apresentava qualquer reação. O olhar parecia perdido no infinito da desesperança, e a expressão continuava aparvalhada. Um enfermeiro parecendo extremamente jovem aproximou-se dela, observando-a atentamente por alguns segundos.

– Que belos cabelos a senhora têm – disse com expressão de admiração. Mas como estão maltratados! – exclamou indignado. – Será que vamos precisar cortá-lo?

A cabeça dela moveu-se quase imperceptivelmente como que indicando discordância, mas a expressão continuava distante, de profunda indiferença.

– E que tal se melhorássemos o penteado – insistiu com a voz extremamente carinhosa, e a mão aproximando-se vagarosamente, afofando os longos cabelos de dona Maria. Ele então se afastou do meu campo de visão, retornando em seguida com uma escova na mão. A escova deslizava lentamente, desembaraçando os fios de cabelo de dona Maria. As mãos do rapaz acariciavam a cabeça dela e continuavam o movimento lento, muito lento, realçando a beleza dos fios que já apresentavam um brilho especial, como se fossem feitos de seda. O seu rosto parecia cada vez mais relaxado, e os olhos adquiriram certo brilho após a operação que se repetiu por longo tempo.

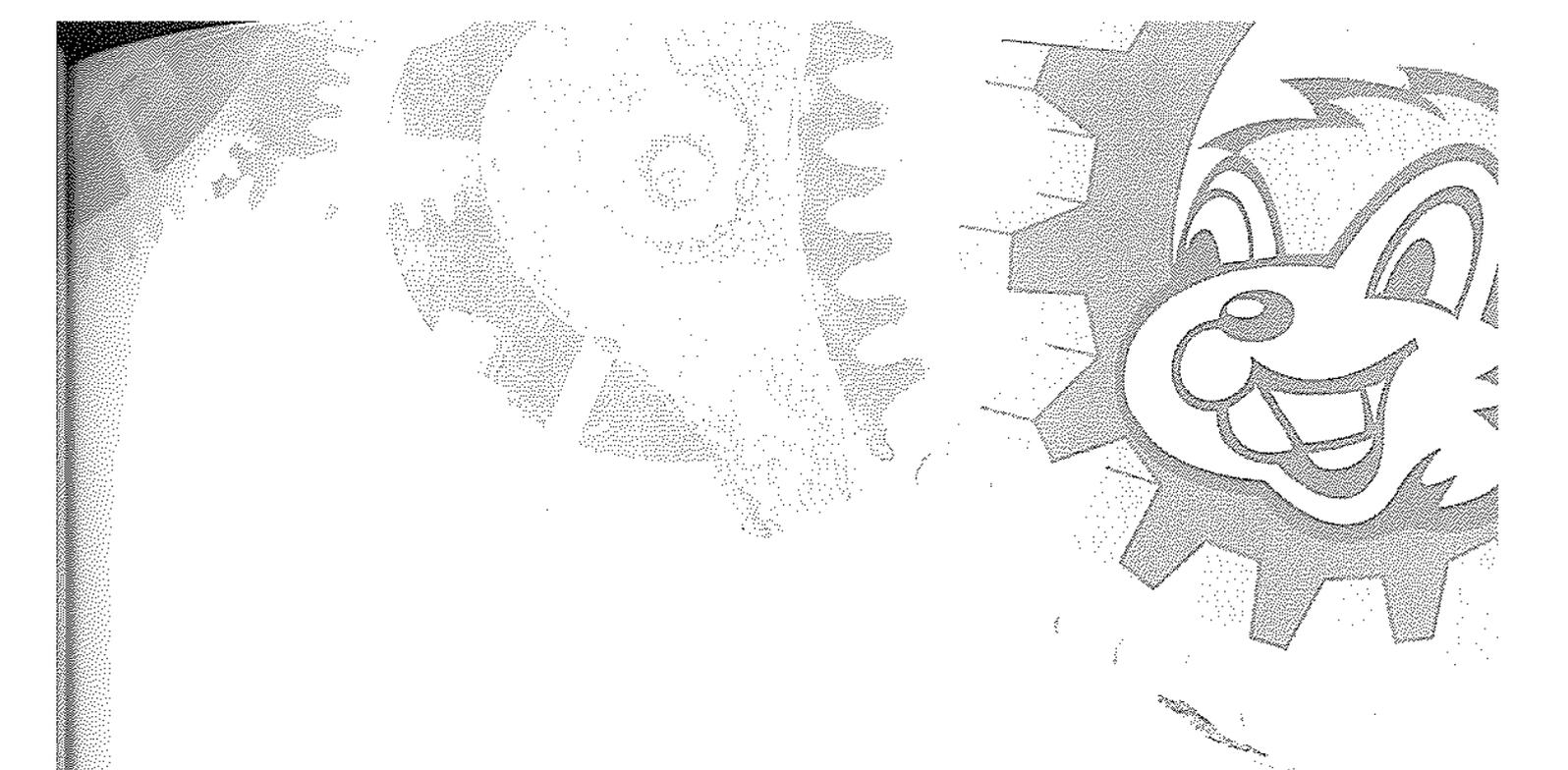
– Vamos fazer as tranças, dona Maria? Como é que a senhora gosta? Tranças para trás ou sobre a cabeça? – Ele passou, então, a tecer as tranças, cuidadosamente.

À medida que o trabalho avançava, os olhos dela brilhavam com maior intensidade e o rosto da dona Maria ganhava expressão de paz e tranquilidade. Quando ele trouxe o espelho para mostrar o resultado, era possível perceber um tímido sorriso no rosto de dona Maria.

Horas depois, quando o grupo de médicos retornou para avaliar o seu estado, ouviu-se uma voz de comando:

- Alta para Dona Maria!

Enquanto isso, a fila da vida se movia. Avancei muitos passos.

A stylized illustration of a smiling cartoon character, possibly a rabbit or a dog, with large ears and a wide grin. The character is set against a background of interlocking gears. The entire illustration is rendered in a halftone or stippled style, giving it a textured, dotted appearance. The character is positioned in the upper right quadrant of the page.

CAPÍTULO II

# **A VIDA DA ENGENHARIA**

**VIDA EM CONSTRUÇÃO**



1972

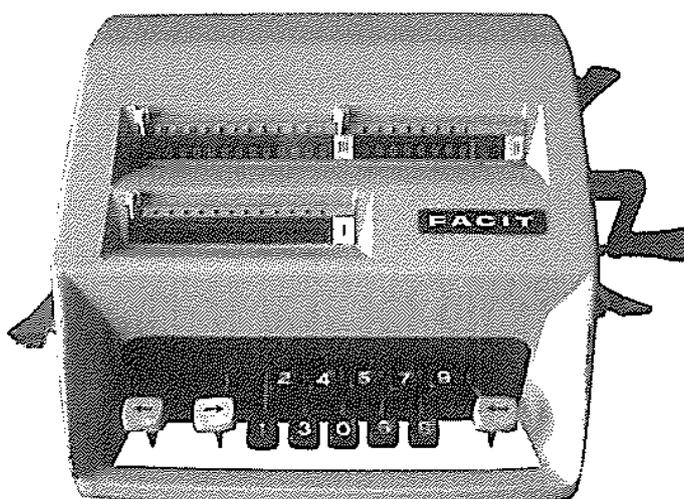
## 1 - O SERVIDOR PÚBLICO

Este ensaio é uma coletânea de ideias e observações reunidas durante o desempenho das minhas funções no Departamento de urbanismo da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Corria o ano de 1972 e o engenheiro recém-formado começou a ampliar o conhecimento da sua cidade.

Embarcou num ônibus que não se chamava expresso, na rua Marechal Floriano, em frente à Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado do Paraná, e desembarcou próximo ao prédio da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Tinha acabado de entregar o pedido de demissão naquela Secretaria, na qual trabalhara nos últimos três anos. Dois e meio como estagiário e desde o início do ano já como engenheiro formado. No Departamento de Custos, era um dos três estagiários que, chefiados por um engenheiro experiente, elaboravam os orçamentos de obras civis realizadas no Estado, ginásios, escolas, prédios públicos e outras. Os orçamentos eram organizados utilizando calculadoras modernas para a época, que iriam embasar as concorrências das obras públicas.



Calculadora Facir - Fonte: Google

Acontece que, ao se formar engenheiro, passou a receber o salário quase três vezes o pago aos estagiários, e isso causava desconforto, pois o trabalho era igual, e ele sonhava em fazer mais com o que aprendera na escola de engenharia.

Na Prefeitura, encontrou o engenheiro diretor do Departamento de Urbanismo, Rubens Curi, cujos pais conviveram com a mãe na cidade natal, Imbituva. Explicou as razões da decisão de sair do Estado e foi informado que nossa cidade estava iniciando um processo de transformações, especialmente urbanas, que alterariam a sua fisionomia, e organizariam as suas funções. Conversaram por um longo tempo e à medida que o diretor relatava o que estavam planejando, o engenheiro recém-formado demonstrou entusiasmo com a possibilidade de participar. Foi então conduzido ao gabinete do diretor geral do Departamento, engenheiro Manoel Ribas Neto, a quem foi apresentado.

Depois que explicou o entusiasmo para trabalhar na Prefeitura, o diretor geral expôs as dificuldades financeiras que o município tinha para montar a equipe que atuaria no processo de transformação da cidade, mas convidou o rapaz para visitá-lo periodicamente para saber se estava disponível uma vaga para trabalhar. Foi apresentado à secretária, sra. Célia, que ocupava a sala de atendimento ao diretor, a quem

informou do convite recomendando para ela atender e informar sobre a eventual disposição de vaga.

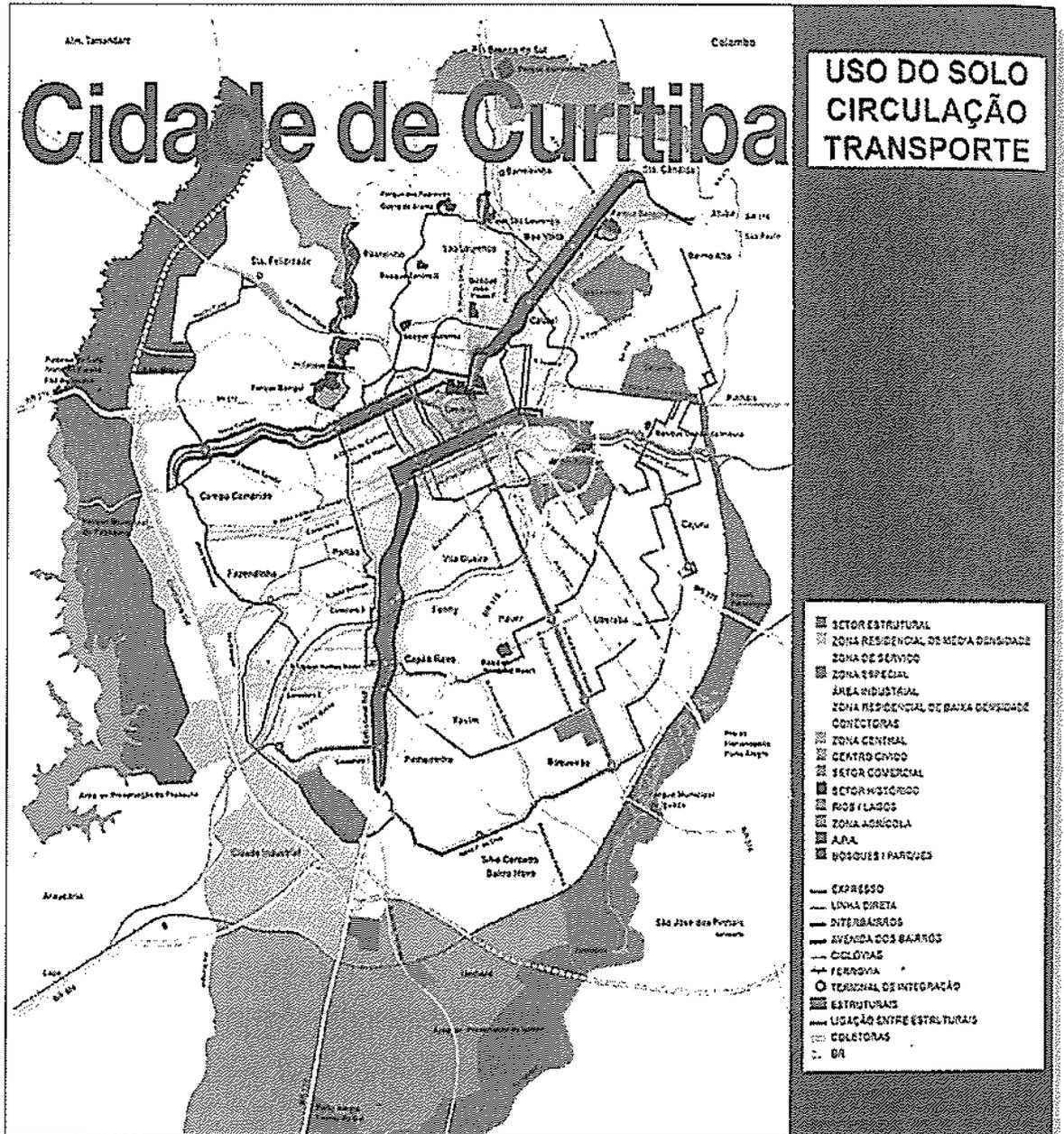
Diariamente, por uma semana, comparecia ao local, sentando numa das poltronas da sala de atendimento. Todos os dias, o diretor geral cumprimentava e entrava no gabinete de trabalho. No final de cada dia, ele retornava para casa, cabisbaixo.

Sete dias depois o Dr. Manoel, cansado da sua presença na sala de espera, lançou um olhar e disse:

– Olha, você quer trabalho, mas não temos como pagar. Se quiser, proponho que comece amanhã, mas saiba que não temos recursos nem autorização para contratar.

Aceitou entusiasmado e o diretor o levou para o salão nobre da prefeitura. Entraram, ele mal contendo a felicidade que sentia, ficou empolgado. Permaneceram ali por cerca de uma hora, parando em frente a cada painel, recebendo as explicações do diretor. As ruas, praças, ônibus, sistema de transporte integrado, zoneamento de uso do solo, enfim, expressões novas para o rapaz, que agora tomava conhecimento também detalhado das características e propósitos do planejamento que se pretendia desenvolver e implantar na cidade. De pronto se sentiu como que integrante da equipe responsável pelos desafios que aqueles painéis tão bem ilustravam. Nos dias que se seguiram, repetiu as visitas ao salão nobre, pois o local era franqueado para os funcionários, não só com objetivo informativo, mas como motivação e integração entre aqueles que desenvolveriam a aplicação do que chamavam de plano diretor para a cidade.

Durante os três meses que se seguiram, aprendeu a traçar as diretrizes de arruamento para diversos bairros, alguns ainda desabitados, informação de consultas para construção e comércio, isso tudo sem receber um centavo, pois como tenha sido informado, não existia verba para contratação de funcionários.



Arquiteto Salvador Gnoato - Fonte: Google

## A MÁQUINA PELO HOMEM

Num dia de maio ou junho daquele ano, “Manequinho”, o chefe administrativo do departamento, o chamou ao gabinete do diretor geral, que comunicou ter obtido aprovação para sua contratação. O “Manequinho” informara à Administração que havia sido autorizada uma verba para a compra de um teodolito, que é um instrumento óptico de medida, utilizado para realizar medidas de ângulos verticais e horizontais. Basicamente, é um telescópio com movimentos graduados na vertical e na horizontal, e montado sobre um tripé centrado (nortead) e verticalizado. Muito utilizado em topografia, navegação e em meteorologia. Pois bem, ele propunha que a verba para comprar a máquina fosse destinada à contratação de um engenheiro, o que foi aprovado.

A prefeitura trocava um aparelho de visão por um engenheiro de supervisão. Era a máquina pelo homem.

Desde então, ele aprendeu que ninguém pode se considerar o dono da cidade, mas ela tampouco pode ser de ninguém. Ela vem do modo de vida e valores dos poloneses, alemães, negros, orientais, judeus árabes e outros tantos vivem nela, que dela extraem os frutos para a sua sobrevivência. Como administrar esta diversidade era parte do trabalho ali desenvolvido.

Entendeu também a importância do trabalho em equipe. Os diversos setores da administração se comunicavam, trocavam ideias, tudo em torno do objetivo comum de seguir o planejado.

“Para entender o presente e o futuro, é preciso pesquisar o passado”, refletiu.

## CURITIBA DE ANTEONTEM

É difícil de precisar quando tudo começou.

Há os que acreditam que o princípio do planejamento estava nos caminhos antigos. Lá por volta de 1850, defendido por um brasileiro ilustre chamado Lamenha Lins. Da sua inspiração teria surgido a Co-

lônia Abranches, ali às margens do rio Branco do Sul, onde também se fixaram os colonos ucranianos. E para não serem confundidos pelos ucranianos, os poloneses também ocuparam o caminho da Lapa, situado no outro extremo da cidade, onde criaram o lugar, que ainda hoje, chamam de Tomaz Coelho.

Em seguida vieram os italianos. E com eles o jogo de truco, jogo de baralho comum entre os estudantes de engenharia.

Provavelmente numa disputa de “truco” (jogo de cartas de baralho). Descendente da cultura espanhola, o *truc*, conhecido por nós, brasileiros, como o famigerado truco, é o jogo preferido de muitos amantes de cartas. Passado entre as gerações, o truco é jogado por pessoas de todas as idades e é extremamente popular por ser intenso, divertido e exigir muita astúcia por parte dos jogadores. Era o jogo de baralho preferido dos estudantes

Embora o truco seja hoje bastante difundido entre as mais variadas partes do país, possuindo, inclusive, versões diferentes dependendo da região onde é praticado, não é todo mundo que sabe jogá-lo.

Pois bem, embora sua origem seja espanhola, o truco passou a fazer parte da colônia italiana, que se dividiu entre o caminho de Castro, hoje denominado Santa Felicidade, e o caminho de Ponta Grossa, onde criaram a colônia Orleans, compartilhando esta última com os franceses. No outro lado, o caminho do Estado de São Paulo era ocupado pelos argelinos, daí obviamente ter surgido a Colônia Argelina.

A atividade predominantemente naquela época era a agricultura e a pecuária leiteira. À medida, no entanto, que cresciam os frutos da terra dos homens, a atividade econômica se estendia àqueles que faziam as coisas, eram os artesãos; e aqueles que compravam e vendiam estas coisas eram os comerciantes. Daí a ocupação do centro do lugar pelos alemães, principalmente ferreiros, carroceiros e leiteiros, e pelos árabes e judeus, dividindo o mercado de compra e venda de bens, gêneros e dinheiro.

Há também quem assegure que a transformação urbana da cidade teria começado com o chamado “plano agache”, por volta de 1940. É

grande também o número de adeptos assegurando que tudo teria começado no ano de 1966.

Ninguém, no entanto, discorda da data em que o planejamento urbano e a sua execução aconteceram simultaneamente e alteraram radicalmente o desenho urbano e o desempenho da cidade em relação as suas funções. Independente do regime ou partido político, os fatos visuais e físicos ainda hoje são evidentes e testemunham que estas alterações começaram a se tornar realidade a partir do ano de 1972. Curitiba passou a ter outra configuração a partir daquele ano.

Difundiou-se, naquela época, entre técnicos e a população, o conceito grego de que para obter moradia e emprego é preciso trabalhar. O trabalho, por sua vez, pressupõe períodos de descanso, o que implica na necessidade de espaços para o lazer. De outro modo, para deslocar-se entre o lar e o trabalho, o indivíduo precisa mover-se através da cidade, portanto, circular. Moradia, trabalho, lazer e circulação, eram funções que deveriam garantir a harmonia das pessoas que se utilizavam da cidade.

Os debates se ampliaram, não se limitando aos técnicos da Administração, mas também ao cidadão comum, que se sentia envolvido por transformações que se tornavam mais evidentes à medida que eram implantadas. As grandes decisões, no entanto, refletiam o momento político que o país vivia. Eram herméticas, limitadas ao grupo restrito daqueles que acompanhavam o prefeito de então. Estava sendo criado um modelo próprio de planejamento urbano, que estabelecia as diretrizes para a cidade crescer de forma ordenada.

Com rapidez foram implantadas as vias que garantiriam a circulação de veículos, em especial os ônibus, que já naquela época eram denominados como instrumentos de transporte de massa, ou seja, o cidadão comum via aproximar-se o local de trabalho, da sua casa.

Curitiba estava localizada num nível de terreno extremamente baixo, dividida por rios que, em períodos de chuva intensa, conduziam o fluxo das águas para o centro da cidade, resultando nas enchentes que perturbavam a vida dos moradores e a eficiência da cidade. Foram então projetados diversos parques no seu entorno, cada um incluindo lagoas

para regular o fluxo das águas. Já naquele tempo se destacava a figura de Nicolau Kluppel, o “engenheiro das águas”, como era conhecido. Ele aprofundou os estudos sobre o caminho das águas na região metropolitana. Arquitetos planejadores se utilizaram dos dados técnicos e projetaram parques com variadas funções, desde a contenção das águas, preservação das matas ciliares, piscicultura e espaço para o lazer dos cidadãos.

Para manter a cidade integrada na função moradia, trabalho e circulação, criou-se a cidade industrial, que tinha como objetivo concentrar a atividade das indústrias locais e para estimular a implantação de plantas com tecnologia avançada. A iniciativa atraiu empresas de porte, especialmente, as multinacionais.

À medida que as ideias se tornavam realidade, os técnicos e a equipe, enfim, se empolgavam, o que fazia com que os acontecimentos se multiplicassem com rapidez.

A equipe administrativa de então era em número tão reduzido que durante os anos que se seguiram era possível nominar os responsáveis pelas decisões que resultassem em fatos. O processo de comando era quase que coloquial, pois aproximava chefes e subordinados de todos os setores da organização. Grupos de análise se integravam para fundamentar as decisões, como resultado do trabalho de equipe. As técnicas administrativas eram simples e compartilhadas entre os mais jovens e os de mais experiência.

Sabia-se, por exemplo, que o contato com o seu Manequinho significava garantia de localização de processo no Departamento de Urbanismo. A memória cronológica supria a ausência de um computador – por 20 anos, o Brasil ficou atrasado no desenvolvimento de novas tecnologias, por força de uma tal “lei da informática”, que, se dizia, impediria a dependência externa. Era o que se dizia como uma “visão nacionalista”. Em outro setor, no IPPUC – órgão de planejamento – não havia espaço na cidade retratado com fotos aéreas, sem o conhecimento do seu Julius. Loteamentos que tivessem sido analisados pelo seu Rodolfo transpareciam clareza e ordem sequencial de informações do processo. Não havia casa, terreno ou prédio na cidade devidamente implantado

sem a precisão dos levantamentos topográficos executados por um dos membros da família Macedo.

Esses e outros exemplos eram uma amostra da sinergia da equipe.

Administrações que se seguiram deram continuidade ao processo criativo de aperfeiçoamento das obras estabelecidas no plano diretor. Via de integração dos modais de transporte (ferrovia, aérea e dos ônibus de transporte de passageiros). Redes de distribuição de água, coleta de esgotos, drenagem de rios e canais, eram obras fundamentais para o funcionamento da cidade, mas não produziam votos porque aconteciam no subsolo.

A cidade, que teve origem numa pequena vila, estava se transformando numa metrópole.

Para fazer frente aos desafios do crescimento, a sequência de novas administrações começou a descobrir a importância imprescindível da utilização dos meios tecnológicos modernos, na administração e nos procedimentos técnicos e criativos.

O dinamismo da cidade estava superando a capacidade criativa do planejador. Enquanto o tempo era perdido nos meandros burocráticos, uma cidade diferente acontecia, com demandas próprias do crescimento rápido. O pequeno industrial, o comerciante, a costureira ou o sapateiro tinham dificuldade de localização das suas atividades. Na periferia, começaram a surgir favelas e bolsões de miséria, pois a mecanização expulsou o homem dos campos, atraindo-os para o brilho da metrópole.

Para organizar a cidade era preciso aprender sobre os desejos e aspirações da sua população.

## **PLANO DIRETOR: DA PRÁTICA À GRAMÁTICA**

A quem interessa a discussão de um plano diretor para a cidade?

A Maria, que poderia se chamar Teresa, que é uma das milhares de diaristas que vivem nas regiões metropolitanas das grandes cidades brasileiras. Ela acorda religiosamente às 4:30 da manhã de todo santo

dia. Prepara rapidamente a marmita do companheiro, pedreiro da construção, e corre para apanhar o primeiro ônibus da série de três linhas que a levará ao emprego na cidade grande. Durante o trajeto, entre uma cochilada e outra, ela se lembra de como tudo começou: a fuga dos campos empobrecidos, pelas safras mal colhidas ou pela invasão das máquinas; o magnetismo da cidade grande, ainda que no barraco de uma favela, e agora a sonhada casa própria numa região não tão próxima do trabalho.

Todos os dias ela lamenta a distância entre a casa e o trabalho. Às três horas gastas pela manhã soma-se igual período, à noitinha, quando retorna. Sua preocupação tem aumentado ultimamente, pois tem observado que o número de carros, caminhões e ônibus tem crescido, o que aumenta ainda mais o tempo de percurso. Muita coisa está mudando na cidade grande. As ruas estão ficando estreitas para absorver os veículos dos que moram nos prédios que se multiplicam. Aliás, até a casa do patrão tem sido prejudicada. Antes, rodeada de casas, agora ilhada por um mundo de arranha-céus. Mas, também, pensou: “onde iriam morar estas pessoas que fazem a cidade crescer feito pão de ló”.

Mais um dia de trabalho. À noitinha, quando inicia a volta para casa, da janela do ônibus ela aprecia a beleza das árvores e flores do Passeio Público e sente prazer antecipado pelo domingo que se aproxima, único dia de convívio compartilhado com a família. Era sexta-feira, e o companheiro pedreiro a aguardava em casa com a amargura amortecida por alguns goles de bebida, anunciando: “Fui despedido!”. “Por quê?”, perguntou Maria. “A obra não tinha licença da Prefeitura, é o que alguns diziam”. “Faltou financiamento”, afirmavam outros. Maria pensou em voz baixa, resignada: “Semana que vem o meu trabalho vai ser dobrado”.

Histórias como esta se repetem. São construtores reivindicando espaço para construir, contadores contando o tempo gasto nas filas da burocracia, comerciantes sonhando com o freguês arredio, o trabalhador com o emprego e o industrial com a produção. Enfim, todos temos muito a ver com o chamado plano diretor.

Há milênios os gregos tinham conhecimento disso. Eles sabiam que para se obter moradia é preciso trabalhar. O trabalho, por sua vez,

pressupõe períodos de descanso, o que implica em atividades e espaço para o lazer. Ao deslocar-se do seu lar para o trabalho, e de ambos para os locais de lazer, o indivíduo precisa mover-se através da cidade, portanto, circular. Tanto tempo se passou e as cidades continuam a ser compreendidas pelas suas funções de moradia, trabalho, circulação e lazer. O advento da sociedade industrial, que trouxe conceitos de divisão do trabalho, produção em série, e mais recentemente o desenvolvimento tecnológico, exigiram dos planejadores a definição de uma vocação para as cidades.

Assim surgiu a cidade cultural ou histórica. Para ela deveriam convergir os grupos criativos da sociedade que, por sua natureza polêmica, promoveriam o desenvolvimento das ideias e das artes.

Havia também a cidade mercantil. A localização geográfica era o seu parâmetro. Ela deveria estar situada próxima dos meios de circulação de produtos e bens de produção. O perfil da sua população é mercantilista.

Existiram propostas da cidade industrial. Seus condicionamentos, por inverossímeis que possam parecer, são os bens da natureza. Uma cidade industrial não prospera se as fontes de energia não estiverem próximas e não se desenvolve a grande distância da matéria-prima. Outra característica que lhe tem sido peculiar é sua possibilidade de depredar os fatores naturais que a fizeram surgir.

Cidade institucional é outra mencionada. Esta abriga o poder. Nela, os homens não moram, mas circulam periodicamente, exercendo seu poder de mudar ou manter fatos ou situações.

Há ainda a cidade turística. Ela precisa ser bela e possuir algo raro.

Finalmente, a cidade tecnológica. Seus habitantes devem produzir o conhecimento e desenvolver técnicas de transformação de ideias em realizações práticas.

Somam-se a estes conceitos muitos outros. Com as modificações políticas ocorridas no país há alguns anos, através do processo de democratização, afloraram outros parâmetros de organização. Mais recentemente tem aumentado as discussões em torno da metropolização das cidades. Elas crescem, ultrapassam os seus limites

físicos e unem-se aos municípios vizinhos e criam relações de interdependência.

## OS INSTRUMENTOS

Organizar funções, identificar e potencializar vocações, estabelecer processos e metas de atendimento do cidadão e, mais recentemente, a coordenação integrada de todas as cidades que compõe a região metropolitana, são razões que determinam a elaboração de um plano diretor.

Ele nos indicará o caminho para onde queremos ir e como percorrê-lo. Definida a direção, as relações entre os agentes econômicos – indivíduos, empresas e entidades públicas – serão estabelecidas através de códigos de posturas e de edificações.

Outro poderoso instrumento de organização das cidades é a lei de zoneamento. Ela surge pelo reconhecimento de que o tamanho e os usos de uma construção influenciam o seu entorno e representa um tipo de autoridade moral, pois estabelece parâmetros que garantem a preservação da luz, do ar e do ambiente que são patrimônio de todos.

Entre os instrumentos disponíveis, um é subjetivo, mas é real. Ela determina o tempo que a organização atenderá às demandas da sociedade. É a chamada BUROCRACIA.

Vivemos num mundo globalizado, em que a rapidez das informações e das decisões são fatores determinantes do sucesso ou fracasso de qualquer iniciativa de negócios. Desde o contador, o corretor de imóveis, o construtor ou o pequeno comerciante, até as grandes empresas multinacionais ou locais, todos carecem de rapidez para viabilizar os seus negócios.

Como em qualquer cidade do mundo, aqui também se perde muito tempo nas filas de espera. Antes um privilégio dos órgãos governamentais, agora costume também em algumas empresas privadas. Antes uma exclusividade dos que tem menos: na fila do ônibus, na fila do pão de cada dia ou na fila da saúde perdida. Agora, a fila de espera alcança grandes e pequenos comerciantes, empresários e industriais.

A disputa pela aprovação de um projeto, de uma ideia, de um financiamento ou do registro de compra e venda faz se acumularem os despachantes, empresários e o cidadão comum à frente dos balcões de atendimento ou nas antessalas da autoridade de plantão.

Enfim, antes uma manifestação de ordem para chegar ao balcão, hoje demonstração de ineficiência ou omissão de quem manda naqueles que estão atrás do balcão, produzem a fila de espera, que significa uma indignidade nacional e abre espaço e preço da venda de facilidades. Está presente em cada esquina ou, por vezes, faz parte da paisagem urbana. Além de significar um desrespeito ao cidadão, ela representa um irrecuperável desperdício de energia e trabalho. As horas perdidas na fila de ônibus significam menos tijolos assentados, menos salário no bolso e, porque não, menos lucro para gerar novos empregos. Os dias perdidos na demora de uma decisão ou pela indefinição de um requerimento, projeto ou ideia certamente diminuirão o lucro de uma empresa, mas também reduzirão a oferta de emprego, comprometendo o êxito de uma iniciativa pelas modificações decorrentes da dinâmica de mercado. São muitos os exemplos, incontáveis os diagnósticos. É preciso mudar o layout dos espaços, alterar o organograma, desenvolver novas técnicas gerenciais, aumentar a rigidez das leis e das punições, informatizar. Enfim, todas, medidas extremamente importantes.

É também preciso treinamento, conscientização dos técnicos, estabelecendo uma cultura de formação de indivíduos aptos a tomar decisões e que recebam justa remuneração. Os padrões de comportamento dos administradores precisam se adequar à nova realidade. Se a fila do processo, das ideias ou de uma simples autorização é uma indignidade, a fila do desenvolvimento é uma burrice.

### UMA VOCAÇÃO

Identificar uma vocação da cidade e de cada município da região metropolitana é iniciativa da maior importância, pelo novo perfil pretendido e para integrar toda a região sem violentar as características de cada município. A cidade do século XXI que se avizinha é pragmática,

embora, por vezes, não se enquadre em qualquer dos “clichês” mencionados, traz, no mais das vezes, características de cada estilo.

### **SOBRE LEIS, DECRETOS E PORTARIAS**

Qualquer processo de planejamento deve levar em conta a elaboração de leis e decretos que lhe deem sustentação. Há quem defenda a necessidade de as leis serem precisas, cobrindo todos os detalhes do assunto, impondo limites rígidos e punições severas.

Estão cometendo no nosso entendimento o equívoco de considerar o urbanismo como uma ciência exata. Ao contrário, como o funcionamento da cidade é dinâmico, o dia a dia das pessoas, o movimento dos veículos, as empresas produzem transformações numa velocidade muito maior do que a capacidade dos legisladores de editar leis. As leis são necessárias, imprescindíveis, mas não suficientes. Interferem profundamente na vida das pessoas e das empresas, por isso devem ser claras, integradas aos princípios do plano diretor, para possibilitar fácil entendimento do cidadão e, principalmente, daqueles técnicos que forem aplicá-las.

Devem impor limites e, ao mesmo tempo, incentivar a criatividade. A sua administração deve interferir o mínimo possível na vida do cidadão, sem esquecer jamais a lição de Disraeli: “Quando os homens são puros, as leis são desnecessárias, quando são corruptos as leis são inúteis.”

Essa era a Curitiba de anteontem. A face reluzente, o sangue fluindo suavemente por suas artérias; a sua alma, no entanto, carecia de cuidados.

### **A CURITIBA DE ONTEM**

“Há quem diga que a cidade não tem dono. Tampouco ela é terra de ninguém. Ela é produto dos sonhos dos negros, dos amarelos, dos mestiços e daqueles menos coloridos, mas nasce e se desenvolve pela cabeça daqueles que transformam sonhos em realidade.”

No texto anterior, abordamos impressões sobre a Curitiba desenhada no passado e traçada a partir dos anos setenta, desde a província à vila começando a se transformar em metrópole.

A partir daqueles tempos começou a se estabelecer um modelo próprio de desenvolvimento, que atravessou fronteiras por força da integração das funções da cidade definidas pelos gregos: trabalho, moradia, circulação e lazer.

Damos agora um salto para a década de oitenta, mais precisamente a partir do ano de 1982. Como contrapartida do regime até então vigente, que apresentava sinais evidentes de enfraquecimento, decorrentes da perda de controle da sociedade. A concentração de poder entre alguns poucos demonstrou que o sistema foi incapaz de gerar novos líderes.

A década representou um marco, pois foi o período que alterou os paradigmas da cidade transformada. Começaram a soprar os ventos da democracia.

Eleições para governador, prefeito, pregação em praça pública das eleições diretas em todos os níveis de governo e o a expectativa de surgimento da chamada “nova república” marcaram os anos que se seguiram.

A palavra funcionava como substituta da força, esta um dispositivo que predominava no regime político anterior. A liberdade abria as asas sobre nós! Bradavam os oradores.

O experimentado político mineiro Tancredo Neves pedia cuidados e atenção para com a população “embriagada de esperança”. Todos queriam exercer o direito de crítica aos tempos passados e reivindicar os direitos futuros. Vivia-se um novo tempo.

Os novos dirigentes denunciavam a concentração de poder nas mãos de alguns poucos, amigos dos governantes de então; as decisões, que refletiam os interesses de grupos determinados, que partilhavam as funções públicas em feudos que acabavam por definir critérios para os amigos e apadrinhados. Para complementar, os equívocos do passado eram debitados aos administradores, autoritários e tecnocratas que serviam o regime anterior. Os indivíduos preparados para a tomada de decisões foram rareando e os poucos que adotavam o procedimento eram colocados sob suspeição.

Os novos administradores traziam consigo uma obsessão: ouvir e fazer-se ouvir! A sociedade, com o direito de manifestação tolhido por décadas, fervilhava em ideias e aspirações – os cidadãos também queriam ser ouvidos. Reconhecidamente, o processo democrático não prescinde da tomada de decisões claras, firmes e rápidas para atender aos anseios do cidadão e reduzir o custo da corrupção. Como, no entanto, a sociedade desse vazão ao desejo por transformações, exercendo pressão, os administradores públicos tentavam preservar seus cargos e funções, refugiando-se em conselhos e comissões para não assumir o ônus das decisões. A manchete de intenções, no mais das vezes, escondia a carência de ações práticas e duradouras.

Enfim, a administração política se sobrepunha à política administrativa. O discurso não refletia a prática. Era, dizia-se, o período de transição democrática, substituição da vontade de poucos pela participação de muitos.

Esses acontecimentos determinaram transformações nos procedimentos dos administradores públicos e no enfrentamento dos problemas. Esse era o quadro nacional, que se repetia a nível local. Enquanto isso, a cidade experimentava o crescimento de tamanho e complexidade.

Esses foram alguns dos obstáculos enfrentados pelos administradores da Curitiba de ontem. Todos sabiam da carência de moradias, da deficiência educacional, da crescente necessidade de instrumentos de geração de emprego, enfim, desafios permanentes. A dívida social que foi debitada ao período político anterior criava a confusão entre ação social e assistencialismo.

A administração política se sobrepunha à política administrativa.

## **CIRCULAÇÃO**

Curitiba é uma cidade rica.

Também abriga muitos dos mais pobres, mas sonha em buscar soluções para todos.

Há quem assegure que a verdade está com os gênios humanos que a sua história tem produzido: engenheiros, arquitetos, urbanistas e outro tanto de profissionais que a dirigiram. Certamente, estes não deram o monopólio da cidade verdadeira, aquela que a sensibilidade, a determinação e a cultura dos seus homens e mulheres construíram.

Temos assistido a debates intermináveis sobre do que mais ela precisa. A área de transportes é a que tem estado presente nas discussões: o carro, símbolo individual de privilégio socioeconômico, e os ônibus, instrumento de mobilidade para a grande maioria da população. A cidade cresceu, e as ruas não têm caixa ou largura suficiente para permitir o livre trânsito de automóveis e ônibus.

Identifica-se a predominância de duas correntes de discussão: a que defende o sistema existente que tem sido referência para outras grandes cidades do mundo e a que coloca a construção do metrô, o trem urbano subterrâneo para transportar pessoas desde o norte ao sul da cidade e vice-versa.

Os debates já estão fazendo história e as soluções estão ficando na história. A cultura do planejamento parece comprometida pela burocracia e pelos apelos eleitorais de quem é contra ou a favor de determinada ação.

É preciso promover o entendimento entre todos os protagonistas, daqui e do poder central.

## SISTEMA CIRCULATÓRIO

Observe-se a visão do conjunto, sistêmica, e a importância da circulação para as demais funções do corpo: pensar, ver, ouvir, movimentar, trabalhar, descansar e tantas outras mais.

As veias e artérias compõem uma rede, um sistema que transporta produtos que vão alimentar todas as funções do corpo humano.

A evolução tecnológica e, mais recentemente, a nanotecnologia foram ensinando alternativas para a correção de defeitos de concepção, ou deterioração e fadiga dos materiais. A engenharia química, as pontes

safenas e minúsculas peças artificiais foram criadas para substituir funções inoperantes e garantiram o fluxo contínuo de produtos para distribuir benefícios ao conjunto do ser humano. Não é diferente o processo de manutenção da cidade; é preciso mantê-la cuidada em suas funções, e criar instrumentos inovadores que se integrem aos existentes para melhorar o desempenho. Viadutos, trincheiras, rótulas, ruas, pavimento são alguns dos instrumentos permanentes dos planejadores.

Medidas de prevenção são imprescindíveis para garantir um futuro harmonioso, o que significa planejar para prevenir.

Estabelecer prioridades, e envolver a população no processo de busca das metas traçadas. O objetivo é a construção de um sonho coletivo.

São questões para serem colocadas no debate de circulação em Curitiba.

Neste momento estão sendo propostas alterações pontuais nos instrumentos de circulação, como a (1) criação de linhas Interterminais, (2) criação de faixas exclusivas, (3) adequação de semáforos na BR116, todas respaldadas em pesquisas tabuladas por técnicos e que demonstram a busca do atendimento das demandas manifestadas por usuários, e a manutenção e atualização do sistema operacional, medida que, espera-se, esteja ocorrendo de forma permanente para acompanhar as mutações próprias do crescimento da cidade. Se baratas e de fácil aplicação, não há porque não estarem em processo de execução.

Reparos existem com relação às propostas sugeridas nas ruas Nilo Cairo e conselheiro Laurindo, vias contidas no anel central da cidade. Aí há, no nosso entendimento, um ato falho no planejamento; o centro é o coração da cidade, ele atrai os cidadãos e os devolve aos bairros, através do transporte individual e do coletivo. Ao contrário do que alguns defendem, ali não circulam somente “os que têm mais”, mas é um território de todos principalmente dos moradores de bairro.

Pois bem, a proposta contém medidas paliativas, esquecendo a prevenção e a prioridade de encontrar uma solução para a retirada do terminal de Guadalupe do centro, para melhor atender o usuário, economizar combustível e aumentar a fluidez do tráfego. É uma meta: preservar o coração para melhorar a circulação.

Uma segunda meta que pode ser elencada é a mudança de foco nos trilhos. Antes de pensar no metrô, é preciso viabilizar o contorno da cidade, pois, além de retirar os trilhos que cortam a cidade, colocando em risco a saúde das pessoas, novas alternativas de circulação surgirão nas áreas desocupadas. O contorno parece esquecido, e o metrô da “Copa” lembrado.

Uma terceira meta sugerida: os equipamentos especiais. As válvulas do coração, equivalentes ao transporte coletivo; os “stents” que cumprem a função dos túneis e das trincheiras; e as safenas compreendidas como viadutos.

De resto, cabe-nos estreitar o entendimento com os médicos e com aquele que concebeu o homem e o sistema circulatório.

1982

## **DEMOCRACIA URBANA**

### **A CIDADE**

Todos sabemos que para se obter moradia é necessário trabalhar. O trabalho, por sua vez, pressupõe períodos de descanso, o que implica a existência de espaço e atividades para o lazer. Ao deslocar-se do seu lar para o trabalho e de ambos para locais de lazer, o indivíduo precisa mover-se através da cidade, portanto circular.

- Moradia
- Trabalho
- Lazer
- Circulação.

São essas as funções básicas de uma cidade.

Nos últimos anos, em Curitiba, foram desenvolvidas discussões as mais intensas dessas funções, até se esgotarem as alternativas teóricas e práticas do seu entendimento. Criou-se um modelo próprio de planejamento urbano, promovendo um “make-up” da face da cidade repre-

sentada pela sua zona central; estabeleceu-se um sistema de circulação rápido, fluente e confortável; o lazer foi criado nos grandes parques da cidade, acrescidos da função fundamental para regular a vazão dos rios que se dirigem ao seu centro urbano.

Usando uma expressão do “economês”, foi dedicada atenção especial aos aspectos macro urbanos da cidade. Isso significa que as funções da cidade como entidade foram atendidas de forma a fazer inveja a qualquer cidade brasileira, e, como gostariam de alguns, a qualquer cidade do mundo.

É verdade também que a máquina publicitária nos induziu a extremos que não são de todo desejável; se, por um lado, a difusão e a polêmica despertaram a população para os problemas de natureza urbana, por outro, a sua intensidade e a restrição de informações a um grupo diminuto de pessoas reduziu sensivelmente o leque das nossas opções. As pessoas passaram a viver com a convicção de que a cidade se encontrava pronta, com todas as suas funções perfeitamente atendidas, não cabendo, portanto, alternativas além daquelas oriundas do grupo detentor das informações.

Dessa forma, qualquer ideia de pessoa não participante daquele grupo morria por inocuidade.

Outra consequência deste aspecto da limitação do grupo e da centralização das decisões foi o não surgimento de novos comandos e lideranças autênticas.

Observa-se, portanto, que se o aspecto macro da cidade está atendido, se a face está reluzindo, se o sangue flui suavemente por suas artérias, a sua alma carece de intensos cuidados. Não só na esfera administrativa interna, mas também nas suas carências de pequena escala: a pequena ponte de ligação entre bairros, o valetamento da rua longínqua, o tubo na frente da casa do conjunto habitacional, a limpeza do terreno baldio, a calçada nos bairros, etc. são providências de pequeno impacto publicitário, mas de grandes dividendos sociais.

A Estrutura Administrativa, por sua vez, carece de um aprimoramento na qualidade do pessoal, cuja falta de motivação para a coisa pública tem aspectos assustadores para o contribuinte. A nosso ver, estes

problemas são solucionáveis, com treinamento e seleção mais apurada e, principalmente a mudança de postura dos elementos de chefia. É preciso que o grupo participe com a chefia, que por sua vez transmitirá à população o sentimento de unidade administrativa.

É preciso, além disso, que os grupos de decisão se distribuam pela cidade, facilitando soluções, simplificando-as de forma a reduzir as possibilidades de tráfico de influência. O tempo perdido nas filas de espera da decisão que tarda faz prosperar o mercado corruptor.

### A MÁQUINA POR DENTRO

Na PMC da atualidade, o desempenho do motor está deficiente e, em certas ocasiões, aquém de suas potencialidades. Uma das razões desta dificuldade reside nas relações mantidas entre os seus diversos órgãos desalinhados, com o que seria a política administrativa global, em outro observamos órgãos com duplicidade de funções, em outros ainda, órgãos destituídos de função.

Ora, por que o órgão responsável pelo planejamento aplica o zoneamento se a sua função é conceber o plano da cidade e fixar as diretrizes de natureza geral a seguir? O órgão de execução, por seu lado, ao invés de implantar o zoneamento, isto é, interpretar os dispositivos legais e aplicá-los, limita-se a informações corriqueiras em processos sem substância. Na verdade, o estudo apurado de processos objetivando a sua solução e as interpretações equilibradas da legislação foram, nos últimos tempos, colocados sob suspeição. O medo do autoritarismo tem impedido o exercício da autoridade.

Em outro setor, o planejamento da cidade industrial foi concebido por técnicos do IPPUC; o seu zoneamento, várias vezes modificado, foi elaborado pela URBS, que por sua vez agigantou-se de tal forma que exigiu a sua própria divisão em duas companhias.

São vários, portanto, os exemplos do decréscimo de eficiência de uma estrutura administrativa que já experimentou momentos de rara grandeza.

Ocorre-nos que são vários os estilos e técnicas de administração; entretanto, entre seus princípios, existe um que é comum a todas as correntes: a motivação.

A origem da motivação está no plano de governo, que por sua vez no plano municipal é definido pelo prefeito, que traça e transmite as diretrizes aos auxiliares executivos, a quem cabe traduzi-los em detalhes para os funcionários. A rapidez, a segurança e a firmeza com que se desencadeiam estas normas representam a base da administração.

A massa de funcionários localizada numa das pontas precisa tomar conhecimento da política global da administração, para inclusive assumir a sua aplicação.

Desde 1972, por exemplo, e no decorrer dos três anos seguintes, o plano urbanístico da cidade foi amplamente discutido pela sociedade, o que redundou no engajamento de todo o quadro funcional na sua implantação.

A administração instalada em 1976 solidificou o plano estabelecido anteriormente, acrescentando um ambicioso plano de obras que foi o motor daquela gestão.

Parece-nos ser agora o momento da reestruturação administrativa. Voltada principalmente e essencialmente para as reivindicações menores da população e da atuação maciça no campo social, especialmente da aproximação das decisões à periferia da cidade.

Ainda no campo administrativo se faz necessária a criação de uma nova mentalidade de gestão, que envolva e defina como objetivo prioritário o atendimento ao cidadão.

A estrutura administrativa já está devidamente equipada em termos de recursos tecnológicos: as consultas amarelas, as aprovações de projetos o lançamento e emissão de impostos, etc. já não mais prescindem do uso do computador. Há, pois, que usá-lo racional e intensamente antes de substituí-los por linhas ou estágios mais sofisticados.

Acrescente-se que o sistema de geoprocessamento já é uma técnica de domínio dos funcionários municipais.

Na verdade, é preciso humanizar a máquina administrativa internamente, no sentido do atendimento das reivindicações do contri-

buinte. As decisões precisam fluir com maior rapidez e a administração precisa se aproximar mais do cidadão.

Em termos práticos, as soluções simplistas devem ser liberadas do clima de suspeição em que se encontram e, ao contrário, devem ser estimuladas. Se a distribuição de renda caracteriza uma necessidade que sensibiliza a consciência nacional, este é o momento de entendermos que a agilização de um processo ou decisão burocráticos representam o caminho para atingir este objetivo.

A aproximação das decisões se faria pela descentralização administrativa. Cada Departamento Municipal, por exemplo, deveria manter um setor atuando dinamicamente, deslocando-se periodicamente entre os bairros da cidade, aproveitando as moradias do bairro como local para despacho de decisões, isto para evitar a criação de novas estruturas administrativas.

Dessa forma, o cidadão comum obtém rapidamente as respostas requeridas ao poder público e, com isso, promove a justiça social. E mais, procede-se à distribuição equitativa daquilo que convencionamos chamar de direitos do cidadão.

## VOCAÇÃO

A tecnocracia estabeleceu que cada cidade, vista sob determinados parâmetros, tinha seu destino e perfil perfeitamente definidos.

Foram então estabelecidos os tipos de cidades.

Cidade Cultural ou histórica – Para ela convergiam os grupos criativos da sociedade, que por sua natureza polêmica promoviam o desenvolvimento das ideias e das artes. Sua arquitetura deveria ser nostálgica e guardar reminiscências do passado. O seu passado deveria conter várias menções nos livros de história da região ou do país.

Cidade Mercantil – A localização geográfica é o seu parâmetro. Ela deve estar situada próxima aos pontos de circulação dos produtos e bens de produção. O perfil da população é por consequência mercantilista.

Cidade Industrial – Seus condicionantes, por inverossímil que possa parecer, são os bens da natureza. Uma cidade industrial não nasce

se as fontes de energia não estiverem próximas e não se desenvolve a grandes distâncias da matéria prima. Outra característica que lhe é peculiar é a sua capacidade de exterminar os fatores naturais, responsáveis pela sua sobrevivência.

Cidade Institucional – Esta abriga o poder. Nela, os homens não apenas moram, mas periodicamente circulam, exercendo seu poder de mudar fatos ou situações.

Cidade Turística – Ela precisa ser bela, ou possuir algo raro.

Cidade do Conhecimento – Abriga laboratórios, onde são desenvolvidas técnicas educacionais de inovação.

Ao contrário do que gostariam alguns apologistas, Curitiba não se enquadra em nenhuma das classificações que acabamos de expor.

Sua história, embora rica, é demasiado recente. O modelo exportador da nossa economia exige de uma cidade mercantil a existência de um porto; as fontes de energia não lhe são próximas nem o solo é rico em matérias-primas, fatos que prejudicam a atividade industrial; embora abrigue o poder local, ela não vive dele; e, finalmente, embora uma bela cidade, seus recursos naturais não atingem o status de raridade.

Ela se caracteriza por ser uma cidade pragmática.

Embora não se enquadre totalmente em nenhum daqueles “clichês”, ela traz em seu interior características de cada estilo.

O número de universidades e o perfil jovem da sua população demonstram elevado nível da atividade cultural. A sua localização geográfica, próxima do Porto de Paranaguá e na rota de escoamento da produção agrícola, levam-na a participar da comercialização de produtos.

No âmbito das limitações que impusemos, Curitiba não é uma cidade com vocação industrial. Sobrevive neste campo, entretanto, graças à determinação, têmpera e a força resultante da heterogeneidade das raças que a habitam.

Curitiba é também uma cidade institucional, não no sentido estrito, mas pelo fato de que para ela gravitam as atividades culturais e sociais do Estado, e dela emana o poder para o território.

Nossa cidade não é eminentemente turística. Entretanto, embora a natureza não a tenha premiado com nenhum acidente raro, ela é passagem obrigatória para duas obras que despertam admiração mundial, uma com origem na natureza e outra executada pelo homem: Cataratas do Iguaçu e a Usina de Itaipu.

Enfim, é incorreta e artificial qualquer tentativa de induzir a cidade a assumir um modelo específico. Um exemplo disso é a cidade industrial, ocupada por indústrias sofisticadas, altamente mecanizadas, de baixa absorção de mão de obra e que por estas razões extraiu mais do que concedeu à cidade.

A cidade é, pois, eclética. Ela não aceita imposições determinadas pelo planejamento rígido em detrimento do seu dinamismo natural.

### **ZONEAMENTO E USO DO SOLO**

Está fora do propósito deste ensaio a discussão das minúcias do plano em vigor. Entretanto, para os comentários que pretendemos desenvolver, faz-se necessário conceituar de forma bastante simples o que entendemos por zoneamento e uso do solo.

Diríamos que zonedar é ordenar as funções básicas, dispondo sobre os direitos do cidadão em usar a sua propriedade e direcionando o desenvolvimento das atividades econômicas.

Sob qualquer ângulo, o zoneamento se caracteriza pela interferência do poder público sobre a vida do cidadão. Em nome do Estado, da sociedade, do planejamento, e até do que julgam ser o interesse do próprio cidadão, à propriedade são acrescentados ou suprimidos os direitos de uso.

Nesta etapa da vida da nossa cidade, julgamos não ser este aspecto ou planejamento adotado a questão prioritária.

Se faz premente, isso sim, analisar a cidade sob o aspecto do seu dinamismo, aprofundando ampla discussão em torno dos conceitos acima emitidos.

É inadmissível, por exemplo, que:

– A função circulação seja abundantemente atendida no bairro do Bacacheri sem o apoio da função trabalho.

– As limitações de uso de uma costureira ou de um sapateiro, no Portão e no Bacacheri, sejam as mesmas.

– O empresário natural, aquele que inicia uma atividade industrial em pequena escala, respaldado na sua criatividade e no espírito empreendedor, não tenha local para se estabelecer, de acordo com o nosso mapa de zoneamento. Os locais destinados à implantação industrial prestam-se ao uso de grandes conglomerados industriais, nacionais e multinacionais. É preciso, pois, que os nossos planejadores se conscientizem de que inteligência e criatividade representam capital livre, sem compromissos e dívidas poupadas.

– O adensamento populacional aconteça sem o devido respaldo do planejamento. Como exemplo, citaríamos a ocupação do solo na região do Boqueirão.

Enfim, a cidade precisa ser entendida como um ser dinâmico, mutável nas suas carências e necessidades. É através da discussão dos seus problemas que conseguiremos suprir as suas aspirações, antes da sua transformação em dificuldades intransponíveis.

### **A EDUCAÇÃO E O ASPECTO SOCIOCULTURAL**

Se fosse possível estratificar a sociedade em níveis de posicionamento social poderíamos, numa apreciação grosseira, chegar ao seguinte resultado:

Parcela privilegiada.

Parcela desesperada (Fila da COHAB).

Parcela desmotivada (favelas).

Parcela miserável (o morador de rua).

A Parcela Privilegiada – É representada pelo segmento da população que nos últimos anos tem sido atendida pelos poderes constituídos no que se refere aos diversos aspectos já definidos como funções da cidade. Os seus direitos têm sido respeitados, e quando isso não acontece, ela está suficientemente conscientizada e organizada para reivindicá-los.

A parcela Desesperada – Das funções da cidade, ela absorve com intensidade o fator transporte. Economicamente, ela situa-se no limite da marginalização social. Sobre ela assim se manifestou um conhecido pensador social: “A pobreza é cruel, mas a luta incessante constantemente frustrada para fugir da pobreza é ainda mais cruel.”

A parcela desmotivada – É representada principalmente pela população favelada. Ela não obtém, concedem-lhe. Ela usufrui dos benefícios urbanos, tais como emprego e transporte, assim como das desgraças ambientais representadas pela poluição, insalubridade, insegurança etc. Isso tudo sem poder assumir compromissos com as normas sociais em vigor. Ela atingiu o que se chamou de ponto de acomodação, o que significa viver em equilíbrio na pobreza, isto é, em melhor condição do que o conflito constante com a pobreza, sem esperança de escape.

A parcela miserável – Seu único conceito de valor reside no instinto de sobrevivência. Ela não tem sentido de organização social, por isso não tem e até não sabe o que, e a quem reivindicar; assim, é a mais indefesa das camadas sociais.

É comum ouvirmos, a cada administração que assume, a afirmação de que os tempos estão a exigir o atendimento das reivindicações da população de baixa renda. É habitual também ouvirmos a negação a essa promessa.

Seria fácil e até gratificante para alguns afirmar que essa assistência não ocorreria em função unicamente de falhas ou incompetência do poder executivo.

Na verdade, são diversas as causas do procedimento elitista das nossas administrações com relação ao atendimento das carências sociais.

O modelo econômico brasileiro, de características eminentemente centralizadoras, produz soluções de gabinete elaboradas, seguindo parâmetros imaginados a distância das condições locais.

Os parâmetros federais acabam transmitindo-se aos Estados e municípios, os quais, por sua vez, adéquam os seus órgãos de planejamento a normas que resultam na aprovação dos recursos financeiros por órgãos federais.

A sociedade encontra-se melhor organizada nas suas camadas economicamente superiores, não existindo, nas demais, canais adequados de reivindicação.

O êxodo rural tem aumentado em proporções que a administração pública municipal não consegue absorver sozinha.

As decisões se aproximam dos amigos do rei e se afastam do cidadão comum.

Várias são, pois, as causas do desequilíbrio existente entre as diversas camadas sociais.

O propósito desta matéria não é o aprofundamento das questões, uma vez que seria uma tarefa a nível de planejamento da execução. Objetivamos, na realidade, o lançamento de questões a serem debatidas.

Muitos seriam os métodos a serem adotados na solução dos problemas expostos; entretanto, nenhum deles alcançaria êxito sem a Educação que, isolada, não é medida suficiente, mas absolutamente necessária.

“Somente a educação permite que o indivíduo esteja continuamente em contato com o mundo exterior, só ela lhe fornece a medida do controle sobre este contato, e o ajuda no próprio momento em que está tentando escapar do seu mundo de pobreza.” (Galbraith)<sup>4</sup>

1986

## QUAL DEVERÁ SER O PERFIL DO PREFEITO

Antecipar o futuro! Esta é uma possibilidade que fascina os seres humanos. Todos os homens e mulheres disputam o privilégio de ter o conhecimento antecipado dos acontecimentos.

---

4 . Publicado em *Trezentas Histórias do Paraná* e no jornal *Gazeta do Povo* em 2004. N.A.: Este texto foi submetido à análise do corpo técnico do prefeito eleito Mauricio Fruet no início da década de oitenta, com intuito de colaborar para o estabelecimento de metas de uma nova fase administrativa que se iniciava dentro dos princípios do processo democrático, em implantação. Embora o tempo transcorrido, observa-se que muitos dos desafios permanecem e devem ser levados em conta desde que atualizados à realidade deste novo século. Ainda hoje permanece presente a demonstração de que a cidade tem muitos guardiões, muitos defensores dos seus valores, outros tantos sonhadores, mas jamais proprietários. A cidade tem por dono o conjunto da população.

Alguns recorrem às cartas, outros buscam respostas nos horóscopos e há também quem utilize os búzios, ou os videntes. Qual então será o perfil do futuro prefeito?

- O futuro prefeito não poderá viver unicamente da memória, pois a cidade que vive apenas da memória é uma cidade fantasma. É preciso, no entanto, que cultive as lições da história da cidade, pois uma cidade sem memória é uma cidade sem rumo.

E uma cidade com memória é uma cidade sábia.

- Ele deverá estar consciente de que a cidade não tem dono, mas tampouco ela não é terra de ninguém. A cidade é produto dos negros, dos amarelos, dos brancos, dos mestiços e daqueles menos coloridos.

Ela, no entanto, cresce e se humaniza pela cabeça daqueles que transformam sonhos em realidade.

- O prefeito deverá se preocupar com a alma do povo, dedicando-se às obras para o povo. Mas não poderá jamais se esquecer de compartilhar com alma as suas obras.

- Ele deverá ser solidário com os miseráveis e com os humildes, pois a solidariedade conforta o coração dos seres humanos. As suas ações deverão se estender para além das intenções, por isso o homem deverá ser o sujeito e objeto do planejamento, que deverá produzir resultados práticos.

- O respeito ao cidadão deverá estar presente entre as suas prioridades, pois o tempo perdido na fila da maternidade, do parto, da escola, ônibus, armazém e mercado; fila do trabalho, do emprego e do desemprego, da previdência e da imprevidência; fila do processo, das ideias e da falta delas; fila da indefinição e da omissão; a fila da vida até a morte deverá encontrar no prefeito um adversário constante.

- As suas leis e aqueles a quem caberá a responsabilidade de cumpri-las deverão se preocupar com o básico, o essencial. Os seus auxiliares deverão ser indivíduos preparados e estimulados para tomar decisões. Não prisioneiros da lógica fria das máquinas computadoradas, mas deverão saber fazer uso delas. Os problemas deverão ser enfrentados com soluções complexas para problemas complexos, e simples soluções para problemas simples.

- As escolas do seu tempo não serão mágicas. Poderão ser chamadas de integrais, públicas ou privadas; mas deverão ter carteiras, e professores exercendo a profissão com dignidade. Hão de ser um lugar de opção dos mais pobres, aspiração dos menos pobres, e também dos mais ricos.

A sua magia será a realidade!

- A saúde do povo deverá preocupar o futuro prefeito. Para isso a terra, o ar, a água e todos os bens da natureza serão preservados da ação predadora de quem não os respeita, e recuperados por medidas de saneamento básico.

- Os doutores, por seu lado, cuidarão da alma e do corpo dos cidadãos. E a miséria será combatida pela criação e incentivo daqueles que produzem a multiplicação do emprego.

- O prefeito não poderá ser omissos, mesmo sabendo que a solução da moradia está na riqueza dos campos. O equilíbrio da casa própria será perseguido pela criação de instrumentos que agilizem a comunicação entre as necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade.

- A integração marcará as suas relações com as cidades vizinhas. A harmonia de convivência será garantida pela vocação de cada vizinho; quem produz batata deverá ser incentivado para produzir mais batata; o que planta verdura, pois que plante mais verdura; e aquele que industrializa produtos, que multiplique os empregos.

- E, ao final, o estímulo à criatividade individual. O desenvolvimento das artes é o caminho para cruzar o deserto de ideias. E na nossa cidade este terreno é extremamente fértil. O futuro prefeito não deverá ser um Frankenstein gerado por mago de marketing político.

Será o cidadão que recebeu a maioria de votos. Por isso, sempre é bom lembrar.

Vote bem. Vote consciente.

## 2 - EMPRESÁRIO

1971

### **CEM – A primeira empresa**

Engenheiro recém-formado em 1971 pela Universidade Federal do Paraná, o rapaz reuniu-se com o pai e expôs o seu desejo de exercer a profissão de engenheiro num setor que oferecesse liberdade de iniciativa para materializar seus sonhos de estudante. O engenheiro da obra feita cederia espaço para o protagonista da indústria da construção.

Abriu mão da empresa centenária comandada pelo pai, comprometida com dificuldades pelo conflito de gerações, para transformar em escritório a sala de estudos nos fundos da garagem de casa. Estava criada a empresa com capital a integralizar através de obras e serviços de engenharia.

Construção de muros, barracões, agências bancárias, casas de moradia e comércio, conjuntos habitacionais, edifícios residenciais e comerciais fizeram a sua história. A meta básica residia em gerar os empregos necessários para ver a obra realizada e à medida que se ampliavam as oportunidades, ao contrato social da empresa agregaram-se jovens profissionais competentes e qualificados para o desafio.

A equipe que conduziu o processo de ampliação de atividades iniciou com a disciplina oriental do Edson, que colocou ordem na administração e nas finanças; depois, veio o colega de escola de engenharia, Joaquim Agner Machado, com experiência em grandes organizações e capacidade de comando nos canteiros de obras; e mais, o Luiz Pilotto Junior, mestre em administração de empresas; o ordenador das contas

contábeis chamava-se Mario Mazzuco. Depois de um período de quatro anos prestando serviços na área da construção civil, a empresa assumiu novos desafios, iniciando atividades de incorporação de imóveis.

A ideia que inspirava os dirigentes era dar uma contribuição cultural para a cidade. Estabeleceram como meta a denominação de nomes de pintores famosos para os edifícios que incorporava e construía. “Vamos fazer em cada bairro uma referência criativa, marca, registro ou sinal de arte, informação e cultura”, sonhavam.

Cerca de 80 edifícios foram construídos, Van Gogh, Rembrandt, Botticelli, Debret, Da Vinci, Delacroix, Matisse, Mondrian, Monet, Frederico Kissingard e outros tantos. Em dez anos já tinham muito a comemorar.

1981  
**DEZ ANOS**



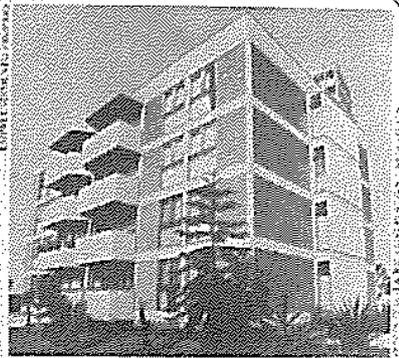
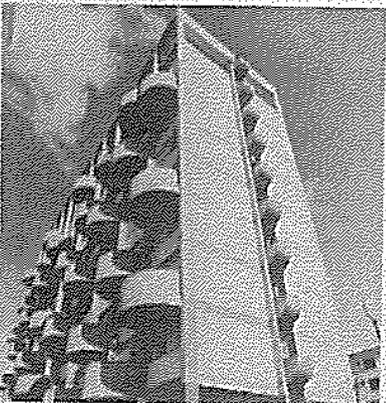
“  
 Quem é você?  
 Quem é você, diga logo.  
 Era um, era dois, era cem  
 Não é ferrugem no aço  
 É o tijolo chegando  
 Tijolo por tijolo num desenho mágico  
 Ergueu no patamar quatro paredes solidas.  
 É a viga, é o vão  
 Festa da cumieira.  
 E a construção foi indo  
 Foi crescendo, foi subindo.  
 Um modo novo da gente viver  
 De pensar e sonhar, de sofrer.  
 Que a vida não é só isso que se vê.  
 Hoje é preciso refletir um pouco  
 Precisa ser muito sincero e claro.  
 Quanto tempo passou,  
 Quanta coisa mudou.  
 Teus poucos anos de vida, ”  
 Valem mais do que cem anos.

Inédito de: CHICO BUARQUE (Autor das Mensagens), (Composição) (Carnegie)  
 EDU LOBO/CAPINAM (Poemas)  
 MILTON NASCIMENTO RUY GUERRA (Cantos e Letras)  
 PAULINHO DA VIELLA E HERMILIO BULLO DE CARVALHO (Canta da Mensagem)  
 LUIZ JOSÉ ROBERTO DE SALES (Poesia de Babel)  
 TOM JOBIM (Linha de Afonso)  
 VINÍCIUS DE MORAIS E ERNESTO NAZARETH (Carnegie)

## VAN GOGH 1977

**RUA FERNANDO AMARO, 650**  
**3.800,00 m<sup>2</sup> - 16 APARTAMENTOS**

- 1841 — Sr. de Marçal, dono, compra propriedade Aldeia Indígenas Veneza, Vila de São Paulo, ilha de pastor protestante.
- 1879 — primeira construção.
- 1880 — construção em 4 blocos, cada um com perspectiva e arquitetura.
- 1881 — dezembro: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel, mestre de obras, mestre de obras, mestre de obras, mestre de obras, mestre de obras.
- 1882 — mestre de obras: mestre de obras.
- 1883 — dezembro: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.
- 1885 — construção: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.
- 1887 — construção: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.
- 1888 — construção: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.
- 1889 — construção: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.
- 1891 — construção: ilha e ilha: cada um construído pelo mestre Manoel.



## PIETA 1974

**MICHELANGELO BUONARROTI**  
**RUA CAPITÃO SOUZA FRANCO, 540**  
**1.451,00 m<sup>2</sup> - 08 APARTAMENTOS**

- 1475 — 6 de maio: nasce em Caprese, perto de Florença.
- 1498 — entra, como aprendiz, no estúdio de Domenico Ghirlandajo, considerado mestre da pintura de Florença.
- 1499 —
- 1499 — frequenta a escola de escultura fundada por Leonardo, o Mag. mestre, na Madona de São Marco.
- 1499 — esculpe *Pieta*, onde sua mãe encontra o corpo do filho morto e adormecido (Michelangelo Buonarroti).
- 1501 — volta a Florença, morando no Palazzo Vecchio.
- 1504 — por esta época, pinta *A Segunda Jornada*, mais conhecida como *Moisés Liberado*, a primeira pintura sua de que se tem notícia.
- 1508 — termina uma escultura de João Henri Bolchini. 10 de maio: começa a escultura da Capela Medici.
- 1516 — o novo Papa, Leão X, escolhe o da escultura da *Capela da Família de São Lourenço*, em Florença.
- 1527 — guerra em Florença: Michelangelo abandona nos próximos para a defesa da cidade.
- 1530 —
- 1541 — pinta os afrescos da Igreja da Santa Maria da Nova.
- 1542 — termina os afrescos da Capela Paulina.
- 1564 — 18 de fevereiro: morre em Roma.

**EDIFÍCIO**  
**DI CAVALCANTI** 1920

**RUA JOÃO TOBIAS PINTO REBELO**  
**2.010,00 m<sup>2</sup> - 20 APARTAMENTOS**

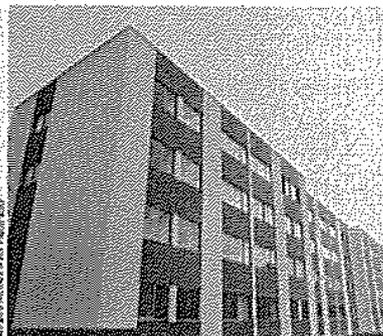
1917 — nasce no Rio de Janeiro.  
1916 — participa do I Salão das Humanistas, na Liga de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.  
1922 — em São Paulo, participa da Semana de Arte Moderna, realizada por sugestão sua.  
1923 — permanência europeia; travou conhecimento com a obra de Picasso, Matisse e Braque. Das impressionistas e do El Greco, que tinham repercutido em sua obra.  
1925 — melhor punter Nacional (sem Votipi) da II Bienal de São Paulo.  
1926 — falecimento.

Artista de intensa atividade como pintor, ilustrador, autor de cartões para lapapeiras.  
O elemento mais importante em sua formação artística: morou em Paris, em contato com os grandes mestres, da arte do carnaval carioca.  
Pintor de paisagens urbanas; retratos; cenas históricas, religiosas e sociais; gênero e natureza-mortas.



FOTOGRAFIA DE LUIZ CLÁUDIO MEHL

---

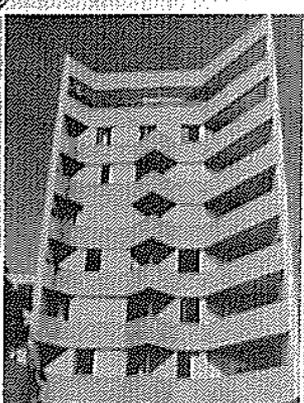


FOTOGRAFIA DE LUIZ CLÁUDIO MEHL

**EDIFÍCIO**  
**Botticelli** 1981

**RUA GUARARAPES, 120**  
**2.363,00 m<sup>2</sup> - 24 APARTAMENTOS**

1445 — nasce em Florença, Alessandro — futuro Sandro Botticelli.  
1462 — Sandro estreia pintora com Filippino Lippi.  
1470 — recebe a primeira encomenda: decorar o sala do Tribunal da Mercancia.  
1472 — inscreve-se na confraria São Lucas de pintores.  
1474 — realiza o *Stroppo da Primavera e A Estação das Poesias* para os Medici.  
1481 — rememora: viagem para Roma a convite da Papa Sixto IV para pintar junto com Giuliano da Sangallo, Cosimo Rosselli e Perugino, a Capela Sistina.  
1482 — volta a Florença; pinta o Comentário à Divina Comédia, de Cristoforo Landino.  
1486 — executa os afrescos em Lemna (atualmente no Louvre).  
1488 — executa o retábulo para a Igreja de São Marcos.  
1494 — destruição oficial do quadro *A Estação das Poesias*.  
1496 — corresponde-se com Michelangelo.  
1510 — 17 de maio: morre em Florença e é sepultado na Igreja de Todos os Santos.



FOTOGRAFIA DE LUIZ CLÁUDIO MEHL

**MORADAS**  
**CANDIDO**  
**PORTINARI** 1978

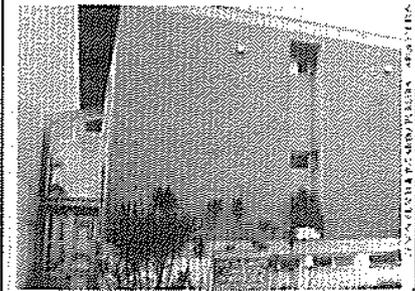
**RUA PROFESSOR BRANDÃO, 673**  
**980,00 m<sup>2</sup> - 8 RESIDÊNCIAS**

1901 — 29 de dezembro: nasce em Breda, N.P. Cândido Portinari.  
1918 — intercalada a no Escola de Belas Artes no Rio.  
1921 — primeira obra vendida: *Um Baile no Rio*.  
1923 — recebe medalha de bronze no Salão de Belas Artes.  
1924 — faz o curso de Belas Artes na Escola Nacional de Belas Artes, sob a orientação de Portinari para participar do Salão de Paris.  
1925 — faz o curso de Belas Artes em Paris e retorna ao Brasil.  
1928 — O Museu de Arte Moderna de Nova York adquire sua obra *O Afresco*.  
1939 — era o primeiro para o pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova York.  
1940 — expõe individualmente no Museu de Arte Moderna de Nova York.  
1946 — expõe em Paris, o Museu de Arte Moderna de Paris adquire sua obra *Um Baile no Rio*.  
1947 — pinta o painel *A Fronteira Alada no Brasil* e *Trabalhadores*.  
1950 — representa o Brasil na Bienal de Veneza.  
1952 — começa o trabalho para os painéis *Guerra e Paz*.  
1953 — pinta a *Três Cordeiros* para a Igreja de São Marcos.  
1956 — inaugura o seu painel *Guerra e Paz* na ONU, recebe o Prêmio Longines em Nova York.  
1958 — participa da exposição *50 Anos de Arte Moderna* em Brasília.  
1962 — 6 de fevereiro: falece, no Rio de Janeiro.

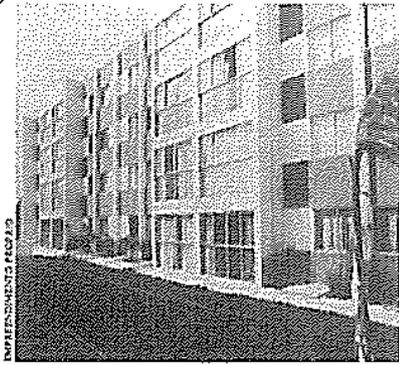
**EDIFÍCIO**  
**Rembrandt** 1977

**RUA TREZE DE MAIO**  
**1.973,00 m<sup>2</sup> - 6 APARTAMENTOS**

1606 — 15 de julho: nasce em Leyden, na Holanda, Rembrandt Harmenszoon van Rijn.  
1620 — interrompe os estudos, para dedicar-se à pintura.  
1621 — torna a aproximar-se do atelier do pintor Jacob Jansz van Swanenburgh.  
1624 — é discípulo, em Amsterdam, do pintor Pieter Lastman.  
1626 — pinta seu primeiro quadro.  
1632 — pinta *"Leção de Anatomia"*.  
1634 — casa-se com Saskia de van Kesterenburgh, que lhe dá o nome de seu filho e fonte de inspiração de sua arte.  
1642 — pinta a *"Bianca Montorsi"*.  
1656 — é desafiado a fazerem dois empreendimentos financeiros de Rembrandt.  
1660 — Hendrickje Stoffels e Tibe formam um empreendimento comercial para a venda dos quadros de Rembrandt, assim como sua esposa — e que ele se tornou o proprietário da loja.  
1669 — 4 de outubro: morte de Rembrandt.



FOTOGRAFIA DE LUIZ CLÁUDIO MEHL



EDIFÍCIO  
**Debret** 1981

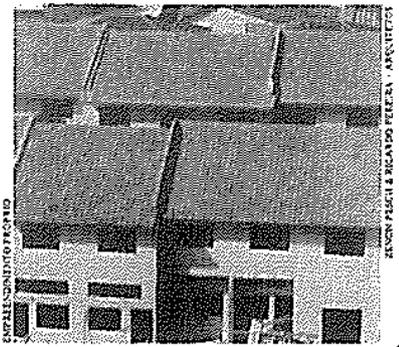
RUA CANADÁ  
1.740,00 m<sup>2</sup> - 15 APARTAMENTOS

- 1928 — nascimento
- 1935 — frequentou a Academia de Belas Artes.
- 1938 — apresentou no Salão de Paris o quadro "O General Maximiano Arístides Liberal por uma Jove", obtendo o 2º lugar.
- 1944 — participou em várias exposições. Colaborou na decoração de edifícios públicos e residências.
- 1946/
- 1951 — ficou no Rio de Janeiro, dedicou-se à pintura histórica (Destino de Dona Leopoldina, MNHA) e ao ensino.
- 1929 — realizou no Rio, a primeira exposição oficial de arte com trabalhos de seus alunos.
- 1934 — em Paris, publicou os três volumes da obra que iria celebrar em "O Voyage Pitoresque et Historique en Brésil", cuja 150 gravuras são fonte preciosa para o estudo da vida colonial no Rio de Janeiro.
- 1948 — falecimento.

MORADAS  
**Pablo Picasso** 1982

RUA FERNANDO AMARO, 732  
2.261,60 m<sup>2</sup> - 23 RESIDÊNCIAS

- 1881 — nasce a 25 de outubro em Málaga, Espanha.
- 1902 — falece aqui (até 1904, aproximadamente).
- 1904 — instala-se definitivamente em Paris; faz rota (até 1906).
- 1907 — *As Simplicidades de Avignon*; início do Cubismo.
- 1909 — Cubismo maduro (até 1912).
- 1918 — volta ao passado, através de um estilo neo-clássico.
- 1921 — nasce seu filho Pablo; época de grandes composições em um Cubismo livre, como *Dez Músicos*.
- 1925 — *Natureza Morta com Cabeça Amarela, Três Grupos e Três Dançarinas* em um resumo da obra, e um selo.
- 1927 — começa as gravuras da *Série Vollard*; pinturas harmonizadas e bonitas.
- 1937 — Guerra Civil Espanhola: *Guernica* e outras composições num estilo angustiado e expressionista.
- 1946 — período da "alegria de viver".
- 1971 — completa noventa anos, em plena atividade, e a data é comemorada com uma das últimas exposições de um artista vivo realizada pelo Museu do Louvre (Paris).
- 1973 — morre a 8 de abril, em sua vila de Mougins, na Riviera francesa.



SENTE PASCAL & RICARDO FERREIRA - ARQUITETOS



EDIFÍCIO  
**PAULO EDMUNDO MÜLLER** 1982

RUA AMÂNCIO MORO  
1.261,36 m<sup>2</sup> - 16 APARTAMENTOS

**PARQUE DAS TORRES**  
1982  
PROPRIETÁRIO -  
FILHOS DE HENRIQUE MEHL S/A IND. & COM.  
80 RESIDÊNCIAS



SENTE PASCAL & RICARDO FERREIRA - ARQUITETOS

**AGÊNCIAS BANCÁRIAS**  
**Bamerindus**



RUA ERÁSTO GAERTNER  
1.458,00 m<sup>2</sup> Ag. Bancários



RUA MOISÉS MARCONDES  
518,00 m<sup>2</sup> Ag. Aftu



RUA MARECHAL FLORIANO  
619,00 m<sup>2</sup> Ag. Vida Melhor

**ilha do mehl**

RUA EMÍLIO DE MENEZES  
1.242,00 m<sup>2</sup>



**buffet cormoran**

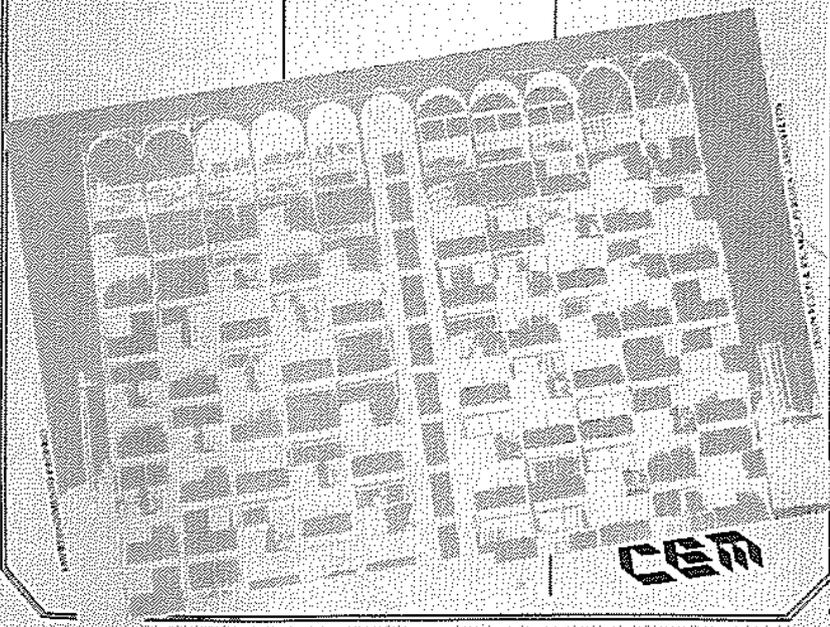
RUA BENVINDO VALENTE  
1.212,00 m<sup>2</sup>



72

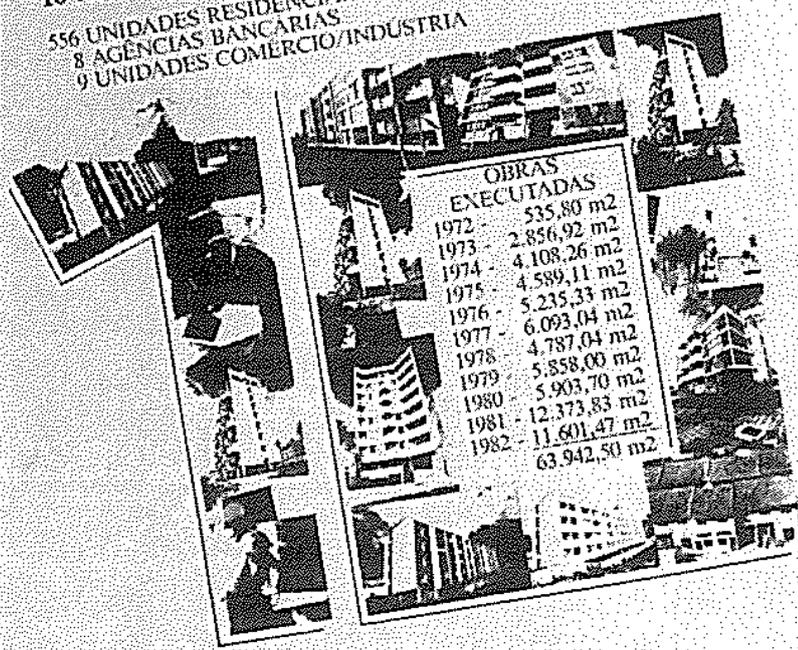
10 ANOS  
DE ESPIRITO  
INOVADOR.

82



**10 ANOS DE ATIVIDADES**

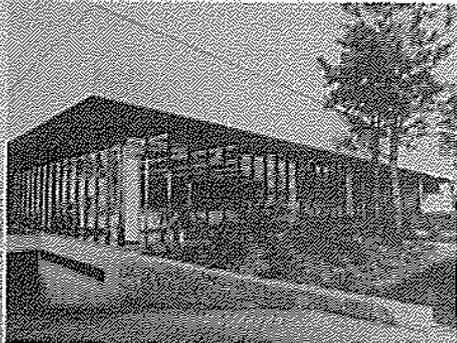
556 UNIDADES RESIDENCIAIS  
8 AGÊNCIAS BANCARIAS  
9 UNIDADES COMÉRCIO/INDÚSTRIA



OBRAS EXECUTADAS	
1972 -	535,80 m <sup>2</sup>
1973 -	2.856,92 m <sup>2</sup>
1974 -	4.108,26 m <sup>2</sup>
1975 -	4.589,11 m <sup>2</sup>
1976 -	5.235,33 m <sup>2</sup>
1977 -	6.093,04 m <sup>2</sup>
1978 -	4.787,04 m <sup>2</sup>
1979 -	5.858,00 m <sup>2</sup>
1980 -	5.903,70 m <sup>2</sup>
1981 -	12.373,83 m <sup>2</sup>
1982 -	11.601,47 m <sup>2</sup>
63.942,50 m <sup>2</sup>	

10

**AGÊNCIAS  
BANCÁRIAS**  
**Bamerindus**



**RUA ERASMO GAERTNER**  
1.438,00 m<sup>2</sup> Ag. Bacachari



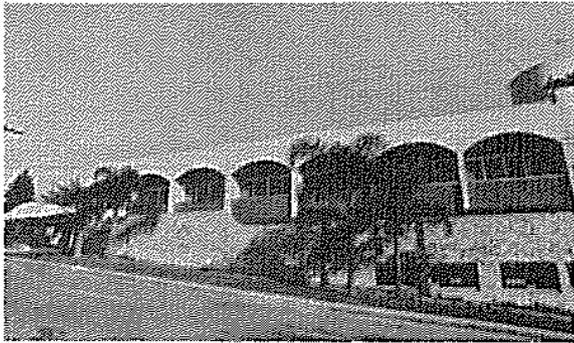
**RUA MOISES MARCONDES**  
518,00 m<sup>2</sup> Ag. Atiu



**RUA MARECHAL FLORIANO**  
619,00 m<sup>2</sup> Ag. Vila Hauer

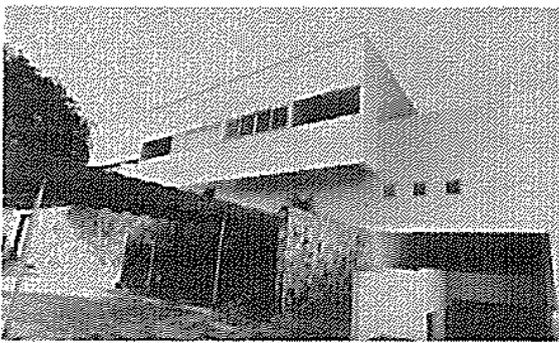
**ilha  
do  
mehl**

**RUA EMÍLIO  
DE MENEZES**  
1.242,00 m<sup>2</sup>



**buffet  
cormoran**

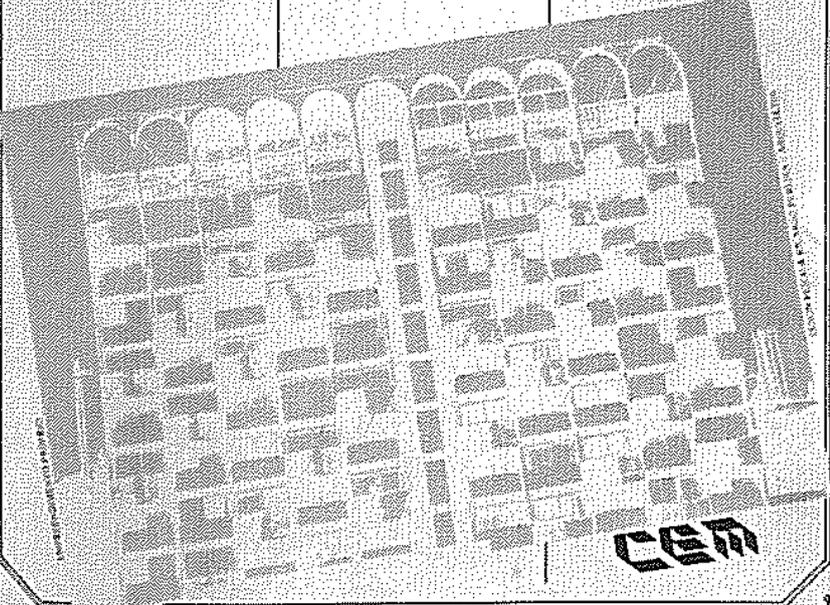
**RUA BENVINDO  
VALENTE**  
1.212,00 m<sup>2</sup>



72

10 ANOS  
DE ESPÍRITO  
INOVADOR.

82



**10 ANOS DE ATIVIDADES**

556 UNIDADES RESIDENCIAIS  
8 AGÊNCIAS BANCÁRIAS  
9 UNIDADES COMÉRCIO/INDÚSTRIA



OBRAS EXECUTADAS	
1972 -	535,80 m <sup>2</sup>
1973 -	2.856,92 m <sup>2</sup>
1974 -	4.108,26 m <sup>2</sup>
1975 -	4.589,11 m <sup>2</sup>
1976 -	5.235,33 m <sup>2</sup>
1977 -	6.093,04 m <sup>2</sup>
1978 -	4.787,04 m <sup>2</sup>
1979 -	5.858,00 m <sup>2</sup>
1980 -	5.903,70 m <sup>2</sup>
1981 -	12.373,83 m <sup>2</sup>
1982 -	11.601,47 m <sup>2</sup>
63.942,50 m <sup>2</sup>	

**10 ANOS DE ATIVIDADES**



JAMES WHITLEY / Capitão



MODESTO BUENO DE MORAES / Senador

Parceiro cem por cento  
Você que une a ação ao sentimento e ao pensamento.  
Dito de VÍNICIUS DE MORAES e BAIEN POWELL (filho da filha)

11



LANÇAMENTOS

ESPANHA  
**MATISSE**  
AV. SETE DE SETEMBRO

COLOMBIA  
**MONDRIAN**  
RUA GUARARAPES

FRANÇA  
**MONET**  
RUA 21 DE ABRIL



12

Primeiro caderno de realizações - 1981

## FOLHETOS



Presenteie sua família  
com um Van Gogh.

O Edifício Van Gogh  
é uma verdadeira obra de arte.

Uma raridade.

A última palavra em bom gosto  
requisite e classe.

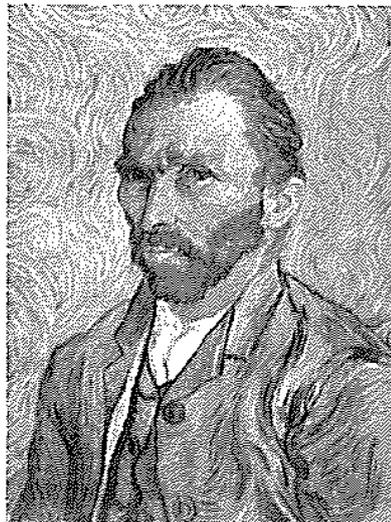
Ele foi projetado com o  
máximo de conforto, beleza e  
funcionalidade.

Todas essas qualidades foram  
reunidas para lhe oferecer um  
edifício residencial da mais  
alta classe.

Exclusivamente para quem sabe  
viver.

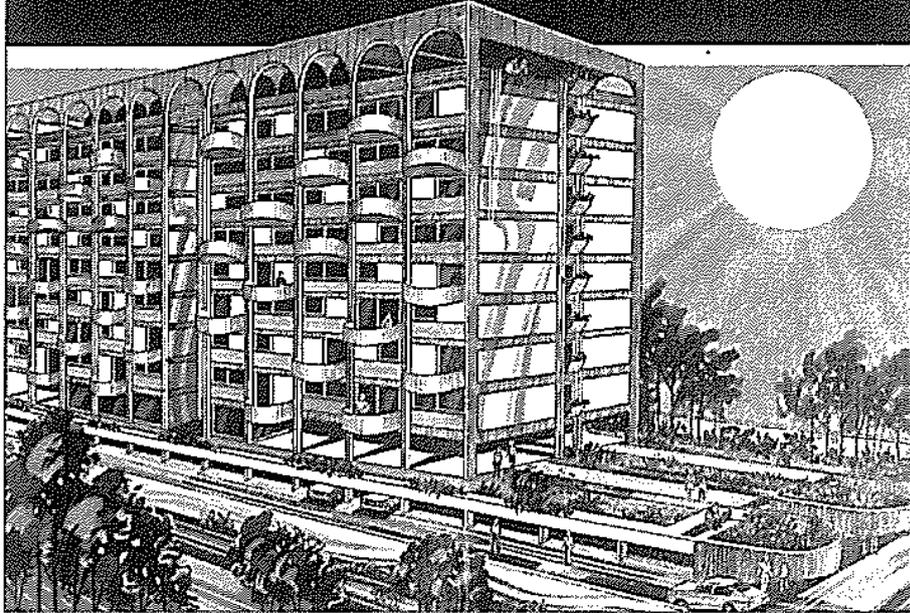
E exige sempre o melhor.

O Edifício VAN GOGH é uma  
VERDADEIRA obra-prima da  
CONSTRUTORA MEHL LTDA.



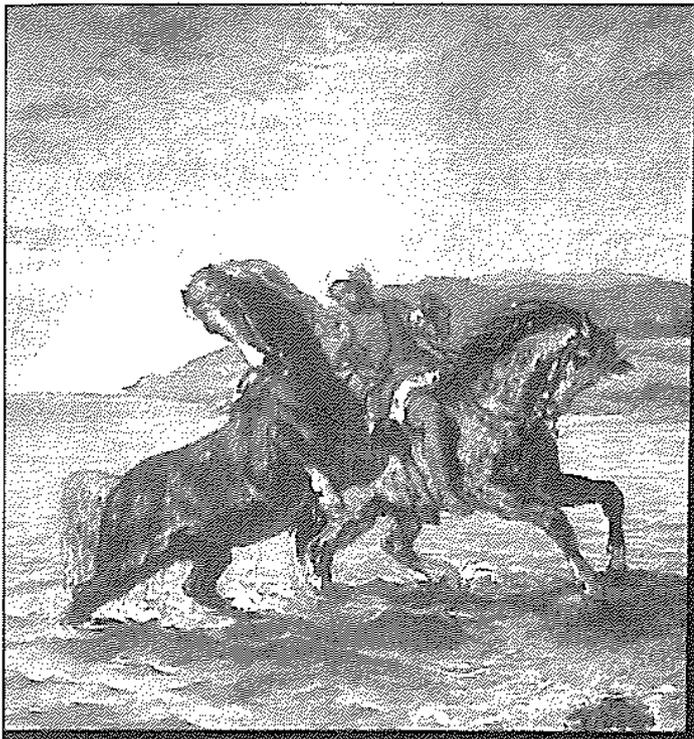
VAN GOGH, VINCENT, SELF-PORTRAIT

# Van Gogh



VENDEM-SE  
CONJUNTOS COMERCIAIS  
DO TAMANHO DO  
SEU CAPITAL.

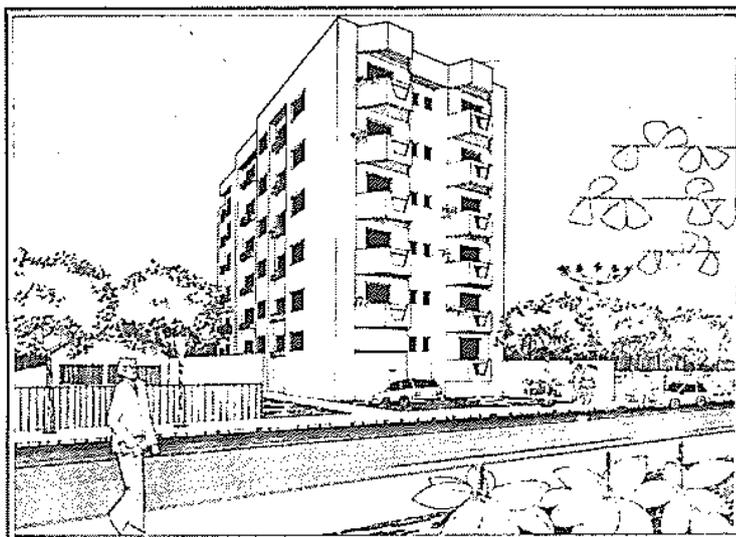




A melhor receita para o seu investimento

*Eugène Delacroix*

## 1 e 2 Dormitórios com



O Edifício Eugène Delacroix é o ideal para quem precisa morar com conforto e tranquilidade.

A começar pela sua localização: Centro Cívico. Perto de tudo o que você precisa: Repartições Públicas, Bancos, Supermercados, Shopping Center e Escolas.

O projeto arquitetônico é uma obra de arte concebida por Ricardo Amaral Arquitetos Associados. Cada espaço foi projetado em função do seu bem-estar. O esmerado acabamento, é uma

tradição nos empreendimentos da CEM

Sacadas com floreiras que embelezam o projeto. Porteiro eletrônico, Central de gás, Playground, Jardim e Garagem.

Nos apartamentos: Carpet 6 mm, Azulejos decorados, Louça de cor e Metais de alta qualidade.

Venha conhecer com seus próprios olhos cada detalhe do Eugène Delacroix. Afinal, o que os olhos vêem, o coração sente!

CRÉDITO: RIG MOTIS MAX 2º CEN

## CAUSOS

### 1990 - CENÁRIO

“O Plano Collor é o nome dado ao conjunto de reformas econômicas e planos para estabilização da inflação criados durante a presidência de Fernando Collor de Mello (1990-1992), depois substituído pelo Plano Real, implantado oficialmente em 27 de fevereiro de 1994, sendo estendido até hoje.

O plano era oficialmente chamado Plano Brasil Novo, mas ele se tornou associado fortemente a figura de Collor, e “Plano Collor” se tornou nome de facto, sendo instituído em 16 de Março de 1990 (um dia depois de Collor assumir a presidência) e combinava liberação fiscal e financeira com medidas radicais para estabilização da inflação. As principais medidas de estabilização da inflação foram acompanhadas de programas de reforma de comércio externo, a *Política Industrial e de Comércio Exterior*, mais conhecida como PICE, e um programa de privatização intitulado *Programa Nacional de Desestatização*, mais conhecido como PND.

A teoria do plano econômico foi desenvolvida pelo economista Antônio Kandir. O plano efetivamente implementado foi desenvolvido pelos economistas Zélia Cardoso de Mello, Antônio Kandir, Ibrahim Eris, Venilton Tadini, Luís Otávio da Motta Veiga, Eduardo Teixeira e João Maia. (Wikipédia)

O Brasil sofreu por vários anos com a hiperinflação: em 1989, o ano antes da posse de Collor, a média mensal da inflação foi de 28,94%. Com o Plano Collor prometiam, estabilizar a inflação pelo “congelamento” do passivo público, ou seja o quanto o governo devia (tal como o débito interno) e restringindo o fluxo de dinheiro para parar a inflação inercial.

A rápida e descontrolada desmonetizará da economia é tida como a causa das falhas dos planos de estabilização da inflação adotados anteriormente. O governo Collor teria de garantir uma

desmonetizarão “ordenada” e “lenta”, a fim de manter a inflação para baixo. Para o controle da velocidade da desmonetização, poder-se-ia utilizar uma combinação de ferramentas econômicas, tais como impostos, taxas de câmbio, crédito e taxas de juros.

Nos poucos meses que sucederam a implantação do plano, a inflação continuou a crescer. Em janeiro de 1991, nove meses após o início do plano, a inflação reduziu, atingindo a taxa de 20% por mês.

### Medidas do Plano Collor I

O plano foi anunciado em 16 de março de 1990, um dia após a posse de Collor. Suas políticas planejadas incluíam:

80% de todos os depósitos do *overnight* (*aplicação diária*), das contas correntes ou das cadernetas de poupança que excedessem a NCz\$ 50mil (cruzado novo) foram congelados por 18 meses, recebendo durante esse período uma rentabilidade equivalente a taxa de inflação mais 6% ao ano.

Substituição da moeda corrente, o *cruzado novo*, pelo *cruzeiro* à razão de NCz\$ 1,00 = Cr\$ 1,00.

Criação do IOF, imposto sobre as operações financeiras, sobre todos os ativos financeiros, transações com ouro e ações e sobre todas as retiradas das contas de poupança.

Foram congelados preços e salários, sendo determinado pelo governo, posteriormente, ajustes que eram baseados na inflação esperada.

Eliminação de vários tipos de incentivos fiscais: para importações, exportações, agricultura, os incentivos fiscais das regiões Norte e Nordeste, da indústria de computadores e a criação de um imposto sobre as grandes fortunas.

Indexação imediata dos impostos aplicados no dia posterior a transação, seguindo a inflação do período.

Aumento de preços dos serviços públicos, como gás, energia elétrica, serviços postais, etc.

Liberação do câmbio e várias medidas para promover uma gradual abertura na economia brasileira em relação à concorrência externa.

Extinção de vários institutos governamentais e anúncio de intenção do governo de demitir cerca de 360 mil funcionários públicos, para redução de mais de 300 milhões em gastos administrativos. ” (Wikipédia)

## **O CAUSO DO EDIFÍCIO SALVADOR DALÍ**

Os reflexos do Plano dito econômico afetaram a CEM no empreendimento edifício Salvador Dali, localizado no balneário de Caiobá.

Tudo começou com a ideia de realizar um empreendimento inovador na praia frequentada por um público de alto padrão econômico, por isso exigente com relação à qualidade do produto imobiliário. A análise de mercado detectou um ambiente extremamente competitivo, do que resultava a elevação do valor dos terrenos na região. Quando a prática usual de permuta de terreno por área a ser construída girava entre 12 e 15%, vivia-se ali um momento diferenciado – as construtoras chegavam a pagar pelo terreno de 20 a 25% da área a ser construída, o que significava risco financeiro.

O segundo passo a seguir era identificar um terreno com dimensões e localização que atendessem às demandas do mercado. A família Kompatcher há décadas detinha a propriedade para o lazer dos familiares. O espaço, no entanto, não era suficiente para abrigar a terceira geração. À família original já dava lugar a outras duas.

Após ampla negociação, a permuta do terreno foi finalizada. Seguiu-se a solicitação do financiamento com base no projeto elaborado. As obras foram iniciadas.

Com a estrutura praticamente concluída, foram comercializadas algumas unidades. Era fevereiro de 1992. Dois meses depois, mês de abril, o governo Federal bloqueou os recursos existentes na conta corrente dos cidadãos, empresas e entidades do mercado. Os diretores da CEM não sentiram o impacto de imediato, como era uma empresa com recursos financeiros limitados. Os disponíveis eram automaticamente aplicados nas obras.

As obras então se desenvolviam normalmente e foram concluídas no final do segundo semestre do ano. Foi quando alguns compradores se dirigiam ao agente imobiliário para assumir o financiamento e receber o imóvel. Cada comprador saía surpreso e ao constatar que o valor comercial do imóvel era inferior ao valor do financiamento! Indignados se dirigiam à construtora em busca de explicações.

Foram informados que todos fomos vítimas do embuste urdido no plano Collor. No dia da edição do plano, o financiamento dos imóveis foi corrigido cerca de 70% do valor e, obviamente, o mercado não estava preparado para reajustar o valor de venda neste patamar.

**CONCLUSÃO:**

Todos caímos na mesma armadilha!

1900

## **FHM - mais de 100 anos**

FHM é a empresa da terra descrita no capítulo I

## **CAUSOS**

### **1975 – CENÁRIO**

“O governo Geisel convive, durante o ano de 1975, com problemas no balanço de pagamentos e dificuldades para conduzir a distensão política pretendida.

A linha dura do Exército considera os resultados favoráveis à oposição nas eleições parlamentares de 1974 como uma ameaça ao regime militar e aumenta a truculência. O governo reage, no campo político, alternando medidas liberalizantes com outras repressivas, que buscavam contentar os militares. No campo econômico, a opção era tentar manter o elevado ritmo da atividade econômica, mesmo correndo os riscos de desequilíbrio no balanço de pagamentos suscitados pela contração mundial decorrente da crise do petróleo. Em janeiro o governo suspendeu, sem alarde, a censura prévia ao jornal O Estado de São Paulo. Quase ao mesmo tempo, o ministro da Justiça, Armando Falcão, anuncia em rede de rádio e TV o desmantelamento de gráficas comunistas. Em abril, a Câmara dos Deputados rejeita, por 192 votos contra 136, a convocação do ministro para prestar esclarecimentos sobre o desaparecimento de presos políticos.

No final de outubro, o jornalista Vladimir Herzog, intimado a depor no DOI-Codi de São Paulo, é encontrado morto em sua cela. O laudo pericial atesta suicídio, mas não convence a opinião pública. Exigindo a apuração dos fatos, 8 mil pessoas comparecem a um ato ecumênico promovido pelo arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, no primeiro grande protesto contra a ditadura desde o AI-5. A morte de Herzog acirra os conflitos entre a linha dura do regime e o governo Geisel. Também deixa mais claro o alinhamento da Igreja Católica com a oposição ao regime. A dívida externa torna-se um problema da agenda nacional. Já em janeiro, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, informa que ela atingira US\$17,3 bilhões e anuncia que o governo adotará medidas para contê-la, ainda que para isso tenha que comprometer o crescimento do PIB. Diversas medidas de restrição às importações são impostas ao longo do ano, inclusive as de bens de capital. Tal medida é contraditória com os objetivos do II PND (Plano Nacional de desenvolvimento), adotado no ano anterior, e dá uma mostra do caráter ilusório do otimismo prevalecente quanto à possibilidade de o Brasil manter-se isolado das restrições impostas pela crise do petróleo.

A gravidade da situação se mostra, entre outros exemplos, na brutal expansão do endividamento que, no final do ano, atinge US\$ 21,1 bilhões, e na elevação da tomada de empréstimos externos, que salta para US\$ 14,7 bilhões, quase o dobro dos US\$ 7,8 bilhões de 73. Essa expansão não se explica apenas pelos maiores custos das importações, mas também pela insistência na implementação do II PND, apesar das restrições impostas em relação ao ritmo inicialmente planejado. Na área energética, o Brasil lança o Proálcool — medida coerente com a necessidade de redução das importações de insumos, notadamente o petróleo, em vista do seu peso no balanço de pagamentos. Paralelamente são tomados empréstimos para a construção de hidrelétricas. É também assinado, em junho, o acordo nuclear com a Alemanha, em que é prevista a compra de 8 centrais atômicas.

O acordo, negociado secretamente durante meses, é justificado pelo governo como uma das medidas de prevenção da escassez de combustíveis. Entretanto, é interpretado mais como um produto da ideologia do Brasil-potência do que com as reais necessidades de expansão da oferta de energia. Os próprios custos previstos pelo governo são três vezes maiores que os relativos à geração de energia hidrelétrica. O projeto recebe críticas da oposição e de especialistas, além de sofrer pressões contrárias dos Estados Unidos.

Em setembro, o ministro do Planejamento, Reis Velloso, prevê que o Brasil enfrentará um período de dificuldades até que a política de substituição de importações dê resultados e modifica o cálculo da correção monetária, expurgando altas de preços devidas a “calamidades climáticas” e “impactos adversos da conjuntura internacional”. O ano termina com a inflação em 29,4%, contra 34,5% em 1974, e crescimento do PIB de 5,2%, contra 9% em 1974, bastante aquém dos 10% previstos no II PND. O expurgo nos índices de inflação provoca não apenas achatamento salarial, como é motivo de séria crise financeira. As corretoras e distribuidoras sofrem uma corrida para a liquidação de títulos prefixados. A lucratividade dessas instituições,

que dependeria dos índices oficiais de inflação, é abruptamente ameaçada pela introdução do expurgo nesses índices. O governo tem que socorrer o sistema, ampliando a oferta monetária, o que dificulta as tentativas de redução da inflação. Na política externa, aliás, 1975 marca uma tomada de posição independente, dentro do objetivo militar de tornar o Brasil uma liderança no Terceiro Mundo. O acordo nuclear Brasil-Alemanha, assinado a despeito das pressões dos Estados Unidos, sinaliza essa linha de atuação do regime militar. Em outubro, o Brasil vota favoravelmente a uma decisão da ONU que considera o sionismo como uma espécie de racismo, contra a posição dos Estados Unidos. Em novembro, apoia o boicote ao regime de apartheid na África do Sul. No mesmo mês, o Brasil é o primeiro país a reconhecer a independência de Angola e reconhece ainda Moçambique, duas ex-colônias portuguesas na África.

1975, por fim, é o ano em que Luís Inácio da Silva, o Lula, é eleito para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, iniciando o que será, anos depois, um novo tipo de sindicalismo (que questiona o modelo atrelado à estrutura estatal), que se desenvolverá como oposição às direções oficiais estabelecidas nas entidades sindicais durante todo o período pós-64. Mas o mais importante é que esse sindicalismo terá, nos anos seguintes, dimensão política muito além das fronteiras sindicais. Assim como o próprio Lula. ” (Wikipédia)

Geisel era um estrategista. Definia os objetivos e os meios que entendia necessários para atingi-los.

Identificou aspectos do momento que o país vivia; os militares sentiam a imagem desgastada, dificuldade de administrar conflitos comuns à atividade política e os riscos da caserna.

Não havia um pensamento único no comando dos quartéis – dividiam-se entre os chamados de “linha dura”, que pregavam a manutenção do domínio pela tropa, e aqueles que queriam promover o retorno aos princípios que norteavam a carreira militar: ordem, disciplina e res-

peito à hierarquia. Percebiam que o momento de afastamento da área política estava se aproximando.

Mas era preciso preparar o terreno.

Ele indicou o general João Batista Figueiredo, reconhecido pelos cargos que ocupou como integrante da “linha dura”, mas agora compartilhava o sentimento do Presidente. Num movimento rápido, destituiu o comandante do exército que estava em viagem. No dia seguinte, confirmou a candidatura do seu escolhido, e o general Silvío Frota, ao retornar à capital, descobriu que estava destituído das suas funções. Geisel já tinha ocupado todos os espaços de comando.

Figueiredo assumiu o compromisso de administrar o período de transição do regime para o poder civil.

Os anos que seguiram foram turbulentos, com instabilidade política e econômica. Campanha de eleição direta, anistia, atentado e, enfim, a eleição indireta de Tancredo Neves, mas o destino determinou que o vice fosse empossado presidente. Um Figueiredo depressivo saiu pelo portão dos fundos do palácio.

1975

## O CAUSO DO CONFLITO DE GERAÇÕES

### IMIGRANTE

O alemão Henrichs aportou na baía de Babitonga por volta de 1854. A Alemanha vivia um momento crítico. Entre os motivos, na vila onde morava Henrichs, um incêndio devastador destruiu todas as casas. Toda a população ficou desabrigada. Ademais, o país não conseguia produzir alimentos em quantidade suficiente para atender toda a população. Naquele tempo eram enormes as dificuldades econômicas. A solução encontrada pelas autoridades governamentais era estimular e induzir os cidadãos a buscarem meios de sobrevivência em outros países. O governo então entregava uma pequena quantia para cada pessoa que se dispusesse a emigrar.

Miseravelmente pobre, Henrich chegou de navio na pequena Vila de São Francisco do Sul, no Estado de Santa Catarina, localizado no sul do Brasil. Pensava que estava chegando ao destino prometido, na cidade de São Francisco, costa leste dos Estados Unidos da América do Norte.

Prestou diversos serviços para garantir a sobrevivência, adaptando-se ao ambiente, convivendo com parte da população imigrante como ele, e outra parte de pessoas que falavam idioma desconhecido, que depois descobriu ser o português, língua de Portugal. Estabeleceu contato com os índios brasileiros, que representavam parcela considerável da população do lugar. Assim, na comunidade diversa, trocavam informações sobre o que fazer no lugar e o que o destino reservava para o futuro. A vila estava entre o mar, uma densa floresta e montanhas que constituíam a Serra do Mar, o que reduzia o espaço disponível e impunha limites intransponíveis, pois a cada dia chegavam mais imigrantes.

As autoridades do país informavam que um solo rico e inexplorado existia depois da mata atlântica e da cadeia de montanhas. O espírito aventureiro fazia com que muitos, ao voltarem, descrevessem os desafios que se apresentavam para vencer os obstáculos naturais.

Heinrich subiu a serra em busca da terra prometida e adentrou no Estado do Paraná. No caminho, veio prestando serviços conduzindo uma carroça puxada por uma parrelha de cavalos, transportando material para a construção da estrada da Graciosa.

Conheceu Carolina, com quem teve cinco filhos.

### **EMPREENDEDOR**

Os filhos de Henrichs se firmaram em atividades diversas: madeireiro, comerciante, prestador de serviços e outras mais.

Um dos filhos, que se chamava Henrique Mehl (sobrenome Mehl – que se traduzido significava farinha, costume alemão identificando os Mueller – moageiro, Schumacher – sapateiro, e por aí vai) era empreendedor. Começou sociedade com o irmão Luís, utilizando carroções puxados por duas ou mais parrelhas de cavalos, percorrendo o Estado do Paraná, vendendo mantimentos aos comerciantes do interior.

## DISTRIBUIDOR DE ALIMENTOS



Numa destas viagens, o irmão Luís conheceu Paula. Eles constituíram família e estabeleceram-se em São João do Triunfo, uma pequena vila, onde, no princípio, comprava a terra, cerrava os pinheiros e transportava as toras. Depois criou serrarias para beneficiamento de madeira. A sociedade entre os dois se extinguiu.

Henrique casou-se com Rosa Adam e ficaram na capital do Estado, onde criou a Henrique Mehl Cia. Ltda., uma empresa da terra. Eles tiveram três filhos e quatro filhas: Manoel, Júlio, Waldemar, Lila, Leonor, Carolina e Albina.

### A EMPRESA FAMILIAR

Com a morte do empreendedor (1940), os filhos deram continuidade, criando a Filhos de Henrique Mehl Cia. Ltda. O comando da empresa coube a Manoel, o filho mais velho.

Peculiaridades da Empresa familiar.

“A empresa familiar, como toda e qualquer empresa, é uma criação humana que tem por finalidade a atuação econômica por

meio de organização de iniciativas, de procedimentos e de fórmulas que visam empreender uma atividade com sucesso. No entanto, existe alguns pontos primordiais que as distinguem, elas devem estar ligadas a uma família durante pelo menos duas gerações. Isto, se essa ligação resulta em uma influência recíproca, tanto na política geral do empreendimento, como nos interesses e objetivos da família.

A partir de um sonho, de um ideal ou da necessidade de sobrevivência, o empreendedor torna-se a pessoa que gera, acumula e/ou distribui riqueza.

Ele divide, inicialmente as tarefas com o seu cônjuge, posteriormente, envolve os filhos nas atividades e operações da firma, muitas vezes de forma precoce, visando melhorar a situação e a condição social de sua família. Cria-se, desta forma, uma sociedade familiar que gera, ao longo dos anos, uma série de questões mais complexas que a simples administração da atividade comercial ou industrial. Tem como característica básica a sucessão do poder decisório de maneira hereditária a partir de uma ou mais famílias. A estrutura familiar quando alocada a uma empresa, leva uma série de interações específicas da família, provocando particularidades na atuação na empresa, tornando-a diferente das demais empresas. Assim, na empresa familiar, da qual se evolui a família empresária, se inter-relacionam tanto normas jurídicas, planos de negócios, relações trabalhistas, como também sentimentos entre os membros da família. A primeira forma de produção familiar se deu no setor da agroindústria, abrangendo-se ao longo dos anos para as áreas do comércio e da prestação de serviços.” (WIKIPEDIA)

### **GERAÇÕES EM CONFLITO**

Diz o ditado que se o avô é pobre, o pai é rico e o filho nobre, finalmente o neto, é pobre.

Muitas vezes, as empresas familiares não sobrevivem já na segunda geração, quando não há sucessores. As que sobrevivem a esta pri-

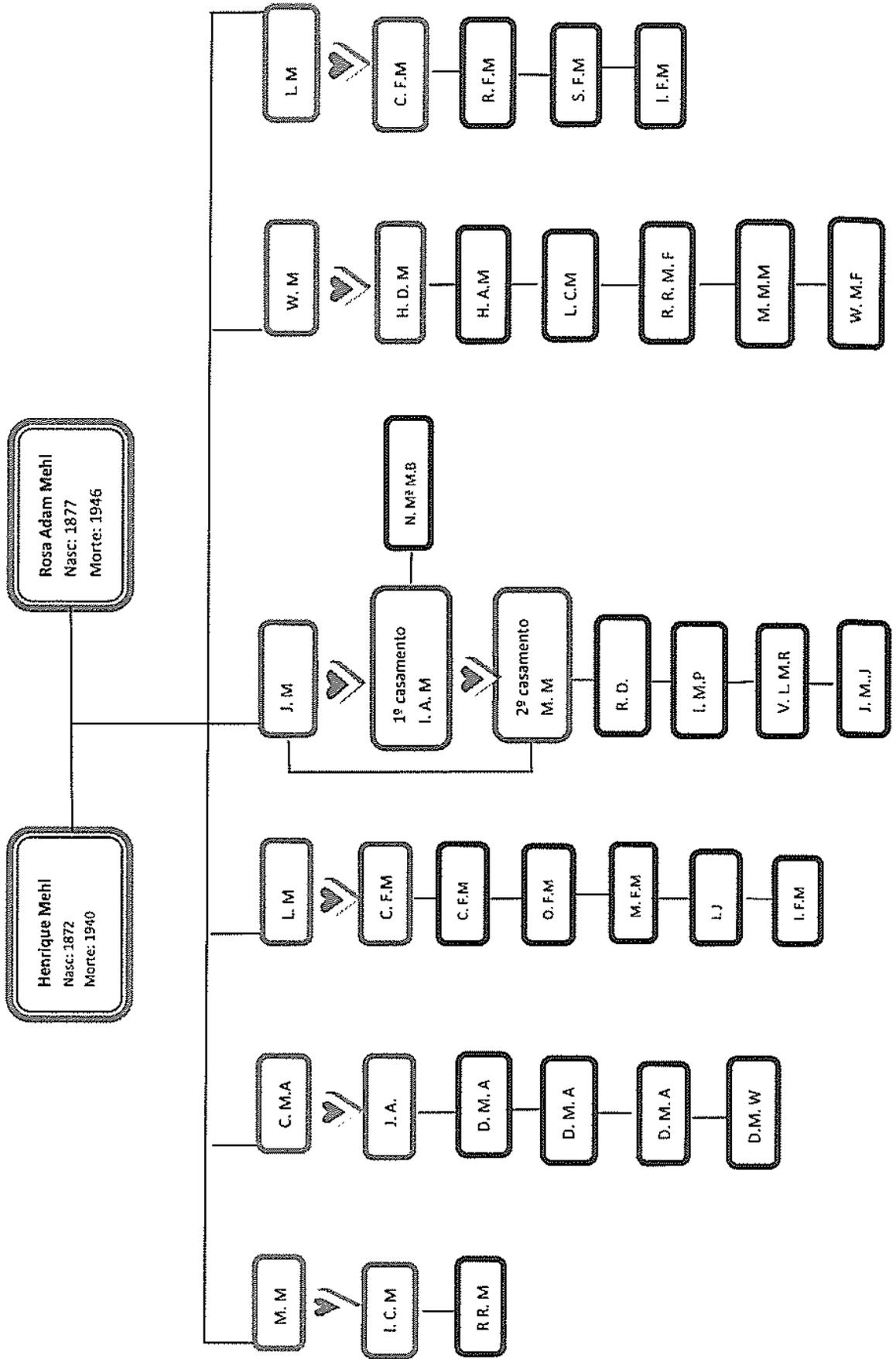
meira fase enfrentam, entre outras dificuldades, o processo de sucessão definido muitas vezes sem harmonia entre os familiares. Um segundo desafio está em como manter um número maior de dependentes, a cada geração que passa.

Heinrich e Carolina eram um casal. Henrique tinha três irmãos que, consideradas as cunhadas, somavam oito. Aumentou 400%.

Só Henrique e Rosa, geraram três homens e quatro mulheres (MA, JM, WM, CA, AL, LI, LE). Considerando os casais, resultaram em treze pessoas. Aumentou 600%.

A terceira geração, que já dizia presente (RR, RE, HA, LC, RE, RO, MM, WF, F, NN, RO, IM, VM, JJ, DI, DM, DI, DA, DL, DI, DM, R, CE, MA, IV, RU, Si, IR), representava mais 25 pessoas que, considerados os casais, seriam 50 pessoas. Aumentou 400%.

Está estabelecido o conflito numérico! Personalidades, desejos, aspirações, frustrações, críticas e outros sentimentos caracterizam matrizes em multiplicação.



Árvore genealógica

## CONFRONTO

Diante deste quadro, os dirigentes se preocuparam com o futuro imprevisto, e os membros da família concentraram suas incertezas no comando da empresa.

Mas o presidente passava por dificuldades financeiras. Seu equilíbrio emocional se desestabilizou por conta da pressão de amigos agiots, que enxergavam oportunidade no seu patrimônio.

Entendiam eles que a empresa, e, por conseguinte a família, deveria ser envolvida nos problemas do seu dirigente graduado, pois ele inspirava o respeito dos familiares. Assim, ameaçavam comprometer também a empresa.

WM, o segundo na hierarquia da empresa, era afável, determinado, autodidata e se envolvia nos problemas que afetavam as famílias dos sócios. Pois bem, ao tomar conhecimento dos problemas do irmão, e percebendo o risco que representava para a sociedade, buscou ajuda convidando os sócios e demais familiares para explicar a todos sobre os problemas financeiros do irmão e presidente da sociedade, e como esta situação se refletiria na família e na empresa.

Um número expressivo de familiares, quase a totalidade, compareceu e tomou ciência dos problemas que poderiam atingir a todos, como explicou WM, diretor superintendente da companhia. Manifestações emocionadas lamentaram as ocorrências e se solidarizaram com o líder principal da organização e da família, muitos em prantos.

WM, então, solicitou que quem tivesse alguma sugestão que se manifestasse. Seguiu-se um silêncio constrangedor pois ninguém se manifestou. Decorrido algum tempo, retomaram as falas entre alguns grupos dos presentes, todos comovidos com o estado e a presença do líder.

Mas não se ouviu nenhuma proposta de solução para a questão.

Depois de horas, as pessoas foram saindo sem apresentar alternativas. WW, MM e o rapaz (convidado a pedido do pai), ficaram sós com angústia evidente em seus semblantes.

WM saiu, deixando o tio e o sobrinho que mantinham um grande afeto. O pai tinha dado conhecimento ao filho de todas as questões en-

volvidas. Ninguém sabia o valor real da dívida, a menos do que o agiota apresentava.

O sobrinho insistiu com o tio para que ele transmitisse o que entendia como montante da obrigação, mas, em lágrimas emocionadas, ele dizia que se sentia envergonhado.

No dia seguinte, WM reuniu a família e declarou que assumiria a responsabilidade de enfrentar os agiotas. Todos os sócios se silenciaram. Ele então comunicou a decisão ao irmão, colocando a necessidade de receber em contrapartida as ações da empresa que fossem de propriedade de MM. Assim, os agiotas não teriam possibilidade de comprometer a sociedade.

Estabeleceu também que assumiria a presidência da companhia, e a superintendência ficaria a cargo do seu filho, pois precisava ajuda e era preciso modernizar a gestão. Todos aceitaram a proposta. Acreditava-se que os problemas estavam resolvidos.

Dois dias após foi realizada a primeira reunião para serem definidos os demais diretores. O novo superintendente apresentou o plano de negócios à diretoria, que previa a diversificação de atividades para que a empresa não se tornasse dependente de um só foco. A concentração em um só segmento a tornaria vulnerável às variações naturais de um único mercado. Em seguida, expôs o organograma de gestão para alcançar os objetivos preestabelecidos para o sucesso do seu negócio.

## ORGANOGRAMA

O novo quadro de diretores era composto por dois integrantes da diretoria anterior, que ocupavam respectivamente função de administração e operação (Di e Mau). Dois novos integrantes foram acrescentados, Cel e Din. Os dois eram os primeiros da família com curso superior; um engenheiro e o outro médico.

A ideia proposta aos diretores era dar um sentido de renovação e modernidade na equipe. E mais, cada diretor teria independência total para criar e desenvolver novos negócios. Uma das funções seria estabelecer elos de comunicação entre os diretores. A diferença de idade criava

resistência. A proposta não teve êxito. A diferença de idade era barreira intransponível.

Algum tempo depois, o presidente recebeu a visita de cada um dos sobrinhos, todos repetindo o mesmo mantra:

– Tio, o senhor deve se afastar. Nós assumimos a direção!

– Para qual direção? – respondia Wal.

Ele percebeu que o que estava em jogo era o comando. Ele era o foco do conflito que se avizinhava.

A primeira medida que tomou junto com o filho foi se aproximar e ouvir mais os amigos em busca de aconselhamento. O profissional que mais ouvia era o Dr. Ivo Fraiz Martínez, economista e consultor de empresas, que orientava sobre as relações societárias da companhia. Wal detinha 40% das ações, e os 60% restantes eram pulverizadas entre quatro famílias; um irmão, duas irmãs, os herdeiros de uma outra irmã.

No quadro se observa que o percentual de ações de Wal, somado a um dos grupos, completavam a maioria dos votos necessária para controlar a empresa.

O aconselhamento jurídico era prestado pelo Dr. João Amadeu Guiss, advogado respeitado na área de administração imobiliária, competente, mas, sobretudo, amigo fiel.

Algumas semanas após as visitas dos sobrinhos, um escritório de contabilidade se apresentou na empresa exibindo uma procuração de um escritório de advogados famoso na cidade, informando que sócios da empresa a outorgaram para representá-los. Entregaram, então, uma relação de documentos para avaliação contábil. Wal assustou-se pelo inesperado.

Voltou a buscar aconselhamento dos amigos, agora num círculo mais amplo. Foram realizadas várias reuniões em que era analisado um quadro de possibilidades. Haveria condições de destituir do presidente? Buscar acordo? Quais as consequências para a empresa. Qual a possibilidade de diálogo com o advogado para análise de alternativas para evitar o confronto. Eram algumas das questões predominantes.

Em todos os cenários traçados, ficou evidente que era necessário estabelecer um comando na área jurídica. Considerando o perfil

ardiloso do advogado da outra parte, a causa desafiadora era encontrar um profissional ágil, previdente, sério e com perfil capaz de enfrentar o adversário, com as armas que o direito faculta. Um consultor definia: o embate com uma cobra exige alguém com habilidade para se utilizar do mesmo veneno.

Entre os nomes sugeridos pelos amigos próximos, surgiu o do Dr. Mauro Nóbrega Pereira. “Este é cobra”, asseguravam.

Um aspecto dificultava o processo de decisão de Wal, o compromisso e o respeito que mantinha com João Guiss. Como expor ao amigo as razões para transferir o comando jurídico para um especialista em conflitos? Isso retardou a iniciativa. O filho assumiu a responsabilidade e foi ao encontro do grande amigo do pai, explicando os motivos e o desconforto do pai. Mais rápido que imaginava, Dr. João interrompeu sua exposição e disse: “Só tenho de agradecer a iniciativa. Tenho o mesmo entendimento e não propus para o grande amigo não ter a sensação de abandono. Sempre que solicitado vou ajudar.”

Wal agendou horário com o novo personagem e, acompanhado do filho, foi ao encontro. Escritório simples, pequena sala de espera, lá dentro uma sala maior com mesa comprida, retangular, com pilhas de livros e papéis, e mais duas pequenas salas cada uma com uma mesa (escrivadinha). Todas as paredes cobertas com livros, era a biblioteca.

A campanha foi acionada por diversas vezes e depois descobriu-se que a demora do atendimento acontecia porque o Dr. Mauro usava aparelho para superar a deficiência auditiva.

Neste ambiente, pai e filho foram recebidos pelo anfitrião. Estatura mediana, cabelos pretos repartidos à esquerda, mais ao centro do couro cabeludo, estampando um sorriso contido pelo cachimbo sustentado pela mordida dos dentes.

Sentaram-se em cadeiras colocadas ao redor da mesa da sala maior. Os três se apresentaram, conversaram sobre generalidades da cidade, posicionando as famílias tradicionais do lugar. O anfitrião colocou-os à vontade e pediu que discorressem sobre o relacionamento familiar, a história e os problemas que viveram e estavam agora enfrentando. Os convidados relataram o conflito entre a terceira e a quarta

geração, desejos e aspirações, detendo-se na descrição do perfil dos indivíduos envolvidos e dos grupos que cada um integrava.

Dr. Mauro ouvia em silêncio até que fez perguntas e algumas anotações. Ao ser perguntado sobre os riscos de paralisação de atividades que a empresa estava submetida, respondeu: “Mantenham normalmente as atividades, procedam como se nada de anormal estivesse acontecendo. Quando receberem qualquer notificação, solicitação ou visita, encaminhem para o meu escritório. Continuem trabalhando normalmente”, reforçou.

Colheu as assinaturas em uma procuração e, questionado sobre as custas, colocou que levantaria o volume previsto para o trabalho, só então estabeleceriam os honorários. Já transcorriam quatro horas do início da reunião, todos levantaram e quando se dirigiram à saída, o anfitrião fez um convite que seria repetido quase toda semana nos próximos quatro anos. Eram oito horas da noite.

– Vamos relaxar e tomar um aperitivo no bar da sereia?

Aceitaram de pronto, pois ficava bem próximo. Enquanto pediam cerveja, ele tomava o chamado “rabo de galo”, cachaça com underberg. E mais as especiarias da cozinheira. A mais apreciada era ova de tainha.

A pressão emocional que feria pai e filho arrefeceu. Entretanto, na semana seguinte, receberam a visita do famoso advogado da outra parte. Propôs que Wal cedesse a posição para os sobrinhos e ficou surpreso quando foi recomendado que se dirigisse ao colega advogado. Demonstrou desconforto ao ler no cartãozinho o nome do profissional. Entrou no escritório e saiu rápido. Uma semana depois, o Presidente encaminhou notificação de convocação da assembleia.

O procedimento de convocação foi elaborado pelo Dr. Mauro, publicado e encaminhado aos acionistas. Também por sua orientação, WM expôs as questões ao irmão JM, liberando-o para decidir sobre o lado a seguir. No dia seguinte, JM, MA e a filha RO foram à casa de WM para comunicar que estavam ao seu lado. Estava consolidada a maioria das ações da companhia. Nóbrega Pereira trabalhou então no planejamento da assembleia.

Na noite marcada, numa pequena sala (3x4m) da empresa começaram a chegar os sócios. Ao adentrarem, encontravam a única mesa já ocupada por WM, o filho, Ivo Fraiz e Nóbrega Pereira. O local era apertado para o número dos presentes.

Na hora estabelecida na convocação, o presidente solicitou ao Dr. Ivo, escolhido secretário, para a leitura do edital de convocação. Em seguida, convidou Nóbrega Pereira para presidir a reunião (os dois tinham documentada a compra de uma ação para cada um).

O advogado adversário protestou por não ter sido votada a indicação das funções dos componentes da mesa pelos presentes.

Ivo solicitou aos que estivessem presentes que assinassem o livro de presença. Chamou a cada um relacionado no livro do registro de ações para apor a sua assinatura: Wal, Júl, Ivo, Nóbrega Pereira e o filho já tinham assinado e manifestaram a concordância com a constituição da mesa de condução dos trabalhos.

Os demais foram tomados de surpresa, sentindo-se desarticulados. Sucederam-se manifestações com gritos descontrolados, mas sem concatenação, pois demonstravam forte carga emocional. O advogado do grupo tentou organizar seus representados. Dirigindo-se à mesa, questionou a relação de acionistas, argumentando que a filha de Júl com sua mãe já falecida estava presente e queria que seu nome constasse no livro de acionistas. Há 30 anos, o pai não teria concluído o inventário da mãe falecida, e parte das ações da empresa lhe pertencem, alegou o representante jurídico.

Nóbrega Pereira, impassível, olhou para o secretário da mesa, Dr. Ivo, consultando sobre qual os nomes relacionados no livro de acionistas. Dr. Ivo abriu o livro e leu-os pausadamente.

– Como vemos, são estes os sócios aptos a votar – disse Mauro. O adversário protestou, mas o presidente da mesa definiu que o assunto não constava na pauta da assembleia e ali não era o foro adequado para dirimir questões que não diziam respeito à empresa. Decidiu dar prosseguimento à pauta constante no edital de convocação da assembleia. “Eleição da diretoria”.

O presidente apresentou a chapa definindo Wal presidente, o filho superintendente e Júl o de produção. Submetida a votação, foi aprovada pela maioria. Os demais protestaram, mas o fato já estava consumado, a nova diretoria foi eleita.

Os anos que seguiram foram desgastantes para os dois lados. Wal e Júl porque estava em jogo a história empresarial que foram protagonistas; a outra banda era constituída por um número expressivo de pessoas, cada um com personalidades e motivações diversas, eram perto de cinquenta herdeiros que tinham dificuldade para construir consenso no grupo.

Os advogados, ao mesmo tempo que se valiam de articulações jurídicas estratégicas para o seu time, tentavam aproximar os contendores para conversas e discussões em busca de acordo. As reuniões se sucederam pelos quatro anos seguintes. Wal e Júl, pelo fato de serem irmãos que comungavam ideias, não tinham dificuldade para estabelecer consensos.

O outro lado, no entanto, tinha muita dificuldade, pois o número de pessoas envolvidas era expressivo, pontos de vista, motivações, aspirações, propósitos e personalidades diversas. Escolhiam como seus representantes, os mais qualificados, pois tinham curso superior. Os resultados das reuniões, entretanto, não eram aceitos quando levados aos seus acionistas. O foco da discussão era o desejo de substituir o comando. Nenhuma proposta que não garantisse alcançar este objetivo não era aceita, o que demandava nova rodada de reuniões.

Eis que um determinado dia do quarto ano de debates intermináveis, o filho levou ao pai um caminho alternativo de proposição que não lembrava de quem provinha, talvez de algum amigo que entendia o problema que enfrentava, ou como fruto do seu hábito de meditação quando se deparava com alguma provação. Tratava-se de um argumento a ser apresentado aos contendores, que em função da diversidade de imóveis da empresa, era preciso tentar ser justo para os dois grupos, então:

**Relaciona-se todos os bens da empresa, e um grupo avalia estes imóveis. O outro escolhe, com base nos valores definidos, a parte que lhe cabe.**

Ou seja, aquele que avalia deve ter o cuidado com os cálculos, pois a escolha será baseada nesta avaliação. A proposta foi levada ao Dr. Mauro, que depois de ouvir a exposição agendou nova reunião, agora com os advogados das partes e mais os seus representantes.

Dois engenheiros, um bancário e o médico representavam o grupo de acionistas, e Wal e o filho da outra parte. Iniciada a reunião, o agora superintendente, de imediato, fez a exposição da proposta. Depois do silêncio por alguns minutos, os representantes começaram a questionar diversos aspectos, mas ao final perguntaram:

– Mas quem irá avaliar, e quem vai escolher?

Ele respondeu:

– Da nossa parte, aceitamos a decisão de vocês, se querem avaliar ou escolher.

O encontro terminou com o compromisso dos representantes de levar a propositura aos acionistas.

– Duas semanas se passaram e eles retornaram com a resposta.

– Aceitamos e decidimos escolher. Vocês avaliam.

À saída, Wal, o filho e Dr. Mauro ficaram satisfeitos com o resultado e ficou determinado que o rapaz seria responsável pela avaliação. Ele, então, juntou os dados de todos os imóveis e procedeu a avaliação de cada um deles. Somou os valores chegando a um resultado global de 70 milhões. Foram 10 dias de trabalho.

Analisando os resultados, chegou à conclusão de que estava em jogo a escolha entre dois grupos de imóveis: um terreno localizado na área central da cidade, em zona muito valorizada, e diversas áreas situadas na periferia e que, pelos seus cálculos, somadas, alcançavam um valor de mercado aproximado do lote no centro urbano.

Preparou os comentários para relatar ao pai.

Terreno urbano.

– Com dimensões adequadas ao desenvolvimento de um projeto imobiliário de destaque, pois possui medidas compatíveis com as esta-

belecionadas na lei de zoneamento da cidade para construção de edifício com mais de 20 pavimentos. Tem testada para duas ruas importantes para o sistema viário e que possibilitam fácil acesso de veículos e de pedestres. Na região se desenvolve uma variedade de atividades comerciais e de serviços; prédios destinados a grandes corporações estão em construção. É um terreno especial com capacidade de se transformar em referencia para o mercado imobiliário. Está pronto para ser explorado.

Áreas de periferia.

- Se situam em bairro afastado do centro urbano e por isso carecem de infraestrutura, uma única rua de acesso, demandam rede de água e esgoto e os terrenos são alagadiços, muitos com banhados. Tem valor de mercado indefinido, pois dependem de inclusão nos traços urbanos para atrair compradores. Só o futuro vai determinar o seu aproveitamento.

Conclusão: Na sua opinião, os dois imóveis têm valor de mercado equivalente e a escolha será entre um ou outro.

Após a leitura o pai perguntou:

- No teu entendimento, qual será a escolha deles? E qual seria a tua escolha?

Respondi que no meu entendimento

- Eles vão escolher o imóvel urbano, porque está pronto, tem valor definido e os rebeldes à sua permanência no local onde funciona o escritório central terão seus desejos emocionais atendidos. Minha opinião é que a escolha, sob o ponto de vista de valor, para nós é indiferente, pois somos só dois sócios. Uma opção representa renda imediata suficiente para mantê-los financeiramente, a outra envolve riscos, mas evidencia valor agregado para espíritos empreendedores no futuro. A decisão depende da sua vontade - arrematei.

Depois de um bom tempo de meditação, ele determinou:

- Vamos seguir em frente, pois o que buscamos é trabalhar com liberdade. Qualquer das alternativas será aceita por nós. - E finalizou: - Com a condição de que a empresa permaneça com os protagonistas da sua criação, eu e o Júl.

Foi promovida nova reunião entre as partes quando foi exposta a proposta. Dois dias depois, novo encontro onde nos foi transmitida escolha aprovada pelo outro grupo: escolheram o imóvel urbano.

O acordo final.

Dr. Mauro assumiu a responsabilidade de detalhar e formatar os termos para concluir a operação. Foram elaboradas mais de vinte escrituras com apoio do Dr. José Marques, cartorário competente, mas que demandavam um local amplo para colher as assinaturas, pois tratava-se de cerca de cinquenta pessoas.

Foi reservado salão do Clube Concórdia para reunir o grupo. De um lado sentaram-se 60 pessoas, no outro, duas pessoas. Depois de mais de quatro horas de duração do evento, os advogados, exaustos, se reuniram no bar do clube para relaxar e expor cada um a estratégia que traçaram ao longo do processo. Diante da afirmativa do adversário de que estava pronto um pedido de impedimento de Wal na sociedade, Mauro respondeu sorrindo que não iriam encontrar ações em nome dele, nem do Júl; elas pertenciam a um amigo (operação desfeita naquele momento).

Conclusão: O acordo foi concluído.

## **ARMADILHA**

### **1991 - CENÁRIO**

Medidas econômicas malsucedidas e ambiente político desordenado resultaram num cenário que mais parecia o caos sem retorno. O eleitor inseguro e desesperançado queria mudar, tentar o novo, cansado das promessas não cumpridas. A hora e o momento eram dos oportunistas de plantão: Collor foi eleito presidente do Brasil.

A retórica de boas intenções estava presente nos dois primeiros meses de governo e logo em seguida a realidade dos fatos e atitudes demonstrava o contrário.

Seguiu-se um saque do governo nas contas da sociedade como um todo. A entidade mais endividada declarava que não iria honrar as

dívidas e recorria aos cidadãos e às empresas para se manter em atividade.

A sociedade agredida em seus direitos passou a duvidar das boas intenções, mais ainda quando foram revelados os detalhes da corrupção que embasou a eleição presidencial e que tinha continuidade no presente.

1991

## CAUSO DO EDIFÍCIO GOLDEN PARK

A FHM, assim como outros milhares de empresas brasileiras, em razão da necessidade de sobrevivência, desenvolvia obras de incorporação imobiliária para transformar o patrimônio, multiplicando os produtos através de processo industrial. A terra seria trabalhada e transformada em lotes, casas e apartamentos.

Tinha experiência na construção de condomínios horizontais e pretendia estender aos prédios verticais. O edifício estava em construção; o terreno havia sido adquirido em permuta por futuras unidades a serem entregues ao Sr. Longino e outros, e o financiamento para a construção foi obtido junto ao agente imobiliário.

No momento da edição do plano Collor, a obra estava em andamento, e como o financiamento estava assegurado, os dirigentes não perceberam alteração na capacidade de realizar e concluir a obra.

No segundo semestre daquele ano começaram a sentir a arapuca que foi armada em abril. Os saldos devedores do financiamento naquele momento sofreram correção de cerca de 80%, e os compradores amedrontados e assacados em suas contas pelo governo pararam de comprar.

O custo do financiamento e de construção superou o valor de venda do imóvel. Ou seja, a venda das unidades não pagaria a dívida de fornecedores nem tampouco o financiamento.

Os fatos eram desanimadores, as unidades eram inegociáveis quando se tratava daquelas oferecidas em permuta pelo terreno. As pressões vinham de todas as direções e acabaram por nos levar ao advogado.

Depois de muitas horas de discussões, o nosso contratado jurídico olhou para todos os diretores, deteve-se na minha pessoa e disse:

– Você deve fazer uma visita aos proprietários do terreno e oferecer um acordo.

– O que proponho? – perguntei.

– Ofereça um terreno – respondeu.

– Já propusemos, e ele não aceitou – defendi.

– Então invente alguma proposta – finalizou.

Os diretores WF, HA, LC e JJ saíram cabisbaixos à procura de soluções alternativas. Durante noites maldormidas, LC enfim encontrou possibilidades. Buscou uma visão de conjunto considerando que participava de duas empresas, os danos de uma refletiriam na outra.

Em primeiro lugar, colocou no papel a negativa do Lon de aceitar terreno em lugar dos apartamentos prometidos. Depois, o fato de a FHM ter número expressivo de terrenos em seu patrimônio e, finalmente, a CEM e LC como proprietários de dois apartamentos no edifício Salvador Dali, no município de Caiobá.

Estudando estes dados, julgou ter encontrado uma saída negociável, mas era necessário obter o consenso de todas as partes.

Reuniu o seu sócio Joa com os três diretores da FHM, expondo seu entendimento, explicando que os dois apartamentos da CEM poderiam satisfazer os desejos do Lon; a FHM deveria separar um lote do seu patrimônio para entregar à CEM em pagamento dos apartamentos em Caiobá. Depois da exposição, saiu da sala, deixando Joa – o seu sócio na CEM – WF, JJ e HA para discutir valores, pois declarava-se impedido por ser parte interessada nos dois lados.

E assim decidiu-se pela aceitação da proposta em que Lon ficaria com dois apartamentos de propriedade da CEM, e a FHM cederia um lote para a CEM. A oferta foi aceita e deixou de existir a obrigação de pagar o Longino.

Conclusão: Armadilha desfeita.

1999

## CAUSOS DA OLARIA

### 1999 - CENÁRIO

“A crise do real e a desvalorização cambial de janeiro de 1999 estão associados diretamente a problemas estruturais do Plano de combate à inflação implementado no Brasil. O Plano Real foi bem sucedido em controlar a inflação ainda em 1994. Entretanto, a implementação de políticas econômicas deflacionistas (juros elevados, baixo investimento estatal), associadas a um câmbio semifixo sobrevalorizado, gerou, ao longo dos anos, um grave acúmulo de problemas econômicos estruturais.

A “abertura” indiscriminada da economia, associada à sobrevalorização do real frente ao dólar e outras moedas consideradas «fortes» (Yen, Euro), tiveram consequências negativas como o crescimento dos déficits comerciais e enfraquecimento da indústria nacional. Os setores importadores da economia foram fortalecidos diante da facilidade de importação de produtos em dólar, em detrimento dos setores exportadores, cujos produtos ficavam mais caros e as vendas no exterior caíram. *“Como decorrência, na etapa seguinte, surgem e avolumam-se saldos negativos na Balança Comercial (exportação/importação de mercadorias) e na conta de Transações Correntes (soma da Balança Comercial, da Balança de Serviços e das Transferências Unilaterais), colocando esses países numa situação de vulnerabilidade e dependência com relação ao fluxo de capitais estrangeiros”.* (FILGUEIRAS, 2006, p. 2)

Na prática, o Brasil acabou sendo vitimado pelas menores taxas de crescimento do PIB das últimas décadas, associado a um processo de “desindustrialização”.

Os juros elevados tinham uma dupla função neste modelo de estabilização econômica. Primeiramente ajudavam a manter o fluxo “artificial” de capitais estrangeiros para o país, necessários para equilibrar a balança de pagamentos. Também ajudavam a controlar o consumo, reduzindo o potencial aparecimento da chamada inflação de consumo. Entretanto, a redução no con-

sumo favorecia ainda o endividamento privado e o crescimento do desemprego.

Para manter este sistema funcionando por mais tempo foi necessário injetar algumas dezenas de bilhões de dólares na manutenção do câmbio semifixo e das altas taxas de juros. Parte destes recursos vieram do aumento da dívida externa, que no período 1994-2000 saltou de US\$ 120 bilhões para US\$ 250 bilhões. Outra parte veio dos processos de privatização das empresas estatais, que resultou na desnacionalização de empresas e serviços. Muitos economistas criticavam a manutenção de um câmbio valorizado por tanto tempo, já que a estabilização da inflação havia sido alcançada já em 1995.

Por fim, mesmo com o cortes de despesas públicas e o aumento da carga tributária, que possibilitaram superávits primários, a dívida externa e a dívida pública continuaram a crescer.

A Crise asiática de 1997, seguida da Crise russa de 1998 apenas aceleraram as tendências, já que provocaram uma brusca queda no preço das commodities exportadas pelo Brasil e reduziram o crédito externo, dificultando a captação de dólares no exterior. Isto inviabilizou a manutenção de um câmbio sobrevalorizado como era o brasileiro até então. Os recursos obtidos internamente, com as privatizações, não eram mais suficientes e os juros elevados além de inviabilizar o crescimento interno, não atraíam mais capitais internacionais. O choque de preços no exterior fez esse desequilíbrio se tornar ainda maior. Após as eleições de 1998, o governo brasileiro iniciou os preparativos para a desvalorização da moeda doméstica, que ocorreria na segunda quinzena de janeiro de 1999.

### **PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS**

Foram muitas as consequências da desvalorização do Real em 1999, algumas positivas outras negativas. A primeira consequência positiva foi o fim do incessante escoamento de dólares das contas externas brasileiras, gastos para manter o real sobrevalorizado. Associado a isto, o Brasil teve uma redução do déficit

na balança de pagamentos e o crescimento da dívida pública foi controlado. Entretanto, a carga tributária cresceu entre 1999 e 2002, passando da faixa de 25% para 37%. [7]

Dentre as consequências políticas, destaca-se o início da crise política do governo Fernando Henrique Cardoso que sustentava o discurso da estabilidade econômica na estabilidade do Real.

Houve uma série de consequências econômicas, como o aumento da inflação (o IGP-M passou de 1,79% em 1998 para 20,10% em 1999), a redução do déficit da balança comercial (de US\$ 6,5 bilhões em 1998 para US\$ 1,2 bilhão em 1999 e US\$ 0,7 bilhão em 2000). Além disto, houve uma redução dos juros, de 41% ao ano em janeiro de 1999 para 19% em dezembro de 1999.

No curto prazo, as empresas brasileiras que adquiriram empréstimos em dólar no exterior perderam mais, pois viram suas dívidas crescerem rapidamente em reais. Os setores importadores da economia também perderam, pois passaram a ter que lidar com preços mais elevados e a redução do consumo de produtos importados, geralmente substituídos por similares mais baratos produzidos no país. Além disto, a inflação, cujo patamar era de 1.78% em 1998, saltou para mais de 20% em 1999.

Entretanto, a desvalorização aumentou as receitas para a maior parte dos setores produtivos e exportadores do Brasil, tanto na agricultura, pecuária e extrativismo como nos setores industriais. Além de facilitar as exportações, a redução das importações ajudou a reaquecer a indústria nacional. Assim, diferentemente de outras crises dos anos 1990, a desvalorização do Real em 1999 acabou se mostrando, no prazo de alguns anos, positiva para a economia brasileira.

Mas o reaquecimento foi muito mais rápido do que o esperado. O elevado crescimento do PIB em 2000-2001 (em relação ao baixo crescimento do PIB nos anos 1990), conjugado com a estiagem de 2000-2001 e os efeitos de uma década de baixos investimentos na infraestrutura energética, levaram ao esgotamento da capacidade energética do Brasil, levando à necessidade de raciona-

mento de eletricidade, em episódio que ficou conhecido como o Apagão elétrico de 2001.

Outra consequência foi o aumento da tensão entre Brasil e Argentina. Até 1999 os dois países mantinham paridade cambial com o dólar. A Brasil paridade semifixa e a Argentina, além da paridade fixa, implementou a dolarização da economia interna (circulação de dólar como moeda corrente). Quando o Brasil desvaloriza o câmbio, passa a ter um grande superávit no comércio com a Argentina.

Este processo, ao longo do período 1999-2000 agravou a situação das contas externas argentinas, e acelerou a pressão pela desvalorização cambial e a desdolarização da economia argentina. As opções discutidas na Argentina, à época, eram basicamente: desvalorizar o câmbio ou deixar o Mercosul. A crise econômica global de 2000-2001, marcada pela falência da Enron e a crise na bolsa de valores da Nasdaq nos EUA, agravou a situação da Argentina, que foi obrigada a desvalorizar o câmbio em 2001. A Crise econômica da Argentina foi considerada por muitos analistas um teste de fogo para o Mercosul. (Wikipédia) ”

Findo o acordo familiar em 1975, a FHM começou a planejar o seu futuro. Agora considerando as diversas áreas do seu patrimônio.

De início, utilizando a experiência do diretor superintendente quando participou do processo de implantação do plano diretor de Curitiba, a empresa traçou as diretrizes para ocupação e aproveitamento dos imóveis. O critério adotado estabeleceu que as medidas de cada superfície, a topografia, as vias que davam acesso e as disposições da lei de Zoneamento da cidade, especialmente com relação ao uso e parâmetros construtivos, determinariam o tipo de projeto a ser desenvolvido. Pesquisas demonstraram a indefinição do padrão econômico da região, pouco se sabia da sua vocação.

Em cada setor de localização foi estudado e definida a sua utilização. A topografia e a vizinhança definiram o setor destinado às construções de renda econômica. As áreas maiores foram destinadas às edifi-

cações para pessoas de renda média e alto padrão, o espaço adequado a construção de condomínios de barracões talhados para desenvolvimento de pequenas indústrias e serviços.

Esta setorização de atividades ignorou a área onde a empresa iniciou suas atividades, extraindo areia e produzindo tijolos e telhas na olaria. Ela era extensa, a maior de todas as áreas, e fazia divisa com os rios Iguazu e Belém, com as linhas da rede ferroviária federal e a Avenida Salgado Filho. As leis municipais reduziam as possibilidades de utilização e ela situava-se na periferia da cidade, na divisa com o município vizinho, São José dos Pinhais. Abrigava um lago de 75.000 metros quadrados e algumas lagoas menores.

Os mais antigos conhecedores da história da família de descendentes de alemães contavam que o lago maior existia desde a Segunda Guerra Mundial, quando, diante da recusa do proprietário em ceder a areia do subsolo do banhado para o Estado construir a pista do aeroporto situado no município vizinho São José dos Pinhais, a porteira da propriedade amanheceu bloqueada por tanques de guerra enfileirados e protegendo várias máquinas de escavação. Cumpriram a ordem de Manoel Ribas, o interventor do Estado. A lei determinava a construção do aeroporto, com projeto enviado pelo governo americano. A determinação foi cumprida.

As outras lagoas tinham origem no comércio da areia extraída para abastecer as obras da cidade.



“O engenheiro norte-americano Edward Leonard Pine nunca imaginou que conheceria Curitiba. Nascido e criado no estado de Nevada, levava a vida trabalhando em empresas de construção. A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, porém, o trouxe ao Brasil.” - Fonte: Wikipédia

Os proprietários começaram então a tomar medidas para proteger as águas dos lagos pelo risco de contaminação pelas inundações recorrentes, tendo em vista as obras de retificação do rio Iguaçu e, principalmente, o rio Belém, que trazia dejetos da cidade. Construíram um dique para contenção destas águas, evidentemente contaminadas.

O plano diretor traçado pelos proprietários não estabelecia um destino para a utilização esta área. As limitações da legislação, a indefinição dos gestores públicos e a sua grande extensão criavam obstáculos para uma decisão.

Estudos de ocupação foram realizados, primeiro por um condomínio de chácaras residenciais, depois por um conjunto de prédios comerciais. Todos foram negados pelos órgãos municipais. Os planejadores da cidade ainda não estavam seguros sobre o sentido a ser dado para a região, até que na década de 1970 começou a se delinear um projeto

para o que se denominou Parque Regional do Iguaçu, destinado a conter diversas atividades de lazer, esportes e o zoológico.

O terreno do Bioparque ocupava a parte central do parque, mas o município não tinha recursos para uma eventual desapropriação.

Rafael Greca, eleito prefeito em 1993, teve ímpetos para transformar a cidade mais atraente para investidores estrangeiros e anunciar a vinda de um grupo de empresários italianos da região de Emilio România, interessados em oportunidades de investimentos no Brasil, especialmente na área de centros de exposição e eventos. Informado da iniciativa em andamento de estudos e projetos com esta finalidade no bairro de Uberaba, determinou aos assessores que convidassem os empresários para apresentarem os estudos e projetos, pois os visitantes chegariam a Curitiba por volta de um mês. Assim foi feito. Após os empresários acelerarem os estudos, em quinze dias fizeram uma exposição ao prefeito, tendo uma maquete para efeito de demonstração. Ele se mostrou empolgado com a proposta, mesmo porque a cidade carecia de um espaço para exposição e eventos. Ordenou aos técnicos do município a análise do trabalho e da sua adequação às diretrizes urbanas. O plano foi analisado e aprovado pelos técnicos.

No dia apazado, os italianos chegaram a Curitiba e foram recebidos pelo Prefeito no salão nobre da sede do Município, onde já estava na vista de todos a maquete do Centro de exposições e eventos. O prefeito falou da cidade com um palavreado inspirado utilizando a linguagem do português e do italiano, descrevendo as realizações urbanas que a transformaram em referência nacional e internacional. Em seguida, conduziu os convidados até onde estava a maquete que os empresários locais prepararam para os visitantes. O entusiasmo dos italianos foi evidente. Apreciaram e elogiaram o projeto e fizeram inúmeros questionamentos aos técnicos e empreendedores locais. Foi um sucesso.

No dia seguinte, os proprietários se reuniram, debateram sobre o encontro e o interesse demonstrado pelo grupo estrangeiro. Perceberam a complexidade de desenvolver um projeto daquele porte. Era preciso aperfeiçoar a ideia, elaborar pesquisas, estudos de viabilidade e encaminhar a elaboração de um partido de projeto moderno e adequado às

demandas do mercado. Foi então renovado o contrato com o arquiteto Zenon Segundo de Braga Pesch, que realizou o primeiro estudo. O trabalho foi executado com a criatividade demonstrada pelo arquiteto, um aproveitamento das características ambientais da área, diversificando as atividades, hotel, centro de convenções e exposições rodeados por uma extensa área de preservação destinada a um parque integrado ao parque Iguazu. O projeto foi desenvolvido e aprovado nos órgãos municipais.



Durante a elaboração do projeto, a tramitação nos órgãos municipais, a economia brasileira estremece, desestabiliza. A sucessão de crises econômicas internacionais avançou.

“A crise econômica do México de 1994, mais conhecida como Efeito Tequila, teve repercussões mundiais. Foi provocada pela falta de reservas internacionais, causando desvalorização do peso, e a crise financeira asiática foi um período que atingiu grande parte da Ásia, tendo começado no verão de 1997 gerando temor de uma crise em escala mundial e contágio financeiro. Essa crise é comumente conhecida como Crise monetária do sudeste asiático.” (Wikipédia)

Os investidores internacionais se acautelaram, paralisando a aplicação de investimentos no país. O projeto foi engavetado, aguardando novos movimentos na economia. Recém-eleito prefeito da cidade em 1997, o engenheiro Cássio Taniguchi tinha entre os planos para sua administração ampliar relacionamentos com prefeituras municipais de outros países. A cidade de Orlando, na Flórida, foi a primeira. Reuniu um grupo de empresários e políticos para viajar àquela cidade, com a intenção de formalizar o acordo – Curitiba e Orlando seriam cidades coirmãs – de compartilhamento de experiências e realizações. Para dar início às tratativas, considerava importante ter o que apresentar a potenciais investidores, oportunidades e projetos. LC estava entre os convidados.

Antes da viagem, a empresa recebeu o contato de um paranaense morador nos Estados Unidos, que se apresentou como desenvolvedor de projetos. Ele teria recebido informações da viagem e seus objetivos, manifestando interesse e se dispondo a agendar contatos no exterior.

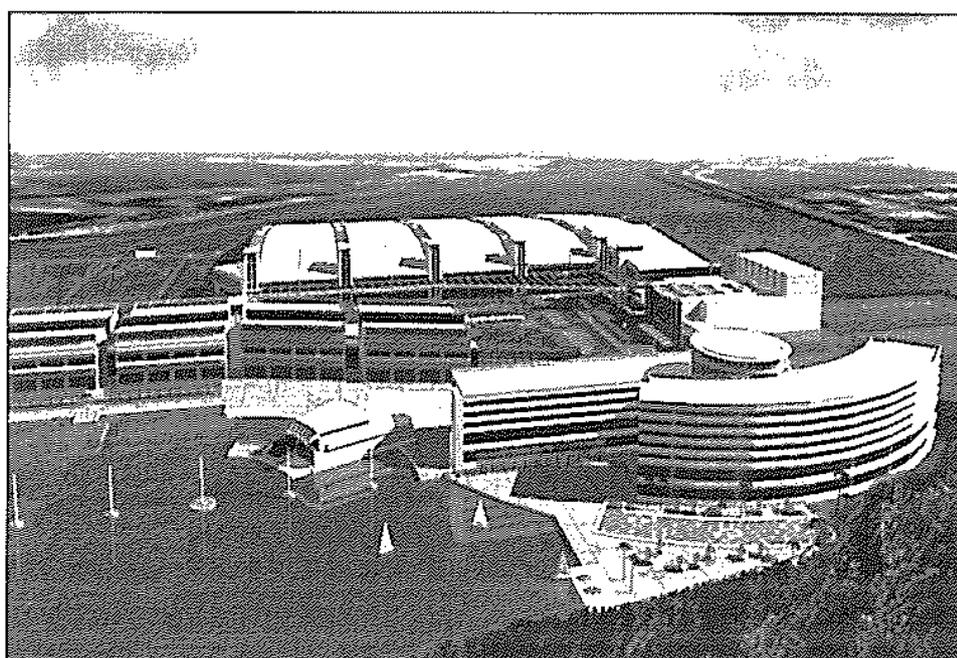
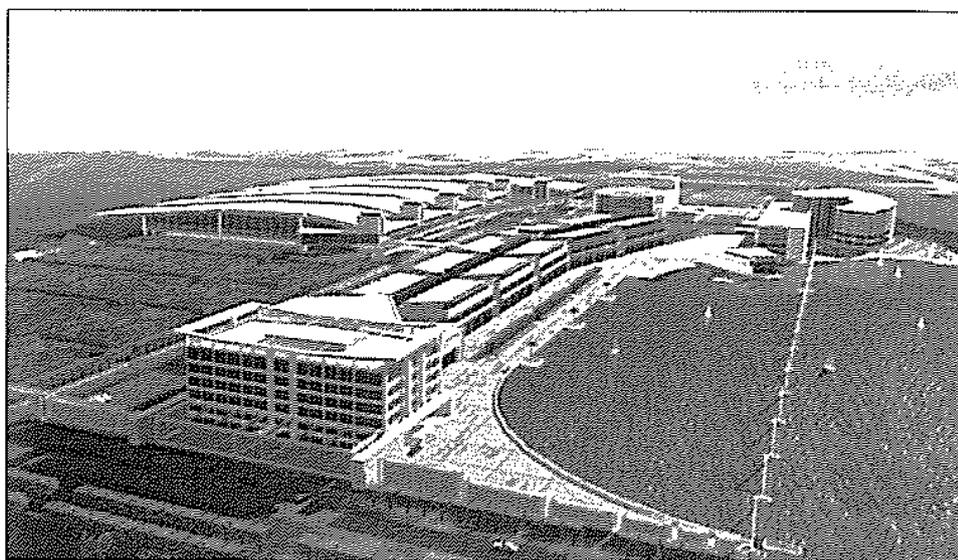
O grupo viajou e foi recebido pela prefeita da cidade após diversas visitas técnicas para formalizar o acordo. Estavam presentes um número expressivo de empresários americanos, curiosos e interessados em busca de oportunidades de negócios. LC foi então convidado a expor o projeto para o grupo. Todos se encantaram com a proposta.

À saída do evento, o desenvolvedor esperava, fornecendo um roteiro de agendas. Começou conduzindo LC para Nova York, onde teriam uma reunião com banqueiros, para apresentação do projeto. A exposição foi no Rockefeller Center e despertou evidente interesse dos ouvintes, principalmente quando assistiram a um vídeo mostrando a cidade onde o projeto foi estudado. Em seguida, voltaram à cidade de Orlando para um encontro agendado com um escritório de arquitetura, que, segundo informações, possuía 400 filiais espalhadas pelo mundo. Mostraram projetos espetaculares, construções de complexos de grande porte e de utilizações diversas. A banca de arquitetos de Orlando era especializada em centros de exposição e eventos.

No retorno ao Brasil, o desenvolvedor apurou a necessidade de dar ao empreendimento uma concepção internacional, e diante do seu

conhecimento de que a empresa não tinha estrutura financeira para fazer frente ao desafio, sugeriu o respaldo técnico e de capital para realizar o negócio. LC foi recebido no escritório suntuoso da companhia no Rio de Janeiro, onde se estabeleceram condições para firmar a parceria. Foram almoçar no restaurante do Copacabana Palace, e LC não se sentiu confortável com a evidente intenção de fazer brilhar, deslumbrar o cliente. O contrato foi formalizado para que a empresa de arquitetura internacional começasse a elaboração do estudo preliminar. Assim foi feito. Decorridos cerca de três meses, o anteprojeto foi apresentado.

Impactante, moderno, arrojado, atual, contemporâneo, ousado.



Foi considerado o projeto do ano de 1999, nos Estados Unidos da América do Norte.

A apresentação obedeceu ao roteiro recomendado pela boa técnica e resultou no Caderno contendo o MASTER PLAN.

Em 1997, a Crise financeira asiática piorou sensivelmente a situação da Rússia, basicamente devido à redução da oferta de crédito internacional e à queda no preço das commodities (agrícolas, minerais e energéticas) exportadas pela Rússia. A **crise** da desvalorização do real em **1999**, ou efeito samba, foi um forte movimento de queda do real que ocorreu no Brasil em janeiro de **1999**.

Conclusão: Mais uma vez ficou claro como é difícil planejar com a economia aos sobressaltos.

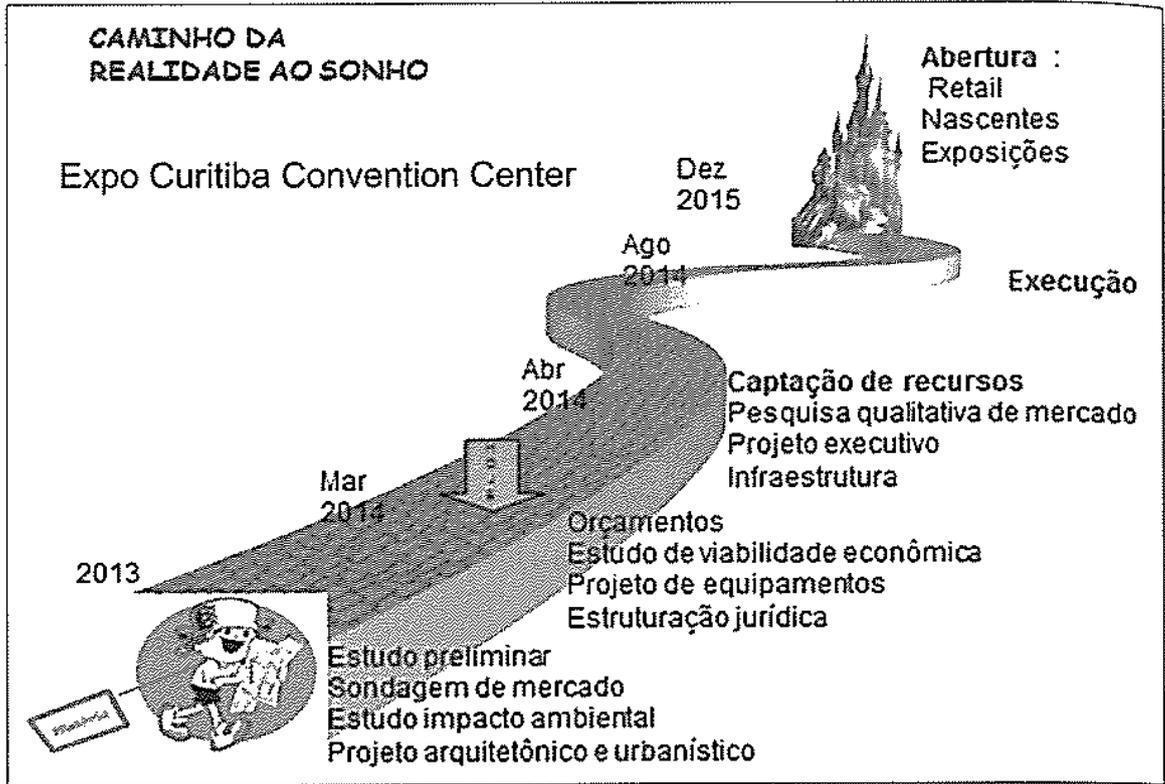
2006

## **CAUSO DO BIOPARQUE DO MENINO MALUQUINHO**

Foram vários os estudos de desenvolvimento empresarial na área. Começaram os estudos para uma nova ideia de aproveitamento: o Bioparque do Menino Maluquinho.

Uma proposta lúdica de ocupação, com foco ambiental, educacional e autossustentável foi de iniciativa da associação de Ziraldo, do consultor de comunicações Rogério Mainardes com os diretores da FHM. O projeto arquitetônico teve como responsáveis os arquitetos Zenon Segundo de Braga Pesch e Osman Pierri Júnior

Rogério Mainardes tinha em seus arquivos um projeto elaborado com aprovação do governo do Estado. Foram então agregados no grupo de estudos o humorista Ziraldo, os engenheiros proprietários da área, arquitetos e consultores de marketing.



Fonte: Engenheiro Daniel Fraxino

**MUITO VERDE. A BEIRA DA NASCENTE DO RIO IGUAÇU.**

Um local único dentro do maior parque urbano do País, onde a riqueza da natureza, a infraestrutura e o valor ambiental se completam. Situado a 12 minutos do centro de Curitiba, no caminho entre a cidade e o aeroporto, o Bioparque do Ziraldo vai ocupar uma área de mais de 400 mil m<sup>2</sup>, em um terreno onde nasce o Rio Iguaçu, o mesmo que vai dar origem às cachoeiras mais famosas do mundo e segundo ponto turístico mais visitado do Brasil: as Cataratas do Iguaçu. A posição geográfica do empreendimento foi pensada para facilitar o acesso e transformá-lo em um destino prático e atraente para famílias e escolas de todo o País.

10 4

## A TERRA, O AR, O FOGO, A ÁGUA E O ZIRALDO

A estrutura do Bioparque será fundamentada em cinco pavilhões temáticos, onde as questões ambientais e de preservação de natureza vão conviver com as demandas da tecnologia, em um território de discussões de interesse comum. No Bioparque, a educação e a questão ecológica serão uma preocupação permanente, despertando e consolidando valores capazes de mudar definitivamente a visão das futuras gerações. Os pavilhões serão projetados para provocar o extremo interesse dos visitantes, mediante o prazer e a curiosidade de ver, realizadas no mesmo espaço, tantas atividades diferentes.

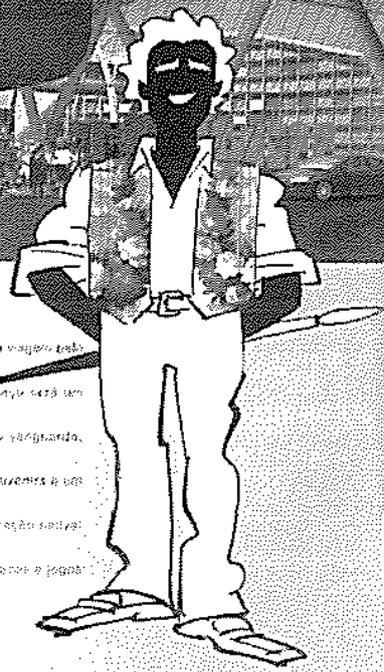


11

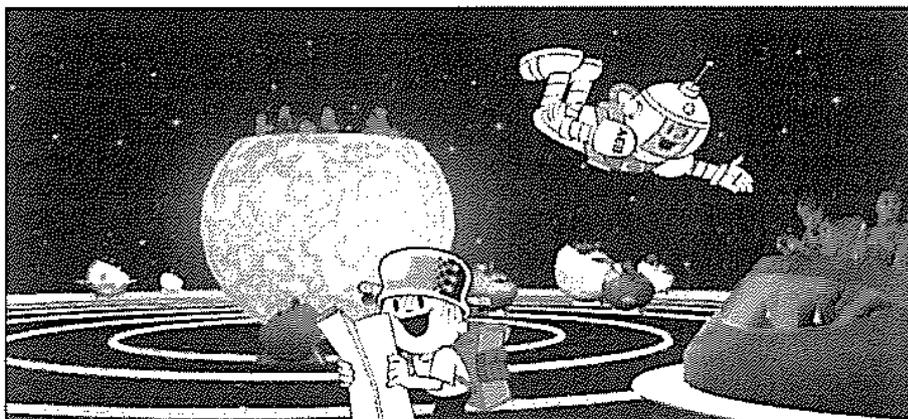
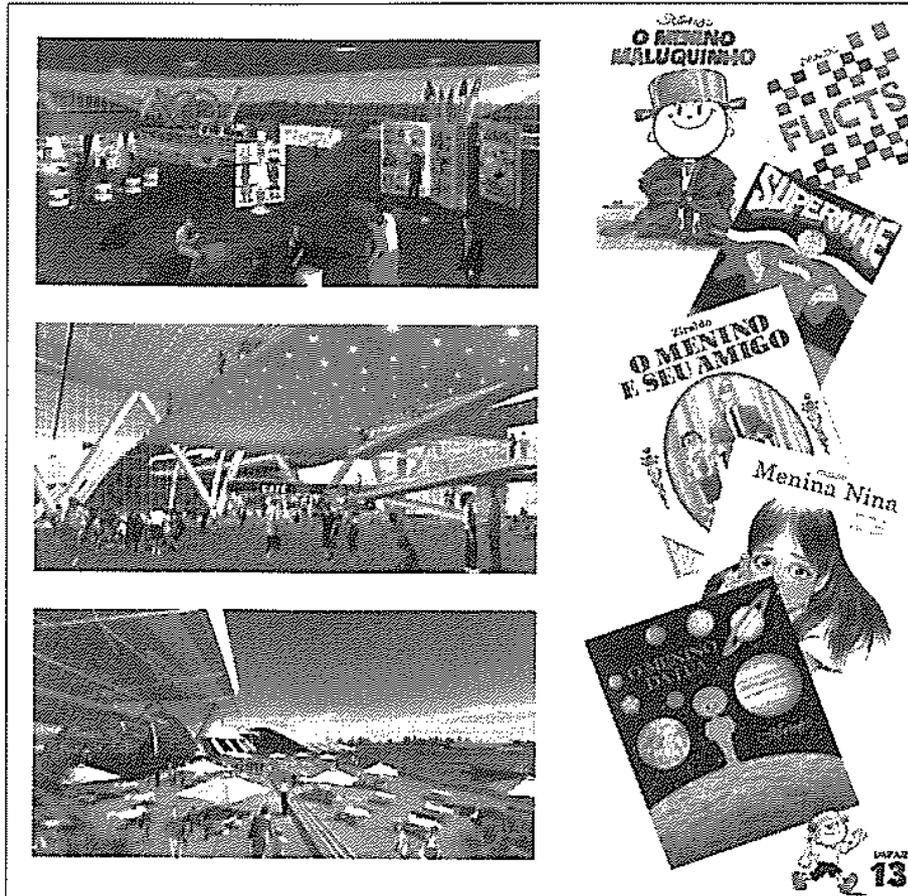


### PAVILHÃO ZIRALDO

Mais do que um memorial ao artista, este pavilhão será o ambiente para as viagens pelo Espetáculo. Mediano à vista, à obra e ao protagonista do Ziraldo, o pavilhão será um diálogo de culturas mestras. Com arquitetura moderna e tecnologia de vanguarda, o Pavilhão Ziraldo será feito com uma gama de inovações, mas de sempre a um tom festivo, acolhedor e alegre. Um lugar à frente de toda a programação cultural. Arco-íris, Leme, Lutas Espaciais, dança e música instrumental, aforas, intervenções e jogos interativos, terão a tônica do Pavilhão Ziraldo.

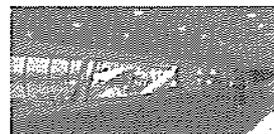


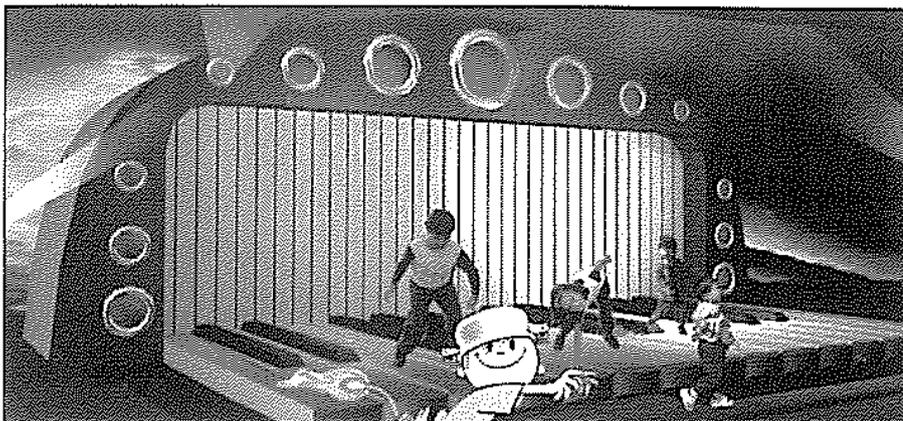
12



### PAVILHÃO TERRA

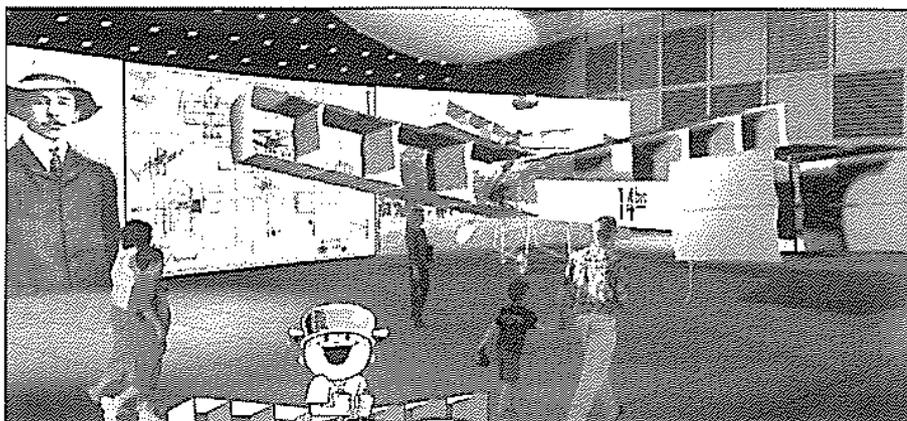
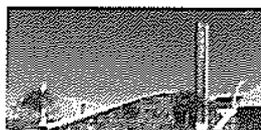
Destinado à vida em nosso planeta e em nosso país, o Pavilhão Terra vai oferecer aos visitantes a possibilidade de conhecer a vida no mundo em que vivemos. Nesta, o público poderá apreciar de forma lúdica e divertida exposições de Física, Geografia, Biologia e História. Um gigantesco e interativo mapa do Brasil vai apresentar aos visitantes toda a riqueza do nosso país e suas regiões. A descoberta das fronteiras dos descobridores do continente étnica e seus movimentos no sistema solar. Ainda haverá exposições, mesas demonstrativas por meio de atividades interativas, reunindo aspectos de terra, água e ar e o sistema solar.





## PAVILHÃO FOGO

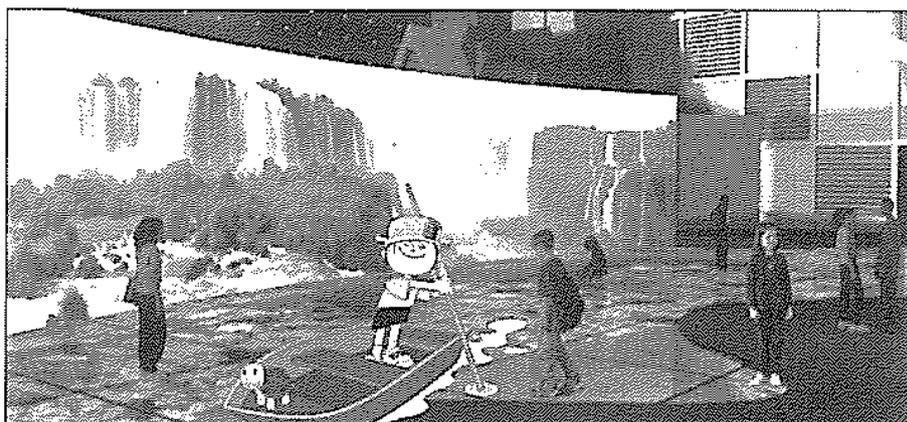
Este pavilhão temático do Parque do Zécoelho será dedicado ao fogo. Nele, crianças e visitantes encontrarão experiências fantásticas, de onde poderão vivenciar etimologicamente e de forma interativa a importância e a atuação do fogo em nossas vidas. O funcionamento de velas, a fábula do arco-íris, as bicicletas dinâmicas, a formação dos átomos e moléculas, entre outras atrações farão do Pavilhão Fogo uma das grandes atrações do Parque do Zécoelho.



## PAVILHÃO AR

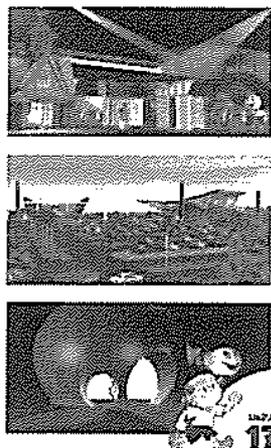
Este pavilhão do Parque do Zécoelho será dedicado ao ar. Do avião à velocidade da luz, passando pela história de Santos Dumont e chegando ao próximo dos gases. Tudo que está relacionado ao ar será tratado neste espaço de forma interativa e experimental, identificando a sustentabilidade ecológica e o desenvolvimento educacional. Exposições e experiências, como foguetões parabólicos, a sustentabilidade do som e a sustentabilidade vão fazer do Pavilhão de Ar uma das grandes atrações do Parque do Zécoelho.





**PAVILHÃO ÁGUA**

Este espaço que ao mesmo tempo apresenta também contém um grande elemento criativo em todas as regiões a saber: as águas, o vapor, a luz, a energia elétrica de conservação, suas características físicas e químicas, a importância da água para a vida humana, a poluição, a conservação da água, a importância da energia elétrica e um contador de energia vai mostrar a importância da água no planeta e a situação da água dentro do corpo humano.



Quatro anos perdidos na burocracia municipal demonstraram qual o valor do tempo perdido.

Conclusão: é a burocracia do tempo perdido e o tempo perdido na burocracia. Perderam-se ideias, trabalho e criatividade, para agregar à cidade e à população conceitos de educação, atitude ambiental e geração de empregos.

1999

**CAUSO ESCOLHA DE SOFIA<sup>5</sup>****1999 – LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA EMPRESARIAL**

As turbulências do ambiente econômico em face da adequação às diretrizes do plano Real ainda em processo de incertezas encaminharam o meio empresarial para a definição de prioridades para garantir a sua sobrevivência.

**O CAUSO**

A CEM e a FHM estavam neste processo. O ambiente econômico instável transmitia insegurança. O custo da mão de obra aumentava pressões por mais obras num mercado carente de oportunidades, e o preço dos imóveis reduzido aumentavam os riscos para a oferta de produtos.

O momento exigia a reavaliação das empresas em atitudes e propósitos. As duas empresas juntaram forças para a realização de duas obras: prédios populares no bairro da Fazendinha e Centro de visitantes de Itaipu, ambos em concorrência pública.

**PRÉDIOS POPULARES**

A CEM utilizou a experiência de Joaquim para planejamento e execução de grandes obras, e LC ficou na formulação da proposta urbanística do empreendimento. A FHM contribuiu com o empenho dos seus diretores engenheiros e concedeu o nome centenário para dar credibilidade à proposta, ao final vencedora.

A obra foi realizada pela parceria das duas empresas e a execução foi distribuída entre JJ, pela FHM, e Joaquim, pela CEM. WF foi responsável pelo controle financeiro. A obra foi concluída com sucesso.

---

5 Livro "A Escolha de Sofia". Quando a polonesa Sofia é capturada juntamente com seus dois filhos, Jan e Eva, é forçada por um soldado nazista a escolher um dos filhos para morrer. Um seguirá para a câmara de gás e o outro será poupado.

## CENTRO DE VISITANTES DE ITAIPU

O sucesso entre as empresas motivou a replicação da parceria. Participaram de renhida concorrência para a execução do Centro de Visitantes da Usina de Itaipu e venceram.

WF assumiu o controle financeiro e a direção dos trabalhos foi distribuída entre Joaquim e JJ, que encontraram dificuldades múltiplas: mudança de governo (2003), projeto com especificação de produtos em falta no mercado, dificuldades de integração entre os dirigentes da contratante.

Em que pese as dificuldades encontradas, a obra foi concluída. Remanesceram custos decorrentes da mudança de especificações, que, ao final, não foram cobertos pela contratante. Em se tratando de empresa binacional, a decisão demandaria acordo entre os dois países, foi a alegação dos dirigentes da estatal.

Conclusão: Pesados ônus financeiros sobraram para a FHM e para a CEM.

## OBRAS DA PMC

LC estava aposentado após 27 anos de trabalho na Prefeitura Municipal de Curitiba. Esta condição liberava a FHM para contratar com o poder público. Diversas escolas, reformas e outras obras foram realizadas. Os pagamentos, no entanto, começaram a minguar, e a falta de apadrinhamento impedia a evolução dos negócios.

Os prejuízos financeiros se multiplicaram. E as empresas partilharam os prejuízos.

Em 2003, um novo governo assumia prometendo transformações e atitudes moralizadoras especialmente do Estado. Os espaços de gestão e operação foram sendo ocupados, mas sem um critério técnico apurado. Os cargos e funções eram distribuídos entre políticos afinados com os donos do poder. O Estado estava vulnerável ao interesse de quem detinha as rédeas.

## O CAUSO

A situação das empresas parecia insustentável. Pressão de credores, ações trabalhistas, previdenciárias e tributárias somavam-se a redu-

ção do faturamento, o que aproximava um horizonte nebuloso, e requeriam medidas emergenciais.

As duas empresas tinham história de realizações concretas. A FHM estava próxima de completar mais de 100 anos de existência, era uma “empresa da terra” que aqui produziu mais de 500 m<sup>2</sup> de construção. A CEM comemorava 30 anos com um portfólio de realizações de cerca de 80 prédios construídos na cidade de Curitiba e litoral do Estado, barracões industriais, agências bancárias e lojas comerciais, pouco mais de 500 m<sup>2</sup> de construção.

LC acumulava a função diretiva nas duas empresas, o que duplicava seus encargos e responsabilidades. Era o momento de fazer uma escolha cruel, mas necessária. Assim foi feito: preservar a FHM e desmobilizar a CEM.

LC afastou-se temporariamente para sair de foco, procurando visualizar o contexto de forma mais ampla, um *outsider*. Foi eleito Presidente do Instituto de Engenharia do Paraná, entidade que representa os engenheiros do Estado, onde compartilhou experiências com profissionais de diversas áreas de conhecimento.

Aos demais diretores estavam abertas oportunidades de adoção de esforços renovados em busca da solução das dificuldades. O período se prolongou por mais dois anos, em face da sua reeleição para o cargo no IEP.

**CONCLUSÃO:** A sobrevivência determinou a escolha entre as empresas. Qual delas tinha maior probabilidade de continuar rompendo obstáculos.



## 3 - ENGENHARIA DE IDEIAS

O autor foi presidente da ADEMI/PR – Associação dos dirigentes do Mercado Imobiliário em 1986, e do IEP – Instituto de Engenharia do Paraná entre 2004 e 2008. São organizações não governamentais (ONGs) que, diferente do sistema sindical brasileiro, não dependem de recursos financeiros do governo, suas receitas estão em serviços prestados aos associados, fórum de debates, renda locatícia e contribuição anual dos seus integrantes. As entidades representam os seus respectivos quadros associativos, com independência em temas de natureza política ou partidária.

1986 - 1988

### 3.1 - ADEMI PARANÁ



Associação dos Dirigentes de empresas do Mercado Imobiliário

Com relação à ADEMI/PR, os pronunciamentos durante a gestão estão colocados no livro *Habitação*, publicado em 1988. Dali extraímos alguns textos que se destacam pela similitude com os tempos atuais.

Naquela época, somente algumas empresas tinham acesso aos recursos destinados à habitação. Ou eram de grande porte ou transitavam com facilidade nos órgãos oficiais, pois mantinham bom relacionamento com a autoridade de plantão.

Uma parte expressiva do empresariado não tinha voz para manifestar suas reivindicações. Os sindicatos, que se diziam representativos, tinham grande dependência dos governantes.

Como imaginar possível identificar carências, necessidades e sonhos dos trabalhadores e empresários sem contar com interlocutores de sua categoria? Perguntando a um de cada vez?

Como estabelecer e expor de forma organizada os desejos e aspirações de um conjunto de empresas e trabalhadores, as suas reivindicações e os seus direitos? Perguntando a cada um por vez? Ou, ainda, como fazer uma única voz mais ressoante, estrondosa, retumbante do que reunindo muitas vozes? Utilizando autofalantes e amplificadores seria suficiente?

Estavam enganados aqueles que acreditavam que a base do seu poder estava na debilidade ou subserviência das entidades representativas. É nelas que seriam forjados os verdadeiros líderes, e não os “pelegos” (pelego era o líder sindical de confiança do governo que garantia o atrelamento da entidade ao Estado). Aquele momento estava a exigir a somatória de esforços para que as partes divididas se agrupassem para ser representativas e fortes. Não ignorando que os líderes deveriam ser eleitos democraticamente, para serem intérpretes da vontade coletiva.

Estávamos saindo do período em que só valia a voz do comandante.

A Ademi Paraná foi criada na década de 1980 com o objetivo de aglutinar grandes e pequenas empresas. O mercado passou a ser um só.

Inicialmente, a entidade se consolidou localmente. Quando assumimos sua direção em 1987, sua criação era ainda recente e não dispunha de recursos financeiros para comparecermos a eventos fora da capital. Éramos obrigados a utilizar auxílios do próprio bolso para adquirir conhecimentos em fóruns e debates. Organizamos diversos encontros com agentes financeiros locais, órgãos públicos, profissionais, medida que fez a entidade e seus trabalhos reconhecidos pelo mercado de produção e dos consumidores.

Descobrimos que os planejadores da cidade guardavam para si os dados de movimentação do mercado imobiliário. Tivemos acesso e elaboramos O Perfil Imobiliário de uma Metrópole, elementos que con-

tribuíram para compreendermos o mercado, retratando o presente e perscrutando traços do futuro. Novos sócios foram atraídos e a partir do sexto mês de gestão a entidade arrecadou os recursos necessários para o deslocamento dos seus dirigentes.

Seguimos depois para voos mais altos, participando de fóruns nacionais, pois tínhamos liberdade para manifestação. Éramos independentes das autoridades governamentais.

A Ademi do Paraná se posicionava, tinha vez e voz. Muito tempo se passou – 30 anos – e os desafios permanecem. Uma sucessão de planos mágicos desestabilizou o mercado. Planos Bresser e Cruzado, na década de 80, e o plano Collor, em 90, penalizaram as empresas. Recentemente, o fenômeno de aparelhar o Estado também danificou o setor e diminuiu o mercado.

As incertezas são próprias do nosso país, geram instabilidade e quebram a vontade de empreender. Para enfrentar os desafios que não são novos, os empresários devem se respeitar e fazer-se respeitados.

Não é preciso reinventar a roda, basta fazê-la girar.

Foram selecionados alguns textos e pronunciamentos elaborados no período.

## TEXTOS E PRONUNCIAMENTOS

1985

### **A ADMINISTRAÇÃO POR MANCHETES**

Neste Brasil da década de 80, nós assistimos alguns brasileiros ilustres fazerem com que experimentássemos um novo método de procedimento administrativo: a administração por manchetes.

Através das manchetes, os homens, os produtos, os serviços são promovidos: as instituições são destacadas e as intenções recebem o tratamento que seria mais adequado às realizações.

Enfim, no mundo do administrador por manchetes, o produto é menos importante que a sua promoção; as obras são irrelevantes frente à publicidade da intenção de realizá-las, e especialmente o homem público é promovido por manifestar intenções de realizar ao revés das realizações.

Quantas vezes vimos estampada no jornal a manifestação de imediato estabelecimento de uma política industrial.

Quantas vezes os agricultores se embriagaram com o “plante que o João garante”.

E os estudantes, como acreditar em escolas mais baratas se as pessoas não são estimuladas a construir novas escolas?

E a área habitacional não poderia receber tratamento diferente – se somamos os números constantes nas manchetes dos últimos dois anos, o resultado deverá ultrapassar os três milhões de unidades. A realidade, no entanto, nos ensina que em 1987 construímos menos que em 1986 (51 mil unidades) menos que em 1985 (98 mil unidades), menos que em 84 (27 mil unidades), menos que em 1982 (552 mil unidades).

Quantas vezes anunciaram uma “nova lei do inquilinato”, ignorando o fato de que a promessa do aluguel barato depende da construção de moradias para alugar.

Nós não esquecemos as manchetes de 6 de janeiro, que asseguravam a intenção de construir 500 mil habitações por conta de uma “nova regulamentação do sistema financeiro da habitação” – não só ficamos na intenção como não nos explicaram a falta do cumprimento das disposições do “novo SFH” (os 200 bilhões então depositados no Banco Central somam hoje 800 bilhões).

E agora silêncio... A habitação nem manchete é...

Será por estarem, silenciosamente, construindo habitações?

Ou estarão sendo, enfim, cumpridas as leis que já são claras, também silenciosamente?

Estará finalmente sendo aplicado em imóveis o dinheiro de imóveis, silenciosamente?

São questões que nos angustiam.

Assim como nos amedronta o conceito de que para o administrador fabricante de manchetes a sociedade não precisa ser organizada, basta parecer.

E mais: a manchete fabricada paralisa a busca de soluções, e o silêncio parece ser a manchete de hoje...

1985

## **POR QUEM CHORAM OS BRASILEIROS**

Texto elaborado com sentimento de emoção quando perdemos Tancredo Neves, intérprete das aspirações por liberdade.

Por quem brotam as lágrimas de dor?

Pela seca das planícies

Pelos vales inundados

Pela fome dos famintos

Ou pelas safras mal vendidas.

Lágrimas de sofrimento...

Pelos burocratas incompetentes

Pelos oportunistas políticos

Pelo capital corrompido

Pelos aventureiros sociais

Pela falta de justiça aos poderosos

E pelo excesso de penalidade aos mais fracos.

Lágrimas de angústia...

Pela nossa falta de independência

Pelo excesso de dependência

Pelo empresário em extinção;

Pelo desespero do desempregado

Ou pela aflição daqueles que ainda têm emprego.

Lágrimas de medo...  
Pela violência marginal  
Pelo menor desamparado  
Pelos erros do passado  
Pela incerteza do presente  
Pelo sistema de ontem  
Pela falta de um sistema para o amanhã  
Pelo amor dos que tem fé  
E pelo ódio daqueles movidos pelo interesse próprio.

Lágrimas de alegria...  
Pela criatividade da nossa gente  
Pela candura do seu povo  
Pelo carinho da mulher  
E pela graça dos filhos.  
Lágrimas de esperança...  
Pelo suor do trabalhador  
Pelo esforço daqueles que criam o trabalho  
Pela inteligência dos privilegiados  
Pelos campos plantados  
E pelas riquezas minerais.

Lágrimas de fé...  
Pelo amor de Deus  
E pelo sacrifício de Tancredo Neves!

Esta é a maior obra de engenharia do século XX. Enfrentar os desafios com a participação dos engenheiros de soluções, engenheiros sociais e engenheiros científicos.

É a hora de levantarmos os nossos olhos cansados dos nossos papéis vegetais, para horizontes que descortinem uma visão cósmica dos problemas humanos. De juntar as peças da sucata que vemos ser transformadas as nossas empresas e protestar pelo exercício profissional aviltado e diminuído.

Estes são espaços para serem ocupados por engenheiros de todas as repúblicas.

1985

## REVISÃO CONSTITUCIONAL

O Brasil tem debatido demais e exercitado de menos.

No princípio, as soluções viriam com as eleições diretas, depois através dos planos mágicos. Ao primeiro, deram o nome de cruzado. A Assembleia Nacional Constituinte acenou com a expectativa de que a palavra escrita seria a palavra cumprida.

Veio, enfim, a eleição direta para Presidente (1989) que trouxe um mágico disposto a dominar o espetáculo. Seguiram-se o impeachment, o novo governo agora do Fusca. A sucessão de intermináveis expectativas fracassadas está quebrando a vontade e a alma das pessoas. A visão do paraíso parece cada vez mais distante. Como disse, na verdade, estamos debatendo demais e exercitando de menos.

Ninguém pode negar a importância fundamental dos temas em discussão em busca de solução para os grandes problemas nacionais. É, no entanto, lamentável o longo tempo dispêndio na formulação dos debates. Enquanto isso o País fica paralisado à espera de uma direção, de um rumo.

Há quem assegure que este processo faz parte da democracia. O que se observa, porém, é que a demora da decisão prática pelo caminho escolhido está, pelo contrário, levando perigo à democracia. A indecisão gera incertezas.

Está equivocado, por exemplo, o médico que acredita que o paciente está curado simplesmente pelo preenchimento da receita. Ou o engenheiro que considera a obra realizada por ter concluído os projetos. Na realidade, o doente terá grandes possibilidades de continuar enfermo e a obra ainda vai depender de muito empenho e trabalho.

Aproxima-se o tempo em que será travado o que se diz, último debate: a revisão constitucional como instrumento de transformação do País sonhado no País real. É o que os brasileiros esperam.

A organização de tributos que garanta um Estado mínimo, mas eficiente: sem sufocar o cidadão e as empresas. Estamos falando na reforma tributária. Também a proposição de instrumentos geradores de riqueza para garantir a saúde e a educação para a população, e a distribuição mais justa dos resultados. É preciso definir o papel do Estado na economia, se intervencionista, liberal ou liberal intervencionista. São questões que vão alimentar os debates.

Não dá para esperar o resultado. É fundamental colocar já em prática atividades e processos que promovam a geração de mais emprego, estimulem a especialização do trabalhador para elevar os salários e a produtividade e que o aumento da produção se reflita em mais oferta, o que significa produtos mais baratos. É neste círculo virtuoso que está a origem do poder aquisitivo; este é o caminho do verdadeiro debate sobre resultados.

Não há porque rever o que está feito, a menos que a alteração represente o que é justo e direito.

1985

## **SINDICATOS**

Para onde vamos...

De há muito os sindicatos dos trabalhadores não conseguem viabilizar uma greve produtiva.

Não é diferente a situação do lado dos patronais. Os governos não levam a sério as manifestações empresariais, e não raro os líderes são até diminuídos, ridicularizados.

Uma das consequências desta situação tem sido a pulverização das entidades que se dizem representativas. Multiplicam-se as “forças” sindicais em nível nacional e até local, em que temos assistido a movi-

mentação para formar sindicatos regionalizados, ao que parece acreditando na força da representação do território.

Essas iniciativas têm demonstrado a angústia da procura de espaços para despertar a representatividade adormecida pelo desânimo e a desesperança reinantes no país. Trata-se de reflexo da conjuntura que vivemos. Está faltando salário digno no mês do trabalhador? As empresas estão minguando, assistindo diminuir sua capacidade de gerar riqueza e emprego? O país está empobrecendo?

Se for verdade este quadro, as instituições estão enfraquecendo, perdendo credibilidade, atingidas que são pelas políticas imediatistas, de curto prazo e distantes do planejamento. Os interesses individuais (da empresa e do trabalhador) estão se sobrepondo ao coletivo, pois a todos se impõe a luta pela sobrevivência. No entanto, este não é o nosso entendimento, pois o caminho mais adequado para escape do mundo de pobreza e subdesenvolvimento.

Como imaginar possível identificar carências, necessidades ou aspirações de trabalhadores e empresários sem contar com interlocutores de sua categoria? Perguntando a um de cada vez?

Como estabelecer e expor de forma organizada os desejos e aspirações de um conjunto de empresas e trabalhadores; as suas reivindicações e os seus direitos; perguntando a cada um por vez? Ou, ainda, como fazer uma única voz mais ressoante, estrondosa, retumbante do que reunindo muitas vozes? Utilizando autofalantes e amplificadores seria suficiente?

O momento está a exigir a somatória de esforços em que as partes divididas se agrupem para ser representativas e fortes, não esquecendo que os líderes, eleitos democraticamente, devem ser intérpretes da vontade coletiva. Assim o país não empobrece; ao contrário, enriquece alimentado pela esperança.

Engana-se o que baseia o seu poder na debilidade ou subserviência das entidades representativas. É nelas que são forjados os verdadeiros líderes, e não os “pelegos”.

1986

## A ENGENHARIA NA NOVA REPÚBLICA

“São os engenheiros os tomadores de decisões tecnocráticas; são, portanto, insensíveis aos aspectos sociais e humanos das resoluções.”

“Foram engenheiros os responsáveis por medidas que resultaram em obras ditas faraônicas, a eles, portanto cabe a responsabilidade pelo endividamento do país.”

“Os engenheiros não sabem falar a linguagem dos homens, especialistas que são na comunicação por números, gráficos e das máquinas.”

“A agricultura de exportação sofisticada pelos engenheiros agrônomos escasseou os alimentos na mesa da população.”

“Dizimadas e apodrecidas pela incompetência dos engenheiros florestais; é o que restou da madeira das florestas inundadas pelas hidroelétricas que produzem energia.”

Estas afirmações são equivocadas.

A miopia de alguns, os interesses inconfessáveis de outros têm tentado induzir na opinião pública uma imagem distorcida deste profissional, que está preparado para encontrar as soluções que o Brasil precisa.

É verdade que o público é alimentado pelo entendimento de que a ciência econômica tem um brilho especial frente às demais ciências. Aprendendo com o passado e buscando desenhar um futuro mais promissor, descobrimos que planos mágicos e o conceito de que milagres são possíveis e acontecem não são instrumentos adequados e seguros para alcançarmos o desenvolvimento do país. Enquanto milhões de cidadãos brasileiros permanecem perplexos e indefesos, os “magos” da economia não assumem, mas dividem a responsabilidade das medidas que propõe como a salvação de um país desesperado.

Um clima de histeria toma conta da sociedade que busca soluções para seus problemas. Produto interno bruto, balanço de pagamentos, importação e exportação, dívida externa, variação cambial e outros tantos são temas discutidos por quem detém o poder, mas seus efeitos se

distribuem pela maioria da população. Diziam que vivíamos a era da Economia.

Muito tempo se passou e novos temas foram acrescentados aos debates: anistia, censura, colégio eleitoral, eleição direta ou indireta, assembleia nacional constituinte. Estava principiando a era da política, que deixava de ser assunto exclusivo dos políticos. Os mais privilegiados a consideravam o caminho para a manutenção do processo de concentração da riqueza, para os tinham menos, desesperados e angustiados, o instrumento de escape do seu mundo de pobreza.

Pois foi dentro deste quadro que se inseriu o engenheiro: projetando e construindo hidroelétricas, milhões de moradias, rede de saneamento básico, na imensidão dos campos plantados e nas florestas preservadas e outras tantas. A engenharia mostrou que as previsões da economia não acontecem sem sua decisiva participação.

1986

## **A HABITAÇÃO COMEÇA NO MUNICÍPIO**

Uma autorização para trabalhar, um projeto para aprovar, impostos para pagar, uma rua para abrir. Todos dependem de um alvará.

Em algum momento das nossas vidas, experimentamos um envolvimento com a administração municipal. É tão grande a interferência do poder público que é dito que depende de um zeloso funcionário para exercermos o direito à eternidade, quando designa o nosso nome para uma determinada rua.

Na verdade, esta é uma questão que nos intriga a todos: qual o grau tolerável da intromissão das autoridades nas nossas vidas. Há quem afirme que existe um obstáculo físico a delimitar a área de domínio público, o muro em frente à nossa propriedade. A parte externa do muro seria de responsabilidade pública: a rua, o lixo, iluminação pública, rede de água e esgoto, etc. A área interna será de responsabilidade do proprietário.

Estas colocações exigem uma primeira reflexão sobre a realidade brasileira. As casas, muitas vezes modestas, estão limpas e iluminadas; as ruas estão sujas e escuras. Edifícios, casas, condomínios se multiplicam no espaço urbano; faltam, no entanto, policiais para garantir a segurança. As televisões invadem as casas com ondas de informações sofisticadas; as escolas dos mesmos expectadores deterioram e a qualidade do ensino diminui. O crescimento rápido e exagerado das cidades faz o lixo e os detritos aumentarem, o número de automóveis cresce, mas a qualidade de vida diminui.

No Brasil, o cidadão vai mal, mas os governos pioram, pois são incompetentes para cumprir suas obrigações.

Ao Estado o que é do Estado, ao mercado o que é do mercado.

É a recomendação que tem sido incessantemente repetida nos últimos tempos. E essa delimitação é importante. Quem não lembra o Estado forte, interferente em todas as atividades e até muitas vezes competitivo quando detém o monopólio do mercado, em funções mais adequadas à iniciativa privada.

Algo, no entanto, mudou! O Estado faliu.

Não há como delimitar funções quando uma das partes está em estado de insolvência. É preciso redefinir funções estabelecendo novas bases para o relacionamento entre poder público e iniciativa privada.

A luz que ilumina nossas casas e a energia que movimenta indústrias não é mais assunto que diga respeito às autoridades públicas. A segurança pública há muito deixou de ser preocupação exclusiva dos administradores públicos, vide a construção de condomínios e até as milícias nas favelas. A iniciativa privada está invadindo a área da educação, ocupando o vazio deixado pela inoperância governamental; a qualidade de vida e preservação dos bens da natureza é patrimônio de toda a sociedade, que espera pouco da incompetência dos governos.

Algo está mudando!

As áreas de atuação do Estado e da iniciativa privada estão se confundindo. Um não sobrevive sem a participação do outro. Este fenômeno de integração de funções alcançou os municípios, especialmente na área habitacional. Mas nós sabemos que a solução dos problemas habi-

tacionais não está unicamente nos grandes municípios. Ela depende da fixação de uma diretriz nacional, coordenada com atitudes dos governos do Estado e do Município e da participação ativa da sociedade.

Depende mais do estímulo ao desenvolvimento ordenado das pequenas e médias cidades do interior, com isso ampliando ali a oportunidade de descentralização administrativa. Depende também de salários mais justos e da soma das ações de todos os setores envolvidos.

E os municípios não podem se omitir!

É preciso que sejam criados instrumentos legais, a criação de espaços para a moradia, dando prioridade para a população humilde, de baixo poder aquisitivo e carente de iniciativas em seu favor. É preciso que a forma das leis amplie canais de comunicação entre os mais diversos segmentos econômicos para estimular a geração de moradias para uma parcela da sociedade, desde que produzam efeitos nas outras classes econômicas. É a habitação, no sentido mais amplo, se distribuindo entre setores carentes da sociedade e do mercado. É preciso compreender que vivemos, muitas vezes, em situação emergencial quando os problemas agudos de natureza econômica e política resultam em dificuldades sociais. É aí que o governo precisa ser presente.

Na gestão pública, é necessário que sejam multiplicados os indivíduos capacitados para tomar decisões rápidas e eficiente.

Este é o retrato de um município à procura de soluções para os seus problemas na área da habitação.

Os resultados também dependerão da movimentação das forças do mercado, pois, como sabemos, as leis e os decretos não são suficientes para transformar a nossa realidade.

1986

## **PREFEITURA E O CIDADÃO**

O IPPUC – Instituto de planejamento de Curitiba convidou a área empresarial para discutir juntamente com a comunidade acerca das novas propostas para o zoneamento da cidade.

Durante os debates foram diversas as colocações e sugestões, especialmente de moradores. Uma delas despertou especial atenção.

Uma senhora moradora de um dos bairros da cidade confessou-se confusa e cansada pelos rumos que o debate tomava: taxa de ocupação coeficiente de aproveitamento, recuo lateral progressivo, depreciação do imóvel. Enfim, todo um conjunto de termos especializados eram linguagem desconhecida da maioria dos presentes, soavam estranhos e desviavam a atenção do público dos seus reais problemas. Dentre estes, destacou a segurança e a desordem do tráfego. E por aí foi.

As colocações nos fizeram refletir sobre o grau de interferência das leis que abordam o assunto, especialmente aquelas que alteram o funcionamento da cidade.

É verdade que o poder público e suas leis interferem na vida do cidadão de forma insistente e continuada. Estabelece limites ao direito de morar quando demarca onde e sob que condições a pessoa pode construir sua casa ou o seu apartamento; interfere nas condições de sobrevivência econômica das pessoas, quando estabelece locais onde pode ou não funcionar a casa de comércio ou a indústria; continua interferindo quando a prefeitura dispõe sobre o direito que o cidadão tem à eternidade – quando concede o uso do seu nome para denominar uma rua, por exemplo. É inegável, portanto, o poder que o homem público detém sobre a vida do cidadão.

Resta-nos colocar algumas questões que julgamos de caráter fundamental:

1) O poder interferente é benéfico?

Em resposta ao item 1, temos defendido a tese de que é preciso deixar bem claras as áreas de atuação do estado (Prefeitura) e da iniciativa privada: “Ao Estado o que é do Estado, ao mercado o que é do “mercado.”

O que esperamos dos dirigentes públicos são regras claras, duradouras e que não se alterem de acordo pela vontade da autoridade de plantão. Estas definições educam o cidadão e estimulam a confiança e a segurança do empresário, resultando na retomada dos investimentos.

2) Qual é o grau e a área de abrangência tolerável para a população?

Com relação a essa questão, embora os empresários defendam a delimitação das áreas de atuação da administração municipal e da sociedade em geral, particularmente da iniciativa privada, é preciso admitir que existem interesses, ações e iniciativas comuns que afetam a sociedade como um todo.

Quando o poder municipal constrói uma escola, por exemplo, o movimento das crianças envolve uma questão de segurança; envolve também questões de tráfego, mas tem também o significado de distribuir mais educação à população.

A localização de um campo de futebol polariza público e gera tráfego, o que implica segurança, mas também oferecer à população liberdade para o lazer.

Na outra ponta, a construção de um prédio, os recuos exigidos e a taxa de ocupação determinam qualidade de vida para os futuros moradores e da vizinhança, inclusive sob o ponto de vista econômico. O preço do terreno e o valor da moradia recebe influência direta das normas e regulamentos editados pelos órgãos municipais.

Quando o poder público advoga para si os critérios de editar leis, normas e regulamentos sua responsabilidade aumenta, mais do que isso, quando incompetente para interpretar o que editou, não tardam a retornar os problemas que eles mesmos criaram. Os reflexos atingem que deliberou.

As indústrias, ao seu tempo, no passado, devia sua localização unicamente ao instinto estratégico e comercial do próprio industrial. De há muito, pelo menos nas cidades organizadas, esta responsabilidade foi repassada para os planejadores urbanos – níveis de poluição, indução do emprego, tráfego etc.

Como vemos, muita coisa mudou. As atividades dos diversos setores da sociedade compartilharam, envolvidas com a gestão municipal.

3) Como este processo está se desenvolvendo em Curitiba?

Curitiba é uma cidade organizada, com deficiências, é verdade. O que é importante destacar é a necessidade de ser implantada uma cultura de procedimentos, especialmente os administrativos.

É de responsabilidade dos mandatários públicos administrar o seu grau de interferência na vida do cidadão e dos agentes econômicos. Quanto menos percebermos a ação pública, melhor será a nossa avaliação do seu desempenho; o que não significa confundir discrição com omissão.

Os administradores públicos deverão ser competentes para planejar, definir analisar, propor alternativas, agilizar a tomada de decisões, assumindo os ônus como também o aplauso; isso tudo depois de ouvir desejos e aspirações da sociedade.

1987

## **AUTOEXPLORAÇÃO**

O empresário é vítima da conspiração estatal. Raramente conhece autoridades. Políticos, só em tempo de eleição.

Exploração do homem pelo homem. Por séculos este tema tem motivado debates e revoluções. Menos conhecida, a exploração voluntária do homem, escravo do seu próprio negócio. Certamente, menos dramática que a outra, envolve uma semelhança de resultados: o comprometimento da qualidade de vida.

“A noção de exploração, na cabeça do povo, está associada ao empregado. A exploração do empresário, autoempregado por si mesmo, tem sido muito menos reconhecida. Na prática, a autoexploração e a exploração da mão de obra têm andado juntas na economia moderna”.

(J. K. GALBRAITH)

A irregularidade no horário de trabalho do autoexplorado seria motivo de indignação de qualquer fiscal trabalhista. Com certeza, o empregador seria severamente penalizado. As luzes da sua sala de trabalho

ficam seguidamente acesas, mesmo depois de encerrado o expediente. A privacidade familiar é frequentemente invadida quando os horários de lazer e descanso são interrompidos.

Seu salário, chamado de pró-labore, quando possível, oscila tanto que sua mulher é obrigada a toda sorte de malabarismo financeiro.

Embora a empresa não exija uniforme de trabalho, o rendimento variável deve ser capaz de vestir e educar a família nos padrões compatíveis com o bom nome da companhia.

Previdência, nem pensar! Aposentadoria somente quando não reunir forças para trabalhar. Quando o “salário” termina antes do final do mês, ele obriga-se a visitar o gerente do banco, que logo vai perguntando pelo seu salário médio.

Em geral, ele é desconhecido das autoridades, menos quando é obrigado a pagar impostos, que ultrapassam o número de oitenta. Na verdade, ele raramente conhece as autoridades. Secretários de Estado, Ministros nem pensar! Políticos, só em épocas eleitorais.

Das grandes questões nacionais ele é expectador passivo, mas destinatário das suas consequências. E neste Brasil dos grandes choques, dos contratos e promessas não cumpridos, ele certamente já foi obrigado a levantar o traseiro da cadeira para pagar um título no cartório.

A autoexploração não respeita o tamanho das empresas. Explorados existem aos milhares: atrás de um balcão, de uma máquina de costura, de uma mesa escolar, num canteiro de obras ou no topo de um edifício. São agentes de transformação quase anônimos, raramente encontrados em encontros de fóruns internacionais ou rondando os gabinetes ministeriais. Os seus nomes não constam das manchetes dos jornais, e as publicações econômicas não fazem menção dos seus nomes ou de suas empresas. Sabemos da sua existência pelos números do PIB, pela extensão dos campos plantados, pelos serviços prestados ou pelas obras realizadas. Na pauta das suas reivindicações destacam-se: um projeto de desenvolvimento, a definição de prioridades, clareza nos meios utilizados para a sua viabilização e um pouco mais de seriedade para haver respeito entre exploradores e explorados.

Não é pedir muito.

1987

**BUROCRACIA**

Certamente, são variadas as definições sobre o significado desta engrenagem que desde tempos idos movimentava ou emperra as relações entre os homens. De uma maneira simplista, burocracia seria a ciência que garante a juntada de papéis e informações com a finalidade de obter novos papéis e informações conclusivas com propósito de alcançar o objetivo.

Houve época em que a característica principal deste procedimento era evidente como mecanismo de troca; primeiro os homens permutavam os bens, depois atribuíam valor ao patrimônio, que, afinal, eram metais e pedras preciosas.

Então, veio a burocracia, que introduziu o papel como elemento de troca; começou com o papel-moeda, depois as notas promissórias, duplicatas, cheques, contratos, requerimentos etc. Aumentou a distância entre meios e fins, criando barreiras para o relacionamento direto entre os homens. Tantos eram os papéis que se criou organizações para controlar o processo e começaram a surgir técnicos, especialistas no manejo. Aumentou a distância e o tempo entre o desejo e a decisão final.

A mecanização e a computação eletrônica vieram para reunir informações e dados com objetivo de alimentar e embasar deliberações, resoluções, definições, providências, sentenças, arbítrios, pareceres, despachos, julgamentos, soluções, propósitos e uma lista interminável. O diálogo foi substituído pelos memorandos e ofícios. As informações mecânicas diminuíram o espaço do pensamento humano, especialmente no processo decisório.

As técnicas administrativas foram remodeladas afetando sensivelmente a formação dos administradores. O técnico administrativo reduziu sua responsabilidade em face da confiabilidade da máquina. Menos pessoas se qualificaram para o comando, para enfim decidir.

Seria de supor rapidez das informações pela via eletrônica, o que agilizaria o processo decisório. Lamentavelmente, não é o que está acontecendo.

tecendo. A máquina gera mais papel, mais dados e documentos pessoais são exigidos do cidadão atônito.

“L’homme est fait pour la recherche de la vérité, et non pour sa possession.”

Não há porque se pretender assegurar soluções, uma vez que a verdade é produto do desenvolvimento histórico dos acontecimentos, ao revés de conclusões embasadas em aspectos isolados e atuais. Compilamos a seguir algumas recomendações para o desenvolvimento de uma ordem mais ágil e produtiva.

A máquina eletrônica é importante, mas a decisão cabe ao homem.

Colocar dificuldades para vender facilidades é conceito próprio do sistema burocrático. Autoridade deve mudar o procedimento

As decisões rápidas reduzem o preço da corrupção, e quebra o mercado do corruptor.

Estado policial amedronta o gerente de decisões. Desde que fundamentadas eles devem ser respeitados.

Burocracia do tempo perdido e o tempo perdido com a burocracia penalizam o cidadão.

1987

## **CONSTRUTOR DE OBRAS**

“De todos os atos, o mais completo é o de construir.”

Paul Valery

Não há um único setor da atividade humana que desconhece a participação de um construtor.

Transformador de sonho em realidade, eles têm a sua imagem vinculada à ação, ao ato de fazer acontecer. Tanto isto é verdade que os seus movimentos são definidos com a expressão “mãos à obra”.

Sãos as mãos da vontade de administrar, de empresar, enfim, de concretizar uma ideia. Daquele que projeta, definindo o traço e o cálculo.

lo, mãos daqueles que saneiam, pavimentam e distribuem racionalmente os espaços.

Mãos que escavam o solo, dobram o aço e misturam cimento, areia, pedra e cal. Mãos que empurram o carrinho, empunham o formão e o serrote, e estendem a linha. Mãos que assentam o tijolo, estabelecem o prumo e conduzem a régua. Empunham o martelo, fixam portas e janelas, atarraxam parafusos; distribuem os tubos que conduzirão a água, e fios que transmitirão a luz. Mãos que revestem paredes e esquadrejam pisos e fazem deslizar o pincel harmonizando cores.

As obras dos homens estão nas mãos daqueles que constroem.

Modelando formas, definindo contornos de uma casa ou de um edifício; implantando rede de água e de energia, ou ainda planejando e dispondo o espaço urbano. Pode ser uma estrada, escola, hospital ou uma indústria. Também há obras que não apresentam contornos definidos. São as obras das ideias, dos conceitos que, disseminados entre as pessoas podem se transformar em realizações coletivas.

Daí o porquê da afirmação de que a felicidade também se constrói.

Não há unanimidade no julgamento de uma obra, e é bom que assim seja. Mas há absoluta concordância quanto à importância do ato de torná-la realidade.

Há também obras que resultam de equívocos, outras são exemplos de fracasso. Mesmo estas não diminuem de importância, pelo trabalho que envolveu a sua realização.

Enfim, um novo ano!

O país de moeda estável, da renda menos mal distribuída, que se propõe assumir os riscos da competição globalizada, à procura do resgate do respeito às instituições e aos governantes precisa buscar a construção do desenvolvimento.

Através de uma política de multiplicação de empregos, de garantia de competitividade para as empresas que silenciosamente estão desaparecendo e, sobretudo, estimulando o aperfeiçoamento do indivíduo e da tecnologia.

Mãos à obra, Brasil!

Do contrário, continuaremos a ser sempre, e apenas, o país do amanhã.

1988

## O SILÊNCIO DA HABITAÇÃO

Nos bancos escolares nós aprendemos sobre as teorias, as técnicas e métodos de administrar uma sociedade que se objetiva manter e desenvolver de forma organizada.

Assim, especialmente desde o princípio da Revolução Industrial – baseado na teoria da divisão do trabalho –, a Administração vem sendo utilizada como instrumento de ordenação dos métodos de produção.

De outro modo, com a ampliação da escala das atividades econômicas, as relações de trabalho deixaram de tratar simplesmente das questões de emprego ou desemprego para exigir um estudo de ordenamento dos recursos humanos disponíveis – daí resultar a Administração dos recursos humanos.

Ensinaram-nos também que não bastava administrar a tecnologia, os métodos de produção e os recursos humanos disponíveis. Era preciso utilizar a administração como meio de direcionamento de captação e aplicação de recursos financeiros – trata-se da Administração financeira.

Daí se seguiu um cipoal de ramificações para o processo administrativo: administração dos recursos naturais, informática, economia doméstica etc.

A sociedade organizada passou a ser sinônimo ou reflexo da boa administração dos recursos naturais, humanos e tecnológicos disponíveis.

O exercício destes princípios constituiu o que chamamos de administração convencional.

1989

**OS PROFETAS DO BRASIL QUE SE DIZ NOVO**

O conhecimento prévio dos acontecimentos futuros exerce um profundo fascínio no ser humano.

Há quem acredite na sorte, no acaso ou nos búzios. Outros acreditam nos deuses e os que colocam o futuro nas mãos de um único Deus. Antigamente, a angústia pelo conhecimento futuro submetia aos homens aos poderes de outros homens a quem chamavam de profetas.

Muitos disputavam o conhecimento do conteúdo da profecia, a história; no entanto, ensina que no mais das vezes elas se resumiam ao exercício da adivinhação – tudo era calculado em probabilidades.

Pois bem, os economistas foram os escolhidos profetas do século XX. Nunca, em qualquer época, houve vaticínios tão seguros, revestidos de tanta credibilidade quanto à dos economistas de cada época, período ou ambiente. Segurança da previsão inevitável de um estado de miséria ou de fartura, da inflação e deflação, caos, catástrofe ou ainda da riqueza e do progresso.

Há, no entanto, uma dificuldade que impede a trajetória do economista como profeta: o conflito entre a teoria e a prática: “Não há nada na prática que não possa ser explicado na teoria, e nem tudo que é explicável pela teoria pode ser comprovado na prática.” Daí porque é preciso observar com cuidado ou cautela a leitura dos planos elaborados pelo economista.

Não se deve, entretanto, ignorar o saber, minimizar a importância do conhecimento e a capacidade de racionalizar o entendimento de uma ocorrência na vida prática. A leitura correta é vicissitude própria do economista competente. E mais, o economista tem condições de fornecer base teórica para avaliar a probabilidade de ocorrência futura. Esses são os economistas motivados.

A teoria geral da motivação foi abordada com maestria pelo economista canadense John Kenneth Galbraith. Num dos seus ensaios, ele pesquisou sobre os estímulos utilizados para que as pessoas, empresas ou os governos adotem ou mudem procedimentos.

Por exemplo: o que motiva o ser humano para desenvolver ou executar um determinado trabalho? Quais razões motivariam uma empresa a dar continuidade às suas atividades? Ou, ainda, por quais formas os governantes envolverão a sociedade para realizar os seus objetivos?

Ele começou pela motivação compulsiva. O indivíduo trabalha, a empresa produz e o governo funciona por temerem qualquer tipo de punição: ser despedido ou ter o seu salário diminuído. A empresa sobretaxada ou ameaçada de multa, e os governantes amedrontados com a impopularidade ou a descoberta das suas falcatruas. É o que ele chama de administração pelo porrete. O segundo instrumento ele chama de motivação pecuniária. O indivíduo responde à expectativa de uma elevação salarial; a empresa acelera para aumentar o lucro; e os governos para arrecadar mais. Depois vem a motivação pela identificação. Há uma identidade de objetivos entre o que o indivíduo quer e o que a empresa procura; e o governo agrega às suas ações o interesse do país. A motivação por adaptação é a terceira. As pessoas se adaptam às condições do trabalho que exerce. As empresas se moldam às imposições do mercado e os governos se reinventam para atender ao que o cidadão espera deles.

O brasileiro está desmotivado. Os planos de gestão utilizam o porrete, intimidação e poder policial do Estado; os riscos de atingir a economia popular desmotivam as empresas e o cidadão para trabalhar com prazer e otimismo; não se percebe a identidade da sociedade com as ações de governo; está impossível a adaptação da sociedade aos princípios do populismo e das ditaduras.

Enfim, nada há que motive mais o homem do que a clareza de propósitos, regras definidas e duradouras. Tantas vezes fomos utilizados como cobaias, tantas vezes fomos obrigados à adaptação, poucas vezes nos identificamos com os propósitos do Estado. É preciso que o Estado de direito se sobreponha ao direito do Estado.

Aí então não dependeríamos de profetas. Bastam-nos economistas e... muito trabalho.

1989

**POLÍTICA**

Falar sobre política é uma tarefa extremamente difícil. Sobretudo porque, em não sendo uma ciência exata, a política vive afrontando princípios consagrados como a seriedade, honestidade, hombridade e outros tantos.

Muitos confundem a política com as relações de trabalho. Assim, sob o ponto de vista do empregado, há que ser garantido o seu emprego, salário justo e dignidade profissional. A empresa, por outro lado, persegue a existência de um mercado para suas atividades, liberdade para disputar este mercado, regras do jogo definidas e lucro que compense o risco assumido.

E o Estado! Qual a relação do Estado com o trabalho? Alguns mandam que ele mande na economia. São os chamados estatizadores. Outros recomendam ao Estado a postura de magistrado das atividades econômicas. Estes se dizem privatizadores. Pois nós discordamos de ambos. Ao Estado cabe tão somente não atrapalhar.

Cabem ainda mais indagações: Se não há emprego, e o salário está diminuído e aviltado; o exercício profissional perdeu dignidade; tampouco existe mercado para a atividade empresarial; as regras e as leis são alteradas continuamente; e, finalmente, o lucro é devorado pelos juros. De que vale então a política? Afinal, o que é a política?

Para alguns, a política seria o instrumento de equilíbrio entre as relações de poder, entre empregados, empregadores e o Estado. Os filósofos da política a entendem como fábrica de esperanças, e é a esperança que move os homens e as mulheres do mundo. Dependendo do ângulo de visão ou da corrente de pensamento, teremos uma definição para a política.

Por que fazer política? Para aprender sobre homens e mulheres; compreender e dirigir homens e mulheres; decidir com os homens e com as mulheres; e gerar trabalho para homens e mulheres. Mas, sobretudo, por amor aos homens e às mulheres.

Há ainda quem pergunte: Como fazer política? Alguns recomendam participar; outros sugerem conspirar, ou articular, compor, manter ou derrubar aqueles que estão no poder.

Acreditamos que a melhor opção, o caminho mais sensato de fazer política, é ser o que somos, buscando realizações no que fazemos e uma verdade naquilo que cremos. É com este procedimento que estaremos dando a nossa contribuição para a construção de homens e mulheres. A proposta parece ingênua, poética e inconsequente. Mas, não estamos falando de políticos, falamos de política.

1992

**CORRUPÇÃO DOS TEMPOS**

Vivemos um tempo sem limites. Não há limite de custo ou de preço, tampouco de compra e venda. É impossível precisar os pobres dos mais pobres; a classe média dos menos pobres e os ricos dos infinitamente ricos.

Isso significa que não temos uma referência para o valor das coisas e das pessoas. Essa é a razão porque pagamos sem saber o valor daquilo que compramos. A deterioração de valor compromete os padrões morais do cidadão.

Estes são os traços do que chamamos de inflação. É verdade, estamos vivendo o risco permanente de inflação aguda. É sobre o que ouvimos todos os dias e todas as noites. Diagnósticos se somam à direita e à esquerda, muitas vezes caminhos iguais com andarilhos diferentes. As alternativas são limitadas.

Longe das grandes formulações econômicas e mais próximo do mundo real, do dia a dia das pessoas, assistimos à questão de diferentes ângulos.

A inflação do tempo, até alguns anos atrás, administrar o tempo, significava sistematizar as funções do trabalho de forma a diminuir o espaço de tempo dispensado para então assistir ao resultado, inclusive à qualidade do produto. Exemplificando, o objetivo do construtor se resume a construir o edifício num tempo mais curto, sem comprometer a sua qualidade.

Algo, no entanto, mudou! Hoje, se administra o custo do tempo perdido. A burocracia, a dificuldade na obtenção de papéis autorização e licenças têm aumentado a níveis alarmantes, e a lentidão dos processos decisórios agrava ainda mais o problema.

Para o empresário, essas dificuldades têm o significado de custo da obra parada; para o empreiteiro de obras públicas elas representam “rombo” do custo orçado e para o consumidor o aumento do preço de venda de um apartamento. O custo de construção de escolas, rede de água e esgoto e estação de tratamento da água se elevam, comprometendo o empreiteiro porque não recebe, e o poder público que não paga. O custo das dificuldades é de difícil dimensionamento, com consequências irreparáveis para todas as partes envolvidas.

A verdade está em que, enquanto o tempo se esvai, o capital se deteriora no *open market* especulativo, pela elevação do preço dos insumos e os altos juros. É real que quem vai pagar a conta é a sociedade.

Mais grave ainda é a inflação do tempo rompendo os limites do certo e do errado; a sobrevivência se sobrepõe à moralidade da lei.

Para não perder o tempo daquilo que é de direito, surge o “mercado negro”, de criar dificuldade para vender facilidade. Isso tudo abre as portas, aproximando o tempo de inflação com o de corrupção. Para dificultar a vida do corruptor só a pressa na tomada de decisão! A rapidez baixa o preço do intermediário.

Algo precisa mudar! O cidadão e o empresário não podem mais perder tempo, e a sociedade não pode continuar pagando o tempo perdido.

Há mais que uma questão de moral e costumes. Esta é uma questão de natureza gerencial.

1992

## **HABITAÇÃO DESEQUILIBRADA**

Em 1980 eram necessários 4,24 salários mínimos para comprar um metro quadrado de construção. Em 1992 são necessários 6,7.

Com 5000 VRF (índice que substitui a URF) era possível financiar, em 1984, uma construção de 219,00m<sup>2</sup>, em 1992, este valor permite financiar 135,00m<sup>2</sup>.

A mesma pessoa gasta 8% da sua renda para alugar um imóvel precisaria comprometer 26% para adquirir o mesmo imóvel (dados de 1989).

A população brasileira cresce vegetativamente 1,7% ao ano. Para atingir este contingente de novos moradores, precisaríamos produzir 500 mil moradias anuais.

Estes números passam-nos a sensação de que estamos vivendo sob o berço esplêndido de um gigante.

Embora angustiante, a leitura destes números soa inexpressiva, frente à inércia dos agentes de transformação a quem caberia a responsabilidade de propor soluções para o problema.

A verdade é que o problema habitacional envolve questões de equilíbrio. Equilíbrio entre os diversos agentes de mudança da sociedade: os governos, os empresários o sistema financeiro e a população.

Cabe aos governos editar e fazer cumprir leis claras e duradouras. De nada valem, no entanto, as leis, se através delas os empresários não conseguirem transformar areia em tijolo e um projeto numa habitação. Será igualmente inútil o material, a ideia, a força do homem, sem o suporte financeiro indispensável que garanta a fluidez constante de recursos.

Finalmente, estará irremediavelmente condenada ao fracasso qualquer medida que exclua a vontade e a capacidade financeira da população para comprar a moradia. O homem deve ser objeto do sistema, e o salário justo o instrumento da sua operação.

A instabilidade da economia tem levado o nosso empresário, por exemplo, a ser definido como desequilibrado consciente. E nem poderia ser diferente.

Que outra definição mereceria o sujeito que se lança a construir para o próximo ano, quando nem ao menos possui dados confiáveis para o dia seguinte?

É verdade que há também o empresário desequilibrado inconsciente. Seria aquele que baseia o seu negócio no apadrinhamento do político de plantão: é também chamado de cartorialista.

Na outra ponta, o sistema financeiro também coleciona exemplos de desequilíbrio. Ensinaram nos bancos escolares que o dinheiro deve fluir nem tão rápido para não comprometer o seu valor presente, nem tão lento para não condenar a construção do futuro.

Pois bem, apesar desta recomendação de equilíbrio, há muitos, entre os dirigentes do sistema financeiro, que fazem apologia do pessimismo – são os que preferem administrar a escassez. Há também aqueles cuja visão do futuro não ultrapassa o tempo de um “papagaio” de 90 dias; ou que preferem aplicar os recursos captados do povo, nos governos perdulários.

Entre os do povo também grassa o desequilíbrio. Embora menos agentes e mais sujeitos, muitos daqueles que recebem salário também vivem em desequilíbrio. Alguns porque o salário não sobe; outros por-

que o salário não sobe o suficiente; a maioria porque o salário simplesmente é insuficiente. É preciso registrar, no entanto, que há também os que procuram salário com menos trabalho, assim os que cobram mais trabalho para pagar menos salário.

Finalmente, o governo, a quem caberia organizar, coordenar, julgar e fazer cumprir normas e regulamentos. Seriam as ações dos nossos homens de governo, resultantes de movimentos equilibrados?

Quantos, entre os nomes de governo, estariam cuidando do trabalho e quantos mais se preocupam unicamente com o emprego? Quantos entre aqueles a quem cabe a responsabilidade de cuidar do que é público, estão agenciando a divisão entre amigos?

Quantos, entre os responsáveis pela redação das leis claras, preferem a nebulosidade para que a ilegalidade tenha aspecto de legalidade? Quantos negligenciam a técnica e a divisão racional do trabalho pela miragem das soluções milagrosas. Quantos, enfim, emperram o fluxo de papéis, dificultam o processo decisório, para elevar o preço dos favores, ou por simples incompetência?

Mais do que números, diagnósticos estas questões exigem uma postura harmoniosa e equilibrada.

A mágica dos nossos dias não está na reinvenção da roda; basta fazê-la mover-se mais, com maior eficiência.<sup>6</sup>

1992

## **HORÁRIO RESERVADO AO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL**

Os comunicadores afirmam que a repetição exagerada de palavras e ideias acaba por corroer a sua força. Dizia também um estrategista de “marketing” que uma placa publicitária deveria mudar continuamente de local, sob pena de fazer parte da paisagem, e assim passar despercebida do público.

---

<sup>6</sup> Publicado no jornal O Estado de São Paulo e no jornal do SINDUSCON/PR EM 1992.

Estas colocações parecem ser dirigidas aos protagonistas do horário político eleitoral; no entanto, aqui elas retratam o quadro da sociedade brasileira neste princípio dos anos 1990.

Vejam só:

Dizem que existe um déficit de 10 ou 12 milhões de moradia, e continuam dizendo...

Diziam que a política educacional estava sendo confundida com educação política, e há que continue dizendo...

Quantas vezes ouvimos que a saúde pública é precária, mas continuam dizendo e nada acontece...

É preciso substituir a retórica social pela ação social, e continuam a retórica sem consequência...

Quem manda e resolve estas questões? Nós ignoramos.

Esta é, enfim, a história que vem se repetindo desde muitos e muitos anos. Mas, a gravidade do momento que vivemos não nos concede o benefício da omissão. É preciso encontrar velhos caminhos ou atalhos que levem o país a seguir a trilha do desenvolvimento.

Os jovens, quando assumem o poder, acreditam que o momento é de ruptura, de conceitos arraigados do passado. Mas há também muita indefinição, pois não sabemos onde estamos e em que direção estamos seguindo. Os caminhos de sombra e de escuridão são a nossa visão do horizonte. Dos governantes, já que não podem ajudar, que não atrapalhem.

O país é rico em produtos naturais. Para extrairmos o máximo e distribuir o resultado é preciso desenvolver o processo de produção, de transformação da matéria-prima em novos produtos. É preciso injeção de recursos financeiros para garantir esta produção; entretanto, o aumento de oferta não vai ser capaz de motivar a compra se não for produto de qualidade. A esse resultado chamamos de mercado. Qualquer medida de natureza política, administrativa ou econômica que ignore a integração harmoniosa entre os agentes que constituem o mercado está fadada ao fracasso.

Estas são algumas das verdades do princípio das coisas. Por que não aparecem na tela?

## 3.2 - IEP – Instituto de Engenharia do Paraná



O IEP, entidade fundada em 1926, reúne engenheiros e arquitetos do Estado, promove eventos, discussões e debates em busca das soluções técnicas e gerenciais adequadas para os problemas do Estado. Contribui também para o debate dos temas municipais, estaduais e nacionais.

### CAUSO

2004

#### **O ESPAÇO DA TECNOLOGIA**

Começou com o entendimento de que:

“As ideias viajam através dos tempos.

Tempo de pesquisar, planejar, prospectar, fundar, edificar, pavimentar, preservar, trabalhar a terra, semear, irrigar e colher.

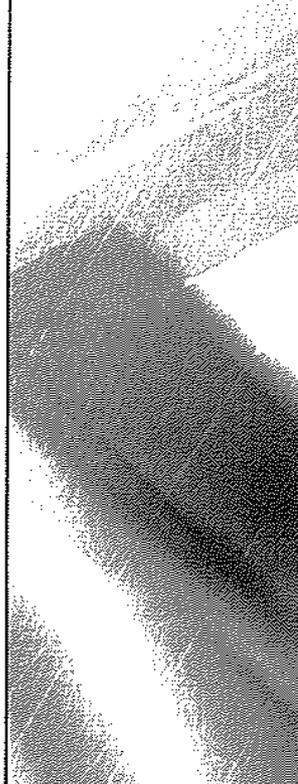
A todo tempo é preciso distribuir.

Este solo é fértil, de conhecimento e tecnologia a serviço da humanidade.”

Esta é a história do IEP – as ideias da obra realizada. O Espaço da Tecnologia veio se somar ao muito que já tinha sido realizado com o desprendimento e voluntarismo de tantos.



INSTITUTO DE  
ENGENHARIA  
DO PARANÁ



ESPAÇO DA  
TECNOLOGIA



“  
*Quem é você?  
Quem é você, diga logo.  
Era um, era dois, era cem  
Não é ferrugem no aço  
É o tijolo chegando  
Tijolo por tijolo num desenho mágico  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas.  
É a viga, é o vão  
Festa da cumieira.  
E a construção foi indo  
Foi crescendo, foi subindo.  
Um modo novo da gente viver  
De pensar e sonhar, de sofrer.  
Que a vida não é só isso que se vê.  
Hoje é preciso refletir um pouco  
Precisa ser muito sincero e claro.  
Quanto tempo passou,  
Quanta coisa mudou.  
Teus poucos anos de vida,  
Valem mais do que cem anos.*”

TRECHOS: Chico Buarque / Edu Lobo e Capinam / Milton Nascimento e Ruy Guerra / Paulinho da Viola e Harmino Bello de Carvalho / Lupicínio Rodrigues / Tom Jobim / Vinícius de Moraes e Ernesto Nazareth  
EDIÇÃO DOS TRECHOS: Zenon Segundo de Braga Pesch

# O ESPAÇO DA TECNOLOGIA

*As idéias viajam através dos tempos.*

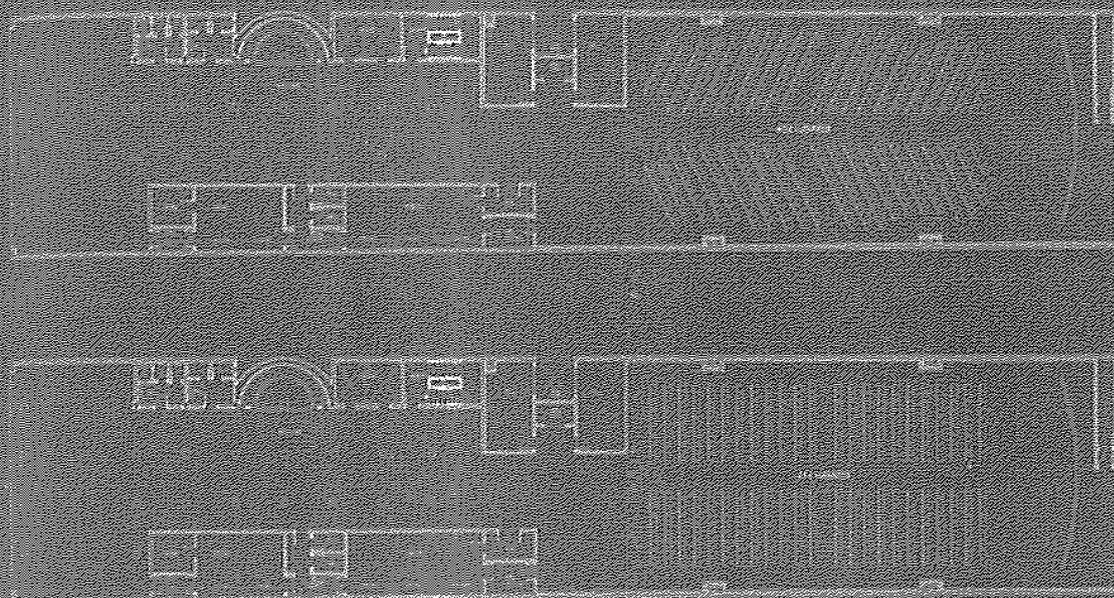
*Tempo de pesquisar, planejar, prospectar, fundar,  
edificar, pavimentar, preservar, trabalhar a terra,  
semear, irrigar e colher.*

*A todo tempo é preciso descobrir como distribuir.*

*Este solo é fértil, de conhecimento e tecnologia a  
serviço da humanidade.*

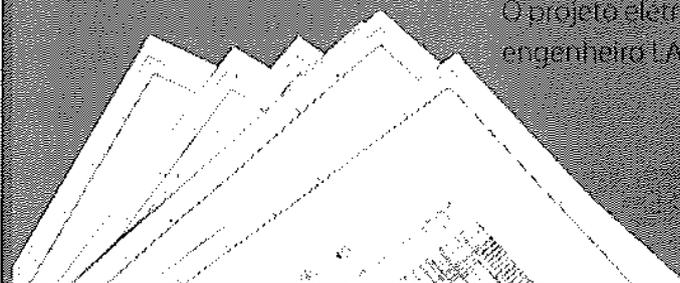
Luiz Cláudio Mehl  
Presidente do IEP  
Março de 2009

Um antigo sonho concretizado.  
**Com muitos apoios.**



A realização do desafio iniciou com os levantamentos topográficos executados pela TOPOL, do engenheiro JOSÉ ROBERTO BOZA DE OLIVEIRA, seguido do projeto arquitetônico, elaborado pelo arquiteto PAULO RITTER DE OLIVEIRA, com anotação de responsabilidade técnica a cargo da engenheira ISIS RIBAS BUSSE.

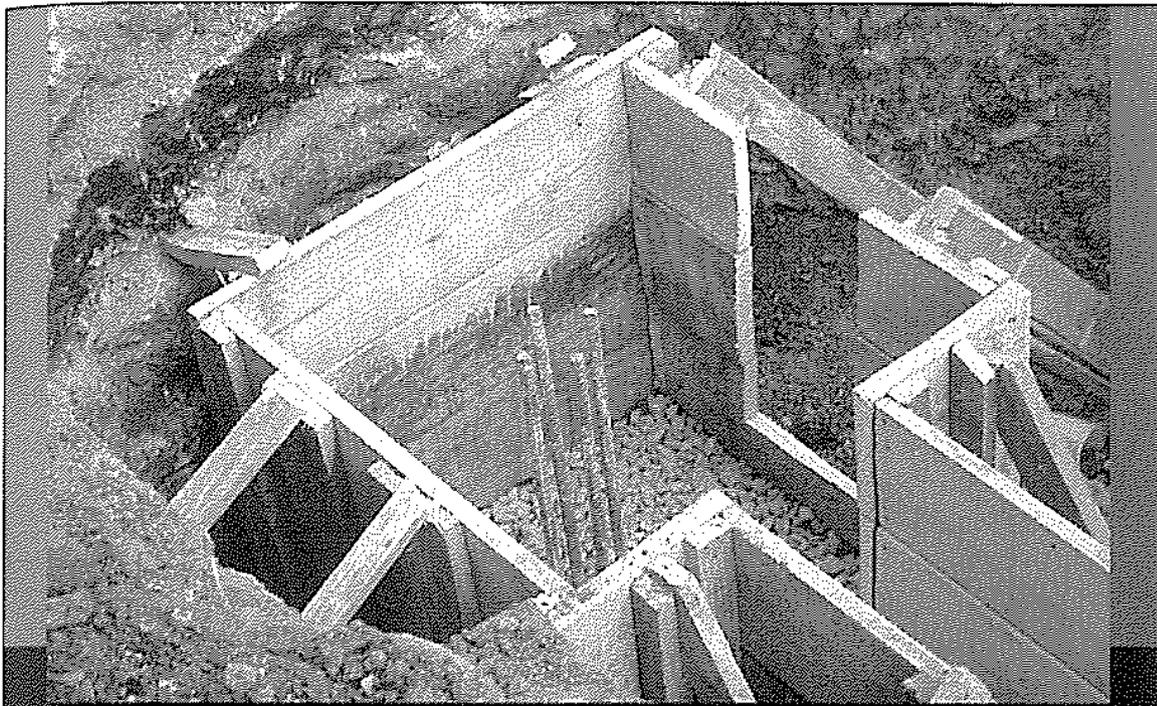
O projeto elétrico foi uma colaboração do engenheiro LAÉRCIO ALFREDO THOME.



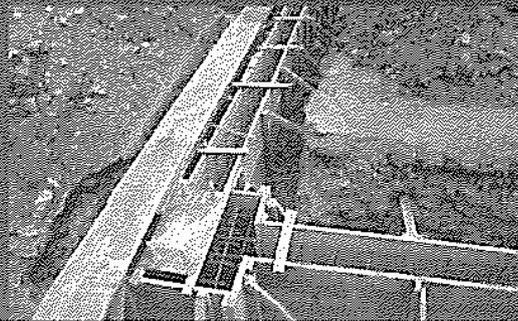
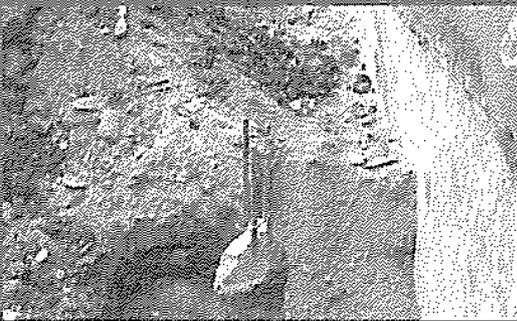
A fundamental licença para a obra, através do alvará da Prefeitura, foi possível, em todos os estágios, com a colaboração do secretário municipal de Urbanismo, LUIZ FERNANDO JAMUR. Enquanto isso, o engenheiro GUIDO ARAUJO articulava contatos junto à área de estruturas metálicas.

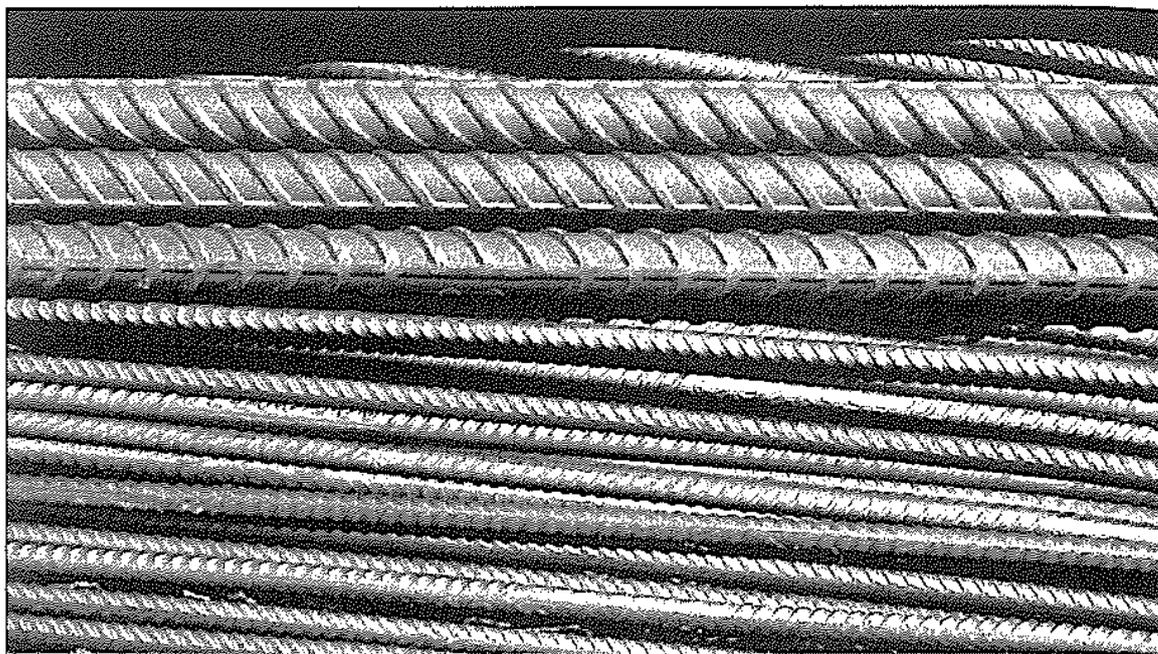
O planejamento e a gestão da obra estiveram a cargo do engenheiro JOAQUIM AIGNER MACHADO; o projeto de estrutura metálica tem a assinatura do engenheiro JEFFERSON ANDRADE, da ANDRADE REZENDE, e o de concreto armado, do engenheiro CELSO PASQUAL.

 <b>Prefeitura Municipal de Curitiba</b> SECRETARIA MUNICIPAL DO URBANISMO DEPARTAMENTO DE CONTROLE DE EDIFICAÇÕES	
<b>ALVARÁ</b>	
ALVARÁ Nº FORMALDE 192773 - RENOVAÇÃO E ANULAÇÃO	
CONCEDE-SE ALVARÁ PARA EXECUÇÃO DE OBRA, CONFORME SEGUIR ABAIXO:	
INTERESSADO	INSTITUTO DE ENGENHARIA DO PARANÁ
LOCALIZAÇÃO DO IMÓVEL	RUA EMILIANO PERINETA 174
REGISTRO IMOBILIÁRIO	01 9 6095 0270 00-1
REGISTRO FISCAL	11 529 009
USO DA EDIFICAÇÃO/VEDAÇÃO	EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS / ALVENARIA
AUTOR DO PROJETO	PAULO RITTER DE OLIVEIRA - PR500011727B
RESP. TÉCNICO/CONSTRUÇÃO	IGIS REBAS DUDE - PR0000092590
OBSERVAÇÃO	
PROCESSO	1-102162005
DATA LIMITE PARA O INÍCIO DA OBRA	24/07/2009
DATA LIMITE PARA A CONCLUSÃO DA OBRA	27/04/2009
DATA DE EXPEDIÇÃO DA PRIMEIRA EMISSÃO	25/04/2009
CONDIÇÕES PARA VISTORIA DE CONCLUSÃO DE OBRA, CONFORME SEGUIR ABAIXO:	
- VISTO DA SMOB - OPO QUANTO AO RESERVATÓRIO DE CONTENÇÃO DE CULIAS - REGULARIDADE QUANTO A OJ'S S DO CONSTRUTOR - LAUDO DE VISTORIA DO CORPO DE BOMBEIROS - QUITAÇÃO DAS TAXAS DE VISTORIA	
OS DADOS ESTATÍSTICOS DO PROJETO ENCONTRAM-SE IMPRESSOS NA PRÓXIMA PÁGINA DO PRESENTE ALVARÁ	
Curitiba, 25 de abril de 2009	
_____ CHEFE DE DIVISÃO MARIA CRISTINA PEREIRA FOGAL CPF: 030.909.719-9	_____ Engenheiro JEFFERSON ANDRADE
A PNE NÃO SE RESPONSABILIZA PELA SITUAÇÃO, COTAS E DEMARCAÇÃO DO EDIFÍCIO ALIQUOTADO FISCAL.	



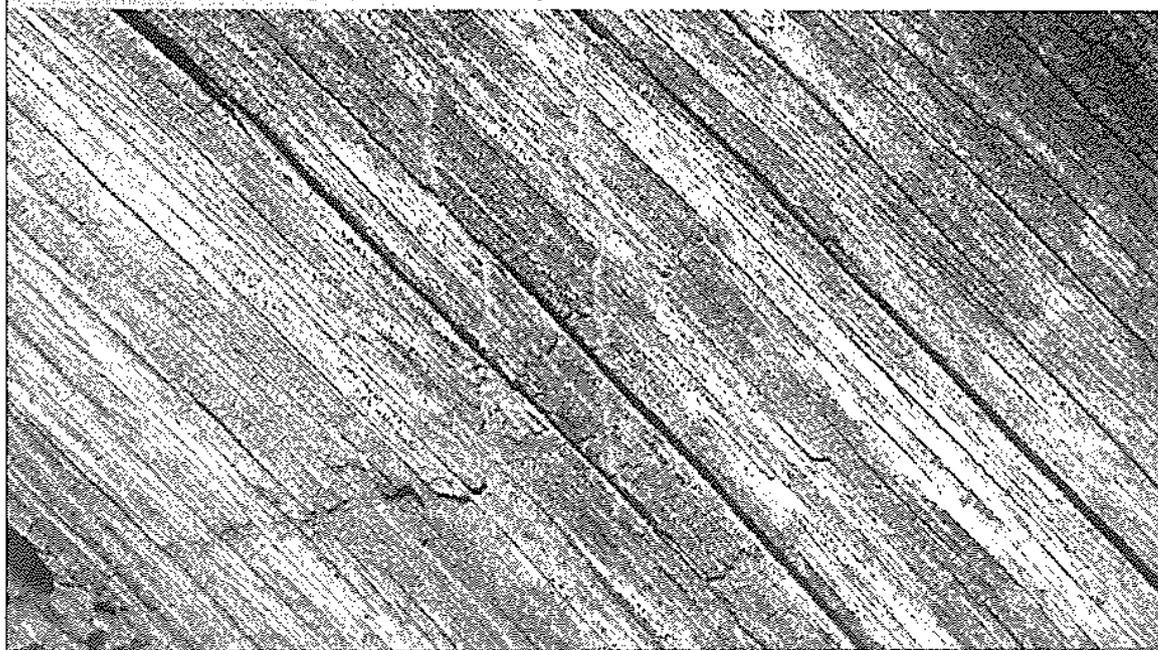
As escavações foram executadas pela CERRITO, do engenheiro RUI RÓTOLO DE MORAIS, e as fundações, pela ENSOLO, obedecendo ao projeto do engenheiro JORGE ANUAR KURY, da CJK.





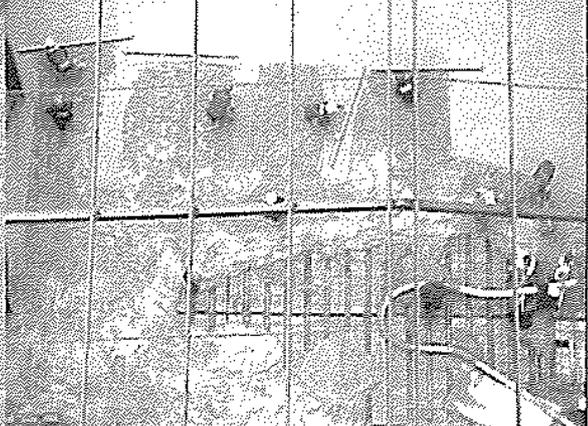
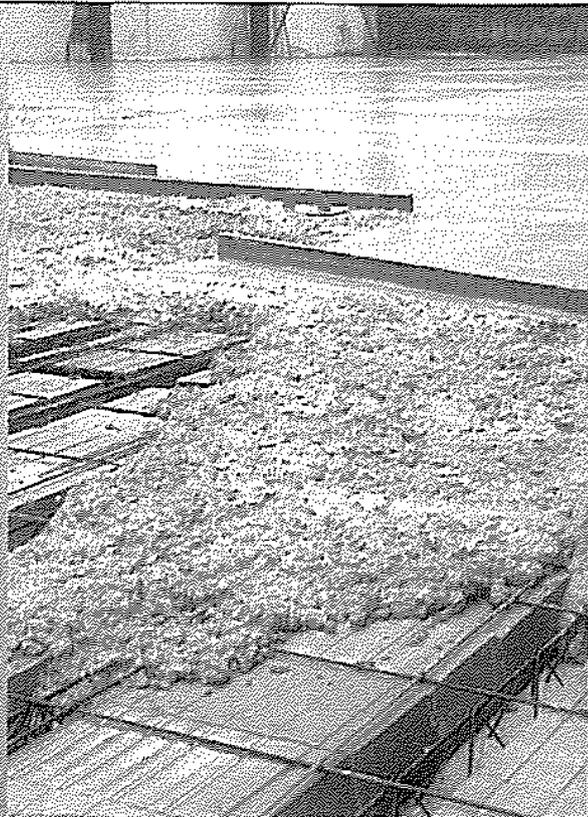
Vinte toneladas do aço necessário às fundações foram repassadas pelo engenheiros JOSÉ GUILHERME VITTA e JOSÉ ANTONIO PALAZZO, da LAVITTA ENGENHARIA CIVIL.

A madeira para as formas de concreto foi fornecida pela ANDRADE RIBEIRO CONSTRUÇÃO CIVIL, dos engenheiros ERLON DA MOTA RIBEIRO e JOAQUIM ANDRADE.



A obra foi abastecida com cimento ITAMBÉ, graças à mediação do ex-presidente do IEP MARIO DE MARI junto aos diretores da empresa, engenheiro PAULO DE AGUIAR e FRANCISCO ALBERTO VIEIRA DE ARAÚJO.

Boa parte do cimento foi doada pelo engenheiro JOSÉ ALBERTO PEREIRA RIBEIRO, presidente da ANEOR, que também contribuiu com recursos financeiros.



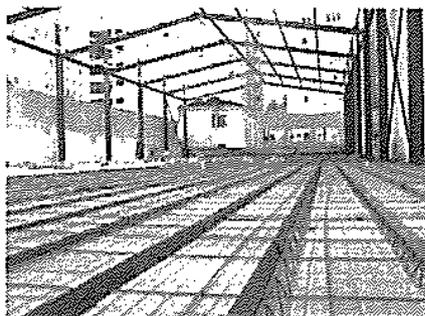


A partir dessas idbações, o canteiro da obra passou a ser organizado pelo mestre de obras NERY FERREIRA PINTO, pelo pedreiro HORTÊNCIO SOARES PEREIRA e pelo servente ROBERTO GREGÓRIO DOS SANTOS, que estiveram presentes até a conclusão dos trabalhos.

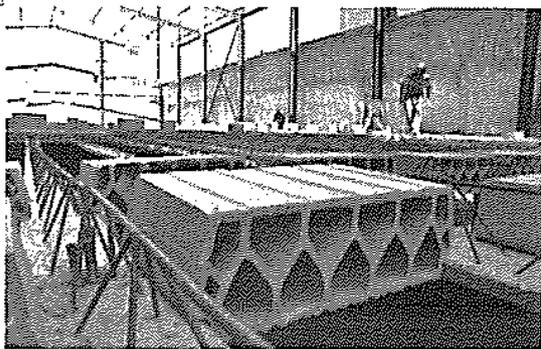


A BRAFER CONSTRUÇÕES METÁLICAS, dos engenheiros MARINO GAROFANI e LUIZ CARLOS CAGGIANO SANTOS, articulou a doação de 30 toneladas de aço junto à GERDAU AÇOMINAS, fabricou e montou a estrutura metálica da obra. A dobragem do aço foi possível com a participação da equipe técnica da HUGO PERETTI, disponibilizada pelo engenheiro HUGO PERETTI NETO.

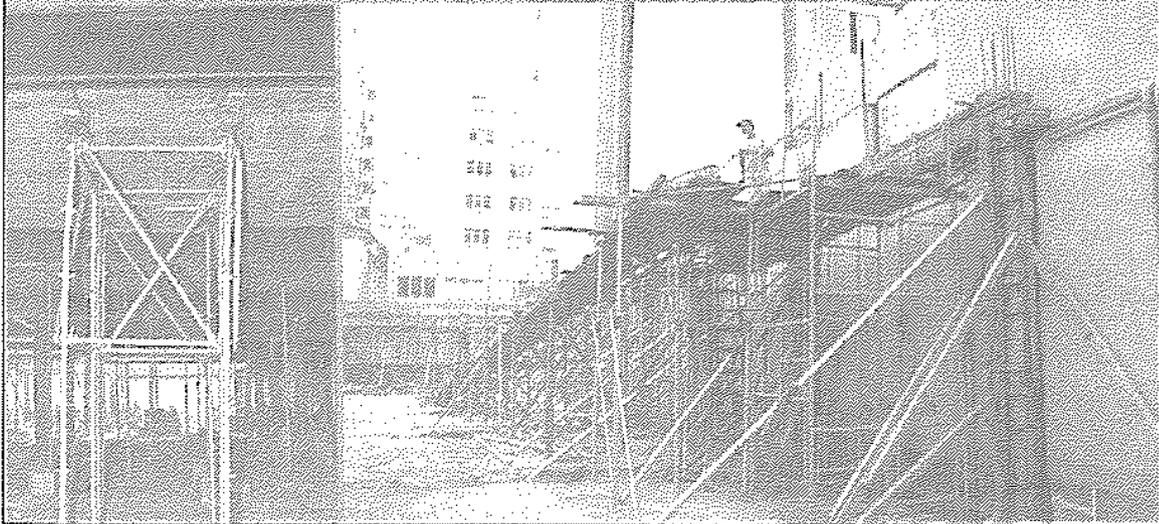
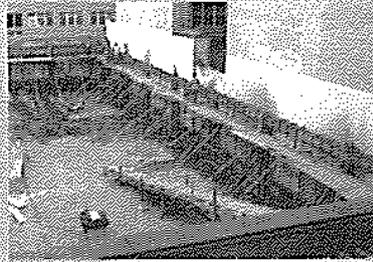


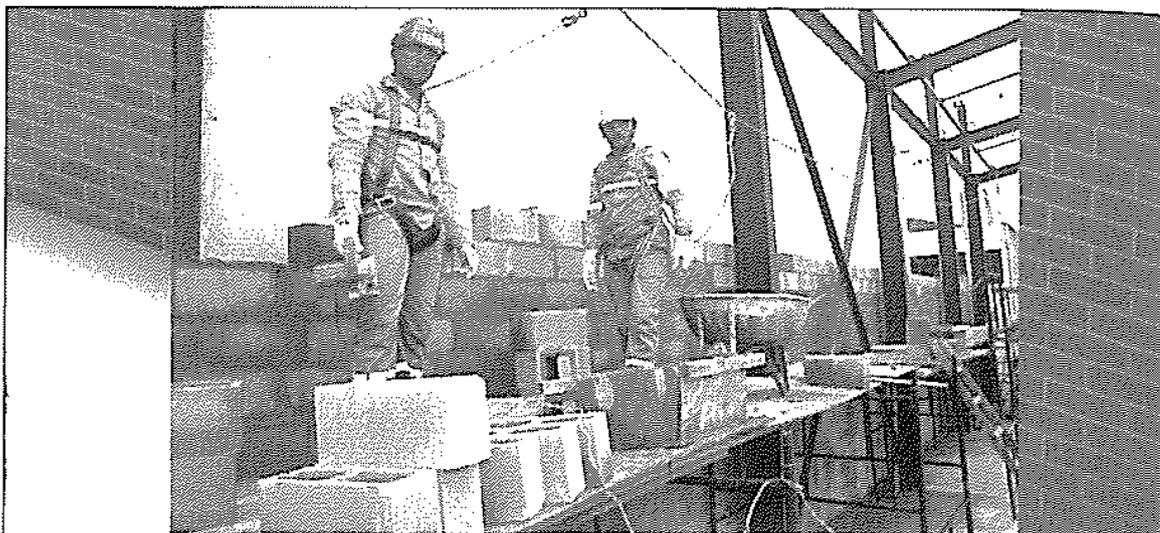


A CONSTRUTORA ROCA, dos engenheiros RAUL e ROBERTO OZORIO DE ALMEIDA, forneceu o material e a fabricação da laje.



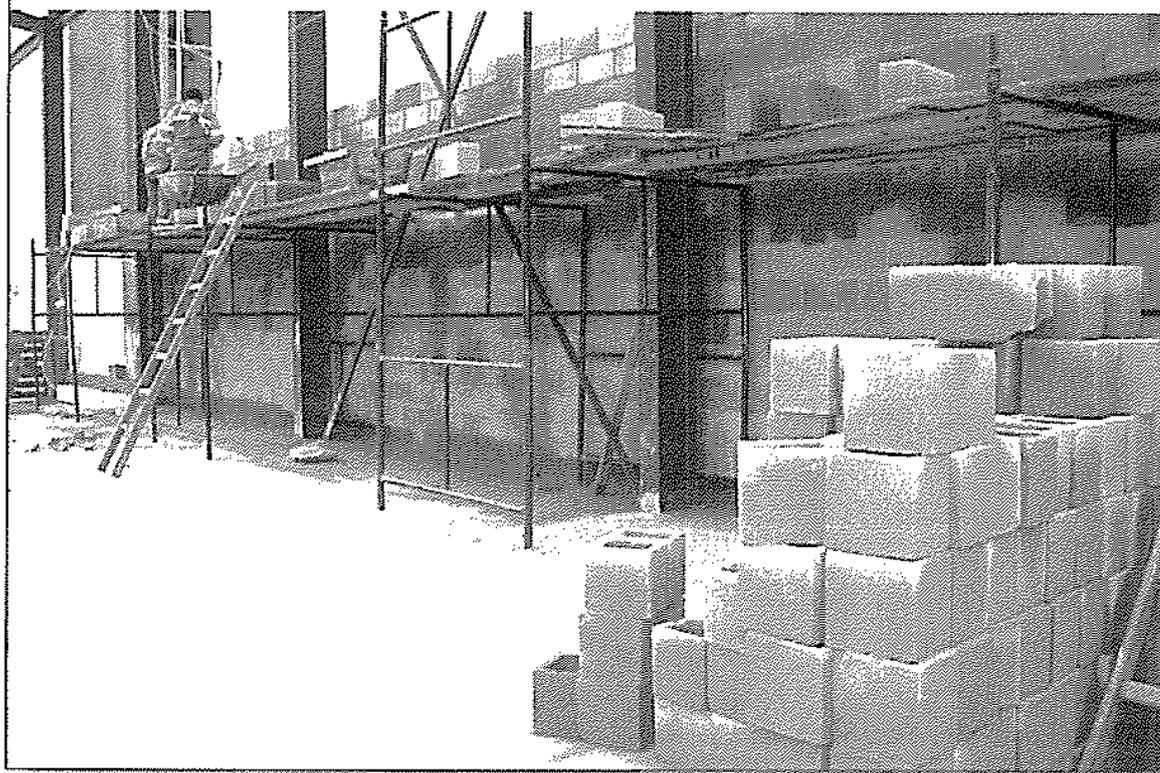
A ORPEC contribuiu com o escoramento e os andaimes metálicos. E com o apoio da PERKINS foi possível toda a movimentação dos materiais no canteiro de obras.

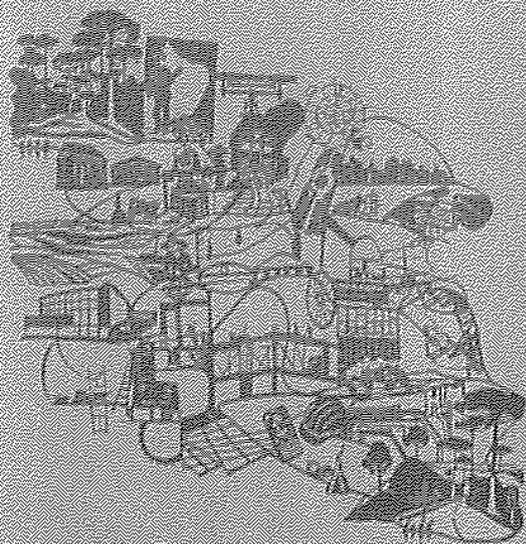




Executadas a infraestrutura e a superestrutura de aço e concreto, foram erguidas as paredes de alvenaria, com 12 mil tijolos de cimento fornecidos pela BRICKABLOCOS, do engenheiro ELIEL LOPES FERREIRA JUNIOR.

Para o assentamento dos tijolos, o engenheiro EMÍLIO HOFFMANN GOMES, doou 1,2 tonelada de argamassa.





Na antesala do centro de eventos está o painel com a história do IEP, de autoria da artista plástica MARIA LUIZA ALMEIDA SCHELEDER.

A execução da cobertura – com material termoacústico sofisticado, de custo elevado –, tornou-se possível graças às negociações conduzidas pelo vice-presidente do IEP, JAIME SUNYE NETO.

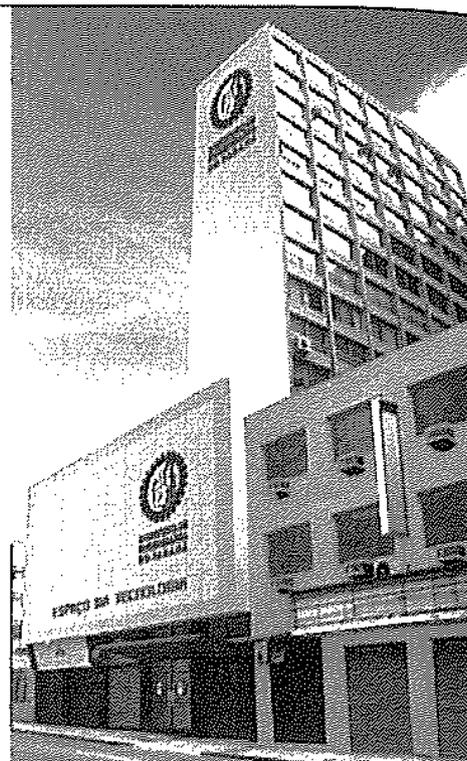
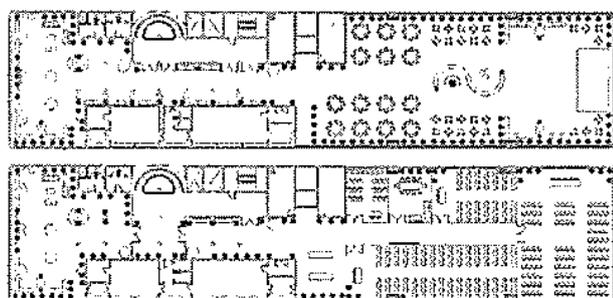
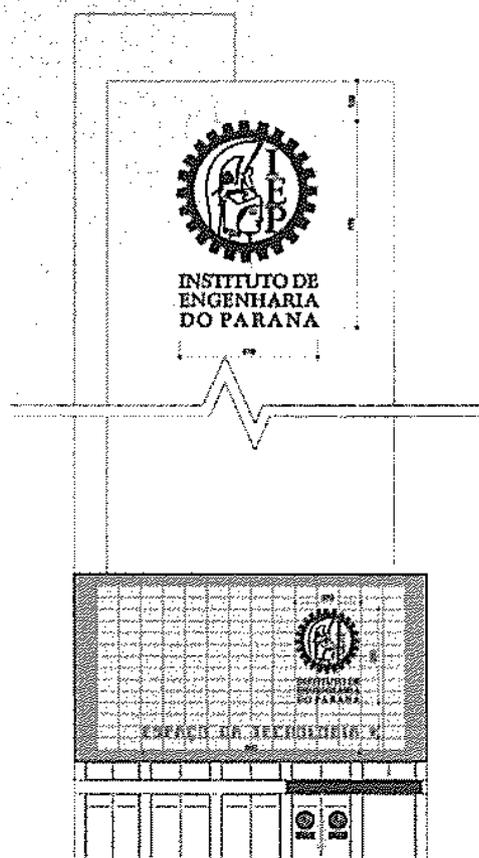
A visão institucional da entidade ficou consolidada pelo traçado dos arquitetos ARMANDO STRAMBI e LINEU BORGES DE MACEDO, que conceberam o ambiente do novo salão nobre do IEP, que vai abrigar a galeria de ex-presidentes do Instituto e um museu da Engenharia.

O arquiteto SANDRO PERCICOTTI conferiu um novo visual ao saguão de acesso ao auditório do 2º andar.

O engenheiro MARCELO BRANDÃO, vice-presidente técnico, é o responsável pelo mural que embeleza a parede posterior do palco do Espaço da Tecnologia, que recebeu uma contribuição do arquiteto ELGSON RIBEIRO GOMES, sustentada por painéis metálicos fabricados pela empresa do engenheiro associado DRAGOTIN PIRIH.



A MICHELANGELO colaborou com redução substancial no preço do granito necessário à nova fachada.



A CESBE viabilizou a pavimentação do estacionamento.

Na fachada do edifício-sede, o painel de granito com a logomarca do IEP foi desenhado pelo arquiteto e designer MANOEL COELHO, marcando com ênfase a presença da instituição na sociedade paranaense.

Também se dispuseram a colaborar com o Espaço da Tecnologia, na sequência dos trabalhos, as empresas TAUTOM, HIPERMASSA, HAGEN e RENNER MARÍTIMA.



ZURICH®



INSTITUTO DE  
ENGENHARIA  
DO PARANÁ

IEP - Instituto de Engenharia do Paraná  
Rua Emílio Perneta, 124 - Curitiba/PR  
CEP 80010-050 - Fone/Fax (41) 3322-9129  
www.iep.org.br - iep@iep.org.br

## TEXTOS E PRONUNCIAMENTOS

1976

### A VINGANÇA DA ONÇA



A Colônia Murici está bem próxima de Curitiba, e mais ainda da costeira da Serra do Mar. Ocupada predominantemente por agricultores poloneses, é dali que a capital se abastece de batata frutas e legumes. É também das suas matas que era extraída grande parte da madeira que alimentava os fornos das olarias de Curitiba. Entre estes oleiros estavam os filhos de Henrique Mehl, que ali possuíam uma fazendola.

Pois bem, no princípio dos anos 70, os fazendeiros daquela região estavam extremamente preocupados com o desaparecimento de inúmeras cabeças de gado. Algumas informações davam conta que seriam umas 50, outras falavam em 100, e havia também quem assegurasse que cerca de 200 cabeças haviam sumido. Exageros à parte, uma coisa não

restava dúvida: as ossadas indicavam que era um felino, dos grandes, o responsável pelo estrago.

Daí porque o Júlio Luz, chacareiro dos Mehl, convidou o compadre Alcindo de Melo, reconhecido como emérito caçador, para procurar a “bichana misteriosa”. Os dois caçadores, auxiliados por dois perdigueiros e pelas balas de um winchester 16, abateram o animal após duas semanas de campana e perseguição.

O mistério desvendado tinha dois metros de comprimento e aproximadamente 20 anos de idade. Para comprovar a veracidade do feito, os caçadores colocaram o corpo do animal numa caminhoneta e foram percorrer os jornais de Curitiba, exibindo o troféu e acalmando os fazendeiros.

As manchetes no dia seguinte, eram bombásticas: “Onça morta já tinha matado mais de cem”, anunciava a *Gazeta do Povo*; “Onça morta a tiros”, registrava a *Tribuna do Paraná*. A notícia chegou até o Rio de Janeiro, e o *Jornal do Brasil* estampou a foto do bicho com a manchete “Onça assassina”.

Enquanto isso, aqui, os Mehl eram multados em mil cruzeiros pelo Instituto de Defesa do Patrimônio Natural, por falta de licença de matar o animal. E, em seguida, foram notificados para pagar outros 150 cruzeiros de multa por violação do código de caça florestal, que proibia o abate fora da temporada.

Até então se matavam onças com a impunidade com que se atravessa um sinal fechado às três da madrugada, sem nenhum guarda por perto. Naquela ocasião, porém, a reação não ficou só nas multas. A opinião pública se dividiu a respeito e o assunto ganhou ares de discussão polêmica.

Não faltou, é claro, quem se posicionasse ao lado dos caçadores, como o colunista Carlos Jung, de *O Estado do Paraná*, que com ironia alertava os futuros caçadores de onça para não se esquecerem de amarri-la antes de atirar; correndo imediatamente para, em Curitiba, tirar as devidas licenças. Recomendava também o aviso à onça, para não aparecer nas fazendas fora da temporada de caça.

Ironias à parte, os primeiros aprendizes de ecologista gritaram de norte a sul do país em defesa da fauna brasileira, coisa rara de ouvir naqueles tempos. Estava começando uma nova era no país, a defesa do meio ambiente e da biodiversidade. Melhor do que ninguém, o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, captou o que começava a acontecer a partir da matança de uma onça no Paraná. O jornal dedicou ao tema um editorial intitulado “A vingança da onça”, que reparava: “... depois de morta, a onça vingou-se do fazendeiro que a matou...”. E concluía: “... ao fazendeiro resta a honra de ter participado do capítulo inicial de uma história de luta pela preservação do patrimônio natural do nosso país...”.

Tanto tempo se passou e uma parte desta história começa a ser redesenhada e discutida na Dinamarca: por quais atitudes o homem, o ambiente e a biodiversidade serão autossustentáveis.

1989

## **CONTRATO SOCIAL É A CONSTITUIÇÃO DE UMA NAÇÃO**

Qualquer empresa é constituída através de um contrato social. Nele estão contidas as atividades a serem desenvolvidas, as normas que deverão ser seguidas e as regras de procedimento.

O lucro é a meta a ser perseguida, e a sua distribuição deve reservar uma parcela dos recursos para a manutenção da empresa e ampliação das suas atividades. Se ela for dirigida dentro dos propósitos que embasaram a sua criação, o número de participantes dos seus resultados, os empregados, será aumentado e os seus salários elevados porque muitos estão disputando a oportunidade de trabalho.

A cada um dos trabalhadores e dos donos da empresa, está reservado o desafio de aumentar a produtividade de um lado, e os lucros do outro. Vale lembrar que o eventual prejuízo, se for permanente vai causar danos aos dois lados, desemprego e quebra da empresa.

O país e as empresas não são iguais, mas têm semelhanças. Para o país o contrato social é a Constituição. Os empregadores e os emprega-

dos são governantes e governados. Nos dois casos, seguir e obedecer ao acordado é a regra que garante a sobrevivência.

Sem contrato social a empresa não existe e sem Constituição o país está caótico, confuso e desordenado. A arrumação, ordenamento e diretrizes começam com a Constituição.

1990

## DE QUANTA TERRA O HOMEM PRECISA

A utilização da terra continuará sendo uma das questões não resolvidas neste século, e permanecerá como um desafio para as gerações futuras.

Num dos seus contos, Tolstoi descreve a história de um camponês chamado Pakome, que teria afirmado:

“Se a gente tem toda terra que deseja, não tem medo nem do diabo!”

O diabo ouviu atento Pakome se gabar por não temer o próprio demônio, se tivesse muitas terras. “É assim?”, pensou o diabo. “Pois vou lhe dar muitas terras, e ele será meu.”

Por muitos anos a família de Pakome trabalhou exaustivamente, de sol a sol, multiplicando as áreas de cultivo. O seu desejo por mais terra, no entanto não cessava, e ele passou a comprar as fazendas dos vizinhos, até não haver mais espaços cultiváveis à venda.

Por outro lado, ele passou a ter problemas com as invasões. Alguns dentre os antigos proprietários, agora sem terra para plantar, não possuíam meios para sobreviver, à medida que gastavam o dinheiro da venda, comprando alimentos produzidos nas terras de Pakome; outros não suportaram os juros extremamente elevados que deveriam financiar a produção; e havia também aqueles que não amavam a terra.

Assim, Pakome estava mais folgado na vida e mais apertado no mundo. Um dia um comerciante parou na casa de Pakome, e contou sobre um território onde os espaços eram ilimitados, e as propriedades tinham o tamanho que as vistas do dono não conseguiam enxergar. E eram extremamente baratas!

Ele informou-se sobre o caminho, vendeu todas as suas terras e levou a família para a terra prometida. Em lá chegando, ele espalhou a notícia de que tinha dinheiro suficiente para comprar qualquer quantidade de terra que estivesse disponível. O chefe da aldeia dirigiu-se a Pakome dizendo:

“Pode escolher a terra que mais lhe agrada; temos muita”.

“Qual o preço? ”, perguntou Pakome.

“Nosso preço é um só: mil rubros por dia”.

Pakome não entendeu.

“Que medida é esta? Quantos acres tem um dia?”

“Não sabemos calcular”, disse o chefe. “Vendemos a terra por dia. Toda a terra que puder percorrer a pé em um dia será sua pelo preço de mil rubros”.

“Pode-se percorrer muita terra em um dia”, disse Pakome surpreso.

“Pois ela será toda sua”, o chefe respondeu sorrindo. “Mas há uma condição: se não voltar no mesmo dia perderá, o dinheiro”.

Pakome ficou encantado. No dia seguinte, ao nascer do sol, lá estava ele a iniciar a caminhada. Um riacho, um grande vale, uma extensa planície, montanhas eram demarcadas ao longo da jornada. Embora tomado pelo cansaço, e apesar da proximidade do fim do dia, ele não resistia e caminhava mais rápido para demarcar mais uma área.

O dia se aproximava do final, e ele, exausto, vislumbrava ainda longe o ponto de partida.

“Que farei? Fui ambicioso demais! Não chegarei a tempo e vou perder tudo.”

O medo lhe tirava mais fôlego. Num último e desesperado esforço, ele correu até alcançar o ponto de partida, onde caiu de bruços.

“Que homem competente!”, disse o chefe. “Quantas terras conseguiram!”

O criado veio ajudá-lo a se levantar e viu sangue escorrendo lhe pela boca. Pakome estava morto! O criado pegou a enxada, cavou um buraco e enterrou o patrão.

Sete palmos, da cabeça aos pés, era a terra de que Pakome precisava.

1992

**IMPEDIMENTO**

Corriam os anos cinquenta e um político ainda desconhecido era premiado pelo trabalho que pesquisava sobre as relações entre a política e a coragem.

Em cada um de nós está a imagem inspiradora de um líder capaz de despertar ideias focadas nas gerações futuras; o escolhido por grande parcela da minha geração chamava-se John F. Kennedy.

Vivíamos um tempo em que o mundo estava dividido entre os de lá e os de cá; comunistas e capitalistas.

Kennedy, ainda protagonista anônimo, elaborou um trabalho que destacava situações em que políticos são submetidos a toda sorte de pressões. Tem que decidir sobre questões muitas vezes contrárias ao sentimento popular, outras colocando em risco o conforto e a segurança pessoal; ou ainda de confronto com a vontade dos próprios eleitores ou de grupos que os amparam.

Muitas vezes estes políticos se deparam com uma questão controversa; Tomar o poder ou perde-lo, angustiados pelo confronto com as convicções pessoais e a vontade do eleitor.

Enfim, sucedem-se os exemplos de exercício político com a coragem, postura que Hemingway definiu muito bem: “dignidade sob pressão”.

Neste histórico setembro de 1992 nós brasileiros fomos privilegiados como expectadores de exemplos de grandeza e fragilidade.

O espetáculo do comportamento da natureza humana ocupou espaços no congresso nacional brasileiro. Políticos precisavam decidir sobre dar um novo rumo ao país. Estavam submetidos à intensa pressão.

Em nenhum momento da nossa história as virtudes e as fraquezas humanas foram expostas com tal clareza.

Vivemos hoje o primeiro dia seguinte.

Sentimentos de perplexidade, euforia, descompressão, angústia pelo futuro desconhecido tomavam o coração das pessoas. Todos

se perguntavam: “Quantos entre tantos, vencedores e vencidos, acreditaram na popularidade baseada na estima dos homens bons por boas ações, desprezando aquela sem conteúdo que é conquistada sem mérito”. “Quantos foram obrigados a transigir com as suas próprias convicções, independente de posição política.

Certamente existiram os que não hesitaram em perder amigos, correligionários e eleitores por conta da preservação da democracia e das instituições que a amparam.

Quantas demonstrações assistimos de fraqueza de caráter dos que pecaram pelo silêncio, quando deveriam protestar pela verdade. É inimaginável a pressão a que foram submetidos estes homens.

Por isto, apesar de acostumados a destratar virtude e defeitos dos políticos por injusta generalização, é preciso reconhecer que neste setembro de 1992 assistimos a um espetáculo de política e coragem. Menos pelo resultado de impedimento, mais por terem dado exemplo e decidirem conscientes da sua responsabilidade.

Kennedy assegurou que “um homem faz o que deve, a despeito das consequências pessoais, a despeito dos obstáculos, perigos e pressões. E está é a base de toda moralidade humana.”

Vivemos o dia seguinte.

A grandeza do acontecimento não faz diminuir o temor do cidadão comum de que afinal, os resultados do impedimento atingirão profundamente a sua vida. Todos sabemos que “a coragem da vida é muitas vezes, menos dramático do que a coragem em um momento final; mas não deixa de ser uma mistura de triunfo e tragédia.”

Não devemos esquecer que o espetáculo dos dias que virão será repaginado por leis e regras claras, que devem ao final serem cumpridas. Aos que recebem salários para tomar decisões, pois que as tomem. Que se regate o valor do trabalho honesto, pois nele reside a base da moralidade.

Apresentem-nos o projeto de governo! E mãos à obra.

1993

**CORRUPÇÃO DE PRESSA**

É antiga a preocupação com a corrupção.

Está escrito que quando tudo começou, o Criador expulsou os únicos ocupantes do paraíso pelo primeiro ato de corrupção. O flagrante envolveu a participação de um intermediário conhecido pela alcunha de serpente. É o que assegura o texto bíblico.

Obedecendo a determinação Divina, “Crescei e multiplicai-vos”, homens e mulheres ocuparam a terra. As serpentes também se reproduziram e propagaram.

Também está escrito que muito tempo depois o Senhor ficou desolado com o comportamento dos homens, sacrificou a vida do Filho para remir os pecados cometidos pelo mundo afora, que já atingiam níveis intoleráveis.

Observa-se, então, que a corrupção não é apenas uma questão antiga, mas é também complexa, e tem ocupado as manchetes dos meios de comunicação em todas as horas dos nossos dias.

O primado da descoberta de um bom nicho de corrupção pode garantir uma carreira política rápida. E aqui temos sido pródigos em criar exemplos capazes de produzir uma boa manchete. Há ufanistas que asseguram que a corrupção é uma especialidade nossa.

Entre nossos políticos é comum ouvir que o embate será política de governo, esquecidos de que se trata de uma deformação permanente de moral e costumes, não se esgota, portanto, durante uma única administração. Em nome do que alardeiam que a sua “gestão será transparente”, alguns deles passaram a se apresentar nos meios de comunicação para apontar falhas e falcatruas dos adversários. Escondem as suas e disputam o monopólio da pureza.

As serpentes dos nossos tempos não estão só na administração pública, na área privada também proliferam. As duas se unem, uma promove a ascensão política de membros da outra para obter vantagens, e a correspondente pública se dedica a criar dificuldades para vender facilidades. Enfim, agem sós ou em grupo e não são poucas as dificul-

dades para detectar estas atividades. A impunidade para os malfeitores só contribui para que eles se propaguem; entretanto, justiça seja feita, se o destino de todos for a cadeia, os espaços seriam insuficientes para abrigar a tantos.

Há quem diga que a solução está na edição de leis inflexíveis e enérgicas. Omitem a constatação de um ilustre jurista da República: “Não nos faltam leis, basta fazer cumprir as que existem”. Estamos cansados de corrupção e ouvir falar dela.

Existem algumas alternativas para combater este mal; a primeira é a eficiência no mundo das leis, com regras e sem regulamentos obscuros; depois vem o incentivo a decisões fundamentadas, para se contrapor ao temor de ameaças de punição, por autoridades despreparadas ou desinformadas; recorrer à informática como instrumento auxiliar, sem desprezar o homem capaz de decidir; e mais, tudo sem a burocracia.

A rapidez do processo decisório é a maior inimiga da corrupção, pois reduz o preço e ajuda quem tem pressa.

2000

## **DIREITOS HUMANOS COM HUMANOS DIREITOS**

Há quem assegure que são duas práticas raras neste mundo imperfeito. Está escrito no mestre Aurélio: “Complexo de normas não formuladas que regem o comportamento humano” são os direitos universais do homem. Quando “íntegro, probo, justo e honrado”, trata-se de um homem direito.

Em todas as posições à direita, no centro ou à esquerda, vamos encontrar homens direitos, com capacidade de tomar atitudes de respeito aos direitos humanos. Encontram, historicamente, dificuldades para encontrar um lugar à mesa do entendimento. São continuamente submetidos à pressão daqueles que se acreditam donos da verdade. Lá também agem os “tortos”, deformados de valores e comportamento. Nas décadas de 60 e 70, este era um cenário permanente no Brasil e no mundo.

Na Universidade de Sorbonne em Paris, os estudantes estavam sitiados porque queriam mudar o mundo do General De Gaulle, herói da liberdade da França. Eles queriam derrubar o passado e construir um futuro indefinido. Do lado de fora estavam os que acreditavam que a mudança não era possível sem a preservação dos valores do presente.

Fui testemunha deste cenário.

O refeitório da escola de engenharia estava lotado. Centenas de estudantes debatiam dificuldades do presente; as condições precárias do refeitório, notícias da iminente extinção dos diretórios acadêmicos, alterações na grade curricular para separar as turmas, eram assuntos dominantes. Nos intervalos dos debates chegavam informações sussurradas ao pé do ouvido, da morte do estudante Edson no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, e de ações armadas de assalto a banco, com vítimas fatais entre populares.

Enquanto os estudantes debatiam as reivindicações e as possibilidades de negociação com a direção da escola, eram interrompidos por discursos inflamados de colegas de outros estados, que mudavam o foco para o confronto com as autoridades governamentais. À saída, enquanto se dispersavam, todos assistiam a aproximação dos soldados da cavalaria, acelerando o trote na sua direção. Recuaram, alguns se refugiaram nas salas de aula, outros juntavam rolhas no depósito do refeitório, e lançavam na direção das patas dos cavalos, que tombavam em desequilíbrio.

Em outra frente, o prédio da reitoria era tomado em protesto às mudanças do sistema educacional.

Este cenário tinha como protagonistas os que queriam mudar, outros manter e a maioria transformar para melhor. Todos em busca da sua verdade.

Eu estava lá.

João Vostec, carpinteiro, filho da segunda geração de imigrantes italianos, estava no domingo sentado na área em frente à sua casa de madeira, enrolando o cigarro de palha. Seu pensamento estava preso

à felicidade que o seu ofício possibilitou, de ter a própria casa e estudo para os filhos. Eis que a sua paz foi interrompida, pela correria e gritos de pessoas na direção de uma mata junto ao riacho próximo. Assustado assistiu a movimentação, e algum tempo depois viu o vizinho se aproximando, portando martelo e machado.

Ao ser perguntado o vizinho respondeu:

– Fui tomar posse de um lote da invasão.

– Mas você já não tem a tua casa? – perguntou João.

– Tenho, mas agora vou construir uma para alugar – respondeu sorrindo.

João continuou enrolando o cigarro, surpreso com o que estava acontecendo.

Trabalhei com o João Vostec.

Convidado pelo Jaguar e amigos, Millôr Fernandes alertava para as dificuldades a serem enfrentadas para a edição do *Pasquim*, denominado pelas autoridades como “jornaleco”, que nos empolgava a todos por despertar abordagens culturais descompromissadas com a ordem vigente. “Não estou desanimando vocês não, mas uma coisa eu digo: se esta revista for mesmo independente, ela não dura mais de três meses; e mais...nós humoristas, temos bastante importância pra ser presos e nenhuma pra ser soltos.

Algum tempo depois, uma bomba silenciou temporariamente o jornal.

Para resistir ao ambiente de cerceamento da liberdade de expressão foi preciso recorrer à força moral e econômica de alguns dos grandes veículos de comunicação, entre os quais destacou-se o *Estado de São Paulo* com inserções das famosas *Lusíadas*, de Camões, nas páginas e palavras censuradas.

Tanto tempo se passou, e o mundo brasileiro mudou, para melhor. A liberdade “abriu as asas sobre nós”; não há por que colocá-la em risco.

O *Pasquim* e o *Estadão* foram meus instrumentos de informação.

A primeira regulação das relações do campo foi instituída no “Estatuto da terra”, pelo Mal. Castelo Branco em meados da década de sessenta. Parece incrível, não? O homem da terra não pode servir de massa de manobra, nem do senhorio nem tampouco dos oportunistas. Deve-se nele enriquecer o conhecimento, tecnologia e cultura da terra cultivada. Sem os frutos do seu trabalho no campo, não há cidade que sobreviva.

Reminiscências de um passado vivido que não deve ser integralmente reeditado. É preciso entender que:

“Se os homens são puros, as leis são desnecessárias. Se desonestos, as leis serão inúteis.” (mais uma vez Disraeli)

Isso dito, prefiro acreditar nos homens direitos em defesa dos direitos humanos.

2003

## **CENA ELEITORAL**

Nunca, como agora, tantos se preocupam com a imagem pública. Preocupação que, ao contrário, deveria ser permanente. Mas justifica-se, pois são tempos de eleição.

Muitos se preocupam em construir a sua imagem perante o público, outros tantos querem tornar uma estampa mais nítida. Alguns buscam moldar para si uma figura conforme os desejos das pessoas, ou esconder, fazer esquecer e camuflar a personagem conhecida do público.

De outro lado é também verdade que se multiplicam as artimanhas e técnicas de destruição da imagem do adversário, quando impossível tentam a construção da imagem negativa.

O fato está em que a indústria da construção de personificação se aprimora e se desenvolve nos períodos eleitorais. E os políticos são matéria-prima desta indústria, sujeito e objeto do processo de produção.

Antigamente, os parâmetros que determinavam os contornos da pessoa na linha de montagem eram medidos pela sua assiduidade nas

missas domingueiras, pelo recato e austeridade presente na constituição familiar, ou ainda pelos fios de bigode que garantiam conduta comercial.

Mas os tempos mudaram ou se alteraram profundamente. O desenvolvimento de técnicas e a evolução dos instrumentos de comunicação remodelaram os métodos de construção ou de destruição.

Tudo começou com a imprensa escrita, depois vieram o rádio e a televisão (mais recentemente ganharam destaque as redes sociais da internet). A conjugação destes instrumentos tem sido responsável pela moldagem das figuras, sua difusão e propagação de ideias. Estava instituído o SISTEMA DE COMUNICAÇÃO para promover pessoas, gerar e pulverizar os mitos.

Foi tão poderoso que mereceu uma resignada constatação de um estudioso do assunto:

“O meio é a mensagem”

Ou ainda...

“Hoje, o tirano governa não pelo cassetete e pelo punho, mas disfarçado em pesquisador de mercado, ele conduz seu rebanho pelos caminhos da utilidade e do conforto”, Marshall McLuhan.<sup>7</sup>

As afirmações sugerem que conceito, conteúdo, consistência das ideias e planos ou a capacidade de realizá-los, estariam limitados à força de gerar uma boa imagem pública. A escolha do meio de comunicação adequado e sua correta utilização seriam determinantes para a construção. Seria como voltássemos à fantasia da rainha má que consultava o espelho mágico e perguntava: “Oh, espelho meu! Há alguém mais bela do que eu?”

Muitos candidatos ainda acreditam na eficiência deste princípio, alguns até foram eleitos!

A maioria dos eleitores, no entanto, não compra, ou não deveria escolher o produto sem avaliar a qualidade. É preciso desacreditar nos meios de produzir imagem quando não há mensagem consistente. Este é um dos desafios de cada eleição.

---

<sup>7</sup> Herbert Marshall McLuhan foi filósofo e educador canadense.

Aqueles que pretendem se candidatar para serem homens públicos, precisam trabalhar imagens com consistência, conteúdo e transmitir confiança de que o prometido será cumprido.

A negação deste princípio torna nulo não só o voto, mas também as nossas esperanças.

2004

## **A FILA DE ESPERA**

Lá fora, não há como negar que as pessoas eram tomadas de intensa preocupação, com as filas de atendimento à saúde, pela necessidade de construir e planejar um futuro melhor gerando leis definitivas para substituir as que chamam de provisórias.

A falta de emprego e as dificuldades de gerar novos empregos angustiam as pessoas. Elas, perplexas, assistem à indefinição de rumos claros e definidos que garantem desenvolvimento econômico e bem estar social.

A sociedade lá fora lembrava os tempos em que não havia eleições para que os cidadãos expressassem a sua inconformidade. Por um longo período formaram-se as filas de espera pelas eleições que garantiriam a democracia.

Veio então um período em que temíamos pelas ideias de alguns prováveis vencedores, que, depois de proclamados, aguardavam o dia da posse e um longo tempo de aprendizado. Enquanto isso se formava a fila dos processos de decisão.

O mal será feito de uma só vez, é o que prometiam; o bem acontecerá lentamente, asseguravam.

Esta sequência de atitudes tem deixado nos cidadãos a impressão de permanência numa eterna fila de espera.

E não é uma sensação nova. Antes um privilégio dos órgãos governamentais, agora um costume adotado nas atividades privadas.

Antes uma exclusividade dos que têm menos, numa fila de ônibus, ou na fila do pão de cada dia, ou na que possibilita a preservação da

saúde. Agora, a fila de espera alcança os grandes e os pequenos: comerciantes, empresários e industriais.

A disputa pela aprovação de um projeto, de uma ideia, de um financiamento, do registro de compra e venda, faz acumularem-se despachantes e empreendedores à frente dos balcões de atendimento ou nas antessalas das autoridades de plantão.

O cidadão comum também é exigido, na fila da compra e venda, do saque ou do depósito, fila para pagar e receber.

Enfim, antes uma manifestação de ordem para chegar ao balcão, depois uma demonstração de ineficiência de quem manda naqueles que estão atrás do balcão. Ela está presente em cada esquina, e por vezes faz parte da paisagem urbana.

Além de significar um desrespeito ao cidadão, ela representa um irrecuperável desperdício de energia para o trabalho.

As horas perdidas numa fila de ônibus significam, para um pedreiro, menos tijolos assentados, menos salário no bolso, e, por que não, menos lucro para gerar novos empregos.

Os dias perdidos pela espera de uma decisão sobre um requerimento, projeto ou ideia certamente reduzirão a margem de lucro de uma empresa. Mas, de igual modo, o salário e o emprego correrão riscos pelo comprometimento do êxito do negócio.

2004

## **CENAS DE CINQUENTA ANOS ATRÁS**

Foram mais de cinquenta anos de profundas transformações. O mundo mudou, e o Brasil também mudou muito.

Há cinquenta anos, as construções deste estado eram predominantemente de madeira, e as estradas eram de macadame e muito barro: lembram-se do pneu lameiro, e das correntes para fazer com que o carro se movesse na lama?

Há cinquenta anos, a economia paranaense baseava-se na monocultura do café, e quando São Pedro não ajudava, era uma catástrofe

na cidade e no campo. E o que dizer das florestas, nós tínhamos uma enorme cobertura florestal para preservar e extraíamos a madeira para cozinhar e assar pinhão e esquentar a água do chimarrão.

Há cinquenta anos, nossos rios produziam muito pouca energia, pois então a energia era utilizada para iluminar algumas poucas casas, uma vez que era pequeno o número de produtos industrializados.

Há cinquenta anos, a química era uma ciência desenvolvida por curandeiros, que extraíam das plantas os remédios para curar as doenças do nosso povo; e a mecânica se limitava ao concerto do arado e do trado.

Lembram-se os senhores da “casinha” que existia no fundo das residências para que as pessoas fizessem as necessidades? A “casinha” era tudo o que tínhamos de saneamento básico.

Graças ao trabalho de engenheiros e a sua criatividade, o Brasil mudou muito neste meio século.

Não só ultrapassamos o século XX, como a minha geração recebeu dos senhores um legado de realizações, que, confessamos, está difícil de manter, quanto mais ampliar para atender às demandas do nosso povo. Os senhores produziram milhares de habitações, as estradas cortaram o país possibilitando a descoberta de novos caminhos por onde circulam os automóveis, caminhões e a riqueza nacional.

O Brasil que os senhores nos legaram tem uma agricultura diversificada, e que ao utilizar a mais sofisticada tecnologia aumenta a produção de grãos que aplacam a fome daqueles que têm fome. A energia que move as nossas indústrias tem origem na tecnologia, na criatividade e no poder de decisão dos nossos engenheiros.

A devastação das nossas florestas teria sido significativamente maior se os engenheiros de floresta não tivessem imposto limites à utilização irracional da madeira.

O debate de hoje não se limita à mencionada “casinha”, mas à preocupação com a ampliação da rede de água potável, e com o tratamento adequado do esgoto. A medicina praticada nos nossos dias não abre mão das poções, das pesquisas e da criação de novos produtos pelos engenheiros químicos. A riqueza do país e as pessoas circulam trans-

portadas por automóveis e caminhões; os tratores multiplicam a produção nos campos, o ar que respiramos é mais fresco, ou aquecido, se preferirmos – são coisas dos engenheiros mecânicos.

São grandes os desafios, e a nova geração de engenheiros saberá dar a sua resposta, mas este é um momento de agradecimento.

Muito obrigado, senhores engenheiros.

2004

## **O ENGENHEIRO NA HORA DO VOTO**

Nestes tempos de eleição pelo menos uma preocupação é comum a todos: O que motiva o eleitor no momento da escolha do voto? Amizade, parentesco, simpatia, carisma, capacidade de comunicação, as realizações do candidato ou determinação para realizar.; enfim, são alguns entre os muitos agentes que determinam a opção do eleitor.

E a escolha do instrumento adequado de motivação aumenta a possibilidade de eleição vitoriosa.

Alguns acreditam que a profissão do candidato é o atributo indispensável para elegê-lo. Este entendimento faz com que diversos segmentos representativos se mobilizem para enaltecer a qualificação profissional do candidato.

Há que afirme, por exemplo, que o voto no advogado significa o exercício continuado do direito e a rápida distribuição da justiça.

As portas do paraíso se abririam graças a eleição de um operário, acreditam outros.

O livre mercado com custos definidos e preço justo estaria à salvo desde que o candidato fosse um empresário.

Melhoria salarial, elevação do nível de qualidade do ensino e difusão de ideias e conhecimentos para mais pessoas, seriam preservados com a vitória de um professor ou professora.

Direito à saúde, tratamento preventivo e curativo dependeriam da escolha de um médico.

Também a segurança seria resolvida pela qualificação do militar.

E outras mais.

São colocações verdadeiras pela sua universalidade, nem sempre correspondem à realidade!

A profissão isolada tem significado para comunidades menores, mas transformações e o desenvolvimento nos grandes centros e para a sociedade em geral, dependem das ações de um conjunto de profissões e ofícios. Quanto mais diversa for a composição e formação profissional dos eleitos, a população estará mais e melhor representada. Será mais fácil identificar as suas demandas.

O engenheiro candidato.

Tomemos o exemplo da construção de uma escola:

Para a compra do terreno será necessária a participação de um advogado, que se utiliza dos serviços de um engenheiro agrimensor e um perito de avaliações; projetar racionalmente os espaços harmonizando a beleza e funcionalidade dos traços, é tarefa para arquiteto, que por sua vez condiciona seu trabalho a disposições estruturais, hidráulicas e elétricas estabelecida pelo engenheiro; os orçamentos, cronogramas e estudo de viabilidade poderão ser elaborados por economista, que se utilizará dos números fornecidos por engenheiro; é verdade que a participação dos serventes, carpinteiros e pedreiros será fundamental, mas desde que orientados pelo engenheiro construtor.

Enfim, assessorando e dirigindo, o engenheiro faz presença em todas as fases do processo construtivo não só da escola, mas para qualquer procedimento em desenvolvimento. Afinal, ele é instrumento de desenvolvimento. Formado para desobstruir caminhos, descobri alternativas e oferecer soluções.

Em que pese tudo que está escrito, é um equívoco imaginar que numa eleição, o voto devas obrigatoriamente ser para um candidato porque ele é engenheiro, mas pelas qualificações e resultados desta formação.

Por outro lado, é desejável e importante que entre os eleitos esteja presente um bom número de engenheiros.

Engenheiro Político.

Há algum tempo, o Instituto de Engenharia do Paraná promoveu debates entre engenheiros candidatos a cargos eletivos. O encontro

teve o mérito de levantar os muitos problemas que afligem a sociedade brasileira., mas as soluções dependerão do empenho dos mais diversos setores, inclusive, é evidente, da competência de engenheiros.

Entretanto, diversas indagações permearam os debates, e a que ganhou mais destaque foi, porque os engenheiros são pouco representativos na área política. Ficaram evidentes nos debates, que aqueles profissionais apresentavam extensa folha de serviços prestados ao Estado e ao País, com competência para entender problemas e apontar soluções.

Destarte tão competentes na engenharia de soluções quanto deficientes nas obras de engenharia política- observavam alguns dos presentes. Alguns decorrentes da formação escolar, outros debitavam para a desordem da estrutura que se dizia representar a classe.

Este profissional exercita o que chamamos de raciocínio cartesiano, ou seja, aprendeu na escola que cada ação marcada na linha horizontal chamada abscissa, corresponde uma pontuação na vertical, chamada ordenada.

Nas coisas da política, os acontecimentos se sucedem de forma diferente; a lógica dos números nem sempre predomina, daí resulta que a soma de dois mais dois nem sempre seja igual a quatro. Acostumados com o rigor dos números os engenheiros são prisioneiros dos parâmetros fixos e firmes. Estes fatores determinam clareza de propósitos, posições definidas; é o que chamamos de excesso de pureza, o que os torna vulneráveis no mundo aventureiro e volúvel do mundo político.

Em outra frente é falso e ultrapassado o conflito entre engenheiros assalariados e empresários. São grandes empregadores, e também os que prestam serviços de apurada qualidade técnica, no setor público e na iniciativa privada. A técnica é aliada ao bem comum, o que demonstra que os dois segmentos não seguem em direções opostas. Defender esta divisão significa dividir os profissionais, e a política não é uma arte apropriada aos fracos.

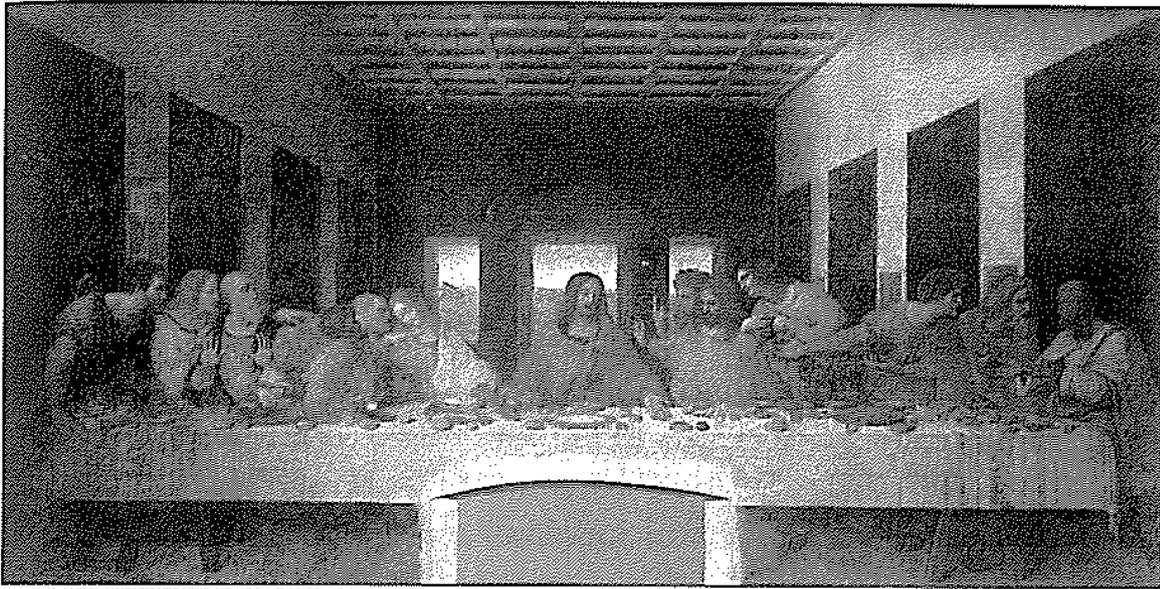
Enfim, para superar estas dificuldades os engenheiros terão que substituir a rigidez cartesiana pelo exercício da técnica aliada ao senso comum. Credulidade, decência e honestidade não vedarão os seus olhos para as deficiências do mundo imperfeito e os falsos conflitos deverão

ser substituídos pela realidade, que contrapõe eficiência e incompetência, capacidade de decisão e o lado da omissão.

De resto, sobram equações!

2005

## A MESA DO ENTENDIMENTO BIODIVERSIDADE E BIOSEGURANÇA



### Um cenário do século XX

Houve um tempo em que a conservação dos alimentos era feita pela sua imersão em recipientes com banha de porco.

As comunicações eram lentas porque as estradas e as ferrovias eram precárias ou inexistentes; sem água encanada, a escassez determinava o banho em chuveiro de balde, as mãos e o rosto lavados com uma pequena porção derramada numa bacia.

Sem esgoto, o banheiro resumia a uma “casinha” localizada nos fundos da moradia. As florestas representavam recursos disponíveis para manter as casas e mover as indústrias.

A luz dependia da combustão do querosene do lampião, e a energia da roda do moinho. A caça era um esporte popular motivado pela competição acirrada de quem matava a maior quantidade. Essas foram

algumas características marcantes deste período. E a tecnologia foi o principal instrumento de transformação desta realidade.

As distâncias foram encurtadas, o conhecimento e a informação foram disseminados com rapidez, mas os benefícios não foram distribuídos de forma equânime entre os diversos segmentos da população. Milhares vivem ainda aquele cenário.

Alterar este quadro é responsabilidade de todos os cidadãos. Nós somos agentes do desenvolvimento sustentável.

A proposta deste texto é estimular a reflexão sobre os temas na busca de alternativas. E para iniciar este processo, trazemos o testemunho de um personagem conhecido dos engenheiros e arquitetos:

O mestre de obras.

Ele está presente em todas as obras de engenharia. Geralmente, não possui formação acadêmica superior e é escolhido entre os companheiros pela sua capacidade de observação e espírito de liderança. A experiência ele adquire na universidade da vida; sem ele, a obra não acontece.

Pois bem, o senhor Batista é um mestre de obras com quase 30 anos atuação nos mais diversos canteiros.

Ao retornar da conclusão de uma obra realizada numa das praias do Paraná, ele rompeu o silêncio resultante do desequilíbrio cultural e perguntou:

– Doutor, quando é que descobriram o gás?

Diante do meu silêncio, ele lançou o olhar para a exuberância da floresta Atlântica e arrematou com sabedoria:

– Se não tivessem inventado o gás, esta floresta não existiria; tinha virado lenha.

Recorremos em seguida ao testemunho de um ambientalista respeitado: o Dr. José Lutzenberger.

Em recente entrevista, ele declara que o movimento ambientalista já passou por várias fases. A primeira, na década de 60, foi a fase da descoberta dos problemas ambientais. Os anos 70 foram a fase de confronto, das grandes brigas. Nos anos 80, tecnocracia e governo começaram a reagir, surgiam os órgãos oficiais de controle ambiental. Muitas in-

dústrias começaram efetivamente a desenvolver consciência ambiental e sentirem-se responsáveis. Após a Rio-92, toda pessoa inteligente, bem informada e pensante, sabe que a nossa cultura industrialista global é insustentável e que se quisermos sobreviver como espécie e civilização teremos que repensar o que entendemos por “progresso” e por “desenvolvimento”.

Também são sábias as reflexões do Dr. Lutzenberger. Delas extraímos a principal motivação para este momento:

**É IMPERATIVO QUE A FASE DO CONFRONTO SEJA SUBSTITUIDA PELO ENTENDIMENTO.**

As partes precisam sentar à mesa para deliberar com a consciência de que a ausência de educação adequada, o tempo perdido nas filas da burocracia, a fragilidade das pessoas e das empresas são veículos que conduzem à depredação do ambiente. E não devem jamais esquecer a lição de Disraeli: “Se os homens são puros, as leis são desnecessárias. Se desonestos, as leis serão inúteis.”

De outro modo todos sabemos que o investimento em pesquisa e tecnologia resulta num poderoso instrumento, talvez o mais significativo, para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Nesta mesa não haverá lugar para cínicos, nem para oportunistas.

2005

## **AS ELITES**

País estranho o nosso. Somos reconhecidamente ricos em recursos naturais. Nosso território é ocupado por um povo de índole tão pacífica que alguns o julgam dócil.

O parque industrial brasileiro complementa a imensidão da área agrícola, e é tão pujante que desperta a inveja em inúmeros países deste mundo imperfeito.

A miséria que atinge os nossos patrícios, injusta e perversa, não nos diminui em grandeza, mas nos envergonha. Pois bem, em que pese tudo que está escrito, vivemos lamentando os nossos infortúnios, defici-

ências e dificuldades. E, de tempos em tempos substituímos os responsáveis pelas nossas mazelas. Imperialismo português, depois o americano, e anteontem o sistema perverso criado pelos militares, que privilegiava o desenvolvimento material em detrimento do progresso social. Passamos pelo FMI, pelo projeto neoliberal, e agora pela corrupção, que há quem afirme epidêmica.

Entrementes, lembramos-nos de quando nascia a “nova república”, período no qual se sentia a necessidade de dar vazão aos anseios populares até então represados. Era preciso conscientizar a população para os seus direitos, explicitando-os. As discussões demoraram meses, anos até, resultando no livro que chamamos de constituição. Gerou-se grande expectativa, e na opinião de um político ilustre, o povo “embriagou-se de esperança”. Reinava, no entanto, um ambiente de grande incerteza; a expectativa da nova lei tornava indefinidas as regras do jogo, faltava delimitar direitos, deveres e responsabilidades.

Enquanto isso, o trem da economia diminuía a velocidade, e, sem os investimentos necessários, reduzia o ímpeto da produção; via de consequência, da capacidade de geração de novos empregos.

A economia se desorganizava.

Sucederam-se os planos mágicos, popularizando o conhecimento da ciência econômica, desacreditando-a, porém pelo amargor de inúmeras ressacas.

Veio o tempo do “Brasil novo”; país novo, velhos hábitos. Assim como veio, se foi... Nossa moeda estabilizou, os males dos costumes do Estado Brasileiro foram corrigidos em parte pela privatização de empresas públicas mal geridas pelo saneamento do sistema bancário, controle dos gastos públicos através da lei de responsabilidade social, e outras mais.

Inauguramos um período de normalidade democrática que permitiu a eleição de um líder sindical para a presidência da república.

País novo, velhos hábitos. A vilã de nossos dias é conhecida por: ELITES. E quem são afinal, os da elite? No princípio eles viviam ao redor do soberano. Eram os amigos do rei. Depois se destacavam pela

intimidade com o mundo das letras e das artes. Eram reconhecidos pela expressão petulante daqueles que são íntimos do poder, pela fala empolada e pelo tempo ocioso disponível para aguçar a sensibilidade de interpretar traços artísticos muitas vezes estranhos para a maioria das pessoas.

Muitos descobriram que era mais fácil comprar favores dos amigos do rei, quando não do próprio. Estava nascendo a elite do poder econômico, capaz de comprar homens, ideias e até a sensibilidade artística.

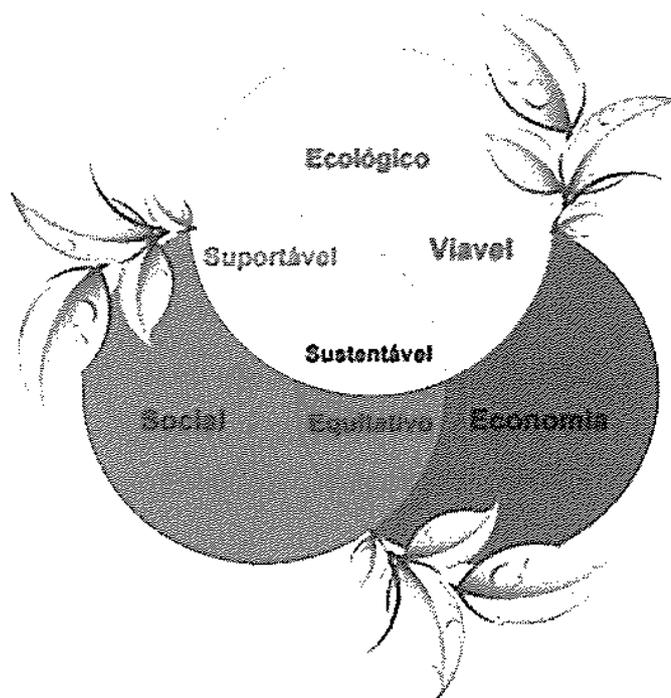
A revolução industrial criou também a sua elite. A especialização das profissões determinou o surgimento da elite do conhecimento. A professora que ensina, o médico que cura, o engenheiro que constrói, o arquiteto que projeta, o empresário que gera emprego e até o operário que têm emprego; todos constituem uma elite. É o que chamaríamos de Elite da produção. Ela gera conhecimento.

Não é demais lembrar que entre os burocratas governamentais nós também vamos encontrar representantes. Aqueles que fazem a intromissão na vida das pessoas despercebida, e tomam enfim as decisões pelas quais recebem salário diferenciado; eles são raros, mas existem.

Pois bem, esta elite está empobrecendo no Brasil dos nossos dias. Há um ambiente de desânimo e desesperança, desde o campo até as cidades. A incerteza e a instabilidade estão ferindo o ímpeto de gerar oportunidades, de ousar e fazer multiplicarem os empregos. O tempo desperdiçado nos corredores e gabinetes na espera de decisões sempre tardias vergam a vontade daqueles que tem vontade de fazer; o capital tão necessário para adubar os campos da produção dorme nos cofres indecisos e inseguros dos governos, ou passeiam em terras não tão necessitadas quanto a nossa.

É preciso despertar esta elite para as suas responsabilidades com o país. Ela é a fonte geradora de ideias, planos, projetos. Ela representa capital livre e “royalties” poupados. Para os governantes, elas significam a estabilidade; para a população carente, o escape do mundo de pobreza.

## 2005 ATITUDES DE SUSTENTABILIDADE



Sustentar tem o significado de garantir a produção, produtividade, distribuição e manutenção de um bem ou serviço.

Atitude é a busca da compreensão e do entendimento do espaço, para harmonizar as relações dos homens com a natureza que os envolve.

Mas nós perguntamos: a quem buscamos sustentar?

Aos seres humanos em primeiro lugar, e eles ocupam o planeta a uma velocidade estonteante. Há algumas décadas, técnicos da ONU alertavam que a capacidade de carga do planeta era de dois bilhões de pessoas.

Significa dizer que as reservas de água na Terra se esgotariam se a população atingisse este número. Pois bem, é do nosso conhecimento que hoje a população mundial ultrapassa o número de sete bilhões de pessoas!

Depois, e enquanto isso, vêm a natureza e a biodiversidade que sofrem assédio constante do consumo desenfreado, da poluição e do lixo lançados na terra, na água e no ar.

Como compatibilizar disponibilidade e necessidade é um desafio destes tempos. Do lado dos homens, quem são os atores deste processo de busca da sobrevivência?

O Estado, peso mosca ou peso pesado; o mercado, equilibrado ou injusto; e a sociedade, bem ou mal representada.

No Estado se abrigam dirigentes e burocratas dos governos municipais, estaduais e federais, a quem cabe a responsabilidade de legislar, regular executar procedimentos.

O mercado é o segmento que reúne empresas geradoras de emprego e renda e os consumidores dos seus produtos.

E a sociedade, enfim, é constituída pelos cidadãos, indivíduos muitas vezes reunidos em organizações representativas. A peça aqui descrita apresenta os mais diversos cenários, mas o seu sucesso depende do desempenho dos atores.

A qualidade da interpretação depende de ações educacionais, desenvolvimento de tecnologias, diminuição da burocracia que tem aumentado a fila e a corrupção, legislação clara, entre outras tantas atitudes.

É nas cidades do mundo que vamos nos deparar com as melhores peças, dependentes de atores com sensibilidade e competência. Pois é nas cidades que tudo começa, e os exemplos de atitudes se irradiam, gerando a consciência do bem e do mal.

Os engenheiros e os arquitetos têm o dom e a responsabilidade de participar da construção desses cenários, concebendo, dirigindo ou executando.

Quanto custa para fazê-lo bem. Quanto bem se faz com pouco custo.

São algumas das respostas que esperamos resultar do trabalho da sociedade neste tempo.

Que o Engenheiro, ou o Arquiteto do universo os ilumine!

2005

## **ONDE ESTÃO OS ENGENHEIROS DO BRASIL**

Há alguns anos, uma revista de circulação nacional formulou esta pergunta e foi encontrar engenheiros e os nossos colegas arquitetos vendendo sanduíches, chefiando a cozinha de restaurantes, e outros tantos

servindo ao sistema financeiro. A formação técnica aliada à capacidade realizadora deste profissional, têm recomendado a sua utilização nos mais variados setores de atividade humana.

Ocorre que o país investiu anos, décadas até, na sua formação. A engenhosidade de encontrar respostas, formular equações, estabelecer prioridades, prospectar cenários futuros tem sido desperdiçada em favor da habilidade de manipular números.

A tese defendida por alguns setores, de que é preciso reformular os cursos de engenharia que estariam formando técnicos em excesso, não resiste à análise mais superficial da realidade nacional.

Experimentamos uma crescente necessidade de extrair energia dos nossos rios, do soprar dos ventos, da prospecção de petróleo e gás; o crescimento demográfico e a distribuição desigual de espaço têm demandado ações de ampliação das redes de transportes, saneamento, e dos instrumentos de comunicação.

Apesar disto há quem entenda a engenhosidade como um dom natural do ser humano, acreditando prescindível o trabalho do engenheiro formado na universidade. Daí assistirmos desde profissionais liberais como engenheiros de fim de semana, construindo moradias, até autoridades muitas vezes despreparadas para tomar decisões que exigem formação técnica adequada.

Enquanto isso, para onde estariam indo os nossos engenheiros?

Certamente ao Japão, onde a carência de técnicos tem atraído engenheiros ainda que para pilotar um trator industrial. Ou ao Iraque, mesmo que para se submeter aos riscos de uma guerra insana. Os engenheiros e arquitetos estão espalhados pelo mundo construindo estradas, projetando moradias ou barragens, e expandindo fronteiras agrícolas.

Enquanto isto, o país carece de soluções adequadas para problemas complexos, e simples soluções para problemas simples. Identificar estes caminhos é tarefa para engenheiros.

Já tivemos a oportunidade de testar os mais diferentes sistemas de governo, passamos pela experiência dos choques mágicos, colecionamos trapalhadas políticas, e alimentamos a circulação de moeda fácil na mão de poucos.

Por que não redescobrir o trabalho neste pedaço de mundo estagnado que vivemos, substituindo a engenharia financeira pela engenharia de produção.

O IEP se propõe a promover este encontro de engenheiros e arquitetos, nos canteiros de obra, no chão das fábricas ou no campo, gerando empregos.

Associe-se! Somos 4.000, falta você.

2005

## **SOB NOVA DIREÇÃO**

A reforma que não houve

Durante meses, o país inteiro acompanhou a angústia do presidente para definir uma reforma ministerial.

Razões de natureza política ou de desempenho administrativo estariam a determinar necessidade de mudança. Na realidade, nós, que vivemos à margem do ambiente decisório, somos assaltados pela injusta sensação de banalização do processo de unção ministerial; observa-se a indiferença quanto aos nomes indicados e ceticismo quanto aos resultados. Ausência de projetos definidos, e os repetidos desejos dos indicados têm caracterizado as solenidades de posse. “Vamos...”, “Queremos...” , “Não permitiremos...”, são algumas das expressões que muitas vezes representam mais vontade e menos determinação.

Enquanto isso, a sociedade busca respostas para duas questões prioritárias: qual o tamanho do Estado que queremos? E qual o tamanho do Estado que podemos ter?

É preciso que se tenha autoridade sem ser autoritário; democrático e eficiente; solidário sem ser paternalista, projetar o futuro sem abandonar o foco nas demandas do presente; enxuto, mas capaz de tomar iniciativa.

Nesse contexto, o número de ministérios à disposição do presidente é particularmente assustador. São cerca de 35 (!! ) ministros!

Entre eles vamos encontrar as mais variadas definições de desempenho. Há os que detêm poder porque têm a chave do cofre. Outros que não sabem administrar a escassez de recursos financeiros ou administrativos; muitos carecem de sustentação política, dependem de grupos; de resto, os simplesmente incompetentes.

Enquanto isto, acompanhamos a angústia presidencial.

A academia sugere alterações nas estruturas de organização, que vão desde o formato de pirâmide, em que o grau do exercício da autoridade vai se diluindo do vértice superior à sua base; até a proposta de atividades inter-relacionadas, as redes.

Apesar das técnicas de estruturação administrativa, muitos dos nossos dirigentes têm cometido o pecado de confundir o exercício da autoridade com autoritarismo. Temerosos do risco de incidir em vícios do passado, seus ouvidos são moucos à ordem e à necessidade de tomar decisões. Brecht ensinava que “...nós que queríamos preparar o terreno para a bondade, não podíamos ser bondosos.”

Enfim, são várias as teorias de organização, mas todas apontam na direção das soluções simples.

Um ministério, por exemplo, que trace cenários futuros de médio e longo prazos poderia ser denominado planejamento; o exercício de controle e a fiscalização da circulação da moeda seriam desenvolvidos na Fazenda; o desenvolvimento de processos de estímulo à geração e distribuição de energia, ampliação de sistemas de saneamento, comunicações, transporte e habitação seriam atribuições do Ministério da Infraestrutura; a promoção da saúde, a previdência e o trabalho seriam atividades do Ministério do Homem e da Mulher; o direito e a distribuição da justiça seriam buscados no Ministério da Justiça; a disseminação do conhecimento e a promoção da identidade cultural seriam produtos desenvolvidos na Educação; e, finalmente, um ministério para o campo, para promover igualdade de oportunidade, estimular atividades de produção de alimentos, geração de riqueza e harmonizar as relações com o ambiente natural.

Parece uma proposta simples, mas simples são os fatos da vida. A angústia presidencial, no entanto, é um fato complexo que nos atinge.

2006

## A PÁTRIA DAS CHUTEIRAS

A má qualidade das estradas brasileiras resulta da inexistência de projetos completos de Engenharia ou pela ineficiência de procedimentos de manutenção. Como recuperar estradas de modo a aproximar estados e municípios, o campo e a indústria aos portos e à mesa do cidadão.

Há quem assegure a necessidade de desenvolver um planejamento que defina novos traçados de ferrovias para cobrir o extenso território nacional e o espaço aéreo ocupado por um sistema de controle eficiente e adequado.

A energia deve ser produzida e distribuída em quantidade suficiente para iluminar ideias e elevar o nível de produção; a Engenharia de comunicações aproxima as pessoas.

Nossas cidades, além de gerarem empregos, devem possibilitar a circulação das pessoas, principalmente por sistemas de transporte integrados; devem oferecer moradia digna e saneamento básico para garantir a qualidade de vida da população.

No interior do país, nos campos, o trabalho e tecnologia precisam ser estimulados para a produção de alimentos e geração de renda.

O Brasil precisa de Planejamento! De onde viemos, onde estamos e para onde vamos? Falta logística! Porque produtos e pessoas demoram a alcançar o seu destino.

A política educacional tem sido confundida com a educação política, desprezando a evidência de que a segunda é consequência da primeira. E a educação nem sempre tem sido tratada por quem entende de educação. Diagnósticos intermináveis se multiplicam, criando um ambiente de insegurança e intranquilidade.

Todos estes assuntos têm ocupado as discussões nos bares e nos bancos universitários.

E a lentidão dos acontecimentos angustia os cidadãos, pois sabemos que o atendimento das questões fundamentais vai dar sustentabilidade ao país, com reflexos diretos na qualidade de vida da população, além de permitir bem receber nossos visitantes.

O Brasil vai sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014! É a notícia que ocupou há pouco os meios de comunicação do país e do mundo. E para que este acontecimento se torne realidade, questões antigas precisam ser solucionadas; agora, por exigência da Fifa, a federação internacional do futebol.

Segundo o engenheiro José Roberto Bernasconi, de São Paulo, o jornalista, escritor e teatrólogo Nelson Rodrigues tinha razão: “O Brasil é a pátria das chuteiras.” Temos sete anos de planejamento, projetos e construções.

São tarefas para engenheiros e arquitetos.

2006

### **ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ COMEMORAÇÃO DE 80 ANOS DO IEP**

Permitam-nos um breve passeio pela história.

Consultar o passado é desenhar o futuro.

Há quem assegure que tudo começou nos anos oitocentos, com a revolução industrial; divisão do trabalho, profissões especializadas, tecnologia. Os instrumentos criados nesses tempos tiveram a grande oportunidade de serem testados e desenvolvidos na Primeira Guerra Mundial.

Em outra frente, afirmavam os comunistas que as relações humanas e sociais sofreram modificações que teriam determinado o nascimento de um mundo novo, a partir da revolução bolchevique de 1917.

Pois é neste cenário que nasce o IEP – Instituto de Engenharia do Paraná, em 1926. Numa sala acanhada dos porões da UFPR – Universidade Federal do Paraná, berço da geração de conhecimentos no nosso Estado, um grupo de engenheiros criou aquela que seria a mãe de todas as entidades representativas no Estado do Paraná.

Nesses tempos, já assistíamos em Curitiba alguns automóveis disputando o espaço com os bondes, as carroças, caleças e landaus.

**1930 - 1940** – A quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, fez o mundo mergulhar numa brutal recessão nos anos 30. A ascensão de Hitler na Alemanha e o “New Deal” de Roosevelt marcaram esse período que desgraçadamente desembocou na Segunda Guerra Mundial.

Entre nós surgia Getúlio Vargas que inaugurou novas relações entre capital e trabalho e a ditadura do Estado Novo.

**1940 - 1950** – A descoberta da penicilina, o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda da ditadura de Getúlio marcaram esta década. Nascia uma nova ordem mundial. E em Bretton Woods delinear-se-ram diretrizes traçadas pelos vencedores.

**1950 - 1960** – Enquanto a televisão produzia suas primeiras imagens, e aqui Vargas morria, tinha início um longo período de Guerra Fria; ambiente de tensões constantes entre os países que detinham o controle da tecnologia nuclear.

A década terminou com a autoestima dos brasileiros em alta pela ousadia das políticas de desenvolvimento pregadas por Juscelino Kubistchek.

**1960-1970** – A conquista da lua no final dos anos 60 não iluminou os céus do Brasil nesse período. Foram tempos de desenvolvimento econômico com o sacrifício das liberdades individuais. Nunca o dirigismo do Estado esteve tão presente; a criatividade e a livre iniciativa dependiam de um movimento das autoridades de plantão. Eram tempos de força.

**1970-1980** – A ditadura começou a definhar até se esgotar. Nas palavras do poeta, “a liberdade abriu as asas sobre nós”.

**1980-1990** – O mundo estava mudando e o marco mais significativo, emblemático, era a queda do muro de Berlim.

Enquanto isso, aqui buscávamos recuperar o tempo perdido pelas leis restritivas de mercado, especialmente na área de informações; os computadores e a informática ainda engatinhavam.

O início do processo democrático, com a anistia, fez o debate de todas as questões invadirem as ruas; todos queriam opinar, reivindicar direitos – na opinião de Tancredo Neves, “O povo estava embriagado de esperança”.

A palavra era o instrumento de mudança!

**1990 - 2000** – Vivíamos sob nova Constituição. As leis representavam a garantia de que nossos direitos estavam assegurados e todos os problemas da nação equacionados.

Dizia-se que bastavam as leis para alcançarmos a solução para os nossos problemas.

Cedo descobrimos a importância da economia para o atendimento dos nossos desejos, das nossas carências. Depois de servirmos de experimento para alguns planos mágicos, alcançamos a estabilidade da nossa moeda.

Agora, asseguravam, o paraíso estava ao alcance de todos com as medidas de natureza econômica.

**2000...** – Enquanto assistíamos o mundo construir novos muros, promover outras guerras, consolidamos a nossa democracia ao eleger um líder sindical para a presidência da república.

O parto desta democracia não tem sido fácil, pois há muitos valores a serem recuperados. O envolvimento de recursos públicos com interesses particulares, a escolha de gestores públicos despreparados ou sem responsabilidade por seus atos tem dificultado a eficiência do sistema.

A engenharia e a arquitetura serão elementos poderosos para promover paz, justiça social, harmonizar soluções tecnológicas com preservação ambiental para produzir desenvolvimento econômico.

E o IEP será o instrumento porque sobreviveu a estes tempos. Nós fizemos parte desta história!

Vamos em busca de novos cenários.

Somos todos, filhos do século passado! De alguma forma, sobrevivemos às mudanças nos transportes e nos meios de comunicação. Os aviões e automóveis encurtaram distâncias, enquanto rádio e televisão nos transformaram em personagens e expectadores do teatro da vida em tempo real. A ousadia dos técnicos produziu marcos de inovação tecnológica.

Nas últimas décadas presenciamos a revolução digital. A Internet tem alterado valores, métodos e procedimentos. O julgamento pessoal foi substituído pela lógica fria da informática.

Vivemos uma época marcada pela INCERTEZA. Incerteza de como empreender, definir e manter valores, estabelecer novos hábitos e costumes.

Pois bem senhoras e senhores, no século XVII, Padre Vieira já dizia que “as palavras falam ao vento, as obras falam ao coração”.

A era da escassez.

Vivemos hoje o princípio de um novo século!

Século que é inspiração para inúmeros avanços tecnológicos, mas que, infelizmente, também enfrenta as desvantagens da exploração desmedida.

A diminuição da qualidade e quantidade de recursos renováveis, o crescimento desordenado e o acesso desigual aos recursos causam escassez ambiental. Os frutos dessa escassez são a diminuição da produtividade e a migração da população menos favorecida. Como resultado, assistimos o enfraquecimento das nações, a instabilidade institucional e os conflitos étnicos e de pobreza.

A água e a terra demandam uma utilização cada vez mais racional; os espaços para circulação de pessoas e veículos precisam ser repensados; a oferta de emprego para os excluídos da tecnologia deve ser aumentada e a educação de qualidade, habitação e saúde precisam ser asseguradas a todos os cidadãos. Só assim garantiremos a segurança pessoal.

Por outro lado, a segurança familiar exigirá a ampliação dos mecanismos de proteção aos idosos, sem prejuízo aos mais jovens.

Nós herdamos a incerteza e vivemos a escassez.

Esses serão desafios permanentes no século que se inicia.

Sem embargo do respeito e da reverência que prestamos a esta casa, que tem por vocação dar abrigo à democracia, não nos propomos a dizer as palavras fáceis que por vezes ecoam nas solenidades comemorativas.

A hora e o momento presentes não são aptos a que lancemos flores no espaço, ou confete em falsos ídolos.

Escolhemos este momento decisivo, limiar de uma nova etapa para as instituições do país e do Estado, para compartilhar com os se-

nhores as angústias e aspirações dos engenheiros e dos arquitetos do Paraná.

A manchete do dia é real, e não pode ser substituída pelo silêncio da omissão. A sociedade lá fora está insegura, e é preciso apurar as causas com rapidez e cautela como garantia para que seja feita justiça.

São incontáveis os diagnósticos, e a abordagem sobre eles tomaria todo o tempo desta solenidade.

Por isso propomos uma reflexão sobre alguns acontecimentos destes tempos.

2006

## **A TECNOLOGIA**

“Palavras falam ao vento, as obras falam ao coração.” (Pe. Vieira)

A tecnologia faz a guerra, cria veículos produtores de poluição, pesquisa e produz drogas de consequências ainda desconhecidas. Com uma visão mais apurada, no entanto, vamos constatar a riqueza de conhecimentos e realizações gerados no passado, utilizando esta ferramenta de transformação dos recursos naturais, que nos permitiram alcançar o século XI.

Com base nos padrões de qualidade de vida de americanos e dos europeus mais ricos, há quem calcule em dois bilhões de habitantes a capacidade de carga do nosso planeta. Dados das Nações Unidas informam que a humanidade levou milhões de anos para atingir um bilhão de pessoas; em 1927, levantamentos efetuados concluíram que a população dobrou; 33 anos depois, em 1960, a população chegou a três bilhões; em 1974 totalizou quatro bilhões. E hoje somos mais de 6,1 bilhões.

Não é demais recordar que área plantada é finita, e terra é a única coisa que Deus não vai mais criar. É nossa responsabilidade cuidar para que ela não canse, e não perca a produtividade. A tecnologia e a consciência cidadã serão instrumentos imprescindíveis nos tempos que virão.

Neste ano, o IEP está completando 80 anos, e ao tempo tem testemunhado a participação dos engenheiros como agentes de transformação presentes nas mais diversas atividades humanas; nos campos ou nas cidades, enfim em todo o ambiente que nos cerca.

Grandes inovações convivem com as criações mais simples. Em artigo recente, o colunista Carlos Heitor Cony mostrava admiração pela invenção do apito que denuncia que o peru assado já está no ponto; no outro extremo a conquista do espaço ocorrida na década de 50 começou efetivamente no ano de 1926 com a descoberta de combustível líquido para foguetes.

1926 foi o ano em que um grupo de engenheiros criou o IEP.

Eram engenheiros eletricitas os que possibilitaram uma nova forma de medir o tempo através do relógio de cristal de quartzo, a captar imagens através do sistema completo de TV, a fazer a barba com barbeador elétrico e a ouvir o rádio do automóvel. Isto tudo no final dos anos vinte.

Depois vieram a goma de mascar, comida congelada, cerveja em lata e Nescafé, resultantes de uma nova forma de praticar a engenharia, estudando alimentos alternativos. Era a engenharia química e de alimentos

Também os céus foram ocupados pela velocidade estonteante dos motores a jato, pelo motor turbo e pelos helicópteros. Despontava a engenharia aeronáutica.

Microscópio eletrônico, polaroide, rádio FM, radar, fotocopiadora, e microscópio de elétrons marcaram o surgimento da engenharia eletrônica.

A diversidade de produtos fez nascer a engenharia de produção, de onde vieram o nylon, a caneta esferográfica e o teflon.

Os automóveis começavam a multiplicar exigindo estradas mais sinalizadas pelos “olhos de gato” criados pelos engenheiros rodoviários no longínquo ano de 1936.

Estas são algumas pegadas da atuação dos engenheiros na década de trinta.

Vamos encontrá-las também nos anos quarenta. A televisão passou a ser colorida, o forno de micro-ondas poupava o trabalho das donas de casa, e a engenharia de comunicações produzia o telefone móvel que viria a encurtar distancias. Computador controlado por software, e o computador digital marcaram o surgimento de uma ciência que romperia as barreiras de comunicações entre as pessoas, os estados e os países; os responsáveis por estes instrumentos de transformação eram engenheiros de computação.

Desses tempos ficou também o registro de uma nova fonte geradora de energia, a energia nuclear; que ao tempo que produz a luz para iluminar as nossas cidades e move as indústrias, também tem o poder de destruição e produção de lixo atômico.

Finalmente, é desse período a criação da máquina de diálise e a descoberta da cortisona sintética, resultado da sinergia entre engenheiros e médicos.

Os anos cinquenta também foram ricos na participação de engenheiros. Cartão de crédito, supercola, código de barras, refrigerante diet., pneus radiais e fibra ótica foram alguns novos produtos. O contraceptivo oral, fruto de pesquisas da engenharia genética, revolucionou a medicina e contribuiu para a emancipação da mulher. A informática avançava célere através das inovações do modem, circuito integrado e microchip.

Nos anos 60, o IEP chegava aos 40 anos. A medicina continuava a avançar, utilizando a química os conhecimentos da mecânica, em particular da mecânica dos fluidos; a partir de descobertas ocorridas nestes tempos surgiu o “valium” para aplacar a angústia dos que buscavam paz, e o coração artificial aprofundava o conhecimento do corpo humano. Ainda assim, a cena era dominada pela eletrônica e informática; audiocassete, videodisc, linguagem basic, injeção eletrônica para veículos, calculadora de mão, mouse para computador, memória ram, primeira Internet (arpanet) e leitor de código de barras eram destaques.

As descobertas dos anos 70 indicavam transformações vertiginosas que modificariam as relações entre as pessoas, os estados os países.

As distancias encurtariam, o mundo se transformaria numa grande aldeia, seriam tênues as fronteiras entre as nações.

Floppy disk, impressora matricial, display líquido, microprocessador, videocassete, processador de palavras, rede ethernet, impressora laser e a jato de tinta, imagem por ressonância magnética, telefone celular e walkman eram as novidades. Em 1974, a lipoaspiração produziu novos conceitos de beleza.

Quando o IEP completava 54 anos no início dos anos 80, a tecnologia de ponta ocupava o espaço em todas as atividades humanas. Computador IBM, Macintosh, Windows, supercondutor, celular digital e televisão de alta definição demonstravam o perfil de um mundo novo.

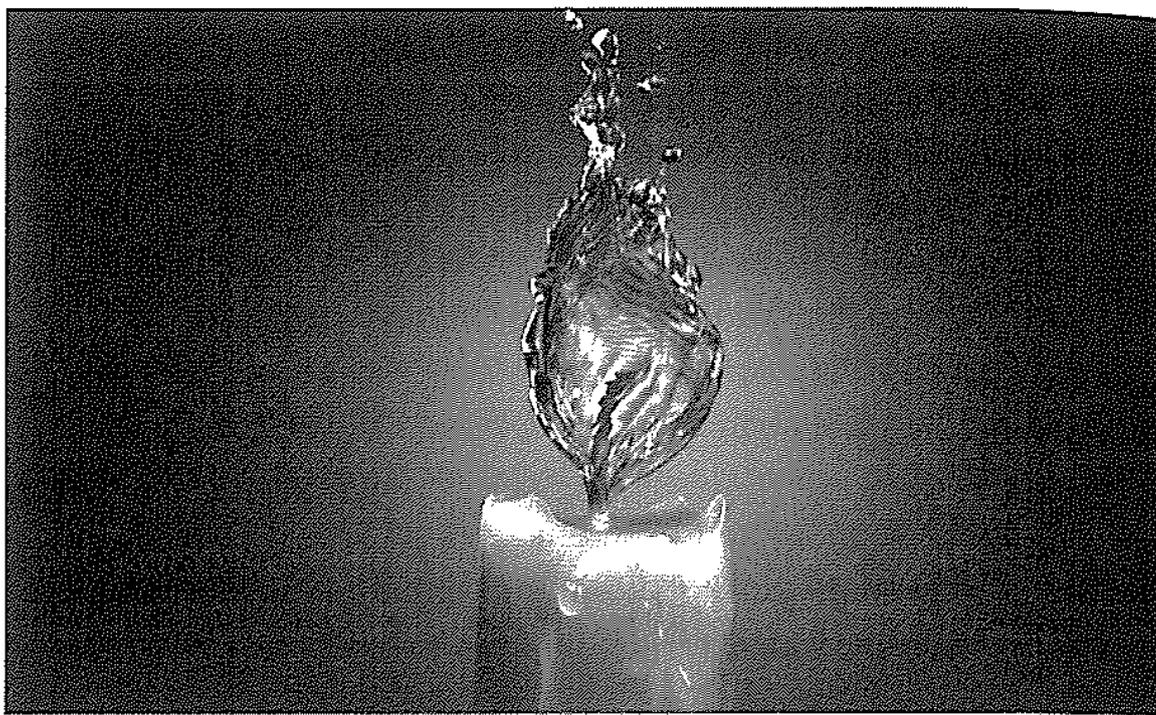
A internet inaugurou os anos noventa. Seguiu-se a secretária eletrônica, o processador Pentium, linguagem Java, DVD, e TV pela internet. O mundo jamais seria o mesmo; estava criada uma relação de dependência entre as atividades humanas e a tecnologia de informação. Duas descobertas completaram esta década: o inibidor HIV e o Viagra, respectivamente, esperança de cura e da energia perdida.

Anos 2000, o princípio de um novo século. Marcado inicialmente pela consolidação de um processo que encerra o monopólio do engenheiro como principal ator no cenário das transformações através da tecnologia. Diversidade, velocidade de criação e interdependência entre os agentes de transformação exigiram a formação de equipes multidisciplinares. Os engenheiros passaram a dividir o espaço com sociólogos, biólogos, advogados, administradores, e outros tantos. A população também demonstrou o desejo de participar das decisões do presente que poderão afetar o seu futuro.

Transgenia, desmatamento, nível de poluição, produtividade serão alguns dos temas que ocuparão o espaço de preocupações deste século. Meio ambiente, biodiversidade, responsabilidade social e tecnologia serão as disciplinas da engenharia social, que visa aliar a técnica ao bem comum. O IEP vai continuar fazendo parte desta história.

2006

## GUERRA DA ÁGUA E AS ÁGUAS DA PAZ



Na História recente da Humanidade, no século XX, assistimos a duas grandes guerras e a diversos confrontos entre nações. Hegemonia, opressão, soberba, arrogância e insanidade se alternaram como motivação para esses movimentos.

O fracasso ou sucesso das disputas, no entanto, tinham um elemento comum a todas as batalhas: a busca pela energia escassa. Desde o carvão na sociedade pré-industrial até o petróleo que ainda alimenta os nossos dias.

Vivemos hoje o princípio de um novo século! Nós, que herdamos a incerteza, experimentamos a escassez de recursos naturais e até financeiros.

A discussão sobre a água, o mais nobre entre os bens da natureza deve tomar conta das discussões climáticas que estão acontecendo em Copenhagen, pois representam o reconhecimento de que o acesso à água potável é um direito humano ou mais que isso: é um direito animal.

A guerra em discussão é a mais cruel de todas as guerras. Pois entre as suas vítimas estão a Humanidade, os seres vivos e a sobrevivência do planeta.

Trata-se da guerra da água!

Seus horrores compõem um cenário assustador, senão vejamos:

- De acordo com números de conceituados organismos internacionais: 1,2 bilhão de terráqueos continuam excluídos da cota mínima diária de 50 litros por pessoa. Pela inércia do desafio, serão 2,2 bilhões, em 2020;

- A poluição orgânica somada à química ameaça os nossos aquíferos subterrâneos anunciando a possibilidade de morte da água; cálculos elaborados em Kyoto revelam que, somente no ano de 2003, 6,2 bilhões de seres humanos deveriam consumir cerca de 4.150 Km<sup>3</sup> deste cada vez mais valioso líquido.

Pelo lado da oferta, temos que só 2,6% da água do planeta é doce. Sendo que 71% dela está congelado em arcos polares. Dos restantes 29%, dois terços estão em lençóis economicamente inacessíveis.

A industrialização dos países emergentes, e a maior irrigação da lavoura (que já alcança 45% do volume consumido) estão competindo com o consumo humano, submetendo as sociedades ao perverso dilema da necessidade de criação de empregos, de aplacar a fome e/ou a sede.

Qual é a capacidade de carga do nosso planeta? Com base nos padrões de qualidade de vida de americanos e dos europeus mais ricos, há quem calcule em 2 bilhões de habitantes. Dados das Nações Unidas informam que a humanidade levou milhões de anos para atingir um bilhão de pessoas; em 1927, levantamentos efetuados concluíram que a população dobrou; 33 anos depois, em 1960, a população chegou a 3 bilhões; em 1974 totalizou 4 bilhões. E hoje somos mais de 6,1 bilhões. É preciso uma utilização intensiva de todos os instrumentos de comunicação e marketing do produto água.

Estimular a racionalização do uso, com medidas simples tipo: Não jogar lixo no rio, reduzir o tempo de banho, fechar a torneira ao escovar os dentes, não deixar a torneira aberta ao lavar a louça, etc.; desenvolver pesquisa e tecnologia, aperfeiçoando equipamentos, técnicas de tratamento, processos de reutilização da água, distribuição eficiente sem desperdícios; substituir a catástrofe anunciada, pela motivação ao exercício da cidadania.

Essas são as águas da paz!

Aqui no Brasil, os administradores públicos devem refletir sobre alguns itens importantes e trágicos: a gestão das águas e do lixo são totalmente dissociadas. Uma depende da esfera estadual, e a outra dos municípios. A lei das águas – lei 9.433/97 – com dispositivos já definidos no sistema nacional de recursos hídricos – lei 6.938/81 – ou seja, há 15 anos. E até os nossos dias os instrumentos de gestão ainda não são aplicados. Na mesma direção, os comitês de bacias, depois de mais de 5 anos de tramitação no Congresso Nacional, ainda não se encontram implantados.

A continuar assim, as águas vão rolar... e continuar rolando ralo abaixo.

2006

## **REFLEXÕES SOBRE A EFICÁCIA DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DOS ENGENHEIROS E ARQUITETOS**

“A eficácia profissional em torno do poder, do lucro, do salário, do conhecimento acadêmico depende do entendimento do espaço ocupado.”

“De qual ambiente viemos, onde estamos e para onde vamos, são questões sobre as quais devemos refletir.”

De onde viemos.

Tudo começou nos campos. O cuidado com a terra, a extração florestal e a criação de animais ocuparam por séculos o trabalho da maioria da população. O desenvolvimento técnico de melhor utilização das riquezas naturais era experimentado por homens e mulheres do mundo.

A inversão populacional, 2/3 para menos de 1/3 da densidade nos campos, fez surgirem cidades onde se verificou o desenvolvimento de técnicas no seu desenho, nas edificações, na energia e no ambiente.

Agrônomos passaram a cuidar dos campos, arquitetos desenvolveram traços de formas, engenheiros civis transformaram projetos em realidades, mecânicos aperfeiçoaram as máquinas; enfim, a engenharia

e a arquitetura compartilharam com a população as transformações do mundo nos campos e nas cidades.

A diversidade do exercício da profissão e a necessidade de compartilhar experiências levaram os profissionais ao associativismo nas cidades e nos campos. Reuniram-se nas áreas pública, privada e como autônomos para defender interesses financeiros e o exercício da profissão. Civis, mecânica dos solos, construção metálica, agrônomos, arquitetos, químicos, avaliadores e outras tantas especialidades foram surgindo.

A identidade das profissões se multiplicou, demandando a criação de instituições fiscalizadoras do exercício profissional. O mundo do trabalho se ampliou, exigindo o desenvolvimento do saber tecnológico.

Onde estamos.

Todos sabem da importância do desenvolvimento tecnológico para o futuro das nações. Sem tecnologia somos condenados ao atraso permanente, principalmente pela desigualdade de oportunidades para a geração do conhecimento da ciência deste novo século. Emprego, renda, ascensão e inclusão social, sem geração de conhecimento, se limitarão à figura de retórica de políticos oportunistas.

A ciência tecnológica e a pesquisa são instrumentos que nos possibilitam desvendar os mistérios do passado e ampliar o conhecimento do futuro.

O entendimento dessas evidências fortalece a convicção de que os engenheiros desempenharão papel fundamental para a construção dos valores deste século.

Pois bem, este é o cenário propício ao surgimento de novas ideias, que vem acompanhadas de argumentos não tão novos, motivados pela angústia de propor soluções de efeito imediato.

As mais recentes estão configuradas, como um exemplo, na resolução 1.010 do CONFEA, que caracteriza e sistematiza os campos profissionais e suas respectivas competências e o projeto Inova, do MEC e da CNI que visa aumento da integração entre a educação em engenharias e o sistema produtivo.

Segundo informações os países desenvolvidos e em desenvolvimento estão produzindo engenheiros em número significativamente superior ao que o Brasil tem sido capaz de formar.

Entre os argumentos apontados destacam o tempo demasiado longo exigido pelas nossas universidades para a formação deste profissional; e a formação inadequada para as atuais exigências do mercado; ou ainda o sobreposição, a superposição de atribuições que ocorre na legislação profissional.

A solução apontada pelos defensores desta nova “revolução”, é a redução das horas necessárias para a graduação, de 4.700 horas atuais para 3.600 propostas; propõe mais, para garantir maior flexibilidade ao processo de formação, algumas profissões teriam ascensão de atribuições, habilitando-se através de cursos de especialização, de curta duração. Por fim o MEC abrirá mão das prerrogativas de gestor e ordenador da política educacional superior, delegando grande parte destas funções para os órgãos de regulação profissional.

E qual é a realidade que o país vive neste momento? – Nós perguntamos.

Para compreender é preciso fazer um breve passeio pela história.

2006

## **SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA**

A insegurança toma conta das pessoas, e as portas da irresponsabilidade estão escancaradas.

Há dificuldade em precisar de qual lado do muro estão os marginais!

O exercício da mentira tem sido prática comum, comemorado com bailado, lágrimas de crocodilo, alienação e o silêncio dos “inocentes”.

Está próximo o período de boas novas; uma nova eleição se aproxima.

Os salários serão convenientemente elevados, o anúncio de novas e grandiosas obras será multiplicado e ouviremos muitas referências ao

que o articulista Carlos Heitor Cony chamou de mentiras institucionais: “Nenhum partido sozinho chegará ao poder”; “as alianças serão feitas em torno de programas, de ideias comuns pelo bem da pátria”.

Seremos obrigados então a assistir a uma rodada de nomeações de ministros e dirigentes muitas vezes despreparados e desconhecidos dos eleitos. Um longo e penoso aprendizado terá sequência, mais uma vez a sociedade brasileira será convocada para pagar a conta.

O que os engenheiros têm a ver com isso? - Nós perguntamos.

- Que papel representam no processo? - Perguntamos!

Temos assistido à desconstrução de valores caros para a nossa consolidação como nação mais justa e soberana. A palavra fácil tem sido lançada ao vento escamoteando a realização das obras, que falam ao coração e atendem as necessidades daqueles que mais precisam.

Reconstruir estes valores é uma tarefa também para engenheiros.

Em outra frente, muito espaço tem sido ocupado por debates em torno da prática democrática; se direta, participativa ou representativa. Segmentos sociais tem sido chamado à ação esparsa e desordenada, produzindo discussões intermináveis. Começamos pelas lideranças de bairro, assistimos o surgimento das organizações não governamentais (ONG) e alcançamos os autodenominados, movimentos sociais. Enquanto isso a chamada sociedade civil organizada faz parte do processo, algo desarticulada, perplexa com a dinâmica das transformações.

### **O IEP também é parte deste processo!**

Nossos engenheiros e arquitetos são líderes de bairro e do campo, somos uma ONG porque não temos subordinação aos governos, nossas obras são instrumentos de transformação social, e, estamos organizados.

Uma nova rodada eleitoral se aproxima e será o momento para cobrarmos dos candidatos o resgate do respeito dos homens e das instituições públicas ou privadas, fixando limites aos direitos e deveres, e estabelecendo relações de não dependência.

Esta é uma obra de engenharia!

2007

## **A ASSEMBLEIA DA CORRUPÇÃO E ENGENHARIA DE COMUNICAÇÃO**

Consciente da presença constante da engenharia em todos os segmentos da atividade humana, o IEP – Instituto de Engenharia do Paraná, entidade que congrega mais de 4.000 engenheiros, manifesta preocupação com os acontecimentos das últimas semanas com relação a atos mal explicados, da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Se há dúvida de conduta, as responsabilidades deverão ser apuradas com rigor e rapidez, para recuperar a imagem e credibilidade da instituição que tem por função garantir estabilidade ao processo democrático, alcançado depois de anos de determinação e esforço.

A obra de engenharia política exige manifestação das partes com clareza e objetividade para não atingir o todo, a instituição e aqueles que honraram o mandato.

Os engenheiros e certamente a sociedade paranaense agradecem e cumprimentam os jornalistas Karlos Kohlbach, Kátia Brembatti, James Alberti e Gabriel Tabatcheik, a Gazeta do Povo e a RPC pela realização desta grande obra de engenharia de comunicações. Um exemplo paranaense para o Brasil.

2007

## **A ENGENHARIA**

Decorrente de uma visão estratégica equivocada, os governos vêm considerando o planejamento e o monitoramento de obras um apêndice de pouca função e de muito custo.

Como resultado, experimentamos décadas de desmonte das consultorias especializadas e das empresas de construção pesada, de licitações sobre projetos mal elaborados e de um incremento constante na ineficácia da fiscalização.

## A QUESTÃO ECONÔMICA

Estamos sob os olhos do mundo; casos como as nossas deficiências logísticas na circulação de produtos e a imprevidência energética só reforçam as incertezas dos investidores internacionais. E no cenário interno não é menor a preocupação; a redução na circulação de produtos encarece o seu custo, diminui a atividade e penaliza aqueles que precisam de emprego.

## A QUESTÃO MORAL E SOCIAL

Quanto vem custando para o país o futuro ainda incerto de tantas obras, abandonadas ou sob má conservação? Nós perguntamos.

E as políticas assistencialistas que condenam os humildes à dependência permanente, sem esperança de escape do mundo de pobreza?

## E PARA ONDE VAMOS?

Todos sabem que...

Sem ENERGIA nada se move, nada se cria, nada se produz.

Sem PETRÓLEO E GÁS NATURAL as pessoas e as riquezas não circulam.

Sem SANEAMENTO, a qualidade da água, os destinos inadequados do esgoto e do lixo comprometem a saúde das pessoas e aprofundam a pobreza.

A TELEFONIA deficiente reduz a comunicação entre pessoas, estados e países, segregados da aldeia global.

Ao final, os TRANSPORTES. Sem aeroportos eficientes, ferrovias e rodovias seguras, hidrovias e portos, as pessoas não circulam e a riqueza não é distribuída.

Com estas premissas, nós repetimos: para onde vamos?

## OS TRANSPORTES

Parece-nos desnecessário juntar mais críticas à situação das estradas, das ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos.

Sabe-se que muitos dos problemas ocorridos têm origem no desprezo pelo planejamento; pelo desconhecimento da logística; pela ig-

norância dos procedimentos básicos de recuperação e manutenção; ou ainda pela formulação e desenvolvimento de projetos incompletos, imprecisos; e até de parâmetros de carga de veículos, incompatíveis com o projeto da rodovia ou da ferrovia.

A questão é como reduzir em tempo o limite da falência do sistema de transportes, assegurando o crescimento econômico.

### **A ENERGIA**

É de conhecimento nacional e internacional que o país convive com um componente limitador no desenvolvimento industrial, a produção de energia.

Lições recentes nos ensinaram a importância de buscar soluções próprias; por imprevidência geramos dependência. Vamos pagar caro...

A questão é como agilizar ações que afastem a ameaça do caos energético e permitam a retomada do crescimento.

### **O SANEAMENTO BÁSICO**

Sem falar das implicações para o meio ambiente, sabe-se dos números e das consequências para a saúde daqueles que convivem com o problema da deficiência de saneamento básico.

A questão é determinar como reduzir este quadro à proporção aceitável, moral e socialmente.

### **A ÁGUA E O MEIO AMBIENTE**

Nossas cidades assistem ao aumento de resíduos de toda ordem, junto ao despreparo de tratá-los; as cidades pedem por maiores volumes de água, cada vez mais escassa e ameaçada de poluição nas suas fontes.

A questão é por que modo atacar este assunto, antecipando-se à adoção, em futuro não distante, de medidas restritivas de grave impacto ambiental.

### **A HABITAÇÃO**

Este tema tem sido tão frequente na mídia que a sua menção torna-se enfadonha. No entanto, esta dura realidade é a de milhões de brasileiros.

A questão é por quais mecanismos será viável retirar famílias de abrigos inadequados, para uma condição que lhes confira dignidade.

Para onde vamos?

Voltamos a perguntar.

## O DESAFIO

Não é mais possível a indiferença, ou a busca de encontrar culpados no debate estéril da polêmica.

A sociedade organizada está preocupada e vem produzindo diagnósticos do caminho perigoso por onde seguimos.

O momento é grave, com respeito não só às infraestruturas já mencionadas, como das pertinentes à saúde e à educação.

Sem embargo destas ações, é da maior relevância que os dirigentes políticos do país, incluindo dos Estados e municípios, avaliem a habilitação técnica dos seus indicados para ministérios ou secretarias de Estado.

Estamos cansados de ouvir que o Brasil, país em desenvolvimento, precisa de técnicos; onde estão as condições de colocação imediata para que os engenheiros e os arquitetos possam desenvolver o seu trabalho? Nós perguntamos.

Estamos igualmente cansados dos aventureiros agourentos, que acenam com as soluções fáceis, paternalistas, verdadeiros mercadores de ilusões.

As nossas empresas estão perecendo silenciosamente, pela força dos juros, da carga tributária, da legislação trabalhista, da burocracia e pelo câmbio perverso.

A administração por manchetes tem norteadado as ações de alguns homens públicos; a promoção tem sido mais importante que o produto; dar publicidade à intenção de realizar uma obra, não garante a sua concretização.

O governo federal tem a visão destes problemas fundamentais, e vem discutindo programas e projetos em diversas áreas críticas. Os governos estaduais e municipais igualmente. Temos exercitado a política da emergência.

Não há a prática da engenharia pelos nossos administradores. A grande maioria deles é despreparada, foi recrutada por interesses político partidários, e o aprendizado demora e custa muito.

Há lentidão no processo e concentração de atividades nos períodos eleitorais, o que eleva os custos e preço dos serviços.

As soluções precisam de extrema urgência, pois toda espera só retira do Brasil, e de nós brasileiros, o tempo que já não temos.

2007

### **À PROCURA DE UM PROJETO DE NAÇÃO**

Vamos acompanhar as manchetes que acabamos de receber dos mais acreditados jornais do país, dando conta que está em andamento um processo acelerado de desenvolvimento:

**“GOVERNO EFICIENTE FAZ OS JUROS DESPENCAREM”**

**“REFORMAS ESTRUTURAIS DERRUBAM O CUSTO BRASIL”**

**“DIRIGENTES PÚBLICOS SÃO ESCOLHIDOS POR SUA HABILITAÇÃO TÉCNICA”**

**“O GOVERNO DÁ INÍCIO A OBRAS, COM PROJETOS COMPLETOS DE ENGENHARIA”**

**“ESTRADAS, FERROVIAS, PORTOS E HIDROVIAS, EM CONSTRUÇÃO, VÃO DISTRIBUIR A RIQUEZA NACIONAL. ‘O BRASIL TEM CRESCIMENTO ASSEGURADO; ENERGIA SUSTENTADA UNE TÉCNICOS E AMBIENTALISTAS”**

**“AUTORIDADES RECONHECEM A HABITAÇÃO COMO UM DIREITO DOS HOMENS, INDEPENDENTE DA CLASSE SOCIAL A QUE PERTENÇAM”**

**“OBRAS DE SANEAMENTO BÁSICO REDUZEM A OCUPAÇÃO DE LEITOS HOSPITALARES”**

**“POLÍTICA E INVESTIMENTOS GARANTEM A QUALIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PAÍS”**

**“EMPREGO CRESCE, REDUZINDO A DEMANDA PELO BOLSA FAMÍLIA”**

Como vemos, nem tudo é o que parece. Nem tudo parece o que é. Segundo dados da ONU, o Brasil, que já foi campeão em crescimento, está na penúltima posição nas projeções do PIB em 2007, entre as 25 maiores economias emergentes.

Assistimos ao sucesso da Irlanda a partir dos anos setenta; a rápida integração da Espanha e de Portugal ao bloco europeu a partir dos oitenta. A transformação do Chile e a ultrapassagem do México dos anos noventa. E neste início do século XXI, assistimos ao contraste do fenômeno China e a perda de oportunidade representada pela expansão mundial.

Lamentavelmente, a realidade não se constrói por uma manchete jornalística. A notícia não garante a realização de uma obra.

E o silêncio é a manchete de hoje. Tampouco há notícia de que as realizações estejam silenciosamente acontecendo.

Percebe-se que durante o período eleitoral recente, vencedores e vencidos não tinham um projeto de nação para apresentar; um rumo claro para seguir, uma direção contrária para propor.

Nós escolhemos este momento decisivo, limiar de uma nova etapa, para afirmar que, fiel à sua história, o IEP não admite a posição de espectador passivo do processo, ou o caminho fácil da crítica vazia.

Somos 800 mil engenheiros no Brasil, 44 mil no Paraná!

Nós vamos fazer a nossa parte!

## **NA EDUCAÇÃO**

Os engenheiro e arquitetos entendem que tudo começa com a educação, por isso formalizamos, hoje, a Agência de Inovação da Engenharia do Paraná. A Engenova terá como objetivos sociais a promoção

do desenvolvimento econômico, científico, tecnológico, social e sustentável, e a preservação e conservação do meio ambiente.

Através da Engenova, o IEP desenvolverá parcerias com poder público e com entidades privadas, para estimular a inovação e o desenvolvimento tecnológico: estudos, pesquisas, serviços científicos e tecnológicos, cursos e outras ações complementares do estado.

### **NA RESPONSABILIDADE SOCIAL**

A sociedade organizada está preocupada e vem produzindo diagnósticos do caminho perigoso por onde seguimos. O momento que vivemos é grave!

O desequilíbrio social atinge uma parcela significativa de brasileiros e não pode ser combatido somente com medidas de cunho assistencialista; elas são necessárias, mas não suficientes para possibilitar o escape do mundo de pobreza.

Conscientes das nossas limitações, não admitimos a posição de meros espectadores do processo; o espírito solidário dos engenheiros e dos arquitetos do IEP vai estar presente em ações de responsabilidade social.

A equipe do IEP vai estruturar iniciativas, utilizando-se de instrumentos públicos e privados, com objetivo de atender às demandas da população. Estamos firmando convênios com Universidades, diretórios acadêmicos, com prefeituras do nosso estado e com a sociedade organizada para realizar ações práticas, tais como:

- Promoção continuada de difusão do Xadrez nas escolas, para desenvolver a capacidade de raciocínio dos nossos jovens.
- Reutilização das águas pluviais, nas escolas públicas e conjuntos habitacionais de baixa renda.
- Planejamento de atividades extracurriculares para jovens da população carente.
- Estruturação de programas habitacionais destinados à população de baixa renda, entre outras iniciativas.

## CENTRO DE EVENTOS DO IEP

Daremos continuidade à construção do centro de eventos do IEP. O mandato que se encerra ficou marcado pela aprovação do projeto e conclusão das fundações, graças ao apoio inestimável de colaboradores e empresas associadas.

Vamos buscar a conclusão desta obra que vai se constituir num marco, ponto de encontro da difusão de tecnologias, a serviço do bem comum.

A equipe está preparada para enfrentar o desafio: Somos 800 mil no Brasil, 44 mil no Paraná.

Por isso encarecemos às autoridades presentes: Quando solicitado por qualquer dos nossos diretores, abram as portas dos seus gabinetes, pois eles estarão levando assuntos de interesse do Brasil, e particularmente do nosso Estado do Paraná.

É preciso lembrar que “a esperança venceu o medo”.

Mais que um recurso de retórica, ou instrumento de “marketing” eleitoral, há muita verdade contida nesta asseveração.

Para engenheiros e arquitetos, o medo tem o significado dos obstáculos a serem vencidos, dos desafios a serem transpostos, e de uma etapa de um processo de transformação.

E são muitos os “medos”, que ainda fazem disparar os nossos corações.

- A falta de uma política clara e ágil para o campo, pois lá é que brota a nossa riqueza.

- A escassez de energia, pois sem ela nada se cria, nada se move, nada se produz.

- A insegurança do fornecimento de gás natural e fontes alternativas de energia, pois sem eles as pessoas e as riquezas não circulam.

- As deficiências de saneamento, a qualidade da água, os destinos inadequados do esgoto e do lixo vão continuar comprometendo a saúde das pessoas, e aprofundando a pobreza.

- A telefonia insuficiente, que reduz a comunicação entre as pessoas, estados e países, segregados da aldeia global.

- E o que dizer dos transportes; sem aeroportos eficientes, ferrovias e rodovias seguras, hidrovias e portos, as pessoas são impedidas de circular e a riqueza não é distribuída.

- E ao final, se nada do que está escrito for feito, comovamos proteger o meio ambiente que nos é tão caro?

Enfim, os desafios são enormes, e como levanta o poeta, “o oceano é imenso, e o nosso barco é tão pequeno.”

O que nos resta é a esperança, e é ela que move os homens do mundo.

Somos 800 mil engenheiros e arquitetos no Brasil, e 44 mil no Estado do Paraná.

Nós estamos aptos a dar respostas!

Um número expressivo de acadêmicos de engenharia e arquitetura compartilha conosco este momento.

Hoje eles representam parcela significativa dos nossos associados; são 537 sócios aspirantes, o que representa um crescimento de sete vezes nos últimos dois anos.

A sociedade que os espera no mundo real, de fora dos limites da universidade, anseia por seu trabalho.

Não apenas como instrumentos do “status quo” já estabelecido, mas com a esperança de que possam ajudar a modificar as estruturas arcaicas que nos dominam, e a construir uma nova realidade.

Um país nos aguarda, esperando que o transformem numa nação!

Onde os valores da ética são respeitados, as autoridades exercitam a autoridade em benefício do bem comum, lembrando o alerta de Brecht, que ensinava:

“Nós que queríamos preparar o terreno para a bondade, não podíamos ser bondosos. ”

Jamais esqueçam a importância da democracia e da liberdade. Pois só percebemos o seu valor quando a perdemos.

Na nação que caberá a nós todo construir não haverá lugar para aventureiros agourentos.

Acreditemos!

Há muito além da fanfarronice do señor Chávez;

Há muito além do poder imperial de Mr. Bush.  
A estes, a prece do poeta:

“Pai, afasta de mim este cálice.  
Pai, afasta de mim este cálice.  
Afasta de mim este cálice,  
De vinho tinto de sangue. ”

“A menos que Deus vele por nós, será inútil a vigília da sentinela.”

2007

## BILHETE DE NATAL



Prezado Papai Noel:

De início faço um alerta; cuidado com o buraco na camada de ozônio, que está aumentando em razão da fome de muitos, e da irresponsabilidade de alguns dos mais ricos.

Como o senhor sabe, nós, brasileiros, vivemos num país abençoado. Visto aí de cima, somos um paraíso. As nossas florestas ainda soam exuberantes, os rios são extensos que parecem alcançar o infinito; os campos estão coloridos pelas flores que se transformarão em alimentos

para o mundo, e povoados de aves, aqui e ali uma boiada, lá uma pocilga; mar para todos os lados.

Como o senhor vê, as cidades aqui são enormes, brilham as luzes à noite, e os automóveis, caminhões, ônibus e pessoas circulam freneticamente durante o dia. Grandes construções rodeiam as metrópoles, abrigando fábricas e indústrias.

É preciso que sejamos honestos com o senhor: ao se aproximar daqui, vai se defrontar com algumas dificuldades. Se vier pelo ar, vai enfrentar a burocracia dos aeroportos, e o rigor dos impostos sobre os presentes que transportar (não se assuste se pedirem uma taxa para liberar os pacotes); se vier pelo mar, prepare-se para enfrentar a fila no nosso porto; quando utilizar as estradas, cuidado com os buracos capazes de danificar o seu trenó – faz muito tempo que não é construída uma estrada decente neste país, e a manutenção das existentes é péssima; é verdade que o senhor poderá usar uma estrada pedagiada, mas desde já quero alertar que o pedágio não é barato. Os rios que rasgam o país ainda têm muitos peixes, mas embora largos e profundos, não são utilizados como meio de transporte, e a energia que são capazes de produzir está sendo desperdiçada, porque as pessoas que dizem cuidar do ambiente não se entendem com aquelas que dizem entender de tecnologia. Cuidado ao se aproximar das cidades, pelo rio ou por terra, pois o lixo e a poluição poderão afetar a sua saúde.

Confesso que convivemos aqui com muitos contrastes. O senhor será obrigado a compartilhar o espaço com poucos que têm muito e muitos que têm pouco, com o brilho das cidades e o risco de assalto nas esquinas, com pessoas educadas e sem a educação adequada, com saudáveis e enfermos.

Certamente em cada cidade o senhor encontrará pessoas pronunciando belos discursos e outros não tanto, verdadeiros mercadores de ilusões e soluções mágicas para os problemas de todo o dia.

Também é verdade que nem tudo aqui está comprometido, apesar da confusão que alguns têm feito, misturando o dinheiro público com interesses particulares. Continuamos produzindo muito nos campos, e

nossas indústrias são criativas, apesar da instabilidade e da insegurança para investir.

Enfim, Papai Noel, somos um país que vale a pena. E como cidadãos, temos alguns pedidos para fazer, pois embora tenhamos consciência de que a construção de uma nação se faz com advogados, sociólogos, médicos, operários, enfim, trabalhadores das mais diversas formações, a nós, engenheiros e arquitetos, está reservada a missão de multiplicar os empregos que o país tanto necessita.

Pedimos impostos mais justos, legislação trabalhista que estimule quem gera emprego, leis claras e duradouras e dirigentes preparados que tomem as decisões pelas quais são responsáveis.

Nós, com certeza, saberemos elaborar projetos completos, otimizando o traço e o custo; o ensino será adequado e de qualidade; as habitações serão dignas e as cidades mais justas; a riqueza será mais bem distribuída porque as estradas e as ferrovias serão de melhor qualidade e as distâncias serão encurtadas; a água e o lixo serão tratados; as pesquisas serão ampliadas, possibilitando a utilização das mais diversas fontes de energia, e é possível que até a política passe a ser uma atividade mais respeitada.

Ao país, engenheiros e arquitetos de presente. Eles saberão dar a resposta.

2007

## **BRASIL, O PESO DOS TRANSPORTES**

O Brasil tem sido tomado por falsos debates.

Privatização versus estatização; escola pública versus escola privada; pedágio público versus o pedágio privado; e até a possibilidade de uso de chapéu ou da bombacha na Câmara são alguns exemplos de debate perdido.

Em outra direção, intelectuais, empresários e governantes de ontem e de hoje, tomam o espaço da mídia para atribuir ao câmbio e aos juros escorchantes a culpa de todos os males da economia brasileira.

Parece simples – alerta a colunista Miriam Leitão – todos os problemas restariam resolvidos com uma canetada do Banco Central.

Enquanto isto, há quem defenda uma visão pessimista sobre a política brasileira. E é fácil ser pessimista no Brasil; as previsões negativas têm grandes possibilidades de se tornarem realidade. E as ineficiências do presente são sempre debitadas ao passado.

O espaço também é ocupado pelo enfoque ufanista. Pois é cômodo ser otimista no Brasil; pela abundância dos recursos naturais, o sol e a água para fertilizar o solo e produzir energia, o subsolo rico em minerais, entre outros produtos da natureza.

A questão principal resume-se a identificar neste mundo que ora parece girar à esquerda, ora à direita, qual o instrumento mais capaz e eficiente: público, privado, individual ou coletivo.

A questão é mais prática do que ideológica.

Após intensa reflexão, o IEP - Instituto de Engenharia do Paraná diversas entidades representativas de classe e conhecido órgão de comunicação, decidiram promover uma série de debates.

Nós preferimos percorrer o caminho da engenharia, para formar o ciclo IEP DEBATE. E está sendo difícil e perigosa a prática da engenharia no Brasil.

Os desafios são enormes, e começam pelo enfrentamento da burocracia, que exige 152 dias para abrir uma empresa no Brasil.

Segue-se a rigidez da legislação trabalhista que empurra boa parte dos trabalhadores para a atividade informal; o excesso de proteção os faz mais desprotegidos.

Depois somos obrigados a enfrentar 12 tipos de impostos, 20 contribuições e 32 taxas! E todo ano são criadas 10.000 normas tributárias, conforme assegura Gilberto Amaral do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário.

Somos também primários na questão logística. Um agricultor coloca a soja na porteira da fazenda por U\$ 105, e ele chega ao porto por U\$ 190. Nos Estados Unidos, sai de U\$ 180 para U\$ 210.

O custo do transporte por caminhão é até barato no Brasil, mas ele leva 25 toneladas, enquanto um trem pode levar 4.000 toneladas. E

apenas 23% da carga transportada vai por ferrovias: 59% vai por rodovia.

O resultado destes custos se reflete na elevação permanente do nosso passivo ambiental. Os benefícios do aumento da produtividade no campo se perdem pelo ralo da ineficiência dos nossos meios de transporte; aí precisamos produzir mais e avançar sobre as nossas reservas naturais, para obter o mesmo valor do produto.

A redução do custo Brasil reduziria a demanda por área plantada!

Para completar, recente estudo do jornal inglês *The Economist*, ao buscar explicações para este custo Brasil, acrescentou a violência e a educação (de governantes e governados) como talvez a grande falha brasileira.

Sabe-se que muitos dos problemas ocorridos têm origem no desprezo pelo planejamento; pelo desconhecimento da logística; pela ignorância dos procedimentos básicos de recuperação e manutenção; ou ainda pela formulação e desenvolvimento de projetos incompletos, imprecisos; e até de parâmetros de carga de veículos, incompatíveis com o projeto da rodovia ou da ferrovia.

Sem embargo destas ações, é da maior relevância que os dirigentes políticos do país, incluindo dos Estados e municípios, avaliem a habilitação técnica dos seus indicados para ministérios ou secretarias de Estado.

2007

## **CARÊNCIA POR MAIOR REPRESENTATIVIDADE**

As academias, representadas pelas universidades, desenvolvem o conhecimento, as associações e institutos representam as categorias profissionais. O sistema CONFEA/CREA e os sindicatos constituem-se nos órgãos reguladores e fiscalizadores das atividades profissionais.

As instituições conectadas ao sistema e aos sindicatos destacam-se pelo volume de arrecadação de recursos e dependência de órgãos governamentais, enquanto as universidades e as entidades associativas são

carentes de numerário e dependem do resultado de serviços e atividades prestados para o público.

Para garantir e ampliar a representatividade, seria fundamental a união ou reformulação das entidades em torno do interesse das categorias profissionais e de um projeto de nação. Desenvolvimento de serviços, educação e cultura, a prática de atividades de responsabilidade social, de pesquisa e tecnologia, e comunicação com a sociedade sobre a importância das ações da engenharia e da arquitetura, são iniciativas básicas destas entidades.

Os recursos arrecadados deveriam garantir a realização de promoções e realizações de interesse público e privado.

E as respostas a estes desafios estão no trabalho eficiente dos profissionais de engenharia e arquitetura do nosso país, como agentes do serviço público e das atividades privadas.

Esta direção buscaremos definir:

“A eficácia profissional em torno do poder, do lucro, do salário, do conhecimento acadêmico, depende do entendimento do espaço ocupado.”

“De qual ambiente viemos, onde estamos e para onde vamos, são questões que exigem reflexão.”

Carecemos de representatividade política!

2007

## **CENÁRIO BRASIL**

A ideia do encontro está em construir cenários que possibilitem o entendimento do estado e do país, porque vivemos numa Federação e se trata de uma obra de engenharia.

Cenários para serem compreendidos pelos que entendem de cada especialidade, para evitar alguns despreparados que têm ocupado cargos públicos. Se não alcançarmos tal objetivo, teremos ao menos abreviado o período de aprendizado, que tem custado tanto ao povo brasileiro.

Rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, aeroportos e sistema energético foram abordados e debatidos.

Dando sequência, buscamos o traçado de um cenário para o desenvolvimento e o meio ambiente.

2007

## ENERGIA É PODER

“Sem energia nada se cria, nada se move, nada se produz.”

A todo momento é exigido pelo menos um minuto de reflexão pelos brasileiros, vítimas da tragédia anunciada.

A hora e o momento presentes, não são aptas a que lancemos flores no espaço, e confete em falsos ídolos.

Nós utilizamos este momento decisivo, limiar de uma nova etapa, e apropriado para manifestar os nossos agradecimentos:

À RPC, Rede Paranaense de Comunicação, em especial à Gazeta do Povo, veículos que permitem que a voz da engenharia e da arquitetura alcance os ouvidos do povo brasileiro.

Aos representantes das mais diversas atividades geradoras de emprego e renda, e que dão consistência às nossas iniciativas.

Ao Senhor, pelas energias positivas que nos transformam em um país tomado pela esperança; pelos recursos naturais; pelo capital intelectual e pelo sentimento de necessidade urgente, de políticas públicas qualificadas.

E o Brasil, continua à procura de novas energias!

- O IEP tem destacado a força da infraestrutura como instrumento de geração e distribuição de riqueza e renda;

- Nós identificamos a importância da preservação ambiental no campo e nas cidades, em harmonia necessária com a preservação humana;

- Temos apontado sinais evidentes de carência educacional e do desenvolvimento científico e tecnológico.

E por isto, propomos aos cidadãos e cidadãs deste Brasil, a concentração na energia de transformações; movimento de mobilização em torno de interesses nacionais, que possibilita a inclusão do país no mundo competitivo.

Movimento que concentra energias na construção de um projeto de nação.

- Na linha de frente do público presente, perfilam-se os nossos palestrantes; os senhores representam exemplo a ser seguido. São cidadãos que participaram de desafios e realizações históricos.

- Enfim, o IEP convoca toda a sociedade brasileira! Aqueles que estão fora dos limites deste fórum de discussões e debates, para se envolver em torno dos interesses nacionais.

A classe política brasileira deverá reconstruir valores, buscar realizações no que fazem, e uma verdade naquilo que creem. Comunistas ou capitalistas; os da direita, da esquerda ou do centro; socialistas ou liberais - todos com os olhos voltados para o interesse do país.

Deve prevalecer a vontade de construir uma nação mais justa, através do desenvolvimento sustentável; pois a verdade não se constitui em monopólio público, nem tampouco privado.

2007

## **IMPORTÂNCIA DE AEROPORTOS FERROVIAS E HIDROVIAS**

2 de outubro de 1911 foi o dia que marcou o início da aviação no Brasil. O ano de 1927 no entanto foi quando a aviação brasileira teve início de atividades. A primeira empresa brasileira a transportar passageiros foi a CONDOR SINDIKAT, posteriormente batizada por viação aérea CRUZEIRO DO SUL. Em junho do mesmo ano era fundada a Viação aérea Rio Grandense, a VARIG. Já em 1929, surgia a PANAIR DO BRASIL. Finalmente em 1933, um ciclo histórico se completava pela iniciativa de 72 empresários paulistas de criar a VASP – Viação aérea São Paulo.

1960, o país tinha a maior rede comercial do mundo, em volume de tráfego, depois dos Estados Unidos. Nosso mercado era disputado por 16 empresas aéreas. As diversas crises econômicas e o estímulo do governo federal às fusões de empresas reduziram aquele número para quatro grandes empresas comerciais (VARIG, VASP, TRANSBRA-

SIL E CRUZEIRO). Em seguida a VARIG absorveu a CRUZEIRO, e a TRANSBRASIL e a VASP sucumbiram diante de crise financeira.

Neste princípio do século XXI assistimos o esvaziamento da VARIG e o surgimento da TAM, da GOL e mais recentemente da BRA, que tão logo surgiu, sumiu...

A redução de participantes, e o aumento do fluxo de pessoas e produtos, tem penalizado os usuários. O sistema perdeu eficiência, liberdade de movimentos, segurança; aumentando os reflexos nocivos à economia do país, no transporte de mercadorias de alto valor agregado e de mercadorias perecíveis, além de produtos de alta tecnologia. A engenharia precisa estar presente nas obras de infraestrutura dos aeroportos, na construção, na manutenção e no gerenciamento.

Os governantes deverão ter conhecimento da logística do sistema, criando estímulos à elevação do número de empresas participantes e nomeando dirigentes aptos às demandas do setor.

## FERROVIAS

As ferrovias brasileiras, que começaram a ser construídas em meados do século XIX, possuem 30.223 quilômetros de linhas de tráfego. A maioria pertencia à Rede Ferroviária Federal S. A. (22.069 quilômetros), a segunda maior expansão pertencia ao Estado de São Paulo.

A partir de 1996 as ferrovias começaram a ser privatizadas, tendo o processo sido praticamente concluído em 1997. Faltava apenas privatizar a ferrovia Norte-Sul, que ligará a região Norte ao Centro do País. A sua passagem para a iniciativa privada está prevista para este ano, é o que diziam. Operam predominantemente no transporte de cargas.

O transporte de passageiros, em longos percursos em ferrovias, praticamente inexistente no Brasil. As linhas de passageiros limitam-se aos subúrbios dos grandes centros urbanos.

Dos mais de 30 mil quilômetros de ferrovias brasileiras, 24.700 foram construídos em bitola de 1,00 metro. Para os restantes 5.290 quilômetros predomina a bitola de 1,60 metro. Essa diferença não impede, mas dificulta o tráfego integrado entre os diferentes trechos ferroviários. Apesar da extensão territorial do espaço brasileiro, o investimento em

ferrovias tem sido extremamente limitado. A realidade dos nossos dias ensina que a malha ferroviária brasileira é pequena e obsoleta. Os serviços de passageiros praticamente acabaram. Diante destes fatos coloca-se à sociedade brasileira e em especial a paranaense, a participação dos cidadãos que já vivenciaram ações na infraestrutura brasileira, transferindo conhecimentos, ensinando como suprir deficiências nas áreas da logística, de gestão estratégica e planejamento.

## PORTOS

Entre os países do mundo, o Brasil se destaca por sua extensão territorial,

8.511.965 Km<sup>2</sup>. A área litorânea descortina o oceano Atlântico posicionando praias e portos para atender as demandas nacionais e do mundo - são 9.198 km; e o interior do território é percolado por imensas bacias hidrográficas, que facilitam o acesso e o transporte.

Há duzentos anos esses traços já eram conhecidos. Naquela época, Napoleão Bonaparte expandia seus domínios pela Europa, e ameaçava Portugal. A família real portuguesa acompanhada da corte, e financiada pelo império inglês, deslocou-se em fuga para o Brasil.

Aqui chegando em 1808, D. João VI tomou duas medidas estratégicas, logísticas para os interesses portugueses e para a parte do mundo parceira de Portugal: emitiu uma carta régia abrindo os portos brasileiros para o mundo.

Extinguiu o monopólio português sobre os portos brasileiros. Dois séculos são passados!

Em nossos dias mantemos a extensão territorial, mas a população do país e do mundo se multiplicou. O relacionamento entre nações se tornou mais complexo, mais rápido nas demandas, exigindo gestão mais eficiente dos administradores. A tecnologia de operação e gestão das instalações portuárias tomou conta do mundo.

Num período de 10 anos, 87 terminais privados foram implantados no Brasil.

Foram realizadas reformas que geraram uma boa organização das instituições públicas. E acontece uma contínua busca pela criação de vários

sistemas tecnológicos funcionais objetivando a melhora do tráfego portuário, através da integração de todas as entidades responsáveis pelo tráfego marítimo, buscando aumentar a produtividade dos portos sem abrir mão da segurança, monitorar o cumprimento de normas, para garantir a competitividade dos portos na rede de comércio portuário internacional.

Mas no Brasil a tecnologia tem se desenvolvido lentamente. Dados demonstram que os nossos portos carecem de gestão adequada que possibilite calado suficiente para os navios, leitos e instrumentação inadequados para atender o volume de circulação de produtos.

### **HIDROVIAS**

As hidrovias brasileiras ainda são subaproveitadas, a navegação de cabotagem é muito pouco explorada sendo que o problema maior são os portos.

Dos mais de 220 portos brasileiros, poucos têm condições de pleno atendimento à demanda do comércio exterior. A grande maioria tem pouca profundidade para que os navios modernos possam aportar, ainda sofrem com automação insuficiente, problemas de relacionamento com órgãos reguladores, escassez dos recursos, entraves financeiros, paralisação de dragagens por falta de autorizações ambientais, ausência de projetos executivos detalhados.

É preciso obras de dragagem para tornar os portos viáveis. São poucos os portos brasileiros que hoje podem se incluir na grande rede mundial de comércio marítimo, como os portos de Itajaí (SC), Paranguá (PR), Santos (SP), Itaguaí ou Sepetiba (RJ), Tubarão (ES), Rio de Janeiro (RJ), Suape (PE), Itaqui (MA) e Itacoatiara (MA).

Estratégia e logística não são privilégios imperiais, e os engenheiros compartilham a capacidade de aplicação eficiente.

2007

## **JUNTANDO OS CACOS**

### **CENÁRIO**

O ideograma japonês que traduz a palavra crise tem o significado de oportunidade. Oportunidade de recomeçar, redescobrir soluções e alternativas não pensadas.

E então um governo desmontou, mas não caiu; ainda bem. Certamente vai se iniciar um espetáculo de acusações e defesas, circunscritas ao parlamento, à esfera judicial e até policial. Para nós, cidadãos, está reservada para este momento a condição de atentos espectadores conscientes de que não se pode governar sob a perspectiva de uma delegacia de polícia. Vivemos a oportunidade de um recomeço.

É chegada a hora de repensar procedimentos, refletindo e buscando respostas. Para onde vamos? É a pergunta que angustia os brasileiros.

2007

## **SENADO, A CAIXA DE SEGREDOS**

Preservar as instituições é cautela e dever de quem quer preservar a democracia; operações em segredo comprometem as instituições e a democracia. O voto consciente e esclarecido é o único instrumento para depurar este ambiente.

2008

## **A ENGENHARIA MUDOU O MUNDO**

Resumo:

Reflexões sobre os momentos de encontro da prática da engenharia com o bem comum da sociedade.

Mudança – Engenharia – Mundo

A engenharia mudou o mundo desenvolvendo inovações tecnológicas para melhor aproveitamento dos recursos naturais. Quase a totalidade das invenções produzidas pela humanidade tiveram a participação da engenharia. Vamos observar a seguir o resultado de um dos “rankings” propostos pela Revista Hype Science:

“Aqui foram escolhidas algumas das invenções que pensamos serem as que influenciaram mais profundamente a vida humana, começando pela menos, até a mais importante. Sinta-se livre em ampliar a lista ou conversar sobre nossas escolhas.

## 10 - ENCANAMENTO MODERNO

A habilidade de remover os dejetos e levar água limpa a locais com grandes densidades populacionais é o que torna a cidade moderna possível. Sem isso, obviamente, ainda teríamos cidades, mas não estas que conhecemos. Um prédio alto seria impossível sem banheiros ou encanamento. Removendo os prédios de apartamentos ou de escritórios do cenário, os densos centros urbanos do mundo teriam uma aparência e dinâmica muito diferentes, pois as implicações ocorreriam em cascata.

Outro aspecto importantíssimo é a saúde: Saneamento básico tem esse nome porque é fundamental para centros urbanos de qualquer tamanho, evitando a disseminação de doenças que aparecem concentradas nas fezes humanas e podem contaminar reservatórios, poços de água ou lençóis freáticos.

## 9 - PRENSA MÓVEL

A prensa móvel foi a primeira dos muitos meios de comunicação em massa mudando fundamentalmente a maneira de a informação ser coletada, armazenada, recuperada, descoberta e promovida. Teve implicações importantes na Reforma, Renascença e Revolução científica.

Johannes Gutenberg foi o inventor da primeira prensa móvel do ocidente, na Europa. Prensas para fazer azeite de oliva e vinho eram conhecidas na Europa desde os tempos de o Império Romano e prensas para “encadernar” livros manuscritos também já eram utilizadas.

Gutenberg foi o primeiro que converteu o conceito para a impressão de textos e seu processo protoindustrial de produção de impressões era muitas vezes mais eficiente e confiável comparado aos manuscritos feitos por copistas.

## 8 - AUTOMÓVEL

O primeiro veículo auto propelido para as ruas foi inventado em 1769 pelo mecânico francês Nicolas Joseph Cugnot. No entanto era um modelo movido à vapor. Em 1885, Karl Benz desenvolveu o primeiro automóvel prático movido por motor de combustão interna. Em 1885, Gottlieb Daimler pegou a ideia do motor de combustão interna e deu um passo adiante, patenteando o que é conhecido hoje como o protótipo do motor moderno movido à gasolina e, em seguida, construiu o primeiro veículo de quatro rodas motorizado.

## 7 - PESTICIDAS

Desde antes de 2500 AC os humanos utilizam pesticidas para prevenir danos nas suas plantações. O primeiro pesticida conhecido era um pó primário de enxofre utilizado na Suméria há aproximadamente 4500 anos atrás. No século 15 eram aplicados elementos tóxicos como o arsênico, mercúrio e chumbo às plantações para matar os parasitas.

Em 1939, Paul Müller descobriu que o DDT era um inseticida bastante eficiente. Rapidamente tornou-se o pesticida mais utilizado no mundo até que, na década de 1960, descobriu-se que ele estava causando um grande efeito negativo na biodiversidade de alguns pássaros. Desde a década de 1950 o consumo de pesticidas foi aumentado em mais de 50%, com 2,5 milhões de toneladas de pesticida industrial sendo utilizados todos os anos.

É preciso manter e estimular os mecanismos de controle!

## 6 - MOTOR À VAPOR

Thomas Savery foi o militar inglês que inventou e patenteou, em 1698, o primeiro rude modelo de motor à vapor. Thomas Newcomen inventou o motor à vapor atmosférico em 1712 e a versão de

James Watt liderou a Revolução Industrial. Sua regulador centrífuga permitia que o motor rodasse na taxa desejada e é uma modificação tão simples e elegante que pode ter sido umas das melhores ideias de todos os tempos.

## 5 - COMPUTADORES

Charles Babbage, em 1837, foi o primeiro a conceitualizar e desenhar um computador mecânico totalmente programável chamado de “O motor analítico”. Devido a suas finanças limitadas e inabilidade de efetuar melhoramentos no design Charles nunca construiu a máquina. Computadores automatizados de processamento de dados com cartões perfurados em grande escala foram utilizadas no censo dos EUA em 1890. Elas foram criadas por Herman Hollerith e fabricadas pela empresa Computing Tabulating Recording Corporation que em seguida tornou-se a IBM.

## 4 - TRANSISTORES

O transistor é o bloco fundamental dos circuitos que governam a operação de computadores, telefones celulares e todos os outros eletrônicos atuais. Em 16/12/1947, William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain tiveram sucesso ao montar o primeiro transistor prático de ponto de contato nos laboratórios da Bell, fabricante de dispositivos de comunicação e atual Alcatel-Lucent. Este trabalho foi a sequência de esforços para produzir equipamentos de radar com micro-ondas.

## 3 - PLÁSTICO

Em química e tecnologia, os plásticos são materiais de polímeros orgânicos sintéticos ou naturais que podem de adaptar-se à distintas formas, facilmente transformável mediante o emprego de calor e pressão, e que serve de matéria-prima para a fabricação de muitos produtos.

A matéria-prima da grande maioria dos plásticos é o petróleo, mas já existem alternativas de polímeros que impactam menos no meio ambiente derivados do milho, por exemplo.

O primeiro método de síntese viável e barato foi criado por Leo Hendrik Baekeland em 1909. Subsequentemente muitos outros tipos de plásticos foram inventados como o vinil, poliéster, acrílico, silicone, polietileno, poliuretanos, etc. Todos com grande sucesso comercial. Em realidade é quase impossível olhar para um ponto da sua própria moradia onde não exista algum produto que contenha algum tipo de plástico, tornando-o um item onipresente na vida contemporânea.

## 2 - ELETRICIDADE COLETÁVEL

A eletricidade sempre esteve à nossa volta, mas os sistemas de dispositivos necessários para gerá-la e distribuí-la para edificações individuais foi uma invenção lançada inicialmente por Thomas Edison. Ele efetivamente transformou a eletricidade em um bem vendável e a Pearl Street, onde morava, foi a primeira estação de força do mundo.

A tecnologia da corrente alternada criada por Nikola Tesla tornou possível transmitir eletricidade a grandes distâncias, permitindo a criação de redes elétricas nacionais como as conhecidas hoje em dia.

## 1 - VACINAS E ANTIBIÓTICOS

Doenças infecciosas poderiam ter dizimado a humanidade há três séculos, quando a peste negra se disseminou em 1347 e acabou com quase metade da Europa em apenas dois anos. Bem mais tarde e também em menos de dois anos, em 1918, a Gripe Espanhola acabou com aproximadamente 75 milhões de vidas e varíola com 500 milhões, apenas no século 20. No final do século 19 a maior causa de óbitos no ocidente ocorria através da tuberculose.

Alguns pensam que os anciãos eram reverenciados porque poucos viviam até a velhice nas épocas passadas. Agora é comum viver além dos de 70 anos e as causas principais de óbito nos países desenvolvidos não estão ligadas a doenças causadas por micróbios.”<sup>8</sup>

Como sabemos, a evolução das técnicas aconteceu por ciclos adequando-se à realidade predominante em cada momento da história

---

8 Revista Hype Science.

humana; ao ciclo da terra agrícola seguia-se o da indústria. No Brasil, destacaram-se o período da borracha, do café e do princípio de processo industrial baseado na matriz energética hidrológica.

Hoje um novo ciclo desponta: do conhecimento! A mudança de agora se processa a altíssima velocidade, quase instantaneamente! As inovações se sucedem muitas vezes descartando alterações produzidas em segundos. O passado e o presente se projetam no futuro, ainda que muitas vezes desconhecido.

Pois bem, se a engenharia mudou o mundo, o mundo também mudou a engenharia! Até há bem pouco tempo, previa-se que a capacidade de carga da Terra seria de 2 bilhões de seres humanos, ou seja, esta seria a quantidade de pessoas que nosso planeta teria condições de manter. Hoje, somos mais de 7 bilhões!

As demandas aumentaram vertiginosamente, exigindo e cobrando novos desafios para a sociedade, que os remetia para profissionais das mais diversas especialidades. Os engenheiros estavam entre os mais requisitados. Dados oficiais indicam que a engenharia apresenta, hoje, 258 nomenclaturas diferentes. À civil, mecânica, química e outras tantas, somaram-se a engenharia ambiental, de segurança, de alimentos, de produção e outras mais.

A diversidade de rumos e a sua complexidade demandaram muito planejamento e gestão; ouvir e dar respostas às demandas da sociedade passou a ser palavra de ordem. A necessidade de planejar se impôs à prática de projetar.

Todos sonhamos com um projeto de vida. Desde o cidadão mais humilde até o empreendedor bem-sucedido. Aqueles que já o têm param ao longo do percurso para refletir sobre a necessidade de corrigir rumos.

Já o sonho coletivo é o projeto de vida de um país. Projeto que reúne forças da vontade individual e da sociedade, em torno de metas comuns.

Temos um projeto claro do país que precisamos? Se a resposta for afirmativa, ainda remanescem questões de método e gestão. Nestes tempos confusos que o país tenta atravessar, o projeto está indefinido para a maioria da população que tem dificuldade para compreender a

deficiência na qualidade de valores de quem dirige, misturando a moeda pública com o interesse privado ou, vice-versa.

Para entender o processo, o cidadão comum precisa estabelecer a relação entre a obra e o voto; este último, a única força à disposição de todos que vivem um processo democrático. Na cabeça dos engenheiros, a definição do voto deve depender do instrumento de avaliação dos projetos apresentados pelos candidatos, é o chamado estudo de viabilidade. A obra prometida não vai acontecer se o estudo de viabilidade não for sério e competente.

A engenharia está familiarizada com dados estatísticos; entretanto, nem só de números vivem os engenheiros. Visualizar o todo pela integração entre as partes é uma tarefa cotidiana para eles, acostumados a trilhar os caminhos do planejamento até que a obra aconteça. Hoje se discute os percalços das obras da copa do mundo realizada no Brasil, o apagão e a falta de infraestrutura: “ontem”, no lançamento da ideia dos eventos não se constatou a presença de um único engenheiro.

Todo projeto começa pela elaboração de um plano de negócios, que se constitui em procedimentos que irão garantir a sua realização. É o caderno que antecipa a história da obra a ser executada. No primeiro capítulo deste caderno vamos propor os dados de apresentação do objeto do projeto. Como o presente caso refere-se ao país, devem constar os dados da extensão territorial, densidade populacional, distribuição de renda, produto nacional bruto, recursos naturais disponíveis, capacidade instalada das indústrias, do comércio e de serviço, dentre outros.

Na sequência será definido o conceito do projeto a ser proposto. Procedimentos e instrumentos a serem utilizados para o atendimento dos anseios das pessoas e do mercado deverão ser bem explicitados: definição de política cultural, de harmonização com o meio ambiente, padrões éticos, obras estratégicas, políticas de atendimento aos mais carentes, educação de qualidade, e outras tantas. A pesquisa de mercado identificará os desejos e possibilidades do consumidor, estabelecendo o tamanho possível e desejável das ações econômicas, sociais e administrativas. Prospectará a motivação das pessoas, das empresas, dos políticos e dos organismos financiadores para participação nas propos-

tas para o país conceituado. Com os recursos disponíveis indicados na apresentação, o conceito definido, e a pesquisa de mercado concluída, é dado início à elaboração dos projetos.

É a ideia desenhada, o traço que delimita e expande o espaço. E os projetos complementares, que definirão políticas setoriais nas áreas críticas da saúde, habitação, educação, transporte, energia etc.

Concluídos os projetos, passamos à elaboração das especificações que determinam o custo da obra projetada, através do caderno de orçamentos.

O cronograma definirá quando cada etapa do orçamento será executada, e qual o capital necessário no tempo, para a sua realização.

Com estes dados à mão, elaboramos o estudo de viabilidade, co- tejando o capital necessário no tempo com a capacidade do projeto de gerar riqueza, e calculamos a taxa interna de retorno do capital investido: parâmetro que determina a viabilidade do projeto proposto, ou a necessidade de corrigir rumos.

Este é um instrumento de avaliação do conceito adotado, da ideia gerada e dos custos frente aos desejos e possibilidades da população. Somente depois de constatada a viabilidade do projeto, em que deverão constar claramente as respostas às questões sobre “o que fazer”, “como fazer” e “a que custo”, poderá ser dado início ao esforço de venda (dos candidatos) ou marketing, que estabelecerá a forma e os veículos a serem utilizados para tornar o produto e suas qualidades, conhecido e atraente (para o eleitor).

Por fim, resta um longo caminho a ser percorrido na administração e gerenciamento da obra. Racionalização de custos, manutenção da qualidade, aumento de produtividade, cumprimento de prazos, deverão estar presentes em todos os momentos, para evitar penalidades na próxima eleição.

Em caráter complementar, recomenda-se cautela na avaliação dos resultados, pois em que pese o cumprimento de todas as etapas técnicas, o sucesso do empreendimento não estará garantido. Dependerá da vontade das pessoas, muitas vezes movidas pela paixão e pela emoção.

Este é o cenário que, na visão do engenheiro, auxilia a definição de um voto de qualidade.

O evento eleitoral recente no Brasil não seguiu este roteiro; nenhum projeto para o país foi apresentado com clareza; métodos e gestão equivocados, até então aplicados, mudaram de lado somente após o encerramento do processo eleitoral; Passadena, Abreu Lima e outras obras mais, demonstraram não terem sido submetidas a estudos técnicos de viabilidade econômica. A boa engenharia não se fez presente.

Por mudanças, o mundo tem pressa. E o Brasil precisa apertar o passo para não ser atropelado pelo mundo sem engenharia.

“Sem ENERGIA nada se move, nada se cria, nada se produz.” Num mundo sem engenharia, não haveria produção de energia. A força das águas se dissiparia no curso das corredeiras, não existiriam barragens para acumulação de forças. O petróleo e o gás seriam abundantes, armazenados no subsolo pela demanda inexistente. O vento sopraria livre e continuamente, e a energia térmica não seria produzida.

“Sem aeroportos eficientes, ferrovias e rodovias seguras, hidrovias e portos, as pessoas não circulam e a riqueza não é distribuída”.

Neste mundo sem engenharia, os transportes seriam desnecessários. Não existiriam automóveis e ônibus para transportar pessoas, nem caminhões e trens para distribuir a produção que não ocorreria.

Deslizando pela superfície das águas dos rios, encontraríamos somente canoas, e os portos seriam cidades abandonadas, pois não haveria o que exportar.

Projetos, estudos de viabilidade, cronogramas e orçamentos seriam matérias inúteis, remetidas para consulta em alguma biblioteca.

“A telefonia deficiente reduz a comunicação entre as pessoas, estados e países, segregados da aldeia global”.

Neste suposto planeta sem engenharia, a palavra seria o único veículo de comunicação. O conhecimento e a informação seriam medidos no tempo: em meses, anos, séculos. Não existiriam ondas, imagem televisiva, internet.

“Sem saneamento, a qualidade da água e o destino inadequado do esgoto e do lixo comprometem a saúde das pessoas e aprofundam a po-

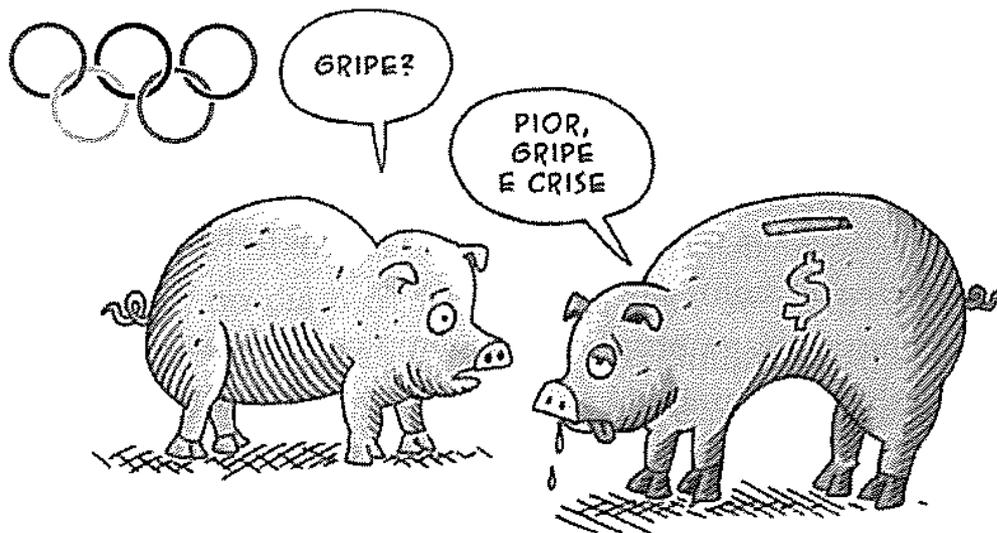
breza”. Sem a engenharia, não haveria distribuição de água e nem coleta de esgoto e do lixo; logo, este lixo seria acumulado em tal quantidade que as pessoas precisariam se acostumar a conviver com ele.

Sem engenharia não haveria projetos, e a arquitetura seria, portanto, uma atividade inútil. As casas se limitariam a dar abrigo e as grandes extensões de terra seriam ocupadas, pois não existiriam edifícios.

A educação, como estímulo ao conhecimento e à informação, não existiria no mundo sem a engenharia. As pessoas existiriam para, simplesmente, sobreviver.

É com a engenharia sem fim que vamos construir um mundo novo!

## 2008 A GRIPE OLÍMPICA



↳ I M A N C A

Fonte: Google - Simanca

Obrigado Rio de Janeiro!

Por oferecer ao brasileiro a oportunidade de se livrar do complexo de vira-lata identificado por Nelson Rodrigues na década de cinquenta.

É, sim, uma cidade maravilhosa, com uma história rica, abençoada por Deus com os bens da natureza e ocupada pelo povo alegre e cordial. É a mais bela das referências brasileiras.

A bela e velha senhora expôs a sua imagem, e despertou o ciúme de outras paragens, daqui e do exterior, esquecidas de cicatrizes que também marcaram tempos sombrios; a explosão de parte dos metrô de Londres e Madri e a vulnerabilidade americana durante o 11 de setembro.

Há muitos tipos de vírus que se abatem sobre a humanidade, até então um privilégio dos países pobres, hoje, originários também dos mais ricos; entre os mais recentes lembramos da “vaca-louca”, e da “gripe suína”. Além daqueles que afetam a saúde pública, encontramos os que danificam o tecido social, comprometendo a qualidade de vida das pessoas. É o vírus marginal. Manifesta-se nas sombras, mas se introduz sorrateiramente na comunidade organizada. É o mundo do crime, do narcotráfico e da desigualdade social.

É um mundo que se desenvolve pela força da corrupção e da incompetência.

Dentro deste quadro de diagnóstico conhecido, mas pouco enfrentado, qual o tratamento recomendado para superá-lo, e livrar a capital olímpica do Brasil? Deve-se começar por medidas de caráter permanente e por isto de longo prazo na segurança pública. É uma guerra sem fim.

Existem outros remédios de efeito imediato, reduzir a corrupção e a incompetência; como fazê-lo é a questão.

Para resguardar a nossa capital olímpica, é preciso que os organizadores se apressem, pois até então suas ações se limitaram a formatação da ideia do evento, é preciso reconhecer, bem concebida.

O que falta, e muito, é levantar e trabalhar dados, pesquisar onde como e o que fazer; desenvolver projetos na Barra da Tijuca utilizando a infraestrutura já implantada ou/e produzir transformações urbanas que a cidade do Rio tanto carece. Estudos logísticos de mobilidade urbana e planejamento com a fixação de metas a serem atingidas, e a que custo. São atitudes que representam o tratamento adequado para eliminar o vírus da gripe.

Os doutores especializados não estavam presentes em nenhuma das fotos de comemoração da ideia vitoriosa; nem engenheiros, tampouco arquitetos e urbanistas.

Sem eles, o doente fica mais debilitado.

2008

## FUTEBOL & ADMINISTRAÇÃO

### Segundo tempo

O presidente tinha razão!

Não há no Brasil, imagem que traduza com maior precisão o sentimento nacional, que a futebolística.

Durante a semana que antecede o jogo, a imprensa movimentava as atenções, cria fatos e desmentidos, mas o que ao final predomina é a máxima de que “treino é treino, jogo é jogo”.

E o jogo em questão é feito em duas partes; o primeiro e o segundo tempo.

Dizem os entendidos, e o Brasil tem 180 milhões deles, que o primeiro período é reservado aos estudos do adversário. É um tempo de cautela, por isso recomenda o técnico; “defender em bloco e atacar em leque”.

No segundo tempo a cautela é substituída pela ousadia, pelo menos para aqueles que jogam para vencer. A prudência recomenda continuar cuidando da defesa, mas atacar ora pela direita, ora pela esquerda, e utilizar o centro para decidir; em outras palavras, a ordem é “atacar pelas pontas”.

Pois bem, no dia 6 de fevereiro de 2007 se encerra o primeiro tempo do nosso mandato na direção do IEP. Durante o período, aprendemos muito e procuramos preparar a equipe para os novos desafios; renovamos corações e mentes. Jogamos para o time, mas não esquecemos a torcida; procuramos demonstrar personalidade e opinião. Estabelecemos metas e cuidamos de construir pontes para alcançá-las. Identificamos os adversários; burocracia, impostos extorsivos, legislação instável ou obsoleta, corrupção, avareza, mas principalmente, a falta de um projeto para a nação.

Começa agora o segundo tempo!

Novos personagens se agregaram à equipe, e as posições foram redistribuídas. Estamos preparados para a ofensiva. O IEP vai fazer a sua parte.

Vamos investir pela esquerda, pois é com a educação que começa uma revolução.

Estamos criando a Agência de Inovação na Engenharia, a ENGENOVA, para ampliar as nossas ações educacionais, com foco específico em pesquisa e tecnologia.

Pela direita já realizamos um bom trabalho no primeiro tempo, a aprovação do projeto da construção do CENTRO DE EVENTOS DO IEP, e a conclusão das fundações, com a ajuda inestimável de colaboradores e empresas associadas. Vamos buscar a conclusão desta obra que vai se constituir num marco, ponto de encontro da difusão da tecnologia, a serviço do bem comum.

Pelo centro vamos compartilhar com a torcida o resultado do trabalho; utilizando ações de responsabilidade social. A equipe do IEP vai estruturar iniciativas, utilizando-se de instrumentos públicos e privados, com objetivo de atender demandas da população; reutilização de águas pluviais, planejar atividades extracurriculares para jovens da população carente, estruturação de programas habitacionais destinados à população de baixa renda, entre outros.

Não pretendemos descuidar da defesa, pois sabemos que o “futebol é uma caixa de surpresas”. Novas promoções para ampliação do quadro associativo estão por vir, e a administração financeira continuará conservadora para que a credibilidade da nossa instituição, construída ao longo dos seus 80 anos de história, esteja garantida.

Um último lembrete às razões do Presidente, a intenção de fazer não garante a realização; mas a humildade, o trabalho e a determinação.

Nós sabemos que “o jogo só termina aos 90 minutos!”

2008

## **INTERVENÇÃO PELO VOTO**

Definição do voto.

A definição do voto deve depender do instrumento de avaliação dos projetos apresentados pelos candidatos, é o chamado estudo de viabilidade. A obra prometida não vai acontecer se o estudo de viabilidade não for sério e competente. A engenharia está familiarizada com dados

estatísticos; entretanto, nem só de números vivem os engenheiros. Visualizar o todo pela integração entre as partes é uma tarefa cotidiana para os engenheiros, acostumados a trilhar os caminhos do planejamento até que a obra aconteça.

2008

## **DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE**

Qual a relação entre o desenvolvimento urbano e o meio ambiente? É uma das questões levantadas em debates realizados pelo IEP.

Passados cinco meses do debate inicial, nós concluimos que o ambiente está presente em todos os cenários colocados em discussão. E não poderia ser diferente, pois todas as atividades desenvolvidas pelo homem ocorrem no espaço do meio ambiente, utilizando recursos disponibilizados pela natureza e a capacidade de trabalho e conhecimento dos seres humanos.

A estrutura dos transportes – rodoviário, ferroviário, hidroviário e aéreo – e os processos de geração e distribuição de energia são instrumentos imprescindíveis de promoção do desenvolvimento econômico e social.

O cenário Brasil destes setores apresenta imagens deprimentes; estradas esburacadas, ferrovias insuficientes, aerovias congestionadas, e a energia ameaçada.

Os reflexos destes cenários convergem para o meio urbano, representados pelas cidades inchadas pela mobilidade da população. Nos últimos cinquenta anos, as estatísticas demonstraram uma vertiginosa inversão de números; os campos, que até então eram ocupados por 2/3 da população, passam hoje a abrigar menos de 1/3.

A inversão se deu por razões diversas, políticas ou econômicas.

Os impactos deste fenômeno refletiram na administração das cidades, apresentando desafios emergenciais nos serviços prestados para os cidadãos, especialmente na área de saúde.

Em muitas das cidades brasileiras, a ausência de políticas urbanas eficientes determinou a ocupação inadequada do solo urbano e o despejo do lixo produzido no município, nos rios que correm diversas regiões do estado.

As cidades ribeirinhas serão afetadas, e a saúde dos seus moradores será atingida pelas mais diversas doenças; o que demandará a necessidade de tratamento nos grandes centros urbanos.

Está criado um círculo vicioso.

A harmonização dos meios urbano e ambiental é medida capaz de rompê-lo.

Reconhecendo que Curitiba não é uma cidade perfeita, mas tem sido tomada como exemplo para muitas cidades brasileiras, no entendimento do IEP, esta posição decorre da sua história em termos de planejamento urbano; marcada pelo cumprimento contínuo de um plano diretor traçado há décadas. A sucessão de prefeitos de correntes políticas diversas não alterou os rumos estabelecidos.

Para testemunhar estes fatos e as ações realizadas, o IEP convidou para participar do evento “desenvolvimento urbano e meio ambiente”, todos os prefeitos que dirigiram esta cidade. Beto Richa, Ivo Arzua Pereira e Rafael Greca atenderam ao nosso convite.

Colocaram em destaque a importância da integração de medidas políticas, econômicas, sociais e ambientais para elevar o nível de qualidade de vida da população.

Certamente, é uma postura que garante um círculo virtuoso.

2008

## **LIMITES DE PODER**

A questão é o que podemos fazer para impor limites a este e outros sistemas de poder.

Não existe solução rígida e perfeita, mesmo porque as pessoas mudam quando no exercício de uma função. Multiplicar a geração de

líderes com visão de conjunto, me parece o único caminho para dificultar a manipulação.

No lado do cidadão comum como nós, é preciso voltar a acreditar no Brasil. Os problemas que enfrentamos não são de nossa exclusividade.

Parece ingenuidade, não é?

Já percorremos outros caminhos, que nos ensinaram o destino: ditadura de poucos e populismo de manipulação.

2008

## MINISTÉRIO ESPERANDO GODOT

Esperando Godot: Obra-prima do dramaturgo, romancista e poeta irlandês Samuel Beckett (1906-1989), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1969. Escrita em francês, a peça estreou em 1953 e se tornou um divisor de águas no teatro do século passado. Na história, dois vagabundos aguardam infinitamente, num descampado, a vinda do senhor Godot, que nunca aparece.

Há algum tempo o presidente Lula está diante de um grande problema: a formação do ministério.

Caberá aos ministros nomeados dar conta dos problemas que afligem a nação, entre tantas prioridades merecem destaque;

A falta de uma política clara, ágil e permanente para o campo, pois lá é que brota a nossa riqueza.

A escassez de energia, pois sem ela nada se cria, nada se move, nada se produz.

A insegurança do fornecimento de gás natural e fontes alternativas de energia, pois sem eles as pessoas e as riquezas não circulam.

As deficiências de saneamento, a qualidade da água, os destinos inadequados do esgoto e do lixo vão continuar comprometendo a saúde das pessoas, e aprofundando a pobreza.

A telefonia insuficiente, que reduz a comunicação entre as pessoas, estados e países, segregados da aldeia global.

E o que dizer dos transportes; sem aeroportos eficientes, ferrovias e rodovias seguras, hidrovias e portos, as pessoas não circulam e a riqueza não é distribuída.

E ao final, se nada do que está escrito for feito, como vamos proteger o meio ambiente que nos é tão caro?

É fácil perceber a enormidade dos desafios, cuja importância está sendo minimizada por debates nos botequins da esquina e nas súmulas do supremo tribunal.

Nenhum dos prováveis indicados tem se preocupado em apresentar ideias, programas e projetos que os qualifiquem para a função.

O “QI” (quem indica) tem sido o parâmetro da escolha, ou utilizando a linguagem a gosto do presidente, mais uma vez tudo depende da indicação dos “cartolas”.

Enquanto isso, o Brasil tem pressa, e a nação não pode ser tratada como um amontoado de vagabundos de Beckett que nada teriam para fazer, a não ser esperar por Godot.

2008

## **O TEATRO DA ENGENHARIA BRASILEIRA<sup>9</sup>**

O teatro é um espaço de ideias. As peças ali representadas, os cenários e atores se alternam, e varia o número de espectadores. A construção dos cenários, seleção dos atores e a definição do preço do ingresso de espectadores são obras de engenharia. O entendimento do teatro da engenharia começa pelas peças do passado, algumas das quais selecionamos a seguir.

A primeira, dramática, começou na década de 50. O ambiente tomado pela campanha do “petróleo é nosso”, campanha contra a corrupção do governo Vargas resultaram no suicídio do presidente.

Seguiu-se a proposta alegre e otimista de Juscelino Kubitschek que se propunha a rasgar o país com estradas, iniciar um processo de desenvolvimento industrial alavancado por um projeto energético.

---

<sup>9</sup> Palestra proferida no Instituto de Engenharia de São Paulo

Os engenheiros eram os atores principais desta peça, onde foram iniciadas as construções de cenários; dos transportes, energia e a construção da nova capital do Brasil.

E continuaram presente na peça militar que se seguiu. Foram utilizados na ocupação e direção do processo de estatização da economia; BNH, BNDS, PETROBRÁS, VALE DO RIO DOCE, e outras empresas sob controle governamental. Nesta peça era evidente e contínuo o exercício da força, que paralisava os espectadores, e foi neste período que os engenheiros herdaram o conceito de Tecocratas.

Enquanto isto o cenário educacional se modificava pela reforma universitária conduzida pelo ministro Jarbas passarinho, que desarticulava politicamente os movimentos estudantis. O cenário destes tempos apresentava desenvolvimento econômico com o sacrifício das liberdades individuais. Nunca o dirigismo do Estado esteve tão presente; a criatividade e a livre iniciativa dependiam de um movimento das autoridades de plantão. Eram tempos de força.

Na peça da próxima década (1980-1990), a ditadura começou a definir até se esgotar. Nas palavras do poeta, “a liberdade abriu as asas sobre nós”. O mundo estava mudando e o marco mais significativo, emblemático, era a queda do muro de Berlim.

Enquanto isso, aqui buscávamos recuperar o tempo perdido pelas leis restritivas de mercado, especialmente na área de informações; os computadores e a informática ainda engatinhavam. O início do processo democrático, com a anistia, fez o debate de todas as questões invadirem as ruas; todos queriam opinar, reivindicar direitos – na opinião de Tancredo Neves, “O povo estava embriagado de esperança”.

A palavra era o instrumento de mudança!

No início dos anos noventa estreou a nova Constituição. O livro ou contrato nacional deveria garantir de que nossos direitos estavam assegurados e todos os problemas da nação equacionados. Dizia-se que bastavam as leis para alcançarmos a solução para os nossos problemas.

Cedo descobrimos a importância da economia para o atendimento dos nossos desejos, das nossas carências. Depois de servirmos de ex-

perimento para alguns planos mágicos, alcançamos a estabilidade da nossa moeda.

Agora, asseguravam, o paraíso estava ao alcance de todos com as medidas de natureza econômica.

A partir dos anos 2000, um novo espetáculo era apresentado. Enquanto assistíamos o mundo construir novos muros, promover outras guerras, consolidamos a nossa democracia ao eleger um líder sindical para a presidência da república. O parto desta democracia não tem sido fácil, pois há muitos valores a serem recuperados. O envolvimento de recursos públicos com interesses particulares, a escolha de gestores públicos despreparados ou sem responsabilidade por seus atos tem dificultado a eficiência do sistema.

Com estes cenários, a engenharia e a arquitetura são elementos poderosos para promover paz, justiça social, harmonizar soluções tecnológicas com preservação ambiental para produzir desenvolvimento econômico.

A busca de novos cenários

Somos todos, filhos do século passado! De alguma forma, sobrevivemos às mudanças nos transportes e nos meios de comunicação. Os aviões e automóveis encurtaram distâncias, enquanto rádio e televisão nos transformaram em personagens e expectadores do teatro da vida em tempo real.

A ousadia dos técnicos produziu marcos de inovação tecnológica.

Nas últimas décadas presenciamos a revolução digital. A Internet tem alterado valores, métodos e procedimentos. O julgamento pessoal foi substituído pela lógica fria da informática.

Vivemos uma época marcada pela INCERTEZA. Incerteza de como empreender, definir e manter valores, estabelecer novos hábitos e costumes. Para onde vamos, é uma pergunta recorrente.

A era da escassez.

Vivemos hoje o princípio de um novo século!

Século que é inspiração para inúmeros avanços tecnológicos, mas que, infelizmente, também enfrenta as desvantagens da exploração desmedida.

A diminuição da qualidade e quantidade de recursos renováveis, o crescimento desordenado e o acesso desigual aos recursos causam escassez ambiental. Os frutos dessa escassez são a diminuição da produtividade e a migração da população menos favorecida. Como resultado, assistimos o enfraquecimento das nações, a instabilidade institucional e os conflitos étnicos e de pobreza.

A água e a terra demandam uma utilização cada vez mais racional; os espaços para circulação de pessoas e veículos precisam ser repensados; a oferta de emprego para os excluídos da tecnologia deve ser aumentada e a educação de qualidade, habitação e saúde precisam ser asseguradas a todos os cidadãos. Só assim garantiremos a segurança pessoal.

Por outro lado, a segurança familiar exigirá a ampliação dos mecanismos de proteção aos idosos, sem prejuízo aos mais jovens.

Nós herdamos a incerteza e vivemos a escassez. Estes serão desafios permanentes no século que se inicia. A manchete do dia é real, e não pode ser substituída pelo silêncio da omissão. A sociedade lá fora está insegura, e é preciso apurar as causas com rapidez e cautela como garantia para que seja feita justiça.

São incontáveis os diagnósticos, e a abordagem sobre eles tomaria todo o nosso tempo. Por isto propomos uma reflexão sobre alguns acontecimentos destes tempos.

Onde estão os engenheiros do Brasil?

Há alguns anos uma revista de circulação nacional formulou esta pergunta, e foi encontrar engenheiros e os nossos colegas arquitetos vendendo sanduíches, chefiando a cozinha de restaurantes, e outros tantos servindo ao sistema financeiro. A formação técnica aliada à capacidade realizadora deste profissional, têm recomendado a sua utilização nos mais variados setores de atividade humana.

Ocorre que o país investiu anos, décadas até, na sua formação. A engenhosidade de encontrar respostas, formular equações, estabelecer prioridades, prospectar cenários futuros tem sido desperdiçada em favor da habilidade de manipular números.

A tese defendida por alguns setores, de que é preciso reformular os cursos de engenharia que estariam formando técnicos em excesso, não resiste à análise mais superficial da realidade nacional.

Experimentamos uma crescente necessidade de extrair energia dos nossos rios, do soprar dos ventos, da prospecção de petróleo e gás; o crescimento demográfico e a distribuição desigual de espaço têm demandado ações de ampliação das redes de transportes, saneamento, e dos instrumentos de comunicação.

Apesar disto há quem entenda a engenhosidade como um dom natural do ser humano, acreditando prescindível o trabalho do engenheiro formado na universidade. Daí assistirmos desde profissionais liberais como engenheiros de fim de semana, construindo moradias, e mais, autoridades muitas vezes despreparadas para tomar decisões que exigem formação técnica adequada.

Enquanto isto, para onde estariam indo os nossos engenheiros? Certamente ao Japão, onde a carência de técnicos tem atraído engenheiros ainda que para pilotar um trator industrial. Ou ao Iraque, mesmo que para se submeter aos riscos de uma guerra insana. Os engenheiros e arquitetos estão espalhados pelo mundo construindo estradas, projetando moradias ou barragens, e expandindo fronteiras agrícolas.

Enquanto isto, o país carece de soluções adequadas para problemas complexos, e simples soluções para problemas simples. Identificar estes caminhos é tarefa para engenheiros.

Já tivemos a oportunidade de testar os mais diferentes sistemas de governo, passamos pela experiência dos planos mágicos, colecionamos trapalhadas políticas, e alimentamos a circulação de moeda fácil na mão de poucos. Por que não redescobrir o trabalho neste pedaço de mundo estagnado que vivemos, substituindo a engenharia financeira pela engenharia de produção.

IEP propõe a promoção do encontro dos engenheiros e arquitetos, nos canteiros de obra, no chão das fábricas ou no campo, gerando empregos.

Voltemos ao teatro...

O teatro do absurdo!





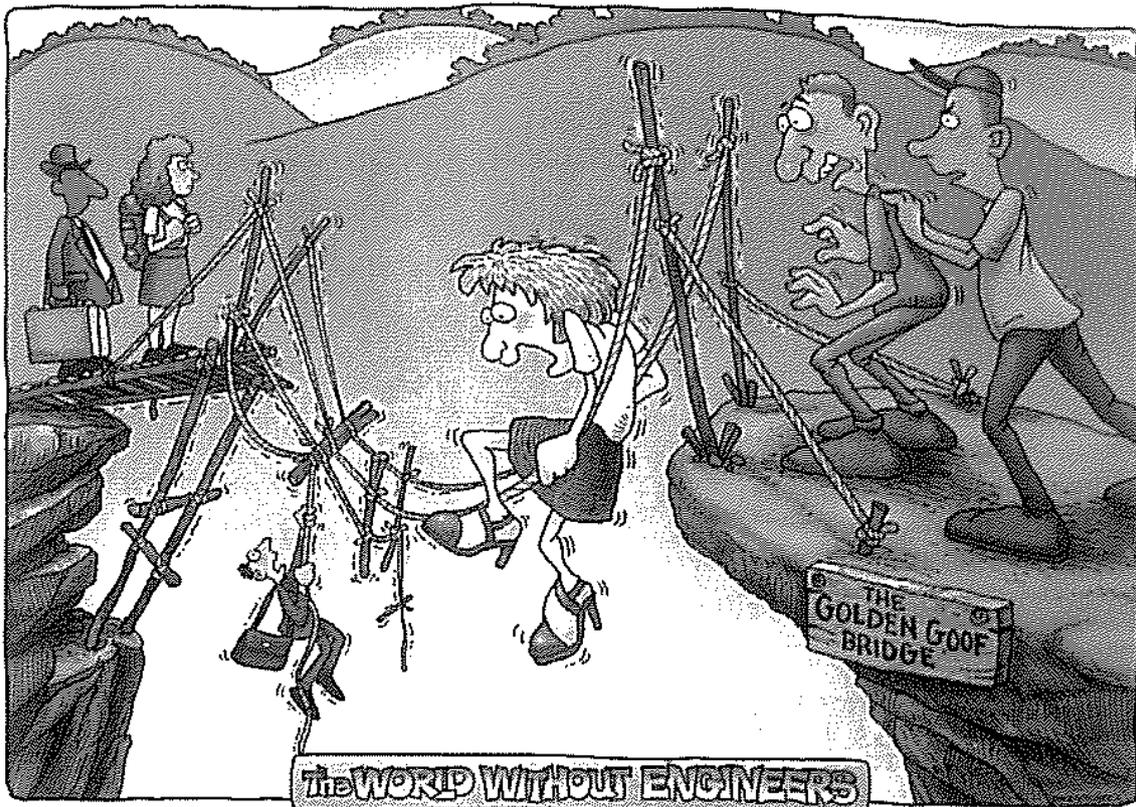
**The World Without Engineers**

Sem Informática - Fonte: Agilent Technologies



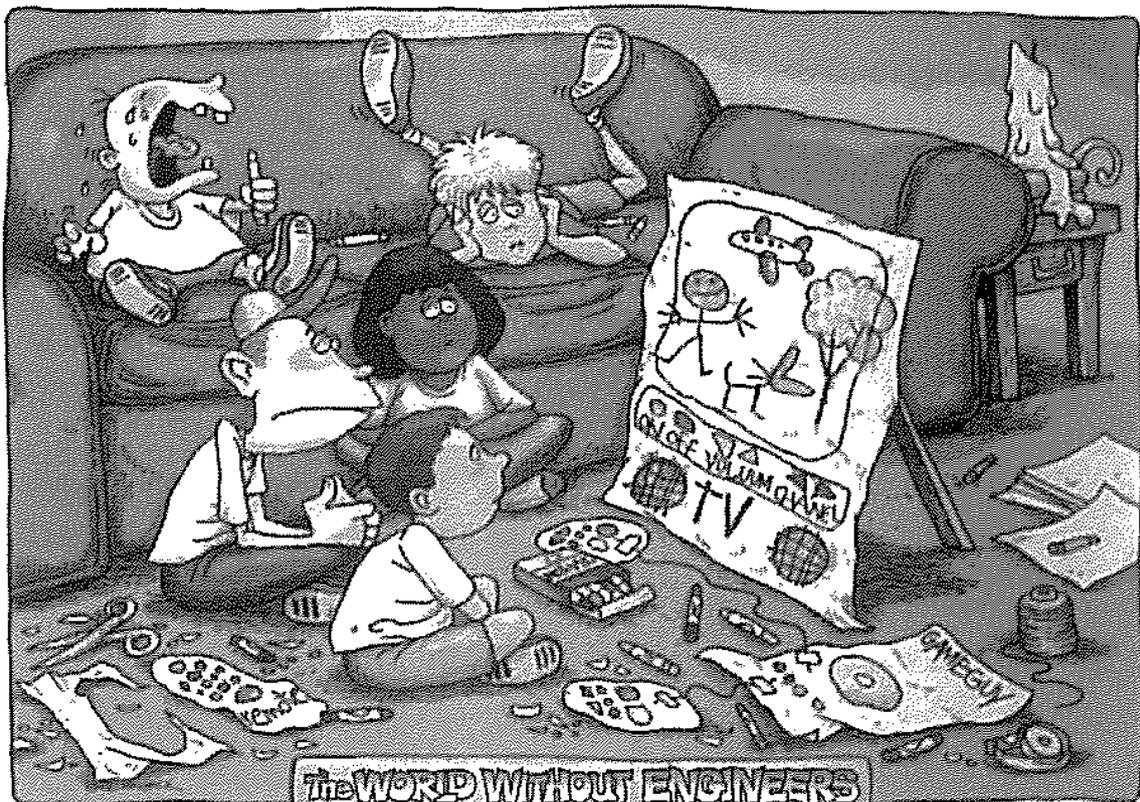
**The World Without Engineers**

Sem transporte - Fonte: Agilent Technologies



**The WORLD WITHOUT ENGINEERS**

Sem infraestrutura - Fonte: Agilent Technologies



**The WORLD WITHOUT ENGINEERS**

Sem educação - Fonte: Agilent Technologies



Sem transporte aéreo - Fonte: Agilent Technologies

2008

**PARANÁ! POR QUE PAROU? PAROU POR QUÊ?**



Ao Estado o que é do Estado. Ao mercado o que é do mercado.

Estatização ou privatização é um falso dilema, pois o Estado é fraco quando utilizado como cabide de emprego de incompetentes, e o mercado não produz quando dependente unicamente do dinheiro.

No Paraná o estado do mercado é produtivo, e o do Estado público é estressado por pouca realização e muita polêmica. Todos temos a percepção de que estamos no limiar de um mundo novo, de contornos ainda desconhecidos pelo rompimento de muros e barreiras que separavam municípios, estado e países. Conscientes da nossa responsabilidade perante a população, temos refletido sobre os desafios que se apresentam. O primeiro nos parece a necessidade de entendermos o que é o Estado, se mínimo, médio ou máximo; e que o mercado é parte do Estado, porque dele dependem e compartilham os consumidores, e é dele que o Estado obtém os recursos para a sua sobrevivência. Enfim, o Estado e o mercado são partes de um todo. Um estabelece regulamentos e o outro cumpre. São conceitos universalmente conhecidos, e se bem administrados produzem harmonia e produtividade.

Na prática, aqui em nosso Estado e em alguns outros, discussões intermináveis desagregam os atores e estressam os espectadores. Na área de transportes temos exemplos claros que não afetam unicamente o nosso Estado, mas pela carência de estudos logísticos o Brasil sofre reflexos negativos.

Daí vai uma pergunta repetida há anos, há muitos anos: Por que, para nós, é importante a ligação interoceânica Paranaguá-Antofagasta (Portos de ligação do oceano Atlântico ao Oceano Pacífico)?

1 – Estudos existentes mostram que até 2020 (só mais 12 anos...) 56% da população do planeta estará contida na Ásia, principalmente na China e na Índia, regiões superpopulosas e com poucas terras agricultáveis para produzir alimentos suficientes;

2 – O Brasil, apesar do proporcional aumento da sua população, ainda contará com terras agricultáveis para produção agrícola capaz de nos alimentar e exportar o excedente.

• Áreas cultivadas com culturas anuais	47 milhões de hectares
• Áreas cultivadas com culturas permanentes	14 milhões de hectares
• Áreas com pastagens nativas e cultivadas	220 milhões de hectares
• Áreas agricultáveis disponíveis	83 milhões de hectares
• Áreas totais cultiváveis em março/abril de 2007	364 milhões de hectares

3 – Atualmente, os caminhos marítimos alcançam portos da Ásia, como Cingapura, Hong-Kong, Yokohama e outros na China e Índia, e nos obrigam a navegar quase 20.000 km, em circum-navegação, ou contornar a América do Sul, atravessando o Canal do Panamá com navios de menor porte tipo Panamax. Ou, ainda, pelo estreito de Magalhães, ao Sul.

Como vemos, o Brasil tem papel relevante neste mundo novo que se avizinha. E ao Paraná, uma posição de destaque! Mas precisamos apertar o passo porque o Brasil e o mundo têm pressa. E o que está acontecendo conosco? Por que esta lentidão num mundo que tem pressa?

O Paraná é um só!

Estado onde os políticos das mais diferentes correntes partidárias deveriam debater, divergir, mas sempre que o interesse da sociedade do nosso estado estiver em jogo, deve prevalecer o espírito público capaz de viabilizar e realizar sonhos embasados no uso de técnicas e descoberta de novas tecnologias.

Há pouco tempo nos sensibilizou a leitura de uma frase, publicada pelo jornalista Bessa, da Gazeta do Povo, com relação ao ali chamado “trem das ilusões”, um projeto de trem de alta velocidade entre São Paulo e Curitiba, em estudos pelo chamado “banco de ideias” do Instituto de Engenharia do Paraná.

No Paraná, vagões de desilusões tem sobrevivido graças aos gargalos criados pela inépcia ou despreparo de dirigentes, que há muito não pensam no futuro das novas gerações. Alguns exemplos destes fatos relacionamos abaixo:

**Ligação ferroviária entre Curitiba e Paranaguá.** Há mais de cem anos dois engenheiros brasileiros – irmãos Rebouças – coorde-

naram a construção deste monumento à engenharia nacional. Por ela ainda hoje trafegam produtos que contribuem com a riqueza nacional. O volume de cargas de há cem anos é incompatível com a circulação atual, e todos sabemos da necessidade de construção de uma nova ferrovia com capacidade de transportar tais cargas. Como deve ser do conhecimento público., uma boa parte deste traçado já está executado, mas há décadas ainda não concluído.

**Desvio ferroviário Guarapuava - Ipiranga ou engenheiro Bley.** O primeiro é projeto existente há muitos anos, e paralisado por falta de recursos e por divergências de traçado, por setores paranaenses. Incluído no PAC, foi agora substituído pela segunda opção, por razões políticas, segundo o Secretário Nacional de transportes. A questão é, quanto tempo demandarão os projetos geotécnicos, ambientais, traçado e viabilidade e interesse público-privado desta nova opção? Ou, como compensar o tempo perdido para escoar as safras em constante elevação, graças à produtividade do setor agropecuário?

**Infraestrutura do porto de Paranaguá.** É de conhecimento público a necessidade de recuperação do porto e adequação a novas tecnologias; não pode tornar-se porto de areia. Além destes aspectos, deverão ser implantadas alternativas portuárias para o estado. A questão é, por que estamos repetindo conflitos intermináveis?

**Linha ferroviária de contorno da cidade de Curitiba.** Risco permanente, principalmente para a população carente dos bairros curitibanos, perturbadora da saúde e descanso dos moradores próximos ao trajeto, a desativação da linha férrea que corta a cidade há muito já saiu do papel, sem se transformar em realidade. A questão é, qual é o mistério que cerca a lentidão de uma obra que dá voto?

**Aeroporto Afonso Pena.** Terceira pista, extensão da segunda, tem alimentado discussões intermináveis: já foram incluídas no PAC, mas até agora nada ocorreu. A questão é: por que a concentração de cargas de importação e exportação de produtos de alto valor agregado deverão se concentrar em Campinas?

**Trem Bala entre Curitiba – São Paulo – Belo Horizonte.** Não se trata de trem das ilusões, é o que asseguram engenheiros experientes, associados ao IEP, e que no passado transformaram sonhos em realidade para os brasileiros, e para os paranaenses em particular.

Estes senhores do Banco de ideias, liderados pelo ex-governador Emilio Gomes, o professor Jurimar Cavichiolo e outros tantos, estão voluntariamente concebendo alternativas para a construção do futuro que provavelmente não terão oportunidade de desfrutar: o mundo das futuras gerações. Eles não admitem a ideia de um Paraná dividido!

Não podemos parar!

2008

## **POR TRÁS DA QUEDA DO MURO**

(deste admirável mundo novo)

Mais um muro ruiu.

A história da humanidade é rica em exemplos de queda desta obra de engenharia. Aqueles que cercavam as aldeias em idades remotas tinham como objetivo principal proteger as pessoas que viviam dentro dos seus limites.

Parte do muro da China remanesce como um marco de defesa das fronteiras da nação chinesa. Seguiram-se a construção de monumentos à divisão de ideias, que teve o muro de Berlim como ícone a dividir um país, e os muros da Palestina e do México com o propósito de impedir a circulação de pessoas.

Por volta de 11 de setembro de 2008, assistimos à queda de mais um muro: o muro virtual.

O que há por trás destes muros é uma questão recorrente. No dia seguinte, experimentamos a sensação de que estávamos assistindo ao cenário de uma terra arrasada, onde todos estão avaliando o tamanho da sua perda.

Os responsáveis pela queda se sucedem às centenas, e as consequências se distribuem entre milhares de habitantes do mundo real e do virtual. O primeiro constituído pelos bens da natureza e os produtos resultantes da capacidade de transformação dos homens; o segundo, o mundo virtual, fruto da indústria do conhecimento, e depois tomado pela multiplicação descontrolada de papel, na área financeira. O dinheiro sumiu do cofre, que ao ser aberto abrigava uma folha de papel onde estava escrito: Vale U\$ 1 trilhão!!!!

A precisão da nota é irrelevante diante da inexistência de garantia real de valor. E o que resta intacto neste mundo é o conhecimento, a informação rápida, instantânea, que pode potencializar os esforços de escape do mundo de pobreza e ignorância.

Agora, neste momento, todos têm a percepção de que estamos no limiar de um admirável mundo novo. De contornos ainda desconhecidos, pelos muros e barreiras rompidas, e pelos que ainda se interpõe entre o Estado, empresas e pessoas.

Todos devemos refletir sobre o nosso papel para enfrentar os desafios da construção e reconstrução deste admirável mundo novo, restabelecendo valores e traçando novas trilhas para o futuro da humanidade.

A contribuição individual e coletiva é imprescindível.

Os muros do Brasil.

No Brasil, devemos derrubar os muros que impedem o nosso desenvolvimento substituindo a retórica por atitudes consequentes.

Começando pela qualidade da educação, da base até a universidade. Passando pela energia, sem a qual nada se cria, nada se move, nada se produz. Depois, os transportes através dos rios, do ar, das estradas das ferrovias e dos portos, sem o que os produtos do campo e das indústrias chegam à mesa da população por um preço mais elevado.

Concentrando-se no saneamento, no meio ambiente e na habitação. É preciso acabar com muros que dividem as cidades e o campo, e pôr abaixo o muro da burocracia e da má gestão.

O Brasil precisa apertar o passo para sair na frente, quando da descoberta dos contornos deste mundo novo, democrático, economicamente estável, e mais justo e sustentável.

2008

## **PRONUNCIAMENTO EM ITAIPU**

Permitam que utilize deste momento, para dirigir em nome pessoal, e do Instituto de Engenharia do Paraná, os agradecimentos à ITAIPU BINACIONAL, ao PTI, pelas obras de engenharia social até aqui realizadas:

A grande barragem geradora da energia que move as economias brasileira e paraguaia;

As plataformas que envolvem diversificação energética, participação social e harmonia ambiental.

O núcleo de pesquisa que desenvolve e democratiza o conhecimento.

Engenheiro Jorge Miguel Samek, receba os nossos cumprimentos; graças a pessoas com a capacidade de direção e liderança demonstrada por V. Sa., estas obras se constituem em realidade.

O Brasil e particularmente o estado do Paraná reverenciam as suas iniciativas, e a equipe de ITAIPU.

Gostaria também de cumprimentar e agradecer o engenheiro Jaime Sunye Neto e a equipe do IEP pelo trabalho realizado.

Senhoras e senhores,

**“AO ESTADO O QUE É DO ESTADO, AO MERCADO O QUE É DO MERCADO”.**

É uma citação extraída de um analista anônimo, que a nosso ver apresenta equívocos. Parece simples, o apartamento das razões do estado e da soberania do mercado, garantiria soluções de natureza econômica e social.

Próximo daqui, dentro de instantes inicia o GREF - GLOBAL RENEWABLE ENERGY FORUM - que reúne estadistas de diversos

países para discutir e debater sobre a energia e as preocupações que este tema suscita no estado planetário.

Enquanto isso aqui no evento RENERGIA, engenheiros de diversas especialidades, jovens estudantes e representantes empresariais compartilharão balcões de negócios e ideias, na busca de soluções alternativas para a questão energética. Ao contrário do que indica a separação física dos dois eventos, muito do que ocorrerá lá e aqui, nos aproxima. O elo de união entre a representação do estado, do mercado e da sociedade é o interesse público.

**O interesse público deve se sobrepor às razões do estado e do mercado.**

É grande a controvérsia que envolve a realização das grandes obras do estado. Desde estradas e barragens, até as pontes e aeroportos, das estradas de ferro até os portos, desde os dilemas urbanos até os campos do interior.

Nós sabemos também, de algumas das causas que alimentam a polêmica. Começa pela carga política que os governos submetem as suas obras. Segue-se a falta de experiência de processos democráticos de decisão. Depois pela incompetência dos órgãos de administração pública, do primado das razões políticas sobre a técnica. Da promiscuidade muitas vezes presente nas relações entre o poder político, e os interesses econômicos. A aspiração de soberanos e dirigentes de, através das grandes obras, melhorarem a vida dos cidadãos, mas principalmente “ficar na história”, é um desejo atávico.

Há que cuidar também de obras inúteis, muitas delas denominadas “faraônicas”, “elefantes brancos.” Aeroportos sem movimento, túneis sem saída, barragens sem água ou mal aproveitadas, estradas sem destino, e estaleiros inacabados. O que fazer para que enfim o estado e o mercado trabalhem na direção do interesse público?

Parece-nos necessário que as decisões finais sejam políticas, pois reconhecemos que os empreendimentos que envolvem uma diversidade de interesses, não sejam decididos unicamente sob a ótica técnica.

Em contrapartida uma decisão política não se sustenta se não for tecnicamente fundamentada. Daí porque a presença imprescindível do técnico na formulação do processo decisório.

Transparência nas atitudes do gestor público e dos operadores do mercado.

Para evitar atrasos na realização das obras, o crescimento ou a “espiral de custos”, trabalhos excedentes, indecisões, graves incômodos à população, que fazem despontar no horizonte as nuvens de corrupção.

Estimular a prática de relações claras e menos duvidosas entre os políticos e os interesses econômicos e financeiros.

Mais do que “confiança política”, exigir no processo de nomeação do gestor público de áreas que envolvam conhecimento técnico, em primeiro lugar, currículo técnico e científico, experiência administrativa, isenção e independência.

ENFIM, DA TERRA, DO AR, DO SOL E DA ÁGUA, DA SENSIBILIDADE POLÍTICA E DA COMPETÊNCIA TÉCNICA VAMOS EXTRAIR FUNDAMENTOS PARA CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR.

MÃOS À OBRA.<sup>10</sup>

2009

## **BILHETE AOS ELEITOS**

### **O Brasil que precisamos**

Desenvolvimentista é adjetivo. Precisamos de desenvolvimento, que é substantivo; tem substância.

Teto de gastos é uma construção iniciada pelo telhado. Onde está o projeto?

Senhor candidato(a).

---

<sup>10</sup> O texto foi inspirado em palestra do professor português Antônio Barreto

Em primeiro lugar, gostaria de cumprimentá-lo pela vitória nas próximas eleições.

Imagino que a esta altura, ao término da comemoração, o senhor há de encontrar um momento de extrema solidão diante do oceano infinito de desafios e da consciência da pequenez do barco que vai conduzir diante de um mar revolto.

Por onde começar? Deve ser uma pergunta recorrente.

Nós sabemos que amigos fiéis o rodeiam, assim como centenas de novos companheiros. Ideias e interesses se confundem.

Por onde começar? A sociedade questiona. São numerosas as demandas, e muitos disputam o destaque de uma prioridade quando sabemos que tudo é prioritário. Aliás, senhor candidato, lamentavelmente não estamos tratando de coisa nova.

Em 1917, o poeta Olavo Bilac escreveu um prefácio para o livro *Lendas e Tradições Brasileiras*, de Affonso Arinos. Dizia o poeta, em janeiro daquela data:

Affonso Arinos resumiu, com precisão cruel, os males que nos adoecem e nos envergonham:

- a dispersão dos bons esforços;
- o desamparo do povo do interior, dócil e resignado, roído de epidemias e de impostos;
- a falta de ensino;
- a desorganização administrativa;
- a incompetência econômica;
- a insuficiência;
- a ignorância petulante e egoísta dos que governam este imenso território, em que ainda não existe uma nação...”

Qualquer semelhança com os tempos que vivemos não é mera coincidência.

Senhor candidato, lembramos do seu discurso, de que tudo começa com a educação, que, aliás, foi o tema que dominou também as campanhas dos seus concorrentes.

Os debates foram intensos, e tenho que admitir que estamos cansados.

Os cidadãos estão envolvidos, as metas mais do que definidas; sabemos que as escolas precisam melhorar a qualidade, ampliando as oportunidades para os excluídos da tecnologia. Enfim, já sabemos o que e como fazer. O que tem faltado é determinação e capacidade de decisão.

O Brasil, Sr. candidato, um país rico em energia e recursos naturais, mas é também um país pobre.

O Japão, que é um país pobre em recursos naturais, é um país rico. Os países ricos são ricos porque eles produzem riqueza. E os países pobres não são ricos porque não conseguem produzir riqueza em quantidade suficiente para o seu povo.

Atentos a esta condição, os ricos investem na pesquisa científica e tecnológica. Por exemplo: eles nos vendem uma placa de computador que pesa 100 g por US\$ 250. Para pagarmos esta plaquinha eletrônica, o Brasil precisa exportar 20 toneladas de minério de ferro.

A fabricação de placas de computador criou milhares de bons empregos lá no estrangeiro, enquanto a extração do minério de ferro cria pouquíssimos e péssimos empregos aqui no Brasil.

Agora sabemos que, para o nosso Brasil tornar-se um país rico, com o seu povo vivendo com dignidade, temos que produzir mais riquezas...

E de nada adianta tentar lançar responsabilidades, que são nossas, para os países ricos. Eles já fizeram a lição de casa.

CANDIDATO! A riqueza do seu estado está no campo e nas indústrias que se distribuem pelo nosso imenso território. E aí eu lembro novamente das promessas do período das eleições. Todos garantiram o desenvolvimento da produção, na cidade e no campo.

Acontece que de nada adianta aumentar a produção se não forem criadas vias de escoamento adequado. Elas é que vão fazer a riqueza circular, distribuindo os produtos para todos, e não só para alguns privilegiados. A eficiência destas vias é que vai reduzir o custo dos produtos.

Educação adequada e produção não resolvem todos os nossos problemas, mas, convenhamos, é um grande começo. Um povo educado e produtivo preserva o meio ambiente, cuida melhor da saúde e desenvolve valores.

Como deve ter percebido, somos engenheiros. No estado do Paraná somos 44 mil, e no país quase alcançamos 800 mil. Eles são tão ou mais inteligentes do que qualquer engenheiro americano, japonês ou alemão. Nós, que assistimos a boa parte da história do Estado, afirmamos que o brasileiro não é inferior a ninguém, pelo contrário, dizem até que somos muito mais criativos do que os habitantes do chamado primeiro mundo.

O professor Parigot de Souza tinha a receita do sucesso: escolher entre os melhores!

Para ele, o Estado não poderia servir de sala de aula para despreparados.

Ele assegurava que o Brasil é um só. Ao norte e ao sul, a leste e a oeste. Brasil da capital e do interior.

Estamos assistindo a sociedade em movimento, na busca de soluções para os problemas de todo dia, e descobrindo novos caminhos para o futuro.

Dezenas de entidades representativas da sociedade organizada, centenas de empresas brasileiras e milhares de cidadãos e cidadãs têm dado a sua contribuição com pesquisas, estudos e propostas que nos conduzam ao desenvolvimento sustentável, antes uma atribuição de responsabilidade exclusiva do Estado, nas suas esferas federal, estadual e municipal.

As iniciativas das entidades são segmentadas; algumas processadas no setor industrial, outras ligadas à atividade comercial, profissional ou de serviços; a agricultura, ao agronegócio ou ao turismo.

A integração deste movimento é resultante de todas estas forças ou o elo que veio a unir estes esforços está representado pelo estímulo da mídia investigativa. Aqui e agora somos um país, município e Estado, cidade e campo, agregador de valores aos seus produtos com medidas claras de:

- Estimulo à diversidade do setor agroindustrial, para diminuir a dependência e a vulnerabilidade decorrente da instabilidade econômica.

- Investimento na infraestrutura para encurtar distâncias, barateando produtos e possibilitando a distribuição da riqueza.

- Respeito ao meio ambiente através da administração e destino adequado do lixo, e redução do desperdício da água escassa; conversando com os vizinhos da casa, do município e dos estados para descobrir ações adequadas à solução de problemas comuns.

- Luta pelo estabelecimento de leis claras, duradouras e de simples e rápida aplicação como instrumento de defesa à corrupção e procedimentos irregulares.

Os sonhos dos brasileiros passam por políticas públicas para as suas regiões, destacando a necessidade de organização em torno de planos diretores que levem em conta a descentralização, as soluções compartilhadas, o estímulo a políticas de geração intensiva de mão de obra para garantir emprego aos excluídos da tecnologia, e o incentivo à educação em todos os seus níveis para garantir e ampliar oportunidades.

A realização destes sonhos depende da nossa capacidade de saber escolher entre os que sabem dirigir, os que o fazem com competência e transparência. Da imprensa livre para garantir voz e vez ao processo democrático.

Um abraço esperançoso.

Data: antes da eleição que ainda não aconteceu.

2009

## **OBRA DE ENGENHARIA SOCIAL**

Em ano eleitoral os candidatos preocupados perguntam: qual é o lado de preferência do eleitor, a margem direita, a esquerda ou o centro do rio da democracia. E os indecisos sempre decisivos, o que querem?

A velocidade instantânea das informações e os recursos da alta tecnologia nem sempre suficientes para modificar o voto de parcela

expressiva do eleitorado, este ano terão importância clara nos resultados eleitorais.

Enquanto isto, vamos assistir ao árduo trabalho dos construtores de imagem buscando esculpir, delinear, dar forma e conteúdo aos seus candidatos. O talhe da roupa, cor da gravata ou do vestido, sorriso, corte de cabelos, simpatia, empatia, carisma e dicção são alguns dos cuidados permanentes dos comunicadores.

Considerando o elevado índice de indecisos, o ambiente tomado pela sensação de insegurança e a manipulação dos movimentos de massa a estratégia não deve estar surtindo o efeito desejado. É observado o desencanto do eleitor com a área política, particularmente com a ausência de clareza nas mensagens dos candidatos.

As propostas para a criação de milhares de empregos é um exemplo. Todos sabemos que, exceto aqueles destinados a manutenção da máquina pública, os governos não criam um único emprego. Esta tarefa é desenvolvida no chão das fábricas, nos balcões do comércio, nos canteiros de obras e nos campos. Ao governante cabe a criação de um ambiente propício, favorável a multiplicação dos empregos, – redução da carga fiscal e tributária, no tempo perdido nos caminhos da burocracia, políticas definidas e regras claras; são alguns dos instrumentos ao seu alcance, nem sempre utilizados.

“Nós vamos distribuir a terra”. É a palavra de ordem em alguns discursos, certamente ignorando que este poder é privilégio do Criador. Oferecer aos que tem o dom de trabalhar a terra, igualdade de oportunidade de utilizá-la, é a verdadeira missão do governante.

Ao contrário do que temos ouvido, é o agricultor quem desenvolve a produção agrícola. É dele o mérito do crescimento da produção utilizando a mesma área plantada. A produtividade cresceu no campo sem que fosse constatado um único funcionário público empunhando uma enxada, dirigindo um trator ou lambuzando as mãos com a terra. Devemos cobrar a presença dos organismos públicos nas áreas de pesquisa, importante tarefa do Estado.

A responsabilidade pela segurança dos cidadãos passa pela ação dos juízes e dos policiais. O governante desenvolverá a articulação po-

lítica para acelerar a distribuição da justiça e dar condições de formação e dignidade ao policial.

Equivoca-se quem afirma que o governo reduzirá os juros, a menos que se admita que o seu nível escorchante tem origem no próprio governo, pela necessidade crônica de capital para realimentar o seu déficit.

A missão de educar é atribuição e obrigação das escolas públicas e privadas, mas particularmente dos professores. Ao Estado cabe a promoção e regulação da competição justa, entre desiguais. E o que dizer dos salários! São vazias e demagógicas as promessas de elevação dos níveis salariais pela vontade da caneta do governante, ignorando a existência do mercado. O estímulo à qualificação profissional para enfrentar as transformações de mercado é que vai ampliar oportunidades, o que é obrigação do Estado.

Enfim, os equívocos retóricos se multiplicam e adquirem maior importância na medida em que fazem (ou deveriam fazer) parte de programas partidários, praticamente desconhecidos do eleitorado.

É evidente a ausência de clareza e transparência do cenário ao qual o eleitor será submetido. Integrar propostas e criar instrumentos de avaliação da sua viabilidade serão desafios permanentes.

Daí o porquê dos indecisos.

2009

## **PAC – EMPACA OU EMPLACA<sup>11</sup>**

Ao recordar a proposta original do PAC, constata-se que o programa dependia da união de duas forças, a pública e a privada. À primeira cabia a gestão, e à segunda os recursos e a execução. Ele empaca porque não há integração entre autoridades governamentais, e segurança ao empreendedor. Emplaca se despira a coloração eleitoral e vestir o interesse do país.

---

11 PAC - Plano de Aceleração do Crescimento (GOVERNO DILMA).

2010

**A IMAGEM PÚBLICA**

Fonte: Google - Glauco

Percebe-se a proximidade de mais um processo eleitoral.

O setor privado de comunicações concessionário do serviço público, as autoridades e os agentes políticos debatem possibilidades.

O período de governo parece estar encerrando prematuramente.

Entre os seus objetivos destaca-se, é o que dizem, construir a imagem de pessoas e transmiti-la à população. Inteligência, competência, seriedade no trato da coisa pública, determinação e outros atributos serão expostos para o eleitor, através da palavra e da figura do candidato.

Burrice, desonestidade, incompetência e indecisão serão alguns motes utilizados entre adversários, e camuflados pelos que os praticam.

Enfim, esse continua a ser o cenário eleitoral. Este é um tempo em que muitos se preocupam em construir uma imagem positiva para o público; preocupação que deveria ser permanente.

Outros procuram tornar mais nítida a sua própria imagem, ou moldá-la à desejada pelas pessoas; ou esconder a realidade, fazer esquecer e camuflar aspectos conhecidos da personalidade.

Antes construída pela maledicência, fuxicos, elogios e críticas fáceis, a imagem hoje é mais um produto do que chamamos de in-

dústria da comunicação. Tudo começou com a utilização da palavra e, repetindo padre Vieira: “As palavras falam ao vento, e as obras ao coração”.

Depois a palavra impressa, garantindo o registro, o ônus e o bônus da opinião. Seguiram-se as ondas do rádio e a televisão, que uniram a palavra, o som e a imagem instantânea.

Panfletos, jornal, rádio e televisão sempre constituíram um poderoso sistema de comunicação, também conhecido como “meio”, capaz de promover pessoas e pulverizar mitos.

Tão poderoso que recebeu do estudioso do assunto Marshall McLuhan um conceito definitivo: “O meio é a mensagem”. A afirmação sugere que os conceitos, o conteúdo e a consistência das ideias, dos planos e a viabilidade da sua execução teriam limitações do “meio” disponível para gerar uma imagem pública. O “meio” de comunicação utilizado de forma correta seria a garantia para a construção de uma boa imagem.

## O MEIO VIRTUAL

Discute-se agora o enquadramento do mais recente “meio” de comunicação; o meio virtual que apresenta a internet como instrumento.

Ele é livre para o uso de quem dele desejar se utilizar, e por isso democrático. É ágil, rápido e instantâneo, qualidades que aproximam os fatos do mundo real. Integrante deste nosso mundo imperfeito, a mensagem tanto pode ser bem como mal-intencionada.

2010

## DEMOCRACIA, EDIFÍCIO EM CONSTRUÇÃO

Curitiba foi palco do primeiro evento que pregava as “diretas já”, início do processo de redemocratização do Brasil. Agora, com o “projeto país”, buscamos a sustentabilidade do processo.

## PROJETO PAÍS



*Como sabemos, todos sonhamos com um projeto de vida. Desde o cidadão mais humilde até o empreendedor bem-sucedido. Aqueles que já o tem, param ao longo do percurso para refletir sobre a necessidade de corrigir rumos.*

*Já o sonho coletivo é o projeto de vida de um país. Projeto que reúne forças da vontade individual e da sociedade, em torno de metas comuns.*

*Temos um projeto claro do país que queremos?*

*Se a resposta for afirmativa, ainda remanescem as questões de método e de gestão.*

*Buscar respostas adequadas à realidade presente e construção de um futuro mais justo e sustentável, colocando na mesa do entendimento, as questões sociais, econômicas e tecnológicas; é a proposta desta carta.*

*Educação, saúde, ambiente, solidariedade; planejamento, logística, infraestrutura e gestão; inovação, criatividade e produtividade, e outros tantos mais, estiveram presentes na pauta dos debates.*

*Sabemos da importância do trabalho realizado, mas também temos consciência de que a biblioteca não está completa.*

*Historicamente, encontramos registros de projetos parados, não realizados ou incompletos.*

*Avançamos muito! Graças ao trabalho braçal e à inteligência individual dos nossos ancestrais, agregados nos nossos dias ao conhecimento e aplicação da tecnologia. Foram então consultados os profissionais de todo*

*o Brasil, procurando identificar os gargalos que estão impedindo o desenvolvimento dos nossos projetos.*

*O desafio foi lançado!*

*A quem caberá a responsabilidade de elencar normas e atitudes que resultem em projetos, com quantidade, qualidade, e viabilidade assegurados? Nas cidades e nos campos, aos engenheiros, arquitetos e agrônomos, certamente, aliados a elite pensante que a sociedade formou, constituída das mais diversas especialidades humanas e tecnológicas.*

*Quais os gargalos, empecilhos que se apresentam para uma seleção lógica dos projetos prioritários, e para a sua execução?*

*Gestão e governabilidade – Responderam os profissionais.*

*Daí porque o evento projeto país se deteve na análise da GESTÃO E DA GOVERNANÇA.*

*As entidades organizadoras reuniram técnicos especializados, que levantaram e encaminharam as questões que mais interferem no desenvolvimento ide projetos e obras, aos 23 CREA'S e aos associados das respectivas entidades. Destacaram-se a busca dos seguintes objetivos para a execução de obras infraestruturais:*

*Maior celeridade na execução de obras.*

*Mais adequação às necessidades atuais e futuras da população.*

*Maior economia no uso dos recursos públicos.*

*Melhor conservação do patrimônio físico e natural para as gerações futuras.*

*E as questões a serem respondidas para alcançar tais objetivos:*

*Quais as propostas de alteração institucional para alcançar tais objetivos?*

*Quais os pontos fortes existentes no contexto atual brasileiro que favorecem a implementação das propostas sugeridas na pergunta 1?*

*Quais os pontos fracos existentes no contexto atual brasileiro que dificultam a implementação das propostas sugeridas na pergunta 1?*

*Quais as sugestões para superar os pontos fracos indicados na pergunta 3?*

*Estamos tratando de obras de engenharia social, de engenharia econômica e de engenharia tecnológica, e de engenharia ambiental.*

Temos consciência de que as decisões são eminentemente políticas e estratégicas, mas sem a participação de engenheiros, elas não terão sustentabilidade.

Mãos à obra!

### A CARTA DOS ENGENHEIROS

É a hora e a vez da engenharia e dos engenheiros!

Há pouco tempo, os Engenheiros estavam subordinados a retóricas e discursos de políticas públicas que não priorizavam a imediata solução dos problemas.

E os problemas se acumularam ao longo de décadas e aumentaram as demandas da Sociedade, e a defasagem do desenvolvimento do Brasil ao analisarmos e compararmos os indicadores comuns aos de outros países, em especial os chamados “tigres asiáticos”, e mais recentemente os da Índia e da China.

Não há mais tempo para discursos e promessas.

É hora de mudanças substantivas.

O mundo mudou e as diferenças serão a partir de agora crescentes e avassaladoras.

Os retardatários serão inexoravelmente surpreendidos por uma escravidão muito pior que a econômica, dos colonizadores.

A escravidão que se avizinha é a da Sociedade da Informação e do Conhecimento e, desta, não há rota de fuga.

É hora e vez dos Engenheiros assumirem posição e atuar em prol das mudanças que se fazem mais do que urgentes. A conjuntura e a geopolítica em reorganização requerem ações inadiáveis.

Neste sentido os Engenheiros sintetizam as magnas questões aos que pleiteiam a GESTÃO E GOVERNANÇA do Brasil.

Qual a base e como se processa o Desenvolvimento e Progresso mundial, continental, nacional, regional, estadual, municipal e local.

A questão é como planejar a integração dos atores, desde onde tudo começa, até o destino.

O Desenvolvimento e o Progresso, na escala, complexidade, intensidade e abrangência que é requerido pela Sociedade/Humanidade pode ser feito sem Tecnologia e Engenharia?

A resposta é clara e objetiva – Não, não pode de forma alguma haver desenvolvimento e Progresso sem o emprego intensivo da Engenharia e do trabalho dos Engenheiros! Dimensões continentais e pluralidade racial, amálgama de todas as civilizações não admitem esta exclusão.

Porque os Engenheiros falam pouco? Antes, durante e depois das obras e serviços que realizam?

A resposta também é clara e objetiva - Porque quem fala pelo trabalho dos Engenheiros são as suas obras e serviços. São os resultados que interessam ao profissional; estes na verdade são a razão da sua vida como profissional e como cidadão.

E agora, para onde vamos!

Agora, este é o momento que justifica a fala direta dos Engenheiros e as razões tornaram-se cristalinas.

### **MUDOU O PARADIGMA DA SOCIEDADE!**

Asseguram os engenheiros.

A Sociedade entrou na rota da aceleração para ter as suas necessidades resolvidas, é o cenário do consumo desenfreado.

A quarta onda civilizatória se avizinha pelo domínio do conhecimento e comunicação eletrônica que demandam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com ênfase na engenharia da informação e das telecomunicações e, portanto, dos estímulos que instigam o homem na sua caminhada para o Futuro.

Nesta viagem emerge o desejo universal de dispor e de usufruir as benesses do desenvolvimento e do progresso, e todos requerem rápido acesso aos produtos, bens e serviços.

E como são empacotados os conhecimentos, ou melhor dizendo como são materializados na forma de bens, produtos e serviços, e colocados nas prateleiras.

Engenharia, tecnologia, teleprocessamento de informações e Engenharia de Transportes e Logística, são os instrumentos que possibilitam o ordenamento adequado dos produtos.

Este é o fulcro da questão! Infraestrutura e serviços de qualidade disponíveis para todos os cidadãos.

Indagam os Engenheiros, respondam os vencedores da eleição. Questionem os vencidos.

Esclareçam-se inicialmente as principais vertentes, claro, seguem-se logo as demais,

A do expressivo aumento e concentração demográfica nas cidades, e conseqüentemente dos problemas que o modelo gera.

A da escalada das demandas, em proporções que o Planeta não tem condições de suprir.

A gestão inteligente da integração dos complexos fatores que se fazem presentes para equacionar e resolver as questões sociais e ambientais e as questões econômicas e políticas que tal quadro apresenta, nos níveis acima indicados.

A da defesa intransigente dos valores da nossa Sociedade Plural e Democrática e das incalculáveis riquezas naturais, um patrimônio brasileiro. Defesa no sentido amplo, inclusive o uso de força de dissuasão e de combate à cobiça das riquezas do país.

Assim declaram-se os Engenheiros brasileiros reunidos em CURITIBA, que por formação e qualificação profissional estão aptos a equacionar e dedicarem-se a resolver os grandes problemas da infraestrutura do Brasil.

Reconhecem que os problemas expostos assumiram proporções gigantescas e, portanto, a partir de agora fica nítida a imposta mudança da escala e do Paradigma, pelo que decidem e resolvem falar e agir.

Embora reconhecido o avanço histórico do nosso país, estamos conscientes da necessidade de desenvolvermos a capacidade de superação dos pontos fracos ainda presentes na vida do cidadão comum, e que exigem adequado enfrentamento.

## **SUGESTÕES DE SUPERAÇÃO DOS PONTOS FRACOS**

Sugestões para a melhoria dos aspectos educacionais para a formação de profissionais na área de tecnologia.

Incentivos a formação de profissionais da área tecnológicas

Investimentos em formação e capacitação técnica (especialmente engenharia), bem como em capacitação de pessoas e criação de ambiente político adequado para participação e controle das ações públicas, bem como promover iniciativas para a educação voltadas ao exercício da cidadania, inclusive junto a crianças e adolescentes.

Sugestões para a melhoria do modelo de gestão e da gestão das obras de infraestrutura.

Modernizar a gestão pública: com implantação de inovações institucionais; com profissionalização e adequado aparelhamento técnico, devidamente valorizado; bem como, incluindo a eliminação de restrições de financiamento público nos empreendimentos conduzidos por empresas estatais.

Modernizar os modelos de gestão.

Promover a Inclusão digital

Melhor aproveitamento dos recursos tecnológicos (literatura técnica, uso da internet).

Melhorias na área jurídico e questões legais

Aprimorar o marco legal.

Instituir códigos de obras infraestruturais: promover a sistematização e consolidação dos instrumentos legais administrativos e dos marcos regulatórios, relativos às diversas áreas do interesse público, aplicáveis às obras infraestruturais, com especial destaque, para a melhoria e valorização da Lei de Licitações, bem como de revisão dos procedimentos e da própria legislação ambiental.

## **SUGESTÕES PARA A MELHORIA DAS NORMAS E DE REGULAMENTAÇÃO**

Fortalecimento das agências reguladoras: implantar, consolidar atribuições de regulação e fiscalização, aumentar a autonomia institu-

cional, aumentar a participação da sociedade usuária dos serviços e profissionalizar os quadros dirigentes.

Racionalizar o sistema de controle: delimitar as fronteiras e fases de atuação dos órgãos executivos (Prefeituras, Governos Estaduais e Governo Federal), dos órgãos ambientais e de controle (Tribunais de Contas e Ministério Público Federal e Estadual), bem como adotar procedimentos para investimentos em obras previamente aprovadas (catálogo de obras).

### **SUGESTÕES PARA O RESGATE, E VALORIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO**

Restabelecer o planejamento através de maior participação das entidades de classe.

Incentivar a discussão de planejamento integrado e inovador.

Implantar o planejamento integrado de longo prazo: com visão de Estado (ou seja, desvinculados dos projetos de poder, político-partidários e similares), baseados em diagnósticos técnicos de problemas potenciais; definição de objetivos estratégicos de longo prazo e interseoriais; acompanhamento via metas de curto e médio prazo; com ampla participação técnica de segmentos organizados da sociedade; com critérios técnicos de priorização de obras e com adoção do conceito de vida útil dos empreendimentos, ou seja, considerando-se de forma integrada o projeto, construção, operação e manutenção das obras infraestruturais.

### **SUGESTÕES PARA QUESTÕES POLÍTICAS**

Reforma política

Protagonismo das instituições relacionadas a infraestrutura

Articular mudanças institucionais.

Fóruns técnicos como este (deve ser repetido a cada três meses).

Promover o empreendedorismo da engenharia: delimitando as fronteiras entre as ações de engenharia nos setores público e privado; maior valorização dos projetos de engenharia e da engenharia consultiva, inclusive, com políticas de fomento para esse segmento.

Estimular a sociedade civil organizada a exercer seu papel na cobrança da transparência e no acompanhamento das execuções.

Ampliar o controle social de cunho técnico: via entidades de Classe, Conselhos de Consumidores, Observatórios Sociais e outras organizações, bem como ampliar a divulgação em portais eletrônicos governamentais os contratos, aditivos, relatórios e prestações de contas das obras de infraestrutura; bem como dos balanços e demonstrações contábeis das empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos.

Fortalecer as entidades de classe, especialmente para a participação e controle das ações governamentais, com especial destaque para as ações relacionadas a promoção de estudos, pesquisas, bem como, para divulgar e viabilizar as alterações institucionais necessárias.

Mobilização permanente da sociedade organizada exigindo e acompanhando o aperfeiçoamento organizacional do Estado.

Promover ações integradas de universidades, entidades de classe, segmentos organizados e outros da sociedade.

Promover as iniciativas públicas e privadas relacionadas à avaliação e acompanhamento das ações públicas, especialmente, via Internet.

### **Sugestão para a melhoria da carga tributária**

Reforma tributária

Indagam os Engenheiros, respondam os vencedores!

Questionem os vencidos! Repetimos.

2010

### **O FIM DA ENGENHARIA**

Naquele mundo sem engenharia, os transportes serão desnecessários. Não existirão automóveis e ônibus para transportar pessoas, nem caminhões e trens para distribuir a produção que não ocorreu.

Deslizando pela superfície das águas dos rios encontraremos somente canoas, e os portos serão cidades abandonadas, pois não há o que exportar.

Projetos, estudos de viabilidade, cronogramas e orçamentos serão matérias inúteis, remetidas para consulta em alguma biblioteca do tempo.

“A telefonia deficiente reduz a comunicação entre as pessoas, estados e países, segregados da aldeia global.”

Na terra sem engenharia a palavra será o único veículo de comunicação.

O conhecimento e a informação serão medidos no tempo; em meses, anos...séculos.

Não existirão as ondas de rádio, a imagem televisiva, a internet, extranet, ou o ORKUT.

“Sem saneamento, a qualidade da água, o destino inadequado do esgoto e do lixo comprometem a saúde das pessoas e aprofundam a pobreza.”

Sem engenharia não haverá distribuição da água e coleta do esgoto.

O lixo será acumulado em tal quantidade que as pessoas precisarão se acostumar a conviver nele.

As florestas serão alimento e abrigo para aqueles que têm fome, e a água dos rios saciará a sede, assim como o ar puro será abundante para aqueles que ainda respiram.

A terra não produzirá mais transgênicos, nem tampouco orgânicos em quantidade suficiente para todos. Os curandeiros remeterão a química para a inutilidade, fazendo renascer a medicina das plantas e raízes.

Sem engenharia não haverá projetos, e a arquitetura, portanto será uma atividade inútil. As casas se limitarão a dar abrigo, e grandes extensões de terra serão ocupadas, pois não existirão edifícios.

A EDUCAÇÃO como estímulo ao conhecimento e à informação não existirá no mundo sem engenharia. As pessoas serão educadas para simplesmente, sobreviver.

Com certeza este não é o fim da engenharia, e não há porque participar da construção deste mundo!

## 2010 O MUNDO DE BRASÍLIA

O Brasil está doente e as pessoas estão perplexas.

E os engenheiros e arquitetos do IEP tem perguntado e cobrado um posicionamento da nossa entidade, sobre o que está acontecendo com o enfermo. Parece que nossas colocações com relação às deficiências ou até ausência de obras de infraestrutura – saneamento, transportes, comunicação, habitação e energia – não têm surtido o efeito desejado de geração de emprego e renda.

Ao revés, temos assistido ao espetáculo da deterioração de valores e ao bailado do escárnio para com as nossas angústias.

Há uma expressão popular que assegura que o que os brasileiros fazem durante o dia, Brasília desfaz à noite. É como se existissem dois países, o da produção e o da desarticulação.

Este não é o nosso entendimento uma vez que se num destes mundos fazemos acontecer, no outro exercitamos o instrumento que escolhemos para conceber a nossa nação, a democracia.

É verdade que o desempenho de Brasília tem contribuído muito pouco para justificar o nosso esforço em praticar a democracia. Não temos sido felizes em grande parte das nossas escolhas.

O que fazer? Perguntam os nossos engenheiros e arquitetos.

Sobre as causas dos nossos infortúnios, recorreremos aos ensinamentos de Mahatma Gandhi (1869-1948), que sabiamente pregava a engenharia da paz. E paz é muito do que precisamos.

Gandhi afirmava que “não há riqueza sem trabalho”; “não há prazer sem escrúpulos”; “nem conhecimento sem sabedoria”; “ou negócios sem moral”;

“a Política não sobrevive sem idealismo”; “tampouco a religião prospera sem sacrifício”; “e a ciência não existe sem humanismo”.

Convenhamos que os últimos acontecimentos no Brasil não têm desmentido estas afirmações. Inegavelmente há uma sensação de decadência nos valores que estruturam a nossa sociedade.

O que fazer? – Perguntam os engenheiros e os arquitetos.

Como afirmamos anteriormente, o IEP repetido incessantemente a importância de investimentos na infraestrutura, e vamos continuar insistindo.

Nos últimos três meses um grupo expressivo de engenheiros do IEP tem se debruçado sobre os problemas nacionais em cada setor de atividade que julgamos prioritário, na busca de soluções alternativas. Os resultados deste trabalho serão apresentados oportunamente aos candidatos a ocupar o mundo de Brasília e adjacências.

Teremos então alguns meses para observar e refletir sobre as propostas, até o dia da eleição. Este será o momento do encontro de contas.

2010

## **O PERIGO DO VOO CEGO**

Os aeroportos brasileiros se assemelham hoje a uma imensa sala de espera, de uma clínica médica.

As pessoas conversam, no princípio em grupos isolados, depois vão em busca do assunto perdido estabelecendo relações com outras pessoas e outros grupos.

Tudo começa com o sentimento de angústia pelo momento que compartilham, depois vem as histórias de infortúnios vivenciados no passado e expectativa de vencerem mais um desafio.

Ao final, tudo se transforma num ambiente de compaixão coletiva; onde sentimento de solidariedade, indignação e vulnerabilidade são compartilhados.

## **O PILOTO CEGO**

A sala do aeroporto estava lotada de pessoas exaustas, impacientes pelo longo tempo perdido. O atraso do voo já ultrapassava 4 horas.

Contrastando com a expressão dos candidatos a passageiro, uma aeromoça sorridente conduz pelo antebraço um homem alto, forte, vestindo um impecável uniforme e usando óculos escuros.

“Com licença”, pedia. “Abram caminho para o piloto”.

Antes que alcançassem o portão de embarque, chegava aos últimos da fila a informação de que o piloto era cego!!!

Aos mais ansiosos, o atendente da companhia tranquilizava; “Não se preocupem, o comandante é muito competente, e tem centenas de horas de voo”.

Apesar da desconfiança e hesitação, os passageiros começaram a embarcar silenciosamente. Os comentários sobre a deficiência do piloto corriam a “boca pequena”, as pessoas trocavam olhares tímidos, inseguros e apavorados.

“Senhoras e senhores, boa tarde! Quem vos fala é o comandante Silva. Pedimos desculpas pelo atraso que decorreu de problemas operacionais na torre de comando. Estou substituindo o comandante Fernando e desejo a todos uma ótima viagem”.

Apesar do tom agradável e tranquilo da voz, um silêncio constrangedor tomava conta do interior do avião.

“Tripulação, preparar para a decolagem”.

O avião alinhou-se na pista e começou a acelerar...

Pelas janelas os olhos preocupados foram acompanhando o movimento crescente da paisagem, como o de uma fita de filme; o descampado, as árvores, depois os carros do estacionamento do aeroporto, a pista, percebiam os passageiros, estava chegando ao final!!! E o avião não decolava!

O pavor tomou conta do ambiente, e alguns rezavam silenciosamente, outros pronunciavam suas preces em voz alta.

E o final da pista se aproximava.

E, então, um grupo de passageiros levantou e gritou desesperadamente. Como por um milagre, o avião começou a decolar.

Lá na cabine de comando, o comandante virou-se para o copiloto e falou aliviado:

“Pensei que tinha ficado surdo. Eles demoraram para gritar!”

Há quem diga que vivemos mais um “apagão”. Palavra que não encontramos no Aurélio.

A expressão se popularizou quando, há alguns anos a geração e distribuição da energia foi insuficiente para iluminar as nossas casas,

mover as indústrias, paralisando a produção de riquezas e ameaçando perigosamente os serviços de saúde pública.

Naquele momento fomos colocados diante da realidade, que sem energia nada se move, nada se cria, nada se produz; e há muito tempo discutimos possibilidades, mas não tomamos medidas adequadas para corrigir rumos.

As estradas continuam esburacadas, os pavimentos submetidos a cargas insuportáveis, não há logística nos transportes que integre rodovias, hidrovias, ferrovias e portos. Os aeroportos estão se demonstrando incapazes de transportar passageiros com dignidade; e o que dizer do transporte de cargas?

A burocracia, e a falta de planejamento destrói qualquer iniciativa de resolver o déficit habitacional, a qualidade de vida na cidade e no campo, o desenvolvimento educacional, a ciência e a tecnologia.

“Apagão” é o colapso dos meios. Certamente entre os passageiros que gritaram o alerta ao piloto, vamos encontrar muitos cidadãos comuns, alguns engenheiros, arquitetos, educadores e outros tantos especialistas.

Seguramente é preciso que continuem gritando, democraticamente!

2010

### **O TERCEIRO MANDATO**

Os salários perdem 10, 15, 25% ou mais de valor no segundo dia do mês. O empreendimento tem um acréscimo de custo de 300, 400% ou mais, ao ano, reduzindo a possibilidade de compra do consumidor final. E os governos, ao final do mês ou do ano, descobrem que terão menos recursos para investir ou manter a máquina administrativa.

Quem exercita a memória lembra da insegurança destes tempos da inflação desmedida. Protestar, questionar, denunciar, este risco é um direito que deve ser exercido pelo cidadão e pela sociedade organizada àqueles que dirigem o país, que certamente não podem ser sempre os mesmos.

Num país em que só um dita as regras, não se admite o debate do contraditório. Nós, brasileiros, já vivemos esta experiência ainda presente em alguns países da América Latina. Evoluímos, e muito, na direção da prática democrática, política e econômica.

Com menos paixão político partidária, recordemos:

O plano real apagou a inflação histórica, substituindo-a pela estabilidade.

A responsabilidade fiscal impôs limite de gastos, colocando um pouco de ordem na casa governamental.

A bolsa escola resgatou o direito à educação e à inclusão social.

Cabides de emprego foram retirados e privatizados.

Proer organizou o sistema financeiro.

Um governo desmotivado por dois períodos terminou. E outros dois esperançados começaram, e na economia colecionaram pontos positivos:

A estabilidade foi consolidada.

. O instituto de responsabilidade fiscal foi mantido.

. O estatuto da inclusão social foi ampliado.

A construção do futuro que desejamos não depende de comparações estreitas e equivocadas, mas de uma visão ampla, cósmica, dos problemas da nossa sociedade. Quem viveu o passado sem democracia, aprendeu que é a alternância de comando que enriquece o processo de liberdade. É tempo de um comando renovado, capaz de realizar o que ainda não foi feito.

Por que repetir contra o que se pregava?

2010

## VIVEMOS NUM DESERTO DE LÍDERES

Dias atrás, um conhecido parlamentar lamentava as dificuldades que os governos enfrentam para ocupar os espaços vazios, seja pela falta de ideias, pela indefinição de rumos, ou em face da inexistência de pessoas capacitadas para preencher estas lacunas. Daí o desabafo: vivemos num deserto de líderes.

De há muito esta questão tem preocupado os brasileiros, especialmente aqueles obrigados a escolher utilizando-se do voto.

Tempos atrás, a escassez de lideranças era debitada ao regime autoritário. Como sustentar esta tese diante de mais de 30 anos desde que começaram a soprar os ventos da democracia?

Outros apontam o cartorialismo, classista ou partidário. Pequenos grupos se encastelam nas entidades de classe e nos partidos, e montam estruturas administrativas que se perpetuam ou revezam entre si no poder, ano a ano. É o que se entende por ditadura da minoria.

A cultura do imediatismo, própria dos países em constantes dificuldades e fruto da rapidez quase descartável das informações e notícias transmitidas pelos meios de comunicação, e mais recentemente pela mídia eletrônica, atropela também o surgimento de novas lideranças.

Como, então, cultivar a visão do horizonte se nem os nossos pés conseguimos enxergar?

Mas existem outros fatores que impedem o advento de uma geração de dirigentes talhados para o exercício da direção. A personalidade peculiar dos que detêm o poder é obstáculo a ser superado. Em sendo condutor ou intérprete, o líder de fato representa a vontade de um grupo, de uma comunidade ou também de parcela da sociedade, mas pode também ser prisioneiro das suas ideias e da ambição desmedida.

Alguns se submetem às regras do poder, mas não admitem ter o ego ferido e temem aqueles que demonstram o desejo de exercer o comando, pois estes representam ameaça à sua posição. Muitos dos que o cercam deixam-no inseguro, com medo das sombras, são encabrestados. Impedidos de promover alternância.

Muitos desconhecem a sua condição e o direito de fazer parte da elite que trabalha, pensa, aprende e cresce. Preferem ser oportunistas.

Enfim, não existe receita nem processo estabelecido formar os líderes.

É preciso criar ambiente propício para o surgimento dos melhores. A atmosfera deve ser de liberdade, cultura, padrões de modelagem, oportunidades e iniciativas.

O malogro desta empreitada poderá resultar na substituição do mundo deserto de líderes, para o universo de líderes de um deserto.

2012

**DEVASSA**

Palavra curiosa, de significado variado; investigação ampla e irrestrita ou qualificação reprovável por atitudes de indivíduos ou de parcela da sociedade.

Marketing à parte, no Rio de Janeiro bebe-se uma saborosa cerveja assim chamada Devassa, que pode ser loira, ruiva ou preta, sem demérito nem preconceito.

Pois esse parece ser o ambiente do Brasil dos nossos dias. Devassa no Senado, na Petrobras e nos políticos expostos nas vitrines das próximas eleições. Na Câmara e no Senado, comportam-se como se estivessem num castelo indevassável. Todas instituições indispensáveis para o exercício da democracia.

Para compreender, identificamos duas partes presentes no conflito; a sociedade dita organizada, e grupos conhecidos como marginais. É também verdade que algumas vezes vamos encontrar elementos de uma das partes atuando como sombra na outra. A questão é se o processo deve ser ampliado ou interrompido.

No que diz respeito à sociedade organizada, basta comprovar se leis, decretos, portarias e regulamentos estão sendo cumpridos; devem, pois se submeter continuamente ao processo.

A marginalidade, de outro modo, vive do oportunismo, ganância e chantagem pelo poder, e dinheiro; razões que determinam a devassa compulsória, permanente.

Em nenhum dos casos a impunidade pode prevalecer.

Neste cenário é fundamental o papel da imprensa livre, independente e imune à manipulação. Quando pública, deve respeito aos patrões, os cidadãos. É também relevante o uso da comunicação digital, que democratiza a informação.

Cabe por fim, uma advertência àqueles que nos dirigem:

“Quando dirigir, não beba. Se bebeu, não dirija.”

E mais, uma recomendação:

“Beba com moderação.”

2012

**VOTO EM LISTA FECHADA?**

Fonte: Google

Olha quem está elaborando uma lista fechada!

A constituição da lista é fechada ao público, ao eleitor, e é aberta aos comandos partidários, grupos de desconhecidos do público, do eleitor.

O financiamento eleitoral não pode ser um monopólio público, mas patrocinado pela sociedade como um todo para garantia do processo democrático.

A pergunta que fica é: por que razões a base, o eleitor, será motivada a votar numa lista fechada pelos comandos e financiada pelo comandante público?

2013

**DEBATES**

O ano começou tomado pelo sentimento de resignação. As discussões políticas giram em torno dos cargos, da elevação dos salários (das autoridades, é claro!), e do breve anúncio de mais um programa de intenções.

Contra todos os prognósticos e sem chance de vencer, ele foi lá e fez mudar a pauta. Com ousadia e coragem, foram resgatados valores que pareciam esquecidos; a transparência, a cidadania e a ética. É verdade que por um período mais curto que o desejável.

Pelo feito, este espaço reverencia a postura digna do deputado federal Gustavo Fruet. E ele é do Paraná!

O episódio demonstrou a importância do debate, para alterar rumos, estimular a consciência coletiva e descobrir novos caminhos, uma das missões mais relevantes da história do IEP.

Por isto, o IEP está formatando a promoção de uma rodada de debates. Qualquer assunto que envolva o interesse da sociedade será objeto de análise isenta por parte de convidados ilustres, com notório conhecimento da matéria em discussão.

Nós queremos discutir sobre as razões que emperram as atividades produtivas, encarecendo os produtos nacionais, sobre o tempo perdido nas nossas estradas, portos e ferrovias; vamos demonstrar a importância dos projetos completos de engenharia, do planejamento e da logística para uma distribuição mais justa da riqueza nacional.

Nós vamos, enfim, discutir o momento que vive a engenharia brasileira, demonstrando a importância de políticas públicas permanentes para possibilitar o desenvolvimento de tecnologias que melhorem a qualidade das obras. Vamos descobrir onde estamos errando, e assumir as nossas responsabilidades, propondo caminhos alternativos.

Você é o nosso convidado!

2013

## **O PETRÓLEO É DE TODOS OS BRASILEIROS**

A oposição venceu e conseguiu instalar no Senado a CPI para apurar atos da Petrobrás. Para alguns analistas políticos, trata-se de uma estratégia para tirar o foco das notícias de irregularidades cometidas no Congresso e amplamente divulgadas pela mídia. A dis-

puta, agora, gira em torno dos nomes de integrantes para conduzir as investigações. Nisso, a base aliada governista possui larga vantagem e tende a obter a maioria na comissão. Qual a sua avaliação sobre o assunto?

Está equivocado o conceito de que o petróleo é nosso, daqueles que comandam a empresa. O petróleo é de todos os brasileiros, dos acionistas, dos funcionários e do cidadão comum.

Aos administradores cabe a responsabilidade de prestar contas a todos os brasileiros. QUEM NÃO DEVE, NÃO TEME.

2014

## **MONÓLOGO DEPOIS DA ELEIÇÃO**

Qual foi o lado de preferência do eleitor; a margem direita, a esquerda ou o centro do rio da democracia. E os indecisos sempre decisivos, o que querem? A velocidade instantânea das informações e os recursos da alta tecnologia nem sempre suficientes para modificar o voto de parcela expressiva do eleitorado este ano tiveram importância clara nos resultados eleitorais.

Enquanto isto, assistimos durante a campanha o árduo trabalho dos construtores de imagem buscando esculpir, delinear, dar forma e conteúdo aos seus candidatos. O talhe da roupa, cor da gravata ou do vestido, sorriso, corte de cabelos, simpatia, empatia, carisma e dicção são alguns dos cuidados permanentes dos comunicadores.

Considerando o elevado índice de indecisos, o ambiente tomado pela sensação de insegurança e a manipulação dos movimentos de massa a estratégia não deve ter surtido o efeito desejado. Ficou evidente o desencanto do eleitor com a área política, particularmente com a ausência de clareza nas mensagens dos candidatos, mais preocupados com a defesa e o ataque.

Algumas questões ficaram obscuras ao eleitor que, sem a transparência e esclarecimento dos fatos, dificultam o diálogo entre vencedores e vencidos:

Quem propagou o ambiente do “Nós contra eles”, ou dos “Ricos contra os pobres” precisa esclarecer os fundamentos da pregação por um país dividido.

Entre ricos há muitos pobres, e entre os pobres há muitos ricos; de espírito, está claro!

Os pobres de espírito precisam esclarecer preconceitos, ignorando que o migrante nordestino veio em busca do trabalho digno para ajudar a construir o sul e sudeste maravilha; e mais, a história brasileira começou a ser vivida no Nordeste.

A verdade do direito e da justiça deve estar permanente, para aqueles que fizeram privado o patrimônio público.

Qual o projeto para o país proposto pelos vencedores, e a agenda política para a sua implantação. É dos vencedores esta tarefa!

Enfim, os equívocos retóricos se multiplicam e adquirem maior importância na medida em que fazem (ou deveriam fazer) parte de programas partidários, praticamente desconhecidos do eleitorado.

Em casa dos brasileiros, onde tudo começa, ensinaram a ser, pensar e fazer com liberdade; isto durante o distante regime militar. O desafio de hoje está em construir uma sólida democracia para o futuro.

2016

## **DISCURSO DO FIM DO MUNDO**

**Excelências,**

“Tive muita sorte em ser o último orador; coisa que me deixa muito feliz porque, como se diz, assim já os encontro cansados.

No entanto, sei que, apesar da insignificância do meu país que não tem poder militar, político, econômico e muito menos atômico, todos vocês esperam com interesse pelas minhas palavras, já que do meu voto depende o triunfo da esquerda ou da direita.

### **Ilustres representantes.**

Estamos passando por um momento crucial em que a humanidade se depara com a própria humanidade. Estamos vivendo um momento histórico em que o homem, científica e intelectualmente é um gigante, mas moralmente é um pigmeu. A opinião mundial está tão profundamente dividida em dois lados aparentemente irreconciliáveis, que se chegou ao caso singular de que apenas um voto, o voto de um país fraco e pequeno pode fazer com que a balança penda de um lado ou de outro. Estamos, por assim dizer, diante de uma grande gangorra, um lado está ocupado pela direita e o outro, pelos da esquerda.

E agora chego eu, que sendo peso pena, como alguém disse, conforme o lugar que eu me coloque, farei pender a balança.

Façam-me o favor! ...

Vocês não acham que é muita responsabilidade para um único cidadão? Porque, ademais, não considero justo que a metade da humanidade, seja ela qual for, fique condenada a viver sob um sistema político e econômico que não é do seu agrado, apenas porque um frívolo embaixador votou, ou que o obrigaram a votar, num ou noutro sentido?

Por isso, este que vos fala, seu amigo... Eu... não votarei em qualquer um dos lados (vozes de protesto).

E eu não vou votar em qualquer um dos lados por três razões:

- Primeiro, porque mais uma vez, não parece justo que o único voto de um representante, que talvez sofra de uma doença hepática, decida o destino de uma centena de nações;

- Em segundo lugar, porque estou convencido de que os procedimentos, mais uma vez, insisto, os procedimentos dos esquerdistas são desastrosos (vozes de protesto dos esquerdistas);

- E Terceiro! ... porque estou convencido de que os procedimentos dos direitistas não são a melhor coisa que se possa defender (agora protestam os direitistas).

E se vocês não se calarem, eu não continuarei, e vocês vão ficar com a tentação de saber o que eu lhes tinha a dizer. Insisto que falo sobre os procedimentos e não de ideias ou doutrina

Para mim, todas as ideias são respeitáveis, ainda que não sejam “idealistas” ou “idiotas”, mesmo que eu não esteja de acordo com elas. O que pensa este homem, ou aquele outro, ou este aqui (apontando), ou aquele que além dos bigodinhos, não pensa nada, pois está dormindo, isto não impede de que todos sejamos bons amigos.

Todos acreditamos que o nosso modo de ser, nossa maneira de viver, nossa maneira de pensar e até mesmo a nossa maneira de andar é a melhor; e o modelo tratamos de impor aos outros e se eles não aceitam, dizemos que são os tais ou quais e por mesquinhasias entramos em disputa e contradição.

Vocês acham isto certo?

Tão fácil seria a coexistência se respeitássemos apenas o estilo de vida de todos.

Há cem anos, disse um dos mais humildes, mas maior do nosso continente: “O respeito ao direito dos outros é a paz” (aplausos).

Então, assim eu gosto... não que me aplaudam, mas sim que reconheçam a sinceridade das minhas palavras.

Concordo com tudo o que disse o senhor representante da justiça do nosso país, com humildade, com a humildade dos não sindicalizados devemos lutar para derrubar o muro que nos separa, o muro de incompreensão, o muro da desconfiança mútua, o muro do ódio.

O dia em que fizermos isso, podemos dizer que nos descolamos da parede (risos). Mas o muro de ideias, de modo algum, nunca!

O dia em que pensarmos e agirmos da mesma forma, deixaremos de ser homens para nos transformarmos em máquinas, em autômatos.

Este é o grave erro daqueles que se dizem da esquerda, que querem impor pela força as suas ideias e sistema político e econômico. Falam da liberdade humana, mas eu pergunto: Existem estas liberdades em seus próprios países?

Dizem defender os Direitos do Proletariado, mas os próprios trabalhadores não têm sequer o direito fundamental a livre manifestação por causas justas, mas sem recorrer a atitudes violentas.

Falam da cultura universal disponível para as massas, mas esqueceram seus escritores por atreverem-se a dizer a verdade.

Falam da autodeterminação dos povos, mas ainda oprimem uma série de nações sem lhes dar a forma de governo que melhor lhes convenha.

Como podemos votar a favor de um sistema que fala da dignidade da pessoa e imediatamente atropela o mais sagrado da dignidade da pessoa humana que é a liberdade de consciência, eliminando ou pretendendo eliminar Deus por decreto?

Não, senhores representantes, eu não posso ficar com os “da esquerda”, ou melhor, com sua maneira de agir. Respeito a sua maneira de pensar, até mais do que eles, mas eu não posso dar meu voto para que seu sistema seja implantado pela força em todos os países do mundo (vozes de protesto)

Quem quiser ser da esquerda que seja, mas que não pretendam cooptar aos demais! – (Os esquerdistas se levantam para sair da Assembleia).

Um momento jovem! Homens e mulheres! Porque tão sensíveis?

Eu sei que é costume de vocês deixar essas reuniões ao ouvir algo que não seja do seu agrado, mas eu ainda não terminei, sentem-se, não sejam precipitados ... Eu ainda tenho que dizer algo sobre os da direita. Não lhes agradaria ouvir?

Sentem-se. (Bebe água e faz gargarejos, mas percebe que é Vodca).

E agora, meus queridos colegas da direita. Vocês, que disseram?

“Já votou por nós?”, não? Pois não, jovens, e não votarei por vocês porque vocês também têm muita culpa sobre o que acontece no mundo, vocês também são meio orgulhosos, como se o mundo fosse vocês e que os outros tenham uma importância muito relativa, e apesar de falarem de paz, democracia e de coisas maravilhosas, às vezes pretendem impor suas vontades pela força, pela força do dinheiro.

Estou de acordo com vocês sobre que devemos lutar para o bem coletivo e individual, em combater a pobreza e resolver os enormes problemas de vestuário, habitação e sustento.

Mas o que eu discordo de vocês é a maneira de tentar resolver estes problemas, vocês também sucumbiram ao materialismo, e se esqueceram dos mais belos valores espirituais pensando somente no negócio, pouco a pouco foram convertendo-se em credores da humanidade e por isso a humanidade os vê com desconfiança.

No dia da abertura da Assembleia, disse que o remédio para todos os nossos males é ter carros, geladeiras, televisores, Hum! ... e eu pergunto:

Por que precisamos de carros, se não temos sequer sapatos? Por que desejaríamos refrigeradores se não temos comida para colocar dentro deles? Por que precisaríamos de tanques e armas, se não temos escolas suficientes para nossos filhos? (Aplausos).

Devemos nos esforçar para que o homem pense na paz, mas não apenas movido pelo seu instinto de conservação, mas principalmente pelo direito que tem em superar-se e fazer do mundo uma morada de paz e tranquilidade cada vez mais digna da espécie humana e de seus elevados destinos.

Mas esta aspiração não será possível se não houver abundância para todos, felicidade e bem-estar coletivo e justiça social. É verdade que está nas mãos dos poderosos países do planeta, da esquerda e da direita, nos ajudar, os fracos, mas não com presentes ou empréstimos, ou com alianças militares.

Ajude-nos pagando um preço justo, mais equitativo por nossas matérias-primas, ajude-nos partilhando conosco os seus notáveis avanços em ciência, e tecnologia ... não para fabricar bombas, mas para acabar com a fome e a miséria (aplausos).

Ajude-nos respeitando nossos costumes, nossas crenças, nossa dignidade como seres humanos e nossa personalidade como nações, por menores e fracas que sejamos; pratiquem a tolerância e a verdadeira fraternidade que nós saberemos corresponder-lhes, mas parem imediatamente de nos tratar como peões no tabuleiro do xadrez da política nacional e internacional!

Reconheçam-nos como o que somos, não apenas como clientes ou como ratos de laboratório, senão, como seres humanos que sentimos, que sofremos e choramos.

Senhores há outra razão pela qual eu não posso dar o meu voto, faz exatamente 24 horas que apresentei minha renúncia ao cargo de embaixador do meu país, espero ter sido aceito.

Por conseguinte, eu não lhes falei como Excelência, mas como um simples cidadão, como um homem livre, como um homem comum,

mas que, no entanto, acredita interpretar o máximo anseio de todos os homens na terra:

O desejo de viver em paz, o desejo de ser livre, o desejo de legar aos nossos filhos e filhos dos nossos filhos um mundo melhor no qual prevaleça a boa vontade e a harmonia.

E que fácil seria, senhores, alcançar um mundo melhor em que todos os homens brancos, pretos, amarelos e pardos, pobres e ricos pudessem viver como irmãos.

Se não estivéssemos tão cegos, tão obstinados, tão orgulhosos.

Se apenas regêssemos nossas vidas pelas sublimes palavras, ditas há dois mil anos, por aquele humilde carpinteiro da Galileia, simples, descalço, sem revestimentos ou condecorações:

“Amai-vos ... amai-vos uns aos outros”

“Mas infelizmente vocês entenderam mal, confundiram os termos “;

”E o que fizeram?” O que é que fazem?

“ARMAI-VOS UNS CONTRA OS OUTROS.”

Os aplausos se espalharam pelo auditório das NUVENS UNIDAS, mas alguns grupos cabisbaixos da direita e da esquerda apressaram o passo em direção à saída. Eram integrantes da quadrilha da corrupção, incompetência e individualismo, vícios adquiridos no exercício do poder.<sup>12</sup>

## 2016 ELEIÇÕES

Há pouco menos de um ano assistimos o encerramento de mais um processo eleitoral. Nos dias que seguiram, ouvimos as mais diversas razões que explicariam as vitórias e as derrotas, e há quem diga que as primeiras terão cem pais, enquanto as segundas serão órfãs.

Há também um ditado atribuído a um eminente político mineiro, que justificava a derrota: “Tivemos menos votos!”

---

<sup>12</sup> Humorista mexicano Mario Moreno Reyes, conhecido como Cantinflas.

A democracia, no entanto, não se esgota, não se encerra, num processo eleitoral. Ela se constitui em instrumento permanente de renovar ideias, despertar direitos e deveres e harmonizar desejos e aspirações entre as pessoas.

Há quem assegure que a democracia deve ser exercida de forma direta, outros por representação, ou ainda participativa; são alguns dos adjetivos mais utilizados para definir a forma de exercitar a democracia.

Na verdade, se fossemos advogados, defenderíamos que a democracia é uma questão de direito, de leis e de justiça; para empresários, industriais e comerciantes deveria ser o instrumento que garante a elevação dos níveis de produtividade, de produção e de competição.

Já para médicos e dentistas o exercício da democracia significa a saúde de qualidade e melhor distribuída; assim como aos profissionais da contabilidade, os números menos manipulados e regras claras e duradouras.

Os educadores entendem a democracia como um rio por onde são conduzidas as ideias, disseminado o conhecimento e fortalecendo os valores da sociedade; enquanto os estudantes defendem a liberdade de sonhar com as possibilidades de transformar a realidade.

Há quem assegure que é através da livre expressão, da palavra, da formação de opinião que o processo de uma democracia se consolida. É um dogma para comunicadores, jornalistas. Se, enfim, fossemos construtores ou engenheiros, acreditaríamos nas obras; para cuidar das pessoas, das cidades, abrindo caminhos ou semeando os campos.

Para os mais carentes, democracia é esperança de escape do mundo de pobreza, do emprego digno e de mais justiça neste mundo imperfeito.

Todos sabemos, que democracia não é só isso. Também sabemos que democracia é tudo isso.

Quando reúne os desejos e aspirações das partes para formar o todo; é o que constitui uma cultura democrática.

No Brasil este processo ainda é recente. Exercitar a prática democrática até a sua transformação em cultura permanente, é o nosso desa-

fi. É longa a caminhada, mas terá valido a pena se em algum momento do percurso, os competidores identificarem as virtudes dos amigos leais, assim como dos bravos adversários.

2016

## **INSTRUMENTOS DE PROMOÇÃO DAS ELITES**

País estranho o nosso. Somos reconhecidamente ricos em recursos naturais. Nosso território é ocupado por um povo de índole tão pacífica que alguns o julgam dócil.

O parque industrial brasileiro complementa a imensidão da área agrícola, e é tão pujante que desperta a inveja em inúmeros países deste mundo imperfeito.

A miséria que atinge os nossos patrícios, injusta e perversa, não nos diminui em grandeza, mas nos envergonha.

Pois bem, em que pese tudo que está escrito, vivemos lamentando os nossos infortúnios, deficiências e dificuldades. E, de tempos em tempos substituímos os responsáveis pelas nossas mazelas.

Imperialismo português, depois o americano, e anteontem o sistema perverso criado pelos militares, que privilegiava o desenvolvimento material em detrimento do progresso social. Passamos pelo FMI, pelo projeto neoliberal, e agora pela corrupção, que há quem afirme epidêmica.

Entrementes lembramos de quando nascia a “nova república”. Período no qual se sentia a necessidade de dar vazão aos anseios populares até então represados. Era preciso conscientizar a população para os seus direitos, explicitando-os.

As discussões demoraram meses, anos até, resultando no livro que chamamos de constituição. Gerou-se grande expectativa, e na opinião de um político ilustre, o povo “embriagou-se de esperança”.

Reinava, no entanto, um ambiente de grande incerteza; a expectativa da nova lei tornava indefinidas as regras do jogo, faltava delimitar direitos, deveres e responsabilidades.

Enquanto isso, o trem da economia diminuía a velocidade, e, sem os investimentos necessários, reduzia o ímpeto da produção; via de consequência, da capacidade de geração de novos empregos.

A economia estava desorganizada.

Sucederam-se os planos mágicos, popularizando o conhecimento da ciência econômica, desacreditando-a, porém pelo amargor de inúmeras ressacas.

Veio o tempo do “Brasil novo”; país novo, velhos hábitos. Assim como veio, se foi...

Nossa moeda então estabilizou, e inauguramos um período de normalidade democrática com a eleição de um líder sindical para a presidência da república. País novo, velhos hábitos. A vilã apontada por parcela dos políticos dos nossos dias é conhecida por: ELITES.

E quem são afinal, os da elite?

### **AS ELITES**

No princípio eles viviam ao redor do soberano. Eram os amigos do rei.

Depois se destacavam pela intimidade com o mundo das letras e das artes. Eram reconhecidos pela expressão petulante daqueles que são íntimos do poder, pela fala empolada e pelo tempo ocioso disponível para aguçar a sensibilidade para interpretar traços artísticos muitas vezes estranhos para a maioria das pessoas.

Muitos descobriram que era mais fácil comprar favores dos amigos do rei, quando não do próprio. Estava nascendo a elite do poder econômico, capaz de comprar homens, ideias e até a sensibilidade artística.

A revolução industrial criou também a sua elite.

A especialização das profissões determinou o surgimento da elite do conhecimento. A professora que ensina, o médico que cura, o engenheiro que constrói, o arquiteto que projeta, o empresário que gera emprego e até o operário que têm emprego; todos constituem uma elite. É o que chamaríamos de Elite da produção. Ela gera conhecimento.

Não é demais lembrar que entre os burocratas governamentais nós também vamos encontrar representantes. Aqueles que fazem a in-

tromissão na vida das pessoas despercebida, e tomam enfim as decisões pelas quais recebem salário diferenciado; eles são raros, mas existem.

A formação desta elite começa em casa e segue na escola, através da educação. A mãe dos milhares de migrantes, especialmente nordestinos, ensina aos filhos a importância dos ensinamentos das professoras; os descendentes de imigrantes esperam três gerações para alcançar o nível de formação universitária.

Pois bem, esta elite está empobrecendo no Brasil dos nossos dias. Há um ambiente de desânimo e desesperança, desde o campo até as cidades. A incerteza e a instabilidade estão ferindo o ímpeto de gerar oportunidades, de ousar e fazer multiplicar os empregos, com sustentabilidade.

O tempo desperdiçado nos corredores e gabinetes na espera de decisões sempre tardias vergam a vontade daqueles que tem vontade de fazer; o capital tão necessário para adubar os campos da produção dorme nos cofres indecisos e inseguros dos governos, ou passeiam em terras não tão necessitadas quanto a nossa.

É preciso despertar esta elite para as suas responsabilidades com o país. Ela é a fonte geradora de ideias, planos, projetos. Ela representa capital livre e “royalties” poupados. Educação, ciência e tecnologia serão instrumentos adequados para a sua promoção.

Para os governantes elas significam a estabilidade, para a população carente o escape do mundo de pobreza.

2017

## **ASSASSINATO**

Nós ouvimos muito sobre Descartes: “PENSO, LOGO EXISTO”. Enquanto assistimos a este debate dos radicais da direita e da esquerda, reduzimos nosso espaço. Quem ganha o debate é o bandido, não só o da favela, mas o da cidade que brilha.

É preciso respeitar os direitos dos humanos, mais ainda os humanos direitos. Enfim, este nosso espaço foi o escolhido para buscar

aproximar pessoas que podem pensar diferente, mas se respeitam. Aqui não é o espaço do confronto, mas do encontro.

Nada justifica aquele que mata. É hora de prantear a mulher e todos aqueles que colocaram em risco o que tinham de maior valor: a vida.

2017

## **CONSTITUIÇÃO, O CONTRATO DA NAÇÃO**

### **Constituição, de 1946 a 1988**

**1946**

A Assembleia Nacional Constituinte de 1946 foi realizada num momento de afirmação do Legislativo Nacional. Antes disso, em 1937, o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, os Senados Estaduais e as Câmaras em níveis estaduais e municipais haviam sido fechados pelo Estado Novo.

**1967**

O Congresso Nacional, transformado em Assembleia Nacional Constituinte e já com os membros da oposição afastados, elaborou, sob pressão dos militares, uma Carta Constitucional que legalizasse os governos militares (1964-1985).

A Constituição de 1967 foi alterada substancialmente por diversos atos do governo, que concentrou todos de poder no Executivo dominado pelo Exército e, junto com o AI-12, permitiu a substituição do presidente por uma Junta Militar, além de outros dispositivos como os atos institucionais. O Ato Institucional Número Cinco deu poderes ao presidente para fechar, por tempo indeterminado, o Congresso Nacional, as Assembleias Estaduais e as Câmaras Municipais, para suspender os direitos políticos por 10 anos e caçar mandatos efetivos e ainda decretar ou prorrogar estado de sítio.

No dia 25 de outubro de 1969, o general Emílio Garrastazu Médici era eleito presidente da república do Brasil por uma sessão conjunta do Congresso Nacional. Ele ficou no poder até 1974. Apesar de ter pro-

metido que durante o seu governo seria restabelecida a democracia, sua gestão foi considerada uma das mais repressoras do Brasil. Tanto que houve denúncias de tortura, morte e desaparecimentos de presos políticos ao longo da década de 70.

No governo Médici foram reprimidas as guerrilhas de esquerda rurais e urbanas, assim como as manifestações populares. Se no campo da liberdade o governo Médici deixou a desejar, o mesmo não se aplica à economia. Nesta época, o Brasil viveu o período conhecido como "Milagre Econômico": crescimento econômico recorde, inflação baixa e projetos desenvolvimentistas. É deste período o slogan: "Brasil, ame-o ou deixe-o".

## 1988

Em 15 de janeiro de 1974, os candidatos da Arena (Aliança renovadora nacional) – partido do regime – venceram a chapa do MDB na primeira eleição realizada por um Colégio Eleitoral. A oposição estava diminuída por força dos dispositivos estabelecidos pela junta milita. O novo presidente foi empossado em sessão solene do Congresso Nacional.

Penúltimo presidente da República do Regime Militar de 1964, Ernesto Geisel assumiu sob a promessa de uma abertura política "lenta, gradual e segura", de modo a atender as reivindicações da Sociedade Civil Organizada sem, contudo, interromper a continuidade do regime. Em seu governo diminuíram as denúncias a respeito da morte, tortura e desaparecimento de presos políticos e houve enfrentamento com a Linha Dura, grupo contrário às diretrizes do governo. O Ato Institucional Número Cinco foi progressivamente substituído por "salvaguardas constitucionais".

Na campanha visando às eleições de 1974, os candidatos do MDB fizeram bom uso dos meios de comunicação e impuseram uma derrota avassaladora ao governo. Para impedir um novo revés à Arena, aconteceu, na outorga do Pacote de Abril em 8 de abril de 1977, cujo receituário incluía o aumento do man-

dato presidencial de cinco para seis anos, a criação do senador biônico, a manutenção das eleições indiretas para governador e o aumento da bancada de deputados federais nos estados onde o governo era maioria. Tais medidas geraram críticas da oposição, mas garantiram a eleição do general João Figueiredo como sucessor de Geisel em 1978.

Somente 14 anos depois o Brasil teve uma nova Constituição. A de 1988 pode ser considerada a sétima ou a oitava constituição do Brasil e a sexta ou sétima Constituição brasileira em um século de república.

Independentemente das controvérsias de cunho político, a Constituição Federal de 1988 assegurou diversas garantias constitucionais, com o objetivo de dar maior efetividade aos direitos fundamentais, permitindo a participação do Poder Judiciário sempre que houver lesão ou ameaça de lesão a direitos. Para demonstrar a mudança que estava havendo no sistema governamental brasileiro, que saíra de um regime autoritário recentemente, a Constituição de 1988 qualificou como crimes inafiançáveis a tortura e as ações armadas contra o estado democrático e a ordem constitucional, criando assim dispositivos constitucionais para bloquear golpes de qualquer natureza.

Com a nova constituição, o direito maior de um cidadão que vive em uma democracia representativa foi conquistado: foi determinada a eleição direta para os cargos de Presidente da República, Governador do Estado e do Distrito Federal, Prefeito, Deputado Federal, Estadual e Distrital, Senador e Vereador. (WIKIPÉDIA)

Mais importante na destacar, a Constituição de 1988 é o contrato social da nação assinado pelos representantes eleitos pelo povo.

Cumpra-se!

2017

**DE GETÚLIO A TEMER**

Presume-se que todo governante eleito, ao assumir o mandato, se depara com um sentimento de angústia por ter que assumir as responsabilidades decorrentes das promessas enfatizadas nos seus discursos, agora diante da dura realidade do exercício prático das funções executivas.

Cedo percebe a distância entre a formulação de políticas e a sua transformação em fatos e realizações. O adversário vencido não mais o serve como anteparo, substituído pelos enormes e múltiplos desafios em um mundo ainda pouco conhecido, e por isso tomado de sutilezas e armadilhas.

Enquanto isso, o povo tem pressa da saúde perdida, da escola digna para o professor e para o aluno, da casa prometida, das estradas recuperadas, do emprego em falta, do salário ajustado, do imposto reduzido e da renda melhor distribuída. E mais, nos discursos prometeu ser competente para escolher entre os melhores que, como ele, jamais serão tolerantes e submissos aos mecanismos e oportunidades que alimentam a corrupção.

Enfim, é amplo o leque de prioridades e extremamente diverso do tempo disponível para maturação das decisões.

A alternativa utilizada pelos novos dirigentes, algumas vezes para ganhar tempo, outras para definir uma direção catalisadora para a administração, ou simplesmente como estratégia de marketing, tem sido eger uma das prioridades, de preferência a mais incontestável ou consensual, para dar sentido e marca ao governo que inicia.

A história recente tem sido rica em exemplos destes procedimentos, que a bem da verdade não se constituem privilégio dos dirigentes brasileiros, vez que tem sido prática comum em diversas partes do mundo.

Final dos anos trinta no Brasil de Getúlio Vargas, o espaço dos comunistas liderados pelo comandante militar Luiz Carlos Prestes ficou reduzido. Eles se diziam representantes da classe operária e

manifestavam rebeldia com os atos da ditadura implantada no país. Vargas, político experiente, aprovou diversas medidas no sentido de se contrapor ao monopólio desejado pelos adversários, de serem os únicos defensores da população mais humilde. Entre elas, a mais destacada foi a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, que inegavelmente contribuiu para encerrar práticas típicas do regime feudal. Esta iniciativa lhe garantiu até os nossos dias o título de “pai dos pobres”.

Em outro período, já na década de 50, o cenário de estagnação da economia brasileira e instabilidade política fez despontar um desconhecido da área política dominante, Juscelino Kubistchek. Ele se elegeu Presidente se utilizando de um plano de metas que prometia realizações de cinquenta anos em cinco. A história credita ao seu governo um enorme poder de transformação industrial, infraestrutura e energia. Debita o elevado custo das suas obras.

Jânio Quadros, político instável, não tinha constância, tinha temperamento variável, mutável, elegeu-se presidente no início dos anos 60 utilizando uma vassoura como símbolo da campanha. Dizia que com ela faria o país livre da sujeira dos políticos tradicionais. Sua gestão durou sete meses. Saiu qual um bruxo pilotando o cabo da vassoura, em busca do sonho da ditadura perdida.

Deixou um país vazio de esperança.

Os militares de 1964 diagnosticaram que o país precisava de ordem. A indisciplina e a imoralidade imperavam. E em seu nome prometeram democracia, mas em dois anos decidiram permanecer no comando. Sufocaram o desenvolvimento de individualidades transformando o país num deserto de líderes. Os cerca de 33 anos que nos separam daquele período não foram suficientes para forjar novas lideranças capazes de permear o Brasil com novas ideias.

Os integrantes da nova república fizeram renascer as liberdades democráticas, destarte nem sempre tenham demonstrado saber o que fazer com elas. A fatalidade da morte de Tancredo, o líder preparado para a transição, deixou a população atônita. Para onde vamos?

Assumiu um político despreparado e pouco identificado com as ideias democráticas. Dizia-se poeta, mas seus versos não tinha a qualidade necessária para administrar nosso território. Desordenou a economia.

Em 90 surgiu uma nova figura política, pouco conhecida, que prometia “acabar com os marajás”, era como identificava a elite que comandava o país. Eleito, demonstrou que os recursos utilizados na campanha tinham origem na chantagem que ele e os que o acompanhavam perpetraram para vencer as eleições. Tentou com um golpe financeiro ludibriar a todos os segmentos da sociedade, bloqueando os recursos que garantiam sua sobrevivência, de empresários e trabalhadores. Os políticos ouviram os protestos das ruas e o impediram de continuar.

O vice assumiu. Era de temperamento instável e despreparado para enfrentar o desafio de restaurar a esperança e a confiança da sociedade. Mas, desesperado em busca de alguém com capacidade de suprir suas deficiências administrativas, escolheu certo, o embaixador do Brasil nos Estados Unidos – sociólogo, pesquisador sensível da identidade nacional, sem dependência com os políticos tradicionais.

Fernando Henrique Cardoso, depois de assumir o Ministério da Fazenda, cercou-se de formuladores de políticas transformadoras, do Estado e da sua governança. Promoveu a estabilidade econômica e institucional, plano Real, queda da inflação, saneamento do sistema bancário, programa social denominado bolsa escola, responsabilidade fiscal para os agentes do Estado, impedindo-os da prática comum de gastar mais do que arrecadam, recuperação da imagem do país no exterior – foram destaques da sua gestão.

Encerrou o segundo mandato após a entrega da faixa presidencial ao adversário eleito. Deve decorrer ainda algum tempo para receber um julgamento isento da história.

No início do terceiro ano do século XXI foi eleito Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, após a participação em sete eleições para ocupar o cargo. A esperança venceu o medo, foi o mote eleitoral. Depois da eleição, em princípio manteve a diretriz econômica, anunciou a base para o desenvolvimento de políticas sociais e mecanismos de defesa para a

situação econômica interna ameaçada pelas incertezas do mercado internacional. Por outro lado, era perceptível o movimento de aparelhar o Estado com gestores fiéis ao comando partidário, sem preparo técnico e idoneidade para desempenhar funções públicas. O Estado ficou frágil e vulnerável ao assédio dos interessados em corrompê-lo. A questão passou a ser gerencial e jurídica. Deixou órfãos os milhares que acreditaram na esperança prometida.

Ao contrário da pregação eleitoral, o Presidente demonstrou apetite pelo poder continuado, impôs e elegeu Presidente Dilma Rousseff, auxiliar com alguma formação técnica, e nenhuma habilidade política. A gestão foi comprometida, mais ainda quando da constatação de que o Estado já estava tomado por relações promíscuas entre os gestores e setores do mercado. Insegurança, desconcerto e incerteza campeavam a administração pública, e produziram o seu impedimento do cargo.

Assumiu o vice-presidente. Com histórico de carreira política no legislativo, sem experiência executiva, Michel Temer, o vice-presidente, que fora eleito em chapa com a impedida. Rodeado por grupo de políticos com nenhuma referência inovadora e comprometido com as práticas tradicionais de contravenção, teve dificuldade de transmitir confiança na população e ao mercado. Sem respaldo eleitoral, pois não foi eleito para o exercício daquele cargo, ele tentou e não obteve êxito na aprovação das reformas econômicas. Balançou inúmeras vezes, mas não caiu e chegou ao final do mandato.

Chegamos perto do final de 2018 e mais uma eleição se aproxima. Nela é que vamos demonstrar se aprendemos com o percurso democrático, ou se queremos o passado de volta.

2017

**DEMOCRACIA**

**O MELHOR ENTRE OS PIORES**

Filósofo é aquele que vive no seu mundo. Mas o cidadão comum é que gosta de pensar no universo que é de todos para estar consciente.

Como seria o nosso país se até hoje fosse conduzido por um monarca. De outro modo, que seria de nós se tivéssemos dependido da vontade de uma única pessoa, ou de um mesmo grupo de pessoas, ditador ou ditadores.

Prefiro acreditar que o futuro depende da vontade qualificada dos cidadãos. Precisamos aprender a não ser manipulados pelos aventureiros oportunistas que se apossam do que não é seu; poder, dinheiro público, e sem admitir a vergonha destas práticas. Nem as empresas escapam desta armadilha, enfrentam dificuldades para comprar facilidades.

Enfim, o momento que vivemos tenta recorrer ao passado e ao presente recente, para reincidir nos erros. Destes que estão aí não ouvimos ninguém discutindo sobre o futuro. É a construção de um futuro mais justo que está em jogo.

Educação, educação e mais educação.

2017

## **INTERVENÇÃO MILITAR**

Há quem afirme que o Brasil precisa de intervenção militar. Há quem os acredite como única solução para mudar o ambiente sombrio que vivemos, pois amam o país, tem disciplina e armas para comandar.

Manifestar desejo é direito de todo cidadão expressar. Para realizá-lo é preciso consultar aqueles que não são soldados.

Assim, como cidadão, o sr. Mourão tem todo direito de expressar suas opiniões. No entanto, quando integrante da corporação, mais que respeitada como o exército brasileiro, o general deve ter prudência, pois quando nesta condição se expressa, sua palavra reverbera e tem significado denso e abrangente para a corporação, que como já disse, tem importância fundamental para o país. É preciso compreender que as instituições é que devem ser respeitadas e preservadas. Ninguém, e muito menos qualquer corporação civil ou militar, tem o direito de intervir no que não lhe pertence, ao contrário, deve ser o guardião das instituições, que tem a obrigação de manter a dignidade do indivíduo e da sociedade.

A sociedade brasileira está paralisada, estupefata com o alcance e o vulto das atividades corruptas que desordenam o país. Muitos são os que acreditam que os fatos ocorrem por falta de comando, civil e militar.

Intervenção já.

Mas afinal, por que os militares?

Porque a corporação militar tem virtudes inquestionáveis; disciplina, espírito de guardiões da pátria e comando. É o que afirmam aqueles que os defendem como única solução

Sem repetir o discurso procedente de riscos de violação dos direitos humanos, preferimos expor algumas impressões que vivenciamos durante o período que o país foi governado por militares.

O General Castello Branco, o melhor deles, acreditou na promessa de que em dois anos o povo brasileiro receberia de volta o exercício da democracia. O período se estendeu por vinte anos!

Receberam a economia destrozada, e em 85 entregaram tanto quanto, ou mais. Qual era mesmo a inflação naquele ano?

A manipulação de resultados gerou uma casta de políticos que impediram o surgimento de lideranças. Os produtos são estes que estão aí.

A censura é o instrumento para calar a liberdade de expressão? Quem então vai se responsabilizar pela denúncia da corrupção.

Outros segmentos formados pela sociedade também pleiteiam intervir:

E, por que não a intervenção dos engenheiros? Edificam, semeiam a terra, detém instrumentos de planejamento, logística, geram empregos.

Se o problema do país fosse somente a ocupação racional dos espaços, por que não colocar arquitetos para elaborar o projeto da solução.

A saúde do brasileiro, o maior dos nossos males, só seria resgatada por quem mais entende, os médicos.

Professores que ensinam, contabilistas que sabem fazer contas, juízes que promovem o direito da justiça; enfim, é a diversidade de atributos que vai ser capaz de curar os nossos males.

Quanto aos que praticam atos ilícitos, afrontando a Res (coisa) Pública e o regime democrático, pregam o nós contra eles, nossas instituições tem demonstrado saber o que os espera.

*O malogro desta empreitada poderá levar uma geração a substituir o mundo deserto de líderes, por outro tomado por líderes de um deserto.*

2017

## **IMAGEM**

Preocupados com a liberdade do meio, alguns políticos estudam formas de enquadramento, regulação da sua utilização no período eleitoral. Muitos deles esquecidos de que um número expressivo de eleitores não está aprovando o produto do seu voto nas últimas eleições. Muitos desacreditando dos meios pela carência de mensagem.

Caberá aos candidatos gerar imagens com contornos definidos, ideias com conteúdo e consistência; propor planos com intenções claras embasando as suas mensagens.

Os “hackers” continuarão por aí, fuchicando e manipulando.

2017

## **MEMÓRIA PERDIDA**

Perdoem-me, mas não tenho memória curta. Não esqueço do tempo em que, por não existir liberdade de expressão, os amigos do comandante não eram presos e não tínhamos informações de quem eles eram.

A inflação de 40, 50 ou 80% ao mês era debitada ao preço do chuchu (Delfin Neto está aí para desmentir). Os amigos do comandante faziam o Estado gastar mais do que arrecadava, nós não sabíamos quem eles eram.

Os Bancos Estatais eram do caixa dos amigos do comandante, só eles podiam sacar principalmente se fossem políticos aliados.

As informações eram restritas à vontade dos governantes (20 anos de atraso com a lei da informática); o telefone era alugado - tínhamos menos de 11 milhões de linhas, hoje temos mais de 200 milhões de celulares. As bilhões de informações do mundo podem ser acessadas pelos que tem menos, assim como pelos que tem mais.

Os comandantes já não tinham quadros para continuar no poder, por isto saíram e deixaram um estado frágil e pobre para que a população fosse em busca de caminhos que dependiam dela. Demorou tempo o aprendizado, e ainda estamos aprendendo.

Por estas e por outras que não há porque sonhar com o comandante de plantão, uma especialidade dos extremos da direita e da esquerda.

2017

## O PODER DO SILÊNCIO

“Se os tempos estão difíceis para compreender o mundo que nos cerca, propomos meditar sobre os conselhos do Irmão José Pedroso.” <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1904940>

Aprende com o silêncio a ouvir os sons interiores de sua alma, a calar-se nas discussões e assim a evitar as tragédias e desafetos.

Aprende com o silêncio a aceitar alguns fatos que você provocou, a ser humilde deixando o orgulho gritar lá fora, a evitar reclamações vazias sem sentidos.

Aprende com o silêncio a reparar nas coisas mais simples, a valorizar o que é belo, ouvir o que faz algum sentido.

Aprende com o silêncio a que a solidão não é o pior castigo, existem companhias bem piores.

Aprende com o silêncio que a vida é boa, que precisamos olhar para o lado certo, ouvir música certa, ler o livro certo.

Aprende com o silêncio que tudo tem um ciclo, como as marés que insistem em ir e voltar, como os pássaros que migram e voltam para o mesmo lugar. Como a Terra que faz a volta sobre o seu próprio eixo, complete a sua tarefa.

Aprende com o silêncio a respeitar a sua vida, valorizar o seu dia, enxergar em você as qualidades que possui, equilibrar os defeitos

que tem e sabe que precisa corrigir e enxergar aqueles que você ainda não descobriu.

Aprende com o silêncio a relaxar, mesmo no pior trânsito, na pior das cobranças, na briga mais acalorada, na discussão entre familiares.

Aprende com o silêncio a respeitar o seu “eu”, a valorizar o ser humano que você é, a respeitar o Templo que é o seu corpo e o Santuário que é a sua vida.

Na natureza tudo acontece com poder e silêncio. Com um silêncio poderoso que por vezes, o silêncio é confundido com fraqueza, apatia ou indiferença. Pensa-se que a pessoa portadora desta virtude está impedida de reclamar os seus direitos e deve tolerar com passividade todos os abusos. Acredita-se que o silêncio não combina com o poder, pois este tem se confundido com prepotência e violência.

O Sol nasce e se põe com profunda quietude, move gigantescos sistemas planetários, mas penetra suavemente pela vidraça de uma janela sem a quebrar. Acaricia as pétalas de uma rosa sem a ferir e beija a face de uma criança adormecida sem a acordar; aí vamos encontrar uma vez na Natureza lições preciosas a nos dizer que o verdadeiro poder anda de mãos dadas com a quietude.

As estrelas e galáxias descrevem suas órbitas com estupendas velocidades pelas vias inexploradas dos cosmos, mais nunca deram sinais de sua presença pelo mais leve ruído.

O Oxigênio, poderoso mantenedor da vida, penetra em nossos pulmões, circula discreto pelo nosso corpo e nem lhe notamos a presença.

A Luz, a Vida e o Espírito, os maiores poderes do Universo, atuam com a suavidade de uma aparente ausência.

Como no domínio da Natureza, o verdadeiro poder do homem, não consiste em atos de violência física. Quando um homem conquista o verdadeiro poder, toda a antiga violência acaba em benevolência. A violência é sinal de fraqueza. A benevolência é

indício de poder. O grandes Mestres sabem ser severos e rigorosos sem renegarem a mais perfeita quietude e benevolência.

Deus, que é o supremo poder, age com extrema quietude que a maioria dos homens nem percebem a Sua ação.

Essa poderosa força, na qual estamos todos mergulhados, mantém o Universo em movimento, faz pulsar o coração dos pássaros, dos bandidos e dos homens de bem, na mais perfeita leveza.

Até mesmo a morte chega de mansinho e, como hábil cirurgiã, rompem os laços que prendem a alma ao corpo, libertando-a do cativeiro físico. O verdadeiro poder chega sem ruído, sem alarde e sem violência.

“Boa terra em teus pés, Água o bastante e tua semente, bom Vento para o teu sopro, fogo em teu coração e Amor em teu ser”.

2017

## **O POVO POBRE E IGNORANTE NÃO SABE VOTAR**

Esta é a justificativa de uma parcela instruída, que considera a pobreza como causa dos nossos males. Entendem assim quando usam recursos retóricos para confundir o eleitor. Pobres ricos ou ignorantes, todos têm direito ao voto.

Entre os chamados intelectuais – artistas, músicos, pensadores, escritores –, muitos se colocam como intérpretes da cultura popular, mas a sua arte é curtida também pelos que têm o privilégio de pertencer ao mundo diferente do cidadão comum.

Precisamos de firmeza para colocar ordem na casa e só depois dar ao povo o direito do voto. É a opinião dos que acreditam no poder exercido por um único grupo, ou indivíduo por ele imposto. É o que chamamos de ditadura da minoria.

A terceira corrente, silenciosa, é a principal responsável pela produção. Ela está presente trabalhando e empreendendo no campo, no chão de fábrica ou prestando serviços. Muitos dependem do emprego, público ou

privado, mas têm medo do populismo oportunista e desconfia das intenções dos seguidores do partido de poucos. O voto dela é decisivo.

2018

## **ABAIXO AS DITADURAS**

Perguntas que não calam:

“Quem acredita que o destino de muitos, depende unicamente das decisões de um, dois ou três?”

“O regulamento do comando único se sobrepõe às leis vigentes?”

“Só o partido único tem uma verdade para todos?” Por que ele promove o descrédito das instituições?

“Por que os estudantes são afastados, uns dos outros. Para não pensar e raciocinar juntos?”

“A quem interessa desacreditar as instituições?”

Educação, sabedoria, conhecimento, não ser marionete de pessoas ou grupos são as qualidades de quem está apto para ser o árbitro, para então decidir.

Pois bem. Neste mundo das ditaduras, não existe liberdade para pensar, a menos do que pensa o comandante.

Os alinhados com o poder central dizem que colocar ordem na desordem é exclusividade dos que obedecem a ordens do comando único. O time é o do comandante, por isso é biônico, só existe para fazer maioria, no congresso bajulador ou no politburo (comitê central do partido comunista da antiga URSS). O voto não é importante diante do poder do condutor ele impõe o pensamento único, o dele.

O empobrecimento dos que têm menos interessa ao regime, pois aumenta o número de súditos, das ideias e do poder. Então, a inflação é desejada; ela engana aqueles que recebem o salário, que no final do mês vale 60, 70 ou 80% menos do que no início. E o trabalhador só tem conhecimento disto quando percebe o quanto a cesta básica diminuiu. Nem o empresário sabe qual o valor de venda do seu produto. Se vai cobrir o custo.

Em se plantando, tudo dá, desde que o maná seja do amigo daqueles que mandam. Ou plante que o João garante, sem explicar quem garante o João. Neste cenário as terras são distribuídas entre os amigos de quem detém o poder.

No ambiente do partido único, a tecnologia não tem espaço, porque ela democratiza o conhecimento e as soluções. Ela faz o povo pensar individualmente e agir coletivamente. Naquele regime que se acreditava único, a lei de informática nos atrasou vinte anos. Nas ilhas, permanecem atrás, escondidos do povo por falta de informação.

Não existem direitos neste mundo do comando único, mas o dever de obediência. Sem liberdade de expressão, a menos que a do diário oficial, ou do *Pravda*, jornais que se acreditam únicos.

O Estado se acredita soberano, pois gasta quanto e como quer. E não sabe dividir entre o Estado o que é do Estado e ao mercado o que é do mercado.

As ditaduras de direita e de esquerda se equivalem, têm os mesmos propósitos, querem durar pelo tempo do comandante.

Quem tem saudade? Ou sonha com os regimes do passado?

2018

## DEMOCRACIA EM SEIS TEMPOS

Depois de Tancredo,  
o poeta, herdeiro da ditadura.  
Cruzado no queixo do povo,  
inflação galopante,  
Desordem na cidade e no campo.  
Liberdade de imprensa.  
O marajá incrustado, eleito como caçador de marajás.  
Governo assaltante,  
flagrante da quadrilha,  
o bandido impedido.  
Liberdade de imprensa.

O destrambelhado, que caiu na real.  
Liberdade de imprensa.  
A moeda que se tornou real criou uma realidade.  
Responsabilidade fiscal.  
Proer, o que acabou com o banco público, cabide político.  
Bolsa escola.  
Privatização do que o estado fazia mal feito.  
Liberdade de imprensa.  
O descumpridor de promessas.  
Aquele que ganhou por vender esperanças falsas.  
Fez o que ninguém ainda tinha feito, distribuiu renda aos amigos do  
peito, poderosos.  
Deitou e rolou sobre o patrimônio, que é público.  
Liberdade de imprensa.  
Aquele que foi sem nunca ter sido.  
Vendeu o que não tinha, e mal o que tinha.  
Enganou princípios  
Foi competente quando incompetente.  
Liberdade de imprensa.  
Entre o intérprete do quartel,  
e o ventríloquo do presídio.  
A democracia em risco,  
Sem liberdade de imprensa,  
2018 sem projeto.  
Perguntas que não calam:  
Como garantir a educação de qualidade para todos,  
previdência sustentável,  
trabalho digno,  
empresa sustentável,  
governantes e políticos competentes,  
País competitivo, integrado na aldeia global.

2018

**DIVIDIR PARA REINAR**

Somos todos espectadores de um ambiente confuso.

De um lado estão os que acreditam que para o país resolver os seus problemas, bastam força e disciplina. O exército põe ordem na casa, e os cidadãos ficam soldados. Prometem, sem identificar as armas.

No outro extremo estão aqueles que sonham com o desmonte institucional, para tornar possível a implantação de um Estado de partido único. “Vamos colocar o exército popular nas ruas!”, dizem.

Um dos extremos chama o exército, que acredita existir nas ruas; o outro diz que para pôr ordem na casa é preciso entregar o comando da sociedade para soldados.

Quem não pensa como eles é execrado, desprezado para o cenário que pretendem.

O debate se desenvolve nas redes sociais, instrumento de comunicação do século XXI, com acusações de lado a lado.

O caos resultante da retórica é o que lhes interessa, esquecidos de que existe um grupo que os acompanha no desejo de uma sociedade instável e frágil, o comando marginal e das cadeias. Todos pensam em dividir a sociedade para reinar. Os extremos procuram emoções para tentar provar que um é melhor que o outro. O sangue do outro é a manchete.

Mas o que é a sociedade que constitui o país?

“Em sociologia, uma sociedade (do termo latino *societe*, que significa ‘associação amistosa com outros’) é o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade.”

Sociedade é a comunidade de pensamentos diversos, mas amantes do espaço em que vivem. Não pode se dividir apenas entre duas ideias, mas somar com valores que todos têm em comum.

Há quem identifique ingenuidade neste entendimento. É preferível acreditar em democracia, processo que nos ensina a pensar. O apren-

dizado é longo e entremeado de verdades e mentiras que expõem diferenças de pensamento, mas admite contraposição de ideias.

Democracia é o reino das ideias que não se divide, soma-se.

2018

## ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Sim! O Brasil está experimentando uma epidemia de cegueira.

“José Saramago, por ocasião da apresentação pública do seu livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, disse: “Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é necessário termos coragem para o reconhecer”. “Um motorista parado no semáforo, subitamente descobre que está cego”. Começa desta forma a história de uma epidemia de cegueira que ninguém sabe explicar. Isso transforma a cidade num caos, com pessoas isoladas e abandonadas à própria sorte.”

O momento político que estamos vivendo é confuso. Ouvimos o barulho de um “bang-bang” permanente, com troca de tiros de dois lados, como se o país se resumisse a eles. Cada extremo procura alvejar o outro, porque acredita que a sua, é a única verdade. Estão cegos.

Também os dois lados do tiroteio, não enxergam o poder de articulação dos marginais que estão à espreita. São eles que matam uma mulher emblemática de um lado, e os bons policiais de outro. São eventos pontuais que se repetem à exaustão.

Um extremo está embriagado pela esperança desperdiçada, ou pelo sonho de ser o único. No outro, acreditando que a solução é militar, cavam-se trincheiras, espalhando um clima de insegurança, de medo, pânico de uma sociedade que se sente acuada.

Os dois extremos já tiveram oportunidade de exercitar o poder, foram incompetentes e agora só interessa o caos, e a cegueira. A terra arrasada para motivar a ocupação pelo comandante, dos da direita ou da esquerda.

E no meio do tiroteio está a maioria, parcela decisiva da população, que é ignorada. A epidemia da cegueira alcançou-a. Ela não consegue vislumbrar uma saída, e fecha os olhos para não enxergar o que não quer ver.

Ela sabe que os que nos governam não atendem o povo sofrido e desassistido, que não recebe educação e tratamento de saúde dignos; meios de transporte precários, estradas esburacadas e pontes com risco iminente de ruína. Multiplicam-se os lixões a céu aberto, a água escassa nas casas dos que tem menos, e o esgoto em excesso nas valetas rurais e urbanas; cidades e Estados quebrados. Não há um projeto, nem um plano a ser seguido.

Ela sabe, mas não vê a saída! Mas, acredito que pensa e reflete.

Existe parcela significativa das forças armadas, que enxerga um país amedrontado e carente de força bruta? Se existe, não esqueçam que, em sendo os valorosos guardiões das nossas instituições, não podem e não devem usar a força, com a ilusão de que somente ela é capaz de colocar o país em ordem permanente.

E os assim chamados "da elite", são os que geram empregos e devem ser estimulados a reduzir o desemprego, com legislação atualizada e garantidora de direitos e deveres. Só os cegos de espírito não percebem a importância do ambiente, ainda mais quando maltratado.

Todos, devem se preocupar com o futuro seu e do seu vizinho, para isto é preciso ter previdência social. Os que tiverem dúvida, perguntem aos funcionários da Petrobrás, dos Correios e de outros, e eles responderão o que deve ser feito para não permitir que roubem o dinheiro que garante o seu futuro.

Corruptos e corruptores dominam o noticiário dos nossos dias. É preciso criar cultura de estímulo ao que é correto, enquadrado na lei que deve valer para todos. É inadmissível atender o preso que quer ser livre, com o argumento de que seus iguais ainda estão soltos. A justiça

está cega? Pois que retire a venda dos olhos para poder ver o Brasil que interessa, e não escolher entre um ou o outro lado. E que se deem ao respeito.

Para voltar a ver o que não enxergamos é preciso acreditar em instituições que fomos nós que criamos. Começemos pelo INSTITUTO DOS CEGOS, pois está nele a esperança de voltarmos a ver.

2018 é ano de eleição, é preciso mirar na qualidade do voto.

2018

## MEMORIA CURTA

A retirada do WhatsApp.

Quanto era a inflação nos tempos do Regime?

Todos sabiam o que os generais pensavam. E o que o cidadão, quando era permitido que pensasse diferente? Hoje pensamos e podemos criticar e elogiar.

Quem disse que ia fazer a Transamazônica? Hoje, é barro e caminhão encalhado.

Quanto produzíamos no campo e quanto produzimos agora.

Hoje somos soldados do país, e não do comandante de plantão. Somos livres para errar e corrigir, acertar e acelerar. Quem depende só de lembrar o passado, não sabe como construir o futuro.

Respeito diferenças, mas gosto de ser respeitado no direito de escolher o que desejo ouvir. É a opinião de quem existe porque pensa, e pensa porque existe.

A internet é o espaço adequado para imposições de ideias, mas para o exercício da liberdade de não ferir o direito daqueles que nos são próximos.

Fora deste entendimento, não vejo impedimento em ser retirado do grupo.

2018

## PERGUNTAS QUE NÃO CALAM

Desde quando podemos usar este aparelho celular e externar nossa opinião? Tínhamos 11 milhões de aparelhos, hoje temos mais de 200 milhões!

A inflação é o pior de todos os impostos, pois é onde os mais pobres mais pagam. Quando experimentamos a sua queda vertiginosa?

No período militar é quando foram criadas e fortalecidas a maioria das empresas estatais em operação. Quando tomamos medidas para parar o processo, pois elas se transformaram em cabides de empregos?

Os bancos estatais eram, e os remanescentes continuam sendo, fontes de capital para os amigos do poder. Quando se tomaram medidas para extingui-los?

O governo Federal, Estados e Municípios gastavam, mas continuam gastando, mais do que arrecadam. Quanto se criou obstáculo a este procedimento?

Enfim, não importa quem e quando isto tudo aconteceu, mas os benefícios permanecem. Não é obra de um líder só. É resultado de muitas cabeças pensantes que souberam diagnosticar e traçar caminhos.

O ambiente que estamos vivendo é confuso, mas algumas pistas do diagnóstico e dos caminhos já estão postas:

Impedir práticas corruptas.

Acabar com o apadrinhamento.

Recuperar a imagem institucional. Seus integrantes devem se dar ao respeito.

Ao Estado o que é do Estado, ao mercado o que é do mercado. O Estado não deve atrapalhar, e o mercado não pode reinar.

A democracia não é obra para um homem só. Depende da vontade dos cidadãos, expressa através do voto.

2018

**ANOS DE INCERTEZAS**

2014 – 2018... ANOS DE INCERTEZAS.

FILHOS DA ÉPOCA<sup>13</sup>

Somos filhos da época e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas diurnas e noturnas, são coisas políticas.

Querendo ou não querendo, teus genes tem um passado político, tua pele, um matiz político, teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância, o que silencia tem um eco de um jeito ou de outro, político.

Até caminhando e cantando a canção você dá passos políticos sobre um solo político.

Versos apolíticos também são políticos, e no alto a lua ilumina com um brilho já pouco lunar. Ser ou não ser, eis a questão.

Qual questão, me dirão. Uma questão política. Não precisa nem mesmo ser gente para ter o significado político. Basta ser petróleo bruto, ração concentrada ou matéria reciclável. Ou mesa de conferência cuja forma se discutia por meses a fio: deve se arbitrar sobre a vida e a morte numa mesa redonda ou quadrada.

Enquanto isso, matavam-se os homens, morriam os animais, ardiavam as casas, focavam ermos os campos, como em épocas passadas e menos políticas

2018

**PONTO DE VISTA SOBRE O REGIME**

Quando assumiram em 64 prometeram devolver a democracia em dois anos. Duraram 20.

---

<sup>13</sup> Wislawa Szymborska (Kórnik, 2 de julho de 1923 — Cracóvia, 1 de fevereiro de 2012) foi uma escritora polaca galardoada com o Prêmio Nobel na área de literatura (1996).

Sabíamos pouco do que acontecia nos porões, pois não tinha Imprensa livre. Hoje podemos não concordar com certas imagens e mensagens, mas somos informados para decidir.

Na economia, quando tudo vai bem não há por que se preocupar se o mar está calmo. Vem as ondas e é o momento que percebemos a capacidade daqueles que nos dirigem. Quem é o Delfin de hoje? O posto Ipiranga?

As constituições: durante o período 64/85 eram alteradas conforme o desejo dos comandantes, mais de 14 atos institucionais foram editados sem obedecer a constituição que eles mesmos promulgaram.

Os presidentes de então morreram pobres sim, porque não exerceram outra atividade que não a militar. Enquanto militares tiveram dignidade, quando políticos foram ditadores.

Dizia o poeta Khalil Gibran aos pais de família: os filhos não são de vós, mas vem através de vós. Portanto nós devemos educá-los para seguirem o caminho traçado por eles. Isto é liberdade com responsabilidade. A democracia representa a liberdade com responsabilidade. Depende de nós, das nossas escolhas. É votando que aprendemos, sejamos ricos ou pobres. Quem quiser ser presidente tem que mostrar que é competente para construir o futuro e não ser dependente do passado. Que dispute então o voto, e respeite o resultado.

Sob o ponto de vista político.

Aqueles que não atenderam a esperança que prometeram, devem se calar e se afastar para não espalhar o medo. Se participaram de malfeitos, é uma questão de justiça igual para todos. Que deem então lugar para os justos disputarem o voto.

Ponto de vista do voto.

A emoção e o sentimento são compartilhados. A responsabilidade é de quem vota. O voto de qualidade é o consciente dos atos e fatos.

2018

## **QUAL O PERFIL DO PRESIDENTE QUE PRECISAMOS.**

A eleição se aproxima. É com o voto que definimos o perfil daquele que vai conduzir o país.

Ele não pode ser marionete, fantoche de um grupo ou ideia que não respeite a nação, que é de todos.

Tem que saber escolher entre os bons, aqueles que tem sabedoria e conhecimento da direção a seguir.

Deverá ser o árbitro das decisões que interessam a todos que trabalham e aos que geram trabalho. Para ser árbitro é preciso saber, se informar e estar preparado.

Precisa ter conhecimento das dificuldades das pessoas e dos empregadores da cidade ou dos campos; ouvir, para então decidir. Exercer autoridade respeitando aqueles que não detém o poder.

Estar consciente de que mundo está em movimento permanente. Cada mudança de rumo lá de fora exige o acompanhamento aqui para o país não ficar solitário, isolado, esquecido.

Precisa ter sensibilidade para com os miseráveis, que tem dificuldade para sobreviver. E, abrir válvulas de oportunidades de escape do mundo de pobreza.

Não deve admirar a truculência, acreditando que só a bala pode resolver a desordem. A bala de papel, tampouco a de metal, não são a solução.

Deve ter coragem para enfrentar obstáculos, mas para isto não precisa titular-se como o último representante masculino. Pode ser, ou ter a sabedoria e sensibilidade feminina.

Precisa saber construir para não destruir. Se o direito dá oportunidade, a tecnologia garante sustentabilidade.

As suas ideias devem ser compartilhadas, mas deve saber respeitar as que são discordantes, do contrário não tem uma visão do todo. O país somos todos.

O poder deve ser exercido sem arrogância e com humildade, mas com autoridade responsável.

O líder precisa ser hábil para administrar conflitos.

2018

## UM VOTO NA ELEIÇÃO QUE JÁ SE FOI

Eleição 2018, ambiente de incertezas.

O ambiente entre os extremos não agrada; eles trocam balas, verdades e mentiras que acabam por atingir quem não está com nenhum deles.

Não há como repetir erros que, sabemos, já cometemos!

Faz lembrar 1989, quando quem votou no vencedor se arrependeu pelo que viu, mas se o vencedor fosse o adversário, seus eleitores também teriam se atormentado caso soubessem o que ele demonstrou ser capaz de fazer no futuro. A democracia se aperfeiçoa quando aprendemos com os erros cometidos.

Para definir o voto, seria fundamental que os candidatos respondessem a algumas perguntas:

- Se o seu adversário ganhar, o senhor respeitará o resultado?
- O senhor respeita quem pensa diferente das suas ideias?
- O senhor tem um projeto para o país que demonstre o que, como e quando será executado?
- Como vai se fazer a justiça no seu governo: no paredão, à bala ou respeitando as leis que nasceram da Constituição?

Sem respostas, antecipamos a definição pela oposição, qualquer que seja o resultado.

**“Perdoai-nos por contar uma história  
que não podemos terminar, pois o fim não  
está em nossos lábios. É uma canção de  
esperança no amor ao vento.”<sup>14</sup>**

---

<sup>14</sup> Abertura do discurso do orador aos formandos de engenharia 1971 da Universidade Federal do Paraná.

---

Este livro foi composto nas tipologias Encode Sans e Minion Pro, impresso em cartão 250g e papel Offset 75g certificados, provenientes de florestas que foram plantadas para este fim, e produzido com respeito às pessoas e ao meio ambiente.

---

Publique seu livro. Viabilizamos seu projeto cultural!

Visite nossa home page:

**[www.ithala.com.br](http://www.ithala.com.br)**

habilidade e competência que resultaram nas obras de engenharia”.

Ao final, o terceiro setor, em que teve espaço para desenvolver pensamentos – é o que chamou de engenharia de ideias. O engenheiro Ney Fernando Perracini de Azevedo ressaltou que na Ademi e no IEP o autor: “Intensificou a produção de artigos, amplamente divulgados, sobre temas de interesse coletivo”.

É um convite à reflexão.



### **LUIZ CLÁUDIO MEHL**

Engenheiro civil com especialização em transportes e engenharia ambiental, formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com aperfeiçoamento em Administração Pública nas prefeituras Nova York, São Francisco, Los Angeles e Charlotte, na Carolina do Norte. Também desempenhou diversas funções na área urbanística, como a participação na implantação do plano diretor de Curitiba. Na área empresarial, presidiu diversas empresas de construção civil. Foi Presidente da Associação dos dirigentes de empresas do Mercado Imobiliário do Paraná (ADEMI/PR), Universidade Livre da Construção e do Instituto de Engenharia do Paraná (IEP). Publicou três livros e mais de cem crônicas.